



Parker's Operatio in his



John Carter Brown  
Library  
Brown University

VIEIRA  
ABBREVIADO  
TOMO I.

АРИАН  
ОСАДЧИЙ  
ДОМОД

VIEIRA  
ABBREVIADO  
*EM CEM DISCURSOS*  
MORAES, E POLITICOS,  
DIVIDIDOS EM DOIS TOMOS.

AUCTOR  
ANSELMO CAETANO MUNHOZ

DE AVREU GUSMAM E CASTELLOBRANCO,  
Doutor pela Universidade de Coimbra, e Familiar do santo Officio.

OFFERECIDO  
AO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR  
LOURENÇO BAUTISTA  
FEYÓ,

Ministro de habito prelaticio da santa Igreja de Lisboa,  
do Conselho de Sua Magestade &c.

POR  
MANOEL DA CONCEICAM.  
TOMO I.



LISBOA.

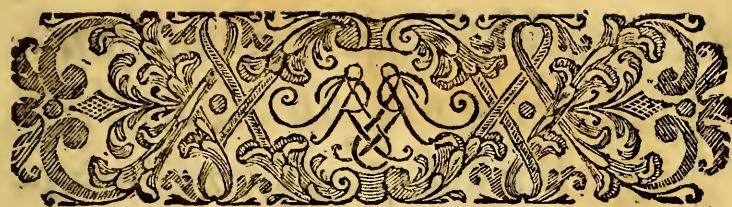
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,  
Impressor do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca.

M. DCC. XLVI.

*Com as licenças necessarias, e privilegio Real.*

A' custa de Manoel da Conceição, Mercador de livros : vendese na sua  
logea na rua direita do Loreto.





# ILLUSTRISSIMO, e Reverendissimo Se- nhor.



Ogo que tomei a  
resoluçāo de im-  
primir esta obra , que sahē a  
publico com o titulo de Vieira  
abbreviado, determinei offe-

q 2      recel-

recella a V. Illustriſſima; por-  
que me pareceo, que de justiça  
a devia V. Illustriſſima ampa-  
rar com a sua protecção. Sem-  
pre entendi, que entre a obra  
dedicada, e o Mecenás era  
conveniente, que houvesse al-  
guma proporção, porque dedi-  
car a hum Ecclesiastico hum  
livro militar parece desordem,  
porque não dizem com a paz  
da Igreja nem os estrondos,  
nem os artifícios da guerra.  
Esta proporção se vê em eu  
buscar o patrocínio de V. Il-  
lustriſſima para hum compen-  
dio ſummamente artificioſo do

Pa-

Padre Vieira ; em que se admiráraõ duas singulares prerrogativas , que o fizeraõ consummadamente grande: huma a excellencia de Prégador , e a outra a delicadeza de Theologo . Por estas duas causas tomei a bem fundada confiança de procurar a V. IllustriSSima para Mecenas desta obra , por que no pulpito mostrou V. IllustriSSima , que o Prégador nasce pelo natural dos seus assumptos , pelo bem deduzido do discurso , e pelo ajustado das provas , que saõ as que devem ser ; porque em sendo muito

abundantes , provaõ mais do  
que he preciso , e he erro ora-  
torio , e em sendo demasiada-  
mente estereis , deixaõ em je-  
jum o conceito ; porque o naõ  
provaõ . Naõ fallo em V. Il-  
lustriſſima como Theologo ,  
porque por mim , e por todos  
fallará a Universidade de Co-  
imbra , ainda hoje admirada  
da subtileza dos seus argumen-  
tos tantas vezes ouvidos , e  
respeitados por aquelles gran-  
des Mestres , que ou por vai-  
dade , ou por natureza naõ se  
costumaõ admirar facilmente .  
Fallará a Cadeira Magistral  
de

de Faro , em cujo provimento  
se vio , que tambem o mereci-  
mento pôde ser premiado , o  
que nem sempre succede para  
mayor confirmaçao do que di-  
go. A venerada , e conhecida  
fama de V. IllustriSSima o ele-  
vou á dignidade de Prelado  
mitrado da Santa Igreja de  
Lisboa , que he o Areopago  
sagrado deste Reyno. Aceite  
pois V. IllustriSSima com a  
sua natural benignidade esta  
obra , que com o mais profun-  
do respeito lhe dedico , porque  
para a defender , e amparar  
tem as razoens de grande Pré-

ga-

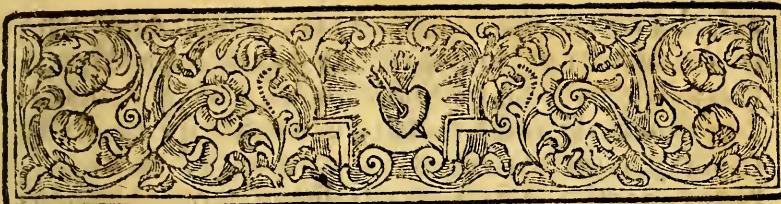
gador, e de grande Theólogo,  
em que foy eminentē o Padre  
Antonio Vieira, a cuja gran-  
deza naõ prejudica o ver se  
Abbreviado.

B. amaõ de V. Illustriſſima

Seu criado

Mangel da Conceiçāo.

PRO-



## PROLOGO.

**C**OMO os juizos humanos saõ taõ varios, confórme também saõ diferentes os rostos dos homens, naõ sei, Leitor, se conheces bem a estimaçao, que se deve fazer desta pequena obra. Por ventura imaginas, que toda a *abbreviatura* he diminuaçao na qualidade, ou no valor do que se reduz a compendio? Naõ sou eu deste parecer; porque em muitas materias, e artefactos experimento o contrario. Na pintura de pontinhos, a que outros chaõ *Mignatura*, com cores muito finas se pôde reduzir a pouco espaço hum grande retrato, e no fragmento de hum vidro pôde caber em hum instante a figura de hum Colosso. Em vaso pequeno se ajunta com grande utilidade a espirituosa substancia do mayor elixir. Com o artificio de hum pequeno vidro em atominos quasi invisiveis grandes objectos descobre á nossa vista o Microscopio. A hum grão de mostarda abbreviou Christo o Empyreo, quando com elle comparou o Reyno do Ceo. Taõ preciosas saõ as obras do engenho, que sendo subtíssimas, tanta estimaçao merecem as pequenas, como as grandes.

Admiraveis forao as sete maravilhas do mundo  
pela

pela sua extraordinaria grandeza ; porém o pequeno navio de marfim com mastros , e yelas , que Mymecides esculpicio com tanta subtileza , que cabia debaixo das azas de huma mosca , e o carro de Faetonte tirado por quatro cavallos , em que se viaõ freyos , bocas , dentes , e desateis pés distinctamente abertos em huma pedrinha fina , foraõ igualmente admiradas , e estimadas maravilhas . Com tanto primor esculpia Lysippo em hum grande tronco a estatua de Alexandre Magno , como Pyrgoteles na pedra de hum anel . Naõ ha duvida , que as cousas minimas algumas vezes tem para os olhos tanta graça , como as machinas excelsas , brilhantes , e magestosas , como experimentamos nas estrellinhas da *Via Lactea* , em que sem pestanejar , nem cansar a vista , fixamos attentamente os olhos , quando ao vibrante resplendor do Sol logo os fechamos . Em obras pequenas ostentaraõ peritos artifices a sua milagrota habilidade . Affirma Adriano Junio , que Francisco Alumno escrevera em hum *denariolo* , ou moeda de douz vintens todo o *Credo* com hum principio do *Euangelho* de S. Joao , sem usar de *abbreviaturas* para em taõ pequeno lugar accommodar os mysterios do *Symbolo da Fé* , que naõ cabem na comprehensaõ do entendimento humano , e eu creyo firmemente o testimunho de Adriano , ainda que elle naõ seja Euangelista .

Na minha estimaçao tanto tinhaõ que vêr as formigas , e outros animaes taõ pequenos , que Calicrates esculpicio em marfim com taõ primoroso artificio , que naõ podia a vista distinguirlhes os membros , como os elefantes funambulos , que Suetonio , Seneca , e Plinio testificaõ , que ensinados pela arte *Schænobatica* bailhando , como volatins , sobre huma corda , e alguns montados por homens armados ,

foraõ

foraõ prodigioso espetáculo ao povo Romano. Se agora se me perguntasse , qual he a mayor coufa de quantas ha no mundo sublunar , e visivel , responderia com o doutissimo Feijó , que a mayor he a mais pequena. Digo-o pelas fementes. Estes atomos de quantidade saõ montes de virtude. Os Filósofos modernos negão a todas as causas segundas a actividade para gerar femente alguma. Sem duvida , que contemplando estes sabios taõ admiravel obra , lhes pareceo correspondente unicamente á infinita virtude da primeira causa. O que na natureza chamamos fementes , saõ na arte as *abbreviaturas* ; porque nelas se contém toda a virtude de huma grande extensaõ.

Nos archivós da faηá taõ bom lugar occupa a Iliada de Homero , como antigamente teve no gabinete de Alexandre , e naõ continha menos reduzida por Estrabo , como referem Cicero , e Plinio , a taõ breve escritura , que toda cabia dentro no vaõ de huma casca de noz , do que estampada em hum grande volume. Em huma folha de papel descreve a Geografia toda a grandeza , e extensaõ do globo terraqueo , e com os pequenos , e miudissimos caracteres , ou notas inventadas por Ennio , cada huma das quaes comprehendia a significação de muitas letras , se trasladaõ com tanta brevidade as palavras ao papel , como passaõ da lingua aos ouvidos , como refere Plutarco , que tendo Cicero Consul , fez trasladar , com este artificio huma oraçaõ , que Cataõ estava recitando na Curia , sem lhe faltar palavra , nem a velocidade da lingua deixar atraç o movimento da penna.

Até no fallar , e em mysteriosas expresssoens da locuçaõ pôde luzir o *breviloquio* , como na antiga Grecia demonstráraõ os Lacedemonios , engenho-

sos inventores do estylo Laconico , para moderar a abundancia Asiatica , que naturalmente degenera em superflua verbosidade. Com esta só palavra *Naõ* , escrita com grandes letras em hum pergaminho , respondeo a Republica de Athenas a Filipe Rey de Macedonia , pedindolhe por seus Embaixadores licença para passar com exercito pelas suas terras : e com duas palavras : *Dionysius Corinthi* , avisaraõ ao mesmo Rey de Macedonia da infelicidade do tyranno de Sicilia Dionysio. Taõ amantes defensores eraõ os Lacedemonios do estylo Laconico , que desterraraõ do seu estado a Tesifonte , porque se offereceo a fallar hum dia inteiro em qualquer materia , que lhe dessem para ostentação da sua grande eloquencia , e com a mesma severidade condemnaraõ no Areopago hum seu Historiador por escrever com tres palavras o mesmo conceito , que se podia dizer em duas. Deos tudo diz em huma só , e unica palavra , que he o Verbo divino : dizer muito em poucas palavras se naõ he sempre estylo divino , ao menos he mais que humano ; porque excede á capacidade dos homens dizerem muito com poucas palavras.

Agora he necessario advertir , que nesta *abbreviatura* do grande Vieira naõ tem o Auëtor della por unico fim a efficacia , e energia Laconica : deste subsidio naõ necessita a facundia , concerto de linguagem , propriedade de palavras , applicaõ de escrituras , e prova literal de conceitos do Reverendissimo , e omniscio Padre Antonio Vieira. Tudo , o que diz este perfeitissimo Orador , persuade , e convence , e estou para dizer , que em todos os seus discursos naõ ha que acrescentar , nem diminuir sem prejuizo da Oratoria , e todos devem confessar , que *Vieira Abbreviado* naõ fica mais pequeno , senaõ sempre o Grande , ou Magno.

Na

Na creaçāo do homem formou Deos hum *mundo abbreviado*; porque, como dizem os Filosofos antigos, o homem he hum *mundo pequeno*; porém, confórme diz S. Gregorio Nazianzeno, melhor Filosofo, que todos elles, e por excellencia o Theologo, o mundo comparado com o homem he o pequeno, e o homem em comparaçāo do mundo o mundo grande: *Mundum in parvo magnum*. Basta por prova o coraçāo huimano, que fendo, como discore Vieira, huma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza, e redondeza do mundo, como se vio no grande coraçāo de Alexandre Magno, de quem affirma Seneca, que desejo mais depois de ser senhor de tudo. He o homem monstro, ou chimera de todos os elementos: em nenhum lugar pára: comi nenhuma fortuna se contenta: nenhuma ambiçāo, ou appetite o farta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e como he maior que o mundo, naõ cabe nelle. De maneira, que o homem, como *abbreviação do mundo*, ainda que os Filosofos lhe chamaõ *mundo pequeno*, sempre na *abbreviatura* he grande, ou magno: *Mundum in parvo magnum*, e assim fica fendo o grande Vieira neste *Vieira Abbreviado*; porque em pequeno, e recopilado volume he *Vieira muito grande*, he Vieira tambem Magno, como ficaráõ depois de recopilados, e reduzidos a lugares communs os Nazianzenos, os Chrysologos, os Ambrosios, os Bernardos, os Agostinhos, os Jeronymos, os Gregorios, e os Basilios, huns Magnos, e outros Maximos.

Esta obra bem considerada pela circunstancia da *abbreviação*, e com ordem alfabetica, tão pequena, e distinta, como intentou para mayor distinçāo dividir as materias dos seus sermoens o mes-

mo Padre Vieira , e reduzillas , confórme elle diz no seu Prologo , a tomos particulares ; naõ he tanto para os pequenos , como para os Príncipes , Ministros , e homens grandes ; porque as suas grandes occupações , e maiores desvelos sobre o governo das Monarchias naõ lhes permittem descanso para ler com attenção em quatorze , ou quinze volumes as maximas christãs , e politicas , que o grande Vieira lhes ensina para acertarem no seu governo . Poderão recrearse ouvindo a voz harmonica , e suave de huma avefinha , quando naõ podérem pôr os olhos em huma aguia . Poderão gostar da luz , e doçura fabricada por huma abeija , volatil com duas azas , e dos mais pequenos , quando naõ tenhaõ tempo para tomarem o gosto á suavidade de hum grande engenho .

Fazem as historias mençaõ de huns Monarcas , Príncipes , e personagens da suprema jerarquia , que se applicaraõ à liçaõ de livros proprios do seu officio ; ou genio , como Alexandre Magno a Homero , Marco Bruto a Polybio , Scipião Africano a Xenofonte ; Carlos V : a Filipe de Comines , Pedro Strozzi a Júlio Cesar , e Henrique III. de França a Cornelio Tacito : à liçaõ de Vieira todos os Monarcas , Príncipes , e homens grandes se applicaõ , e naõ deixaráõ de estimar , e ler hum primoroso epitome das suas politicas , e moralidades os mesmos , que por raizaõ das suas occupações tanto éstimaõ os compendios das historias , sciencias , e artes ; porque os epilogos dizem muito em poucas palavras , e no pouco declaraõ tudo , e fica muito intelligivel aos Monarcas o tudo reduzido a poucas palavras .

Em tres palavras *Mane* , *Thecel* , e *Phares* estava abbreviada a sentença d'El Rey Balthasar , que com vinte e seis vocabulos explicou , ou leo Daniel a este Monarca ; porém entendeo Balthasar a expli-

explicaçao do Profeta , porque em tres palavras tinha visto a sentença *abbreviada*. Agora conherás, Leitor , que esta *abbreviatura* he mais propria para liçaõ de Principes , que de homens vulgares ; porque os Monarcas , que no meyo dos seus desvelos naõ ouvem ler os annaes das historias passadas , como Astuero , sendo os livros de muitas paginas , apenas ouvem ler as primeiras folhas , rompem , e queimaõ as outras , como fez Joachim Rey de Judá ao livro do Profeta Jeremias ; mas sendo os voluines de poucas palavras , ainda entre os regalos de convites , ou nas maiores afflicçoens , e perturbaçoens do animo os vem , e ouvem explicar os Monarcas , como Baltasar.

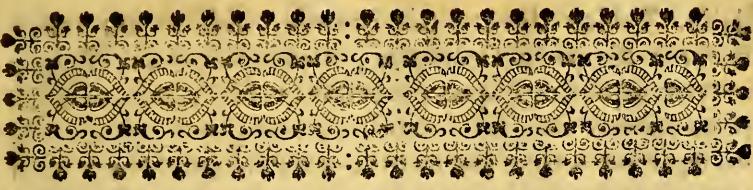
Esta será a razaõ , porque a Chancellaria de Roma tem seus *Abbreviadores* , que fazem minutas de Bullas , e Diplomas Pontificios. O Papa Clemente I. instituiu em Roma sete Notarios para recopilar os actos dos Martyres . A este genero de *Abbreviadores* precederaõ , e succederaõ na Republica das letras outros , muito famosos , e necessarios. Sahio Adricomio abbreviador da Escritura : sahio Arsdeckin abbreviador de Theologia : sahio Daois abbreviador da Jurisprudencia : sahio Soares abbreviador de Filosofia : sahio Peñaforte abbreviador de Moral : sahio Doleo abbreviador de Medicina : sahio Tosca abbreviador de Mathematica : sahio Afferden abbreviador de Geografia : sahio Plinio abbreviador da Historia da natureza : sahio Floro abbreviador da Historia Romana : sahio Spondano abbreviador da Historia Ecclesiastica : sahio Mexia abbreviador da Historia Imperial : sahio Jovet abbreviador da Historia de todo o mundo : sahio Goneto abbreviador da Historia Chronologica dos Papas , Anti Papas , Imperadores , e Reys de toda a Europa : sahio Ma-

riana abbreviador da Historia de Hèspaña : sahio Faria abbreviador da Historia de Portugal : sahio Emilio abbreviador da Historia de França , e sahiraõ finalmente os Francezes abbreviadores de livrarias,

Animado com estes exemplos tahe tambem em Portugal hum *abbreviador de Vieira*, Fenix dos Prêgadores , naõ como Paulo abbreviador de Festo, nem como Spondano abbreviador de Baronio , nem abbreviando todos os tomos , como Justino compendiou a Historia universal , que na lingua Grega deixou escrita Trego Pompeo ; mas escrevendo , e atando só com as suas mesmas palavras esta *abbreviatura* dos seus discursos , e maximas moraes , e politicas , excedendo tambem nestas circunstancias as politicas de Justo Lypcio , por serem huma rapsodia de Aristoteles , sem terem deste grande Auctor mais que as conjunçõens , e particulas , com que ligou , ou atou as materias , eternizando a sua obra ; porque com esta rara , e engenhosa industria , a escreveo com a mesma penna da Fenix.

VALE.

LI-



# LICENÇAS. DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçaõ do M. Reverendo Padre Mestre D.  
Caetano de Gouvea, Clerigo regular da Divina  
Providencia, Qualificador do Santo Officio &c.*

ENINENTISSIMO SENHOR.

O Prologo, e a dedicatoria deste livro, que V.  
Eminencia me manda vêr, naõ contém cousa  
alguma contra a noſſa ſanta Fé, ou bons costumes.  
O corpo da obra naõ tem huma só palavra, que naõ  
ſeja tirada das do Padre Antonio Vieira, pelo que  
me parece, que V. Eminencia déve dar a ſeu Auctor  
a licençā, que pède para o imprimir, e para que tam-  
bem admirem os que o lereim, a industria, de que ſe  
valeo o Doutor Anſelmo Caetano para fazer pro-  
prias, e familiares coim este eſtudo a pureza da lin-  
guia, a nobreza das expreſſoens, e a ſublimidade dos  
pensamentos do pay da eloquencia Portugueza. He  
certo, que quando o Auctor naõ tirasle outro fruto  
do ſeu trabalho, mais que ſaber coim perfeiçāo a lin-  
guia Portugueza, que taõ pura ſe acha nas obras do  
Padre Antonio Vieira, naõ conseguió pequena utili-  
dade.

dade. Todos devem pôr grande cuidado em saber fallar a sua propria lingua , mas ainda o devem pôr mayor aquelles , que pertendem fazer publicas as produçõens dos teus estudos , porque a nobreza da locuçaõ he a que faz nobres os pensamentos : bem poderá o entendimento ser fecundo de sublimes especulaçõens , mas se a lingua naõ tiver palavras , que dignamente as exprimaõ , perderáõ toda a sua nobreza , e sublimidade. Por esta razão entre as partes da eloquencia a mais nobre , e principal he a locuçaõ , que consiste , como diz Quintiliano , na escolha de palavras proprias , nobres , e significativas , e que naõ sejaõ estranhas ao idioma , em que se falla , e para isto se conseguir naõ basta fallar huma lingua , he necessario estudalla nos melhores Authores , que nella escreveraõ , porque sómente elles com a sua authoridade a podem dar ás palavras , quando lha naõ tenha tirado o desuto , o que só pôde succeder em linguas vivas. O Padre Mafeo , que na lingua Latina escreveo com admiravel elegancia a noſſa Historia da India , obſervou taõ escrupulosamente esta regra , que para naõ contaminar com alguma palavra barbara a pureza daquelle idioma , que tinha aprendido nos Authores , que escreveraõ no ſeculo de Auguſto , naõ lia algum outro , e até o Officio divino rezava em Grego : assim o dizem os Authores da ſua vida. Com igual elegancia á de Mafeo escreveo Jacynto Freire de Andrade na lingua Portugueza á vida do Grande Viso-Rey da India D. Joao de Castro , e á continua liçaõ deste livro confeiſa hum grande Orador , que ainda vive , que deve a mageſtade , e a pureza da lingua , que todos admiraõ nas suas composiçõens , assim Oratorias , como Historicas. Naõ fez peyor eleiçaõ o Doutor Anſelmo Caetano em esco-  
lher as obras do Padre Antonio Vieira para nellas  
apren-

aprender a lingua Pòrtugueza ; como he bem que á  
saibaõ os eruditos ; porque se da continua liçaõ re-  
sultou ao publico o beneficio de ler em mais abbre-  
viado volume o que em tantos deixou escrito a fa-  
vor da fé , e dos bons costumes aquella penna verda-  
deiramente Apostolica , tambem elle conseguirá a  
gloria de que pela mesma penna do Padre Antonio  
Vieira pareçaõ escritas todas as obras , que o seu  
grande engenho vay compondo para enriquecer a  
República das letras. Lisboa Occidental nesta Cata  
de Divina Providencia de Clerigos Regulares em  
23. de Novembro de 1731.

*D. Caetano de Gouvea C. R.*

*Approvaçao do M. Reverendo Padre Mestre Fr.  
Manoel de Sá da Ordem de noſſa Senhora do mon-  
te do Carmo, Qualificador dô Santo Officio.*

### EMINENTISSIMO SENHOR.

**C**om igual attenção , que gosto , li o livro com o  
titulo *Vieira abbreviado* , que V. Eminencia  
me manda vêr. Nelle nada notei , que se opponha  
aos sagrados dogmas de noſſa Santa Fé , nem offendia  
os bons costumes , antes sim tive muitos motivos pa-  
ra admirar o subtil engenho , com que Anselmo Cae-  
tano extrahio huma , e outra erudiçaõ dos volumes  
concionatorios daquelle grande heroe , que deo mais  
exercicio , que outro algum , á trombeta da fama. Por  
estas razoens se faz digno da luz publica. Este o meu  
parecer. Vossa Eminencia mandará o que for servi-  
do. Convento de noſſa Senhora do Carmo de Lis-  
boa Occidental 7. de Janeiro de 1732.

*Fr. Manoel de Sá.*

§§ 3

Vistas

**V**Istas as informaçoens , pôde-se imprimir o livro intitulado *Vieira Abbreviado* , de que hei Auëtor Anselmo Caetano Munhoz , e depois de impresso tornará para se conferir , e dar licença que corra , sem a qual naõ correá. Lisboa Occidental 8. de Janeiro de 1732.

*Fr. R. Alancastre. Cunha. Teixeira. Sylvao.  
Cabedo. Soares.*

## DO ORDINARIO.

**P**ode-se imprimir o livro , de que se trata , e depois de impresso tornará para se conferir , e dar licença , para que corra. Lisboa Occidental 20. de Fevereiro de 1732.

*Gouvea*

## DO P A C. O.

*Approvaçao do Illusterrimo Senhor D. Manoel Caetano de Sousa , Clerigo Regular , do Conselho de Sua Magestade , Pro-Commissario geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada , e Censor da Academia Real*

## SENHOR.

**L**I por ordem de V. Magestade a obra , que com o titulo de *Vieira Abbreviado* escrevo , e pertende imprimir o Doutor Anselmo Caetano Munhoz de Abreu , à qual corresponde bem ao seu titulo , e por

por isto traz tambem nelle a sua approvaçao, por que naõ podem desmerecella as partes, quando o todo he justo acreedor da estimacaõ univerſal; e das estatuas, que forao celebradas pela excellencia dos seus artifices, sao respeitados ate os fragmentos, e cuidadosamente se costumaõ guardar nos Museos dos eruditos, e nas galarias dos Principes entre as mais raras antiguidades.

He esta obra formada de pedaços do admiravel corpo das obras do esclarecido Padre Antonio Vieira, que por cada periodo seu conseguiu o universal assombro. Naõ lhe abate o Auctor o preço, ainda que lhe diminue o volume, antes me parece, que com este seu estudo vence hum impossivel, qual he fazer mayor ao grande Padre Antonio Vieira, acrecentandolhe huma gloria, que elle sempre mereceo, e só agora alcançou. Toda a larga vida, e todo o continuo estudo do Padre Antonio Vieira soy imitar os mais insignes Padres da Igreja, como se vê nos seus doutissimos livros, todos cheyos de zelo catolico, e de erudiçao sagrada; mas até agora naõ tinhaõ estes achado Escritor, que os reduziisse a lugares communs, como succedeo aos livros dos Santos Doutores da Igreja S. Basilio Magno, S. Gregorio Nazianzeno, S. Pedro Chrysologo, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, S. Gregorio Magno, S. Jeronymo, e S. Bernardo, pela industria de diversos engenhos, e a todos os Santos Padres pelo incansavel estudo do doutissimo Bispo de Monopoli D. Fr. Joaõ Lopes, lustre grande da sagrada Ordem dos Pregedores, e agora pela pia curiosidade deste novo Escritor tem já adquirido as obras do Padre Antonio Vieira mais esta semelhança com as dos maiores Padres da Igreja, beneficio, que devem á applicaçao do Doutor Anselmo Caetano, que tendo ja empregado

Cicer. lib.  
3. Tusc.  
quaest.

gado felizmente a sua penia em escrever muitas ; e muito doutas obras ordenadas a curar as enfermidades do corpo , nesta osterece admiraveis remedios contra as enfermidades da alma , que em dictame dos antigos Gregos ( como diz o Principe da eloquencia Latina ) saõ as paixoes humanas : *Morbos Græci appellant motus animi , rationi non obtemperantes* , no que imita a grandes Auctores da sua profissao , que naõ contentes com curar os achaques do corpo , passaraõ tambem a applicar medicinas ás doenças da alma , como fizeraõ nos seculos passados Bartholomeo Perdulce Medico de Pariz , Luiz Luisino Medico no Estado de Veneza , Joaõ Valverde de Amusco Medico Hespanhol , estimado em Roma , Synforiano Campegio , Fysico mor do Duque de Lorena , e primeiro , que todos , Claudio Galeno , aquelle famoto Oraculo da Medicina .

Max. Tyr. Serm. 12. Com este livro se fez o Auctor o Medico da alma , que desejava Maximo Tyrio quando disse : *Profer obsecro animi Medicum* , e com elle restituirá a faude moral a muitos , que perdida a vida da graça estavaõ já quasi sepultados nos costumes peccaminosos , e obrará infinitas vezes o prodigo , com que hu-

Apul. Flo- ma vez se acreditou Asclepiades , ( a quem Apuleio-  
rid. §. 19. dá o principado entre os Medicos depois de Hippocrates ) que restituio a saude a hum homem já levado , como morto , para a funeral fogueira , como es-

Plin.lib. 26. creve Plinio ; porque neste livro se acha exercitado  
cap. 3. o officio de Medico dos animos com a perfeiçao , que

Cornelio Celso , Principe dos Medicos Latinos : *As- clepiades officium esse Medici dicit , ut tuto , ut ce-*

*leriter , ut jucunde curet , que cure com segurança , com brevidade , e com recreaçao ; porque por meyo de*  
*deste livro se curaõ as enfermidades do animo com a legu-*

segurança , que lhe daõ as Escrituras sagradas , as doutrinas dos santos Padres , e as solidas razoens . Curaõse com a brevidade , que inculca o seu mesmo titulo de *Vieira Abbreviado* , e curaõse com a recreaçao , que he inseparavel da liçaõ dos pensamentos do Orador mais elegante , e mais discreto , que venerou o mundo no seculo passado , e invejarão os futuros , qual foy o incomparavel Padre Antonio Vieira. Não tem esta moral , e segura medicina na sua brevidade , nem na sua recreaçao os perigos , que Cornelio Celso temeo nas da Medicina fysica de Asclepiades , quando escreveo : *Fere periculosa esse nimia , & festinatio , & voluptas solet* , e assim não pôde deixar de ser muito util a todos os vassallos de V. Magestade , e como não contém clausula alguma contra as leys Reaes , me parece esta obra muito digna da luz publica , e da licença , que seu Auñor pertende , para que todos os Leitores se aproveitem , e os novos Escritores se animem. Lisboa Occidental nesta Caſa de noſſa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares. Hoje 21. de Agosto de 1732.

*D. Manoel Caetano de Souza.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do santo Officio , e Ordinario , e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir , e taixar , e dar licença para correr , sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 17. de Janeiro de 1733.

*Pereira. Teixeira.*

Está

**E**sta confórme com o seu original. Lisboa na Ca-  
sa da Divina Prôvidencia 18. de Fevereiro de  
1746.

*D. Caetano de Sousa C. R.*

**V**Isto estar confórme com o original , pôde cor-  
rer. Lisboa 18. de Fevereiro de 1746.

*Fr. R. Alancastro. Sylva. Abreu. Amaral.  
Almeida. Trigoso.*

**P**O'de correr. Lisboa 18. de Fevereiro de 1746.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

**Q**ue possa correr , e taixaõ a primeira parte em  
100. reis , e a segunda em 100. reis. Lisboa  
18. de Fevereiro de 1746.

*Vaz de Carvalho. Costa. Carvalho.*

IN-

# INDICE DOS DISCURSOS,

Que contém este primeiro tomº.

## A.

<i>Adoçens</i> , <i>Discurso I.</i>	<i>pag.</i> 1.
<i>Adopçao</i> , <i>Discurso II.</i>	<i>pag.</i> 6.
<i>Admiraçaõ</i> , <i>Discurso III.</i>	<i>pag.</i> 9.
<i>Adulaçaõ</i> , <i>Discurso IV.</i>	<i>Ibid.</i>
<i>Alma</i> , <i>Discurso V.</i>	<i>pag.</i> 35.
<i>Amigos</i> , <i>Discurso VI.</i>	<i>pag.</i> 51.
<i>Amor</i> , <i>Discurso VII.</i>	<i>pag.</i> 53.
<i>Discurso VIII.</i>	<i>pag.</i> 74.
<i>Discurso IX.</i>	<i>pag.</i> 75.
<i>Discurso X.</i>	<i>pag.</i> 77.
<i>Discurso XI.</i>	<i>pag.</i> 83.
<i>Discurso XII.</i>	<i>pag.</i> 88.
<i>Discurso XIII.</i>	<i>pag.</i> 93.
<i>Discurso XIV.</i>	<i>pag.</i> 94.
<i>Discurso XV.</i>	<i>pag.</i> 95.
<i>Discurso XVI.</i>	<i>pag.</i> 96.
<i>Discurso XVII.</i>	<i>pag.</i> 98.
<i>Discurso XVIII.</i>	<i>pag.</i> 100.
<i>Amor remediado</i> , <i>Discurso XIX.</i>	<i>Ibid.</i>
<i>Authoridade</i> , <i>Discurso XX.</i>	<i>pag.</i> 108.

## B.

<i>Bens do mundo</i> , <i>Discurso XXI.</i>	<i>pag.</i> 110.
<i>Bens do Ceo</i> , <i>Discurso XXII.</i>	<i>pag.</i> 120.
<i>Bem perdido</i> , <i>Discurso XXIII.</i>	<i>pag.</i> 124.

## C.

<i>Cegueira</i> , <i>Discurso XXIV.</i>	<i>pag.</i> 139. <i>Con-</i>
---	---------------------------------

<i>Conselho</i> , <i>Discurso XXV.</i>	<i>pag. 155.</i>
<i>Cubiculo</i> , <i>Discurso XXVI.</i>	<i>pag. 168.</i>
<i>Contentamento</i> , <i>Discurso XXVII.</i>	<i>pag. 169.</i>
<i>Confissao</i> , <i>Discurso XXVIII.</i>	<i>pag. 174.</i>
D.	
<i>Desejo</i> , <i>Discurso XXIX.</i>	<i>pag. 196.</i>
<i>Desprezo</i> , <i>Discurso XXX.</i>	<i>pag. 197.</i>
<i>Desterro</i> , <i>Discurso XXXI.</i>	<i>pag. 198.</i>
<i>Dor</i> , <i>Discurso XXXII.</i>	<i>Ibid.</i>
E.	
<i>Eleicao</i> , <i>Discurso XXXIII.</i>	<i>pag. 199.</i>
<i>Eternidade</i> , <i>Discurso XXXIV.</i>	<i>pag. 207.</i>
F.	
<i>Formosura</i> , <i>Discurso XXXV.</i>	<i>pag. 208.</i>
<i>Fortuna</i> , <i>Discurso XXXVI.</i>	<i>pag. 211.</i>
<i>Discurso XXXVII.</i>	<i>pag. 217.</i>
G.	
<i>Graça</i> , <i>Discurso XXXVIII.</i>	<i>pag. 220.</i>
<i>Governo</i> , <i>Discurso XXXIX.</i>	<i>pag. 232.</i>
<i>Discurso XL.</i>	<i>pag. 248.</i>
<i>Guerra</i> , <i>Discurso XLI.</i>	<i>Ibid.</i>
I.	
<i>Inveja</i> , <i>Discurso XLII.</i>	<i>pag. 249.</i>
<i>Jogo</i> , <i>Discurso XLIII.</i>	<i>pag. 250.</i>
<i>Justica</i> , <i>Discurso XLIV.</i>	<i>pag. 258.</i>
<i>Discurso XLV.</i>	<i>pag. 272.</i>
<i>Fulgar</i> , <i>Discurso XLVI.</i>	<i>pag. 273.</i>
<i>Inimigos</i> , <i>Discurso XLVII.</i>	<i>pag. 277.</i>
L.	
<i>Ladroens</i> , <i>Discurso XLVIII.</i>	<i>pag. 292.</i>
<i>Lagrimas</i> , <i>Discurso XLIX.</i>	<i>pag. 310.</i>
<i>Lagrimas de Heraclito</i> , <i>Discurso L.</i>	<i>pag. 320.</i>
<i>Lugares</i> , <i>Discurso LI.</i>	<i>pag. 335.</i>
<i>Discurso LI.</i>	<i>pag. 341.</i>

VIEIRA

RJICB



G.F.L.Debrie sculp 1745. *VERA EFFIGIES CELEBERRIMI  
P. ANTONII VIEYRA,  
e Societ. Jesus, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionato-  
rum Principiis, quem dedit Lusitania mundo Ulyssipo Lusitanice,  
Societati Brasilia. Obiit Bahia prope nonagenarius die 18. Julii An-  
1697. Quiescit in regio Collegii Bahiensis templo, ubi sepultus frequen-  
tissimo urbis concursu, extero orbis desiderio.*

Pag. 1



# VIEIRA ABBREVIADO TOMO I.

## DISCURSO I.

Tirado de hum sermão da terceira Dominga do Advento, em que o Auctor sobre as palavras de S.

Joaõ: Tu quis es? Quid dicis de te ipso?  
mostra haver juizo de cada hum para  
comigo.

## A C C, O E N S.



INGUEM ha neste mundo, que se Vieira  
descreva com a sua definiçāo: todos part. 15.  
se engañaõ no genero, e tambem nas num. 82.  
diferenças. Que differentes cousas  
saõ ordinariamente o que dizeis de  
vós, e o que sois! E o peyor he, que muitas vezes naõ  
saõ cousas differentes; porque o que sois, he nenhuma  
cousa, e o que dizeis, saõ infinitas cousas. Nesta  
Tom. I. A mate-

## 2 Vieira abbreviado

materia de vós quem sois , todo o homem mente duas vezes : huma vez mentese a si , e ontra vez mentenos a nós : mentese a si ; porque sempre cuida mais do que he , e mentenos a nós ; porque sempre diz mais do que cuida. Ninguem ha taõ recto juiz de si mesmo , que ou diga o que he , ou seja o que

**Num. 82.** diz ; porque os homens , quando testimunhaõ de si mesmos , huma coufa he o que saõ , e outra coufa he o que dizem.

**Num. 83.** 2 Do mesmo modo , e com a mesma , e ainda maior propriedade fallou o Anjo Rafael na resposta , que deo á Tobias. Fazia figura de homem , e para fazer bem a figura huma vez , que lhe perguntáraõ : Vós quem sois ? naõ havia de dizer , o que era , havia de dizer o que naõ era , e assim o fez ; porque naõ ha propriedade mais propria dos homens , que perguntados o que saõ , dizerem huma coufa , e serem outra.

**Tob. 5. 18.** 3 E notai , que vindo o Anjo vestido em hum pelote , e representando hum caminheiro , parece , que era mais natural dizer , que era filho de hum lavrador , ou pastor daquelles campos ; e com tudo naõ disse , senaõ , que era filho de Ananias o Grande ; porque naõ ha homem de pé taõ de pé , nem caminheiro taõ caminheiro , que se lhe perguntarem donde vem , naõ diga que vem lá do grande Ananias : *Ego sum Azarias , Anania magni filius :* Eu sou Azarias filho de Ananias o Magno : como se dissessemos de Carlos Magno , de Pompeo Magno , de Alexandre Magno .

**Num. 83.** 4 Cada hum he o que faz , e naõ he outra coufa . As coufas definemse pela essencia : o Bautista definiõse pelas acçoens ; porque as acçoens de cada

hum

# Discurso I.

3

hum saõ a sua essencia. Definiose pelo que fazia pa-  
ra declarar o que era.

5 Daqui se entenderá huma grande duvida , que  
deixamos atraç de ponderar. O Bautista pergunta- Num. 104.  
do se era Elias , respondeo , que naõ era Elias : *Non  
sum.* E Christo no cap. II. de S. Mattheos disse ,  
que o Bautista era Elias: *Ioannes Baptista ipse est* Matth. 11.  
*Elias.* Pois se Christo diz , que o Bautista era Elias,  
como diz o mesmo Bautista , que naõ era Elias ?  
Nem o Bautista podia enganar , nem Christo podia  
enganarse: como se haõ de concordar logo estes tex-  
tos ? Muito facilmente. O Bautista era Elias , e naõ  
era Elias : naõ era Elias , porque as pessoas de Elias ,  
e do Bautista eraõ diversas : era Elias , porque as ac-  
çoens de Elias , e do Bautista eraõ as mesmas. A mo-  
destia do Bautista disse , que naõ era Elias pela di-  
versidade das pessoas : a verdade de Christo affir-  
mou , que era Elias pela uniformidade das acçoens.  
Era Elias , porque fazia acçoens de Elias. Quem faz  
acçoens de Elias , he Elias : quem fizer acçoens do  
Bautista , será Bautista , e quem as fizer de Judas ,  
será Judas.

6 Cada hum he as suas acçoens , e naõ he outra  
cousa. Oh que grande doutrina esta para o lugar , em  
que estamos ! Quando vos perguntarem quem sois ,  
naõ vades revolver o nobiliario de vossos ávós , ide  
ver a matricula de vossas acçoens. O que fazeis , iſſo  
sois , e nada mais. Quando ao Bautista lhe pergun-  
taraõ quem era , naõ disse que se chamaya Joao , nem  
que era filho de Zacarias : naõ se definio pelos pays ,  
nem pelo appellido , só de suas acçoens formou a sua  
definiçao : *Ego vox clamantis.*

7 Muito tempo ha que tenho dous escandalos Num. 105.

contra a noissa Grammatica Portugueza nos vocabulos do nobiliario. A' fidalguia chamaõlhe qualidade, e chamaõlhe sangue. A qualidade he hum dos dez predicamentos, a que reduziraõ todas as cousas os Filosofos. O sangue he hum dos quatro humores, de que se compoem o temperamento do corpo humano. Digo pois, que a chamada fidalguia naõ he sómente qualidade, nem sómente sangue; mas he de todos os dez predicamentos, e de todos os quatro humores. Ha fidalguia, que he sangue, e por isso ha tantos sanguinolentos: ha fidalguia, que he melancolia, e por isso ha tantos descontentes: ha fidalguia, que he colera, e por isso ha tantos mal soffridos insopportunos, e ha fidalguia, que he fleuma, e por isso ha tantos, que prestaõ para tão pouco. De maneira, que os que adoecem de fidalguia, naõ só lhes pecca a enfermidade no sangue, senão em todos os quatro humores.

8 O mesmo passa nos dez predicamentos. Ha fidalguia, que he substancia; porque alguns naõ tem mais substancia, que a sua fidalguia: ha fidalguia, que he quantidade, saõ fidalgos, porque tem muito de seu: ha fidalguia, que he qualidade; porque muitos naõ se pôde negar saõ muito qualificados: ha fidalguia, que he relaçao, saõ fidalgos por certos respeitos: ha fidalguia, que he paixaõ, saõ apaixonados de fidalguia: ha fidalguia, que he *ubi*, saõ fidalgos, porque occupaõ grandes lugares: ha fidalguia, que he sitio, e desta casta he a dos Titulos, que estaõ assentados, e os outros em pé: ha fidalguia, que he habito, saõ fidalgos; porque andaõ mais bem vestidos: ha fidalguia, que he duraçao, fidalgos por antiguidade. E qual destas he a verdadeira fidalguia?

Ne-

# Discurso I.

5

Nenhuma. A verdadeira fidalguia he acção. Ao pre-dicamento da acção he que pertence a verdadeira fi-dalguia: *Nam genus, & proavos, & quæ non feci-mus ipsi, vix ea nostra voco,* disse o grande funda-dor de Lisboa. As acçoens generosas, e naõ os payss illustres, saõ as que fazem fidalgos. Cada hum he suas acçoens, e naõ he mais, nem menos, como o

apud Ovid. Metam.

5. part. n.º 105.

Bautista: *Ego vox clamantis in deserto.*

9 Desta doutrina taõ verdadeira tiro politica-mente, que nas acçoens se haõ de fundar as eleições: As eleiçõens ordinariamente fundaõse nas geraçõens, e por isso se acertaõ taõ poucas vezes. Naõ nego, que a nobreza, quando está junta com o talento, deve sempre preceder a tudo; mas como os talentos Deos he o que os dá, e naõ os payss, naõ se devem fundar as eleiçõens nas geraçõens, senaõ nas acçoens. Este dictame he o verdadeiro em todo o tempo; e muito mais no presente. No tempo da paz pôde-se sofrer, que se dem os lugares ás geraçõens; mas no tempo da guerra naõ se haõ de dar senaõ ás acçoens. Vio o Profeta Ezechiel no primeiro capitulo das suas revelaçõens aquelle carro mysterioso, por que tira-vaõ quatro animaes, homem, leão, boy, e aguia. No capitulo decimo tornou a ver o mesmo carro com os mesmos animaes, mas com a ordem trocada; por-que na primeira visaõ tinha o primeiro lugar o ho-mem, na segunda visaõ tinha o primeiro lugar o boy. Notavel mudança! Que o homem na primeira visaõ se anteponha ao leão, á aguia, e ao boy, muito jus-to; porque o fez Deos senhor de todos os animaes: mas que o boy, que foi criado para o trabalho, e para o arado, se anteponha a tres cabeças coroadas, ao homem, Rey do mundo, ao leão, Rey dos ani-

Tom. I.

A 3

maes,

## 6 Vieira abbreviado

maes , e á aguia , Rainha das aves ! Sim : A razaõ literal , e a melhor , que daõ os Expositores , he esta . Na primeira visaõ estava o carro dentro do templo :   
zech. 10.  
v. 18. na segunda visaõ sahio o carro á campanha : *Egressa est gloria Domini de limine templi*. E quando o carro está quieto , dê-se embora o primeiro lugar a quem melhor he ; mas quando o carro caminha , ha-se de dar o primeiro lugar a quem melhor puxa ; e porque o boy puxava melhor , que o homem , por isso se deo o primeiro lugar ao boy . Quando o carro estiver no templo da paz , demse embora os lugares a quem melhor for ; mas quando o carro estiver na campanha , haõse de dar os lugares a quem melhor puxar .

### DISCURSO II.

*Tirado de hum sermaõ de nossa Senhora do monte do Carmo , em que o A. mostra serem os Religiosos Carmelitas filhos adoptivos da mesma Senhora ; e para mayor gloria sua excita , e resolve assim esta questao.*

### A D O P C , A M.

Part. II.  
§. III. num.  
34. fol. 30.

10 **Q**ual he maior prerrogativa , e maior excellencia : ser filho natural , ou filho adoptivo ? A adopçao he supplemento da natureza : logo parece , que mayor cousa ; e mais excellente he ser filho por natureza , que por adopçao . Com tudo , absoluta , e precisamente fallando , digo , que alguma cousa tem de maior prerrogativa ser filho adoptivo , que filho natural . No filho natural fundase a preferencia na filiação : no adoptivo fundase a filiação na pre-

## Discurso II.

7

preferencia. O filho natural amase , porque he filho: o filho adoptivo he filho , porque se ama. Ser natural he fortuna : ser adoptivo he merecimento. A razão de toda esta diferença he ; porque os filhos naturaes saõ partos da natureza: os adoptivos saõ filhos da eleiçao. Nos primeiros naõ tem parte a vontade , nem o juizo : nos segundos tudo he juizo , e tudo vontade.

II Assim o notou advertidamente Santo Ambro-  
sio na Epistola ad Fisinum: *Aut natura filios susci-  
pimus , aut electione : in natura casus est : in ele-  
ctione judicium.* Os filhos ou saõ por natureza ,  
ou por eleiçao: se por natureza , he caso: se por elei-  
çao , he juizo. Quanto vay da sorte á escolha , tanto  
vay de huns filhos a outros. Se os pays escolherão os  
filhos , muitos haviaõ de trocar os seus pelos alheyos ,  
e tal vez antes naõ quereriaõ ter filhos , que taes fi-  
lhos. Parecevos , que escolheria Adão a Caim , Noe  
a Caão , Isaac a Ismael , Jacob a Ruben , David a Ab-  
salaõ ? Claro está , que naõ. Mas contentase cada hum  
com aquelles filhos , que lhe couberão em sorte ; por-  
que nesta parte tambem os filhos entraõ em conta de  
bens da fortuna. Nos filhos adoptivos he pelo con-  
trario ; porque como o escolher este , ou aquelle de-  
pende da nossa eleiçao , da nossa vontade , do nosso  
juizo , muito errado será o juizo , e a vontade de  
quem naõ escolher o melhor de todos , o mais excel-  
lente , e o mais digno: *Non est dignus adoptari , nisi  
qui fortissimus meretur agnosci* , disse Cassiodoro. E  
a razão , que logo dá , he a mesma diferença , que  
diziamos : *In sibole frequenter fallimur ; ignavi  
autem esse nesciunt , quos iudicia pepererunt:* Nos  
filhos naturaes naõ se satisfaz muitas vezes o desejo;

## 8 Vieira abbreviado

porque ainda que saõ partos da natureza, da-os a fortuna: nos adoptivos sempre o acerto, e a satisfaçāo he segura, porque saõ filhos da eleiçāo, e partos do juizo: *Quos judicia pepererunt.*

12 Tal he, ou quasi tal ( com ser infinita a distancia de pessoas ) a diferença, que se acha gloriamente entre o filho natural, e estes filhos adoptivos da Virgem Maria. O natural, e os adoptivos, hum, e outros saõ filhos da mesma māy; mas Christo Filho das entranhas de seu corpo: *Beatus venter, qui te portavit*: os Carmelitas filhos das entranhas do seu juizo: *Quos judicia pepererunt.* A mayor excellencia da Virgem Maria, e como lhe chama Santo Antelmo estupenda, he, que Maria, e Deos sejaõ Pays do mesmo Filho; e a mayor, que se pôde dizer desta sagrada Religiao, he, que os Carmelitas, e Christo sejaõ filhos da mesma Māy. Nem Deos podia fazer mais a Maria, que darlhe a seu Filho por filho; nem Maria podia fazer mais aos Carmelitas, que darlhe a seu Filho por irmaõ. E ainda que Christo he Filho natural da mesma Māy, e elles filhos adoptivos, a filiaçāo natural he parto do corpo: *Beatus venter, a filiaçāo adoptiva parto do juizo: Quos judicia pepererunt.* Naõ sei se me atreva a dizer nesta diferença: *Quinimmo beati.* Mas vede, bemditos Padres, de que juizo sois filhos. Naõ filhos do juizo de Jacob, como Manasses, e Ephraim, nem do juizo de Augusto, ou Trajano, como os seus adoptivos; mas filhos do juizo da Māy de Deos. Vós, e os pensamentos da Māy de Deos sois filhos do mesmo juizo. Vede, se vos pôde faltar a sua memoria sendo irmaõs legítimos de seus pensamentos. Só o Verbo Eterno he Filho de melhor juizo, que vós

# Discurso III. 9

vós ; porque elle he gerado pelo entendimento de seu Pay , e vós pelo juizo de sua Māy..

## DISCURSO III.

*Tirado de hum sermaõ da Ascençao de nosso Senhor Jesu Christo.*

### ADMIRAC, A.M.

<sup>13</sup> **D**Izem os Filosofos , que a admiraçao he filha da ignorancia , e māy da sciencia. Filha da ignorancia ; porque ninguem se admira , senão das couzas , que ignora , principalmente se saõ grandes : e māy da sciencia ; porque admirados os homens das mesmas couzas , que ignoraõ , inquirem , e investigaõ as causas dellas até as alcançar , e isto he , o que se chama sciencia.

Parr. 7. n.º  
2. fol. 2.

## DISCURSO IV.

*Tirado de hum sermaõ da primeira sexta feira da Quaresma , prégado na Capella Real.*

### A D U L A C, A.M.

<sup>14</sup> **P**Osto que a materia do amor dos inimigos <sup>Parr. IV. n.º</sup> seja taõ prégada , e taõ batida ; o que determina <sup>228. fol.</sup> tratar sobre ella hoje , he huma questao muito nova , e muito propria deste lugar . Fundase toda sobre aquelle Vós do nosso texto : *Ego autem dico vobis.* E a questao , ou duvida he : Se debaixo deste vós se entendem tambem as Altezas , e as Magestades ?

As

## Io Vieira abbreviado

As pessoas soberanas saõ superiores a toda a ley , e por illo será necessario examinar exactamente até onde se estende o preceito de Christo , e resolver com a graça do mesmo Senhor , e sem lisonja de nenhum outro , se saõ obrigados tambem os Reys a amar seus inimigos ?

- Num. 229. 15 Primeiramente parece , que naõ saõ obrigados. Os Reys naõ saõ obrigados a amar os amigos : logo muito menos , e com muito maior razaõ naõ estarão obrigados a amar os inimigos . ( Naõ fallo dos Neros , nem dos Caligulas , e muito menos dos Sardanapalos ; que semelhantes monstros da natureza humana eraõ tyrannos cruelissimos , e naõ Reys , nem homens . ) Porqué quem naõ tem amor para o amor , como ha de ter amor para o odio ? Naõ ha entre todos os coraçoens humanos , e entre todos os estados do mundo nem vontades mais desamoraveis , que as soberanas , nem cousa mais opposta ao amor , que a Magestade ; e porque razaõ , se razaõ se pôde chamar ? Por duas : pela desigualdade , e pela obrigaçao dos vassallos . O amor reciproco , que por outro nome se chama amizade , diz Aristoteles , que o naõ pôde haver , senão entre iguaes , e como entre os Reys , e os vassallos ha huma desigualdade tão distante , como do inferior ao supremo , à mesma soberania , que o remonta sobre a igualdade , o desobriga da correspondencia ; e porque amarem os vassallos ao Rey he obrigaçao natural , esta he a segunda isenção , ou regalia , que lograõ as Magestades , para lhes naõ ser necessário amar para ser amados , nem depois de ser amados ficarem obrigados a amar : como o amor dos vassallos he dívida , nem os Reys ficasõ obrigados á paga , nem os vassallos tem ácção para

## Discurso IV. 11

para a desejar , ou pedir. Daqui se segue aquella grande dor , por lhe naõ chamar injustiça , de que tinha mais ventura com os Reys o servir , que o amar; porque os serviços alguma vez saõ premiados , o amor nunca he correspondido : naõ seriaõ as Magestades Magestades, se se sujeitassem sem a amar. E por que ? Por outras duas razoens da sua parte : Amar he inclinarse a vontade primeiro , e depois renderse : o renderse he contra a potencia da Magestade : o inclinarse contra a soberania ; por isso disse bem quem lhe conhecia esta condiçao , que nem pôde haver Magestade com amor , nem amor com Magestade : *Non 2,3,6 bene conveniunt , nec in una sede morantur maies- tas , & amor ;* e se os Reys , como dizia , nem amados te inclinaõ a amar os amigos , odiados , e aborecidos como se haõ de sujeitar a amar os inimigos ?

16 Seja exemplo o Rey do melhor coraçao de 2,3,1 quantos empunháraõ cetro. Teve David , muitos , e grandes inimigos ( que naõ fora David se os naõ tivera . ) E como os amava ? Elle mësmo o diga : *Per- Psalm. 17 sequar inimicos meos , & comprehendam illos , & 38. 39. non convertar , donec deficiant: confringam illos , nec poterunt stare , cadent subtus pedes meos.* A meus inimigos hey os de perseguir até os tomár ás maõs , nem hey de desistir , ou descansar até os desfazer , e consumir de todo. Eu lhes quebrarei o orgulho , e lhes torcerei o pescoço até os meter debaixo dos pés. E se Christo manda , que naõ só façamos bem aos inimigos , mas que oremos por elles : *Et orate pro per- sequentibus , & calumniantibus vos ,* ouvi como os encommendava o mësmo David a Deos em suas orações : *Averte mala inimicis meis , & in veritate Psalm. 53 tua disperde illos:* O mal , que me desejaõ meus ini- 7. inigos ,

migos, peçovos, Senhor, que o convertais contra elles; e que pela má vontade, que me tem, vós lhes ponhais as maõs, e a boa vontade, destruindo-os, e aniquilando-os; que isso quer dizer *Disperde*. Finalmente chegado á hora da morte, tempo, em que até os coraçoens mais duros naõ só perdoaõ a seus inimigos, mas lhes pedem perdaõ, duas mandas do testamento de David foraõ deixar muito encarregado a seu filho Salamaõ, que de nenhum modo se esquecesse de mandar matar a Joab, e a Semey por certos aggravos, que lhe tinhaõ feito. E se desta maneira amava a seus inimigos hum Rey canonizado, que se levantava á meya noite a rezar o Psalterio, e debaixo da purpura vestia cilicios, os que naõ saõ tão santos, nem tão beatos, vede como guardaráõ o *Diligite inimicos vestros*, e como tomaráõ por si o *Dico vobis*.

17 Isto he o que se offerece pela primeira parte, e mais apparente, que solida, da nossa questao: a segunda naõ só defende, mas define, que tambem as Altezas, e Magestades, por mais altas, e soberanas que sejaõ, se entendem, e comprehendem debaixo daquelle *vobis*, e que todas igualmente, como os outros Christaos, sem nenhuma excepçao, nem privilegio estaõ sujeitas ao preceito de Christo, e obrigadas a amar seus inimigos, e a lhes fazer bem: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.*

18 O fundamento desta obrigaçao está na primeira palavra do mesmo texto: *Ego autem dico vobis. Ego Eu*. E quem he este Eu? Naõ he Plataõ, nem Lycurgo, nem Numa Pompilio, cujas leys com tudo, por serem racionaes, as veneravaõ, e obedienciaõ

## Discurso IV.

13

ciaõ todos os Reys , que alcançaraõ o nome de justos. Mas he aquelle Eu , que disse a Moysés: *Ego sum, qui sum.* Eu sou , o que sou , o que só tem o <sup>Exod. 3:14.</sup> ser de si , e o deo a todas as cousas : aquelle Eu , que faz os Reys , e tambem os destaz , quando elles naõ fazem o que devem : *Per me Reges regnant :* aquell-<sup>Prov. 8:5.</sup> le Eu , que traz escrito na orla da opa Real : *Rex Regum, & Dominus Dominatium.* E este Eu : *Ego autem dico vobis?* Este Eu he o que diz a todos sem distinçao , nem excepçao de pessoas , ou dignidades : *Diligitе inimicos vestros.*

19 Bem provado está , que os Reys tem obrigaçao de amar a seus inimigos ; mas esses inimigos dos Reys quaes saõ ? A resposta naõ he facil , antes tal , <sup>240.</sup> e de taõ maõ gosto , que se eu a dér , como devo , tambem pôde grangear inimigos. Eu naõ direi quaes saõ ; <sup>245.</sup> porque o naõ sei entender ; mas referirei , e me referei sómente aos que os nomeyaõ , e saõ testimunhas todas legaes , e a quem a opiniao do mundo dá grande credito.

20 Entre os Politicos Xenofonte , Tacito , Casiodoro , entre os Historicos Tito Livio , Suetonio , Quinto Curcio , entre os Filosofes Seneca , Plutarcho , Severino Boecio , entre os santos Padres Jeronymo , Chrysostomo , Gregorio , Agostinho , Bernardo. Deixando os de mais , todos só com discrepancia no encarecimento dizem , e ensinaõ concordemente , que os inimigos dos Reys , e os maiores inimigos saõ os aduladores.

21 S. Gregorio Magno , que depois de grandes <sup>247.</sup> cargos politicos nas duas maiores Cortes de Roma , e Constantinopla foy cabeça suprema de toda a Igreja , e por si mesmo , e seu juizo , ciencia , e experiençia

encia huma das mais eminentes cabeças do mundo ; naõ só diz , que os aduladores secretos saõ publicos inimigos dos Reys , mas dá por regra , e cautela aos mesmos Reys , que quanto virem , que saõ maiores os louvores , com que forem adulados delles , tanto os reconheçaõ por maiores inimigos , e creyaõ , que o saõ : *Tantò maiores hostes credendi sunt ; quantò magis laudibus adulantur.*

248.  
22 Santo Agostinho , Auñor em toda a materia primaz , com doutrina tirada da escola d'El Rey David ensina , que ha dous generos de inimigos : huns , que persegueum , outros , que adulão ; mas que mais se ha de temer a lingua do adulador , que as maõs do perseguidor : *Duo sunt genera inimicorum , persequentium , & adulantium ; sed pius persequitur lingua adulatoris , quam manus persequitoris.* A maõ do perseguidor , diz Agostinho , armase com a espada , com a lança , com a setta , com o veneno , e com todos os outros instrumentos de ferir , e matar , que a furia , e violencia do fogo acrecentou á dureza do ferro ; e com tudo diz o mayor Doutor da Igreja , que mais se ha de temer a lingua desarma da do adulador , que todas as armas do perseguidor , e inimigo . Mas porque dirão os Palacianos , ( como dizem aos da nossa profissão ) que fallou Santo Agostinho , como Theologo , e como santo , e naõ como Politico , ponhamoslhe de hum lado a Pythagoras , e de outro à Socrates , que nem forão Theologos , nem Santos , mas ambos famosíssimos Mestres da Republica mais politica , qual foy a de Athenas . Que diz Pythagoras ? *Gaudet potius arguentibus , quam adulantibus , & tamquam deteriores inimicos adulatores aversare.* Gosta antes dos que te arguem , que

## Discurso IV.

15

que dos que te adulaõ, e tem mayor aversaõ aos aduladores, que aos inimigos ; porque taõ peiores. E Socrates , que diz ? *Adulatorm benevolentiae tamquam hostibus dato terga, fuge infortunium.* A' benevolencia dos aduladores dalhe logo as costas, e foge delles, como inimigos ; porque te naõ succeda algum infortunio dos que a adulaçao traz sempre comigo. Creyaõ ao menos a Socrates , e a Pythagoras os que naõ quizerem dar credito a Santo Agostinho.

23 Synefio aquelle insigne varaõ , que compoz os livros de Regno , e depois de governar prudentissimamente o mundo, com igual zelo , e santidade governou , e illustrou a Igreja , escrevendo ao Imperador Arcadio , o conselho , que lhe dá sobre todos , exhortando-o a que o observe com o primeiro, e maior cuidado , he , que naõ consinta junto a si aduladores , e se guarde , e vigie delles , porque por mais cercado , que esteja de guardas o seu palacio , a adulaçao se sabe introduzir subtilissimamente , sem ser sentida , e basta ella só para primeiro o sujeitar , e dominar a elle , e depois o despojar do Imperio : *Sola quippe adulatio, nec quicquam, vigilantibus satellitibus, in ima usque conclavia sensim penetrat, & imperium deprædatur.* Cousa difficultosa parece , que tendo Arcadio presidiado o seu Imperio com as legioens Romanas , e naõ havendo entaõ inimigo estranho , que com poderosos exercitos lhe fizesse guerra , houvessem de bastar poucos homens desarmados para dentro em sua propria casa destruirem o Imperador , e mais o Imperio ; mas taõ occulta , e poderosa guerra he a que faz aos Príncipes a adulaçao , e taõ perniciosos inimigos mais que todos saõ os aduladores. Ouçaõ os Politicos o texto da sua Biblia:

## 16 Vieira abbreviado

Biblia : *Adulatio perpetuum malum Regum , quorum opes s̄apieus assentatio , quam hostis , evertit.* A adulaciaõ he aquelle perpetuo mal , ou achaque mortal dos Reys , cuja grandeza , opulencia , e imperios muitas mais vezes destruio a lisonja dos aduladores , que as armas dos inimigos.

250.

24 Commentando este texto de Cornelio Tacito outro Cornelio de mayor erudiçao , de melhor juizo , e de mais largas experiencias , que elle , confirma a verdade do seu dito com a falta da verdade , de que só carecem os que saõ senhores de tudo , e com os exemplos de Nero , Cesar , e Roboão , todos desastradamente perdidos , e naõ por inimigos de fóra , mas pelos aduladores domesticos : *Et quidem Reges abundant rebus omnibus in aula , excepta veritate ; quid Neronem castissime educatum crudelem fecit ? Adulatio . Quid Cæsarem contra patriam rebellare fecit ? Adulatio , quid Roboam tyrannum reddidit ? Adulatio .* Nem a Roboão aproveitou ter por pay a Salamaõ , nem a Nero ter por Mestre a Seneca , nem a Cesar terse esmerado nelle a natureza , nem o dotar de huns espiritos taõ generosos , e verdadeiramente reaes , para que a adulaciaõ de seus proprios familiares a hum naõ corrompessem as virtudes , a outro naõ despojassem do Reyno , e a outro naõ tirassem a vida , e a todos naõ destruissem taõ infesta , e miseravelmente , como todos sabem . Esta mesma conclusao inferiraõ sobre a liçaõ de todas as historias do mundo aquelles dous grandes Historiadores , que em sentença de Lypcio depois de Sallustio , e Livio merecem os dous seguintes lugares , entre os Latinos Cúrcio , e entre os Hespanhoes Mariana : *Regnum s̄apieus ab assentatoribus , quam ab hosti-*

## Discurso IV.

17

*bōstibus everti jolet*, diz Curcio na historia de Alexandre, e Marianna no commentario de Oseas diz: *Vide hic, ut magis adulatio, quam bōstis, Reges, & Principes perdat.* De sorte, que tudo, o que se sabe por vista, ou por memoria dos periodos, e catastrofes dos Reynos, e dos fins mal afortunados dos Reys, e causas delles, as menos vezes se devem attribuir aos inimigos de fóra, que saõ os que só se temem; se naõ a quem? Aos lisongeiros, e aduladores de dentro, aos que tem as entradas francas, e as chaves taõ douradas, como as linguas, aos que participão os segredos, e arcanos da Monarchia, e saõ admittidos a dizer, e ser ouvidos, em fim aos inimigos interiores, e domesticos, que saõ os que mais se devéraõ temer.

25 O mesmo Christo, que disse: *Diligite inimicos vestros*, ferá tambem o que nos declare estes<sup>252</sup>. inimigos quem saõ, e como o saõ, e como naõ podem deixar de o ser: *Nemo potest duobus dominis servire*, <sup>Matth. 6:</sup> diz Christo: Ninguem pôde servir a dous<sup>24</sup>. senhores. E porque? Porque se tiver amor a hum, ha de ter odio a outro: *Aut enim unum odio habebit, & alterum diligit.* Supposta esta definiçāo infallivel da summa verdade, pergunto agora: E os que servem aos Reys em palacio, a quantos senhores servem? Se alguns se naõ quizerem lisongear tambem a si mesmos, he força, que confessem, que servem a dous senhores: ao senhor Rey, e ao senhor interesse proprio: logo segue se, que se amaõ a hum, tem odio ao outro, e que se de hum destes senhores saõ amigos, do outro saõ inimigos; porque se naõ pôde servir, e amar a hum, sem ser inimigo do outro: e se em algum dos que servem ao Rey se provasse, que

Tom. I.

B

ama

## 18 Vieira abbreviado

ama mais o seu interesse , que o Rey , provado esta-  
va , que este tal he inimigo do Rey.

253. 26 O Papa chamase *Servus servorum* , e creyo  
eu , que a muitos Reys se poderá estender o mesmo  
titulo sem offensa da Sé Apostolica. Porque ha tan-  
tos , que queiraõ servir de perto aos Reys ? Porque  
querem tambem , que os Reys os sirvaõ a elles ? Naõ  
digo tanto. Servem aos Reys , porque lhes serve o  
servilhos : arrimase a hera á torre , naõ por amor da  
torre , se naõ por amor de si : naõ porque queira cor-  
roar a torre , (que as coroas de hera naõ saõ as coroas  
dos Reys ) mas porque a hera naõ pôde crescer sem  
arrimo , e ella quer crescer , e subir ; por isso vemos  
taõ subidos , e taõ crescidos os que tal vez antes de  
chegarem a este arrimo , mal se levantavaõ da terra.  
Pelo contrario vemos tambem , que muitos se retirá-  
raõ do serviço dos Reys , porque lhes negaráõ , ou di-  
lataráõ a subida : logo ao senhor interesse he que ser-  
viaõ , e naõ ao Rey. *Stellio manibus nititur , & morat-  
ur in ædibus Regis* : A aranha , diz Salamaõ , naõ  
tem pés , e sustentandose sobre as maõs , mora nos  
palacios dos Reys. Bom fora , que moraraõ nos pa-  
lacios dos Reys , e tiveraõ nelles grande lugar os  
que só tem maõs. Mas a aranha naõ tem pés , e tem  
pequena cabeça , e sabe muito bem o seu conto. So-  
bese maõ antemaõ a hum canto dessas abobedas dou-  
radas , e a primeira coufa , que faz , he desentranhar-  
se toda em finezas. Com estes fios taõ finos , que ao  
principio mal se divisaõ , lança suas linhas , arma seus  
teares , e toda a fabrica se vem a rematar em huma  
rede para pescar , e comer. Taes saõ ( diz o Rey ,  
que mais soube ) as aranhas de palacio. Quem vir ao  
principio as finezas , com que todos se desfazem , e

254.

- se

## Discurso IV.

19

se desentranhaõ em zelo do serviço do Principe, parece, que o amor do mesmo Principe he o que unicamente o trouxe alli. Mas depois que armáraõ os seus teares, como tecedeiras, e as redes, como pescadores, logo se descobre toda a tea: por mais fina que parecesse, era urdida, e endereçada a pescar, e naõ a pescar moscas. E se naõ vejase o que todos pescão: as melhores commendas, os titulos, as presidencias, os senhorios; e tal vez, diz o mesmo Salamaõ, que sendo a malha taõ miuda, pescão o mesmo dono da casa: *Homo, qui blandis, fictisque sermonibus loquitur amico suo, rete expandit gressibus ejus:* As palavras brandas do adulador saõ redes, que elle arma, para tomar nellas ao mesmo adulado. Este he o artificio sem arte dos aduladores Reaes. Servem lisonjeiramente aos Principes para os ganhar, ou lhes ganhar a graça, e para se servirem da mesma graça para os fins, que só pertendem de seus proprios interesses, e como por declaração do mesmo legislador do nosso texto ninguem pôde servir a dous senhores, sem amar a hum, e ser inimigo do outro, provado fica sem replica, e concluido, que quantos forem em palacio os amigos dos seus interesses, tantos saõ os inimigos dos Reys.

27 Vejamos pois o bem, ou mal, que os aduladores fazem aos Reys, e logo se verá claramente se os amaõ, ou saõ seus inimigos. A mayor fatalidade dos Reys he nascerem todos em signo de ser louvados. Lançou Jacob a bençaõ a Judas, seu quarto filho, e as palavras, por onde começou, forão estas: *Juda, te laudabunt fratres tui.* Judas, a ti louvaráõ teus irmãos. Os irmãos eraõ onze, e muitos delles ti-  
Genes. 49: 8.  
verão muito querer louvar. Pelo contrario Judas naõ deixou

deixou de fazer muitas acçōens dignas de serem vituperadas. Pois se nos outros houve tambem cousas merecedoras de louvor, e em Judas de vituperio; porque se dá por bençāo só a Judas; que elle será o louvado, e que todos o louvaráō: *Te laudabunt?* Porque Judas, como vimos ao principio, ainda que era filho quarto, foy o que levou o cetro, e coroa, e em quem se fundou o direito hereditario da casa, e successaō Real: e he bençāo, ou fatalidade dos Reys, que tudo, o que fizerem, ou quizerem, ainda que nāo seja louvavel, seja louvado: *Te laudabunt.* Se o Rey, como Saul, tomar para si os detpojos de Amalec, consagrados a Deos, e os applicar a usos profanos: *Te laudabunt.* Se o Rey, como David, por huma simples informaō suspeitosa, singular, e sem nenhuma legalidade privar do patrimonio a Miphiboseth, e o dér ao seu criado Siba: *Te laudabunt.* Se o Rey, como Salamaō, para edificar soberba, e deliciosamente o bom, ou mao retiro do Libano derrubar as casas dos pouco poderosos, e queimar as choupanas dos miseraveis: *Te laudabunt.* Se o Rey, como Roboaō, sobre o jugo pezadissimo, e intoleravel de seu pay acrecentar tributos sobre tributos, oppressoens sobre oppressoens, e rigores sobre rigores, nadando todo o Reyno em rios de lagrimas: *Te laudabunt.* E quem saō os panegyristas destes louvores? Naō saō os que padecem o diluvio fóra da Arca: naō saō os que moraō, e morrem fóra das paredes de palacio, senaō os que vivem, e reynaō das portas adentro. Estes saō os aduladores, que louvaō o que naō devéraō louvar, e applaudem o que naō devéraō applaudir, e ajudaō o que devéraō estorvar, attentos sómente a naō desgostar, ou entriste-

## Discurso IV. 21

tristecer o agrado , em que tem fundado seus interesses , sem attençāo ao credito , e á fama , nem tal vez á consciencia dos mesmos Reys , como verdadeiros inimigos : *In malitia sua latificaverunt Regem.* Osee 7. 3.

28 Eu bem creyo do bom entendimento de alguns , que no mesmo tempo , em que louvaõ , e aplaudem com a boca , gemem , e choraõ com o coraçāo . Nem elles deixão de o confessar assim , onde naõ he perigoso o sigillo . Mas como servem mais ao proprio interesse , que ao Rey , esta covarde dependencia lhes équivoca a dor com a alegria , e o coraçāo com a lingua . Cato verdadeiramente lamentavel , e tragicó , mas já representado no theatro de Roma ! Depois que o Imperador Nero se esqueceo de si , e da temperança , e compostura real , em que fora criado , fez taõ pouco caso da propria autoridade , e decencia , que entre os citharedos , e estrioenas sahia no theatro publico a competir com elles em todas as baixezas ridiculas daquellas artes proprias de gente vil , e infame . A este espeçaculo , ou ludibrio da mayor fortuna assistiaõ todas as Ordens , Senatoria , Consular ; e Equestre : assistiaõ os Centurioens , os Tribunos , e toda a flor das legioens Romanas : assistiaõ principalmente todos os familiares do palacio Imperial , e entre elles , diz com grande ponderação Tacito : *Et mærens Burrbus; ac laudans.* Era Afranio Burrho homem de grave , e maduro juizo , mestre , ou ayo , que tinha sido com Seneca do mesmo Nero . E quando todos os outros faziaõ grandes aplausos ás mudanças ; saltos , e gestos do Imperador citharedo , como se forao outros tantos triunfos ; só Afranio estava triste , mas tambem louvava com os demais : *Et mærens Burrbus, ac laudans.* Pois hos-

## 22 Vieira abbreviado

mem, ou animal, (que te naõ quero chamar com o nome proprio por naõ parecer, que o faço appellativo) se conheces a indecencia, a desautoridade, e affronta do teu Principe: se estás engolindo as lagrimas, e afogando os geímidos; porque ao menos naõ emmudeces, e callas, para que veja Nero na tua tristeza a tua dor, e leya no teu silencio o teu voto? Mas no mesmo tempo, em que estás chorando o que condenas, has de louvar o que choras: *Et mærens Burrbus, ac laudans?* Sim, que taes saõ os aduladores de palacio, ainda os de maiores obrigaçaoens, e de menos corrupto juizo.

257.

Aug,

29 Huns Auëtores comparaõ estes aduladores ao cameleão, que naõ tendo cor certa, nem propria, se reveste, e pinta de todas as cores, quaesquer que sejaõ as do objecto vizinho. Outros os comparaõ á sombra, que naõ tem outra acção, figura, ou movimento, que a do corpo interposto á luz, do qual nunca se aparta, e sempre, e para qualquer parte segue. Outros os comparaõ ao espelho, retrato natural, e reciproco de quem nelle se vê; porque se lhe pondes os olhos, olha para vós: se rideis, ri: se chorais, chora; lagrimas porém sem dor, e rizo sem alegria: que naõ fora o espelho adulador, se assim naõ fora. Mas como o cameleão, a sombra, e o espelho tudo saõ assistentes mudos, a comparação de Santo Agostinho he a mais propria, e semelhante de todas; porque os compara ao eco: *Fucundum est, ac volüpe cum clamantibus nobis responsant sylvæ, & acceptas voces numerosiori repercuſſu reddunt. Talis echo adulator.* O eco sempre repete o que diz a voz, nem sabe dizer outra cousa, e onde as concavidades saõ muitas, he scena verdadeiramente apa-

## Discurso IV.

23

te aprazivel ver como os ecos se vaõ respondendo successivamente huns aos outros , e todos sem discrepancia dizendo o mesmo. O que disse a primeira voz, he o que todos uniformemente repetem. E isto que fez a natureza nos bosques , faz a adulacaõ nos palacios, diz Agostinho. Diz o Rey , que quer fazer huma guerra , e ainda que a empreza seja pouco provavel, e o sucesso de perigosas consequencias , que respondem os ecos? Guerra , guerra , guerra. Diz, que quer fazer huma paz , e ainda que a occasiao seja intempestiva , e os pactos , e condicoens pouco decorosas , que respondem os ecos ? Paz , paz , paz. Diz, que quer enriquecer o erario , e para isto multiplicar tributos , e ainda que os fins , ou pretexto tenhaõ mais de vaidade , que de utilidade , que respondem os ecos? Tributos , tributos , tributos.

30 E para que eu tambem accrescente a minha comparaçao ; saõ parecidos os aduladores áquelleas quatro animaes do Apocalypse , os quaes cercavaõ o trono do cordeiro dominador da terra , e tendo cada hum delles quatro rostos , e quatro linguas , nenhuma cousa diziaõ , nem sabiaõ dizer , senaõ Amen: *Et quatuor animalia dicebant : Amen.* Pois para isto assistem ao trono? Para isto os tem junto a si o supremo dominante? Para isto tanta diversidade de rostos , e tanto apparato de linguas? Sim. Para isto, e só para isto : para quando sahir do trono a voz , elles dizerem os Amens. E para que os Amens digaõ com o rosto , e o rosto naõ desdiga do que elles dizem ; por isto sendo a voz huma só , os rostos saõ muitos , e tão varios , quantos podem ser os affectos da Magestade adulada. Se o Rey está benigno , e humano , para isto tem rosto de homem: *Facies hominis.* Ezech. 10.  
Apoc. 5.  
14.

*nis.* Se está colerico , para isso tem rosto de leão : *Facies leonis.* Se está sobrelevado , e altivo , para isso tem rosto de aguia : *Facies aquilæ.* Se está melancólico , e carregado , para isso tem rosto de bezerro : *Facies bovis.* Em fim muitos rostos , e huma só voz ; porque sempre a lingua , e os gestos estão aparelhados ou na vontade declarada para aprovar , ou na inclinaçao só presumida para a prevenir .

31 A intenção recta dos Príncipes não he esta , se não que cada hum diga livremente o que entende , e aconselhe o que mais importa ; mas como o norte sempre fixo do adulador he o interesse , e conveniencia propria , nenhum ha , que se fie deste seguro real , e todos temem arriscar a graça , onde tem posta a esperança . Dizia Seneca , ( e dizia o que obrava ) que antes queria offendere com a verdade , que agradar com a lisonja : *Maluerim viris offendere , quam placere adulando.* Mas quem era Seneca ? Era aquele grande Estoico , em cuja estimação a mayor riqueza era o desprezo de todas . Era tão opulento o seu patrimonio , que só elle podéra fundar , e enriquecer muitas casas , e tão grandes , como as que hoje são titulares , e tudo renunciou Seneca , e applicou ao fisco Real . E quem com a sua fazenda quer accrescentar os thesouros do Rey , escolhe antes offendere com a verdade , que agradar com a adulação . Porém aquelles , que com os thesouros do Rey querem accrescentar a sua casa , e enriquecer a sua pobreza , ou a sua vaidade , que se pôde crer , ou esperar , que façao ? Que digão cincuenta lisonjas para grangear huma commenda , e que se não atrevaõ a dizer meya verdade por se não arriscar a perdella . Oh Reys , oh Monarchas do mundo , que por esta causa , e só por esta

## Discurso IV. 25

esta he digna de compaixaõ a vossa suprema fortuna!

32 O Psalmo *Miserere mei Deus* naõ só o fez David para lamentar a sua miseria, como peccador, senão tambem, como Rey. Esse foy o seu pensamento, e o seu sentimento quando disse : *Tibi soli* psalm. 50. *peccavi.* Eu, Senhor, só para vós pequei. E porque só para vós, e naõ para os outros? Porque só vós me estranhastes o meu peccado, porque fuy peccador, e nenhum dos outros me estranhou, porque era Rey. Em proprios termos Hysichio : *Quoniam reliquis omnibus, ei tamquam Regi indulgentibus, solus Deus misit Nathan, & nefarium scelus reprehendit.* O peccado de David só para Deos foy peccado ; porque para todos os outros, como era Rey, foy indulgencia. Eis aqui de que serve aos Reys o ser Reys, e quaõ litonjeiramente o servem os que o servem. Se alguma vez na antecamera de David ( onde elle o naõ ouvisse ) se tocou no seu peccado, o que os Palacianos discorriaõ, era desta maneira: Que o amor de Bethsabee fora hum galanteyo de Principe soldado : que o casarse com ella fora huma honra da restituicão da sua fama : que o matar a Urias fora hum conselho necessario, prudente, e generoso : generoso, porque o fez morrer nobremente na guerra : prudente, porque pareceo acaso o que foy industria : e necessario ; porque o modo mais seguro de sepultar o agravo he meter debaixo da terra o aggravado. Taõ levemente se fallava em palacio em hum caso mais, que escandaloso, atroz, chamando ao adulterio galanteyo, ao homicidio necessidade, e á aleivosia prudencia.

33 No capitulo 8. do segundo liyro dos Reys se nomeaõ

nomeaõ as pessoas, de que constava a casa, e familia superior de David, e he causa, que excede todo o encarecimento da lisonja, que em tantos homens de tão grandes qualidades, e supposiçoes se naõ achasse nem hum só, que ou por zelo da honra, ou por escrupulo da consciencia, ou por obrigaçao do officio, ou por memoria dos beneficios, e merces recebidas se atrevesse a acudir a hum Rey na sua desgraça, e lhe abrir os olhos com a verdade em tão perigosa cegueira; por isso elle considerando o seu desamparo, e conhecendo o risco da propria salvaçao, orava, e clamava a Deos, dizendo: *Salvum me fac, Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutae sunt veritates à filiis hominum:* Salvaime vós, Senhor, acudime, e soccorreime, como Deos; porque entre os homens já naõ acho nem hum só, que tenha virtude, e valor para me dizer a verdade.

Psalm. 11.  
2.

Psalm. 11.  
2.

34 Dous porques aponta David nestas palavras, muito dignos de reparo; porque faltaraõ os santos: *Quoniam defecit sanctus;* e porque faltaraõ homens, que com inteireza lhe dissessem a verdade: *Quoniam diminutae sunt veritates à filiis hominum.* *Filiis hominum* ém frase da Escritura significa os homens de illustre geraçao, quaes saõ os que assistem ao lado dos Reys, e de lhe faltarem estes se lamenta David. Pois porque faltaraõ os santos, por isso naõ ha quem falle verdade aos Reys? Sim. De hum porque se seguiõ outro porque. Porque faltaraõ os santos, que saõ os que naõ querem nada deste mundo: essa he a razao porque David, e os outros Reys naõ tem quem lhes diga a verdade, estando cercados de tantos, que os lisonjeaõ, e adulao. Até entre os gentios era verdadeira esta consequencia. Entre os gentios

## Discurso IV.

27

tios tambem por seu modo havia santos, os quaes eraõ os Filosofos, principalmente Estoicos, ou Cínicos. Diogenes Filosofo Cínico queria taõ pouco das cousas deste mundo, que nem huma choupana tinha, em que viver, e morava dentro em huma cuba. Foy-o ver por maravilha Alexandre Magno, e dizendolhe com sua natural magnificencia, que pedisse quanto quizesse; que responderia Diogenes? Peçote, que me naõ tires o que me naõ podes dar. E disse isto, porque era inverno, e Alexandre com a sombra do corpo lhe tirava o Sol. Parecevos, que adularia aos Reys hum homem, que taõ pouco queria delles? Bem o mostrou em huma famosa resposta sua, que refere Valerio Maximo. No tempo, em que reynava Dionysio em Sicilia, estava Diogenes á porta, ou boca da sua cuba lavando humas hervas para comer, e disselhe hum dos que passavaõ: Se tu aduláras a Dionysio, naõ comérás hervas. E elle respondeo: E se tu te contentáras com comer hervas, naõ aduláras a Dionysio: *Si tu Dionysio adulari velles, ista non ederes: cui respondit: Si tu ista edere velles, Dionysio adulari nolles.* Porque os Reys se naõ servem de homens, que se contentem com comer hervas, por isso estaõ taõ comidos de aduladores, e cercados de inimigos: *Quoniam defecit sanctus.* Para ser santo deste genero naõ he necessario, que faça milagres o que serve ao Rey; basta ser homem, que se contente com o seu pouco, e naõ aspire a ter mais do que tem, nem a ser mais do que he.

35 Mas se ha algum destes (que sim ha) o primeiro cuidado dos quatro animaes, que estaõ *in circuitu throni*, e nelle tem cercados, ou sitiados os Reys, o primeiro, e mayor cuidado dos aduladores  
he,

he , que Dionysio naõ ouça a Diogenes , antes se afaste contra elle toda a artelharia , para que naõ succeda romper as linhas da circumvallaçao , e por força , ou por vontade se retire muito longe da Corte . He texto , é caso expresso da Escritura sagrada naõ já em homem Filosofo , senão Profeta . El Rey Jeroboão depois da divisaõ das Coroas de Israel , e Juda tinha o seu palacio em Bethel , e junto delle a mesquita , que edificara aos dous bezerros de ouro para divertir o povo de irem sacrificar ao templo de Jerusalém . Vivia na mesma Cidade de Bethel o Profeta Amós , o qual dizia a Jeroboão algumas verdades das que Deos lhe revelava acerca daquelle Reyno , e seu perigo . E como os aduladores de Jeroboão se temessesem da efficacia , e energia de Amós , ao qual calumniavaõ com o Rey , que totalmente lhe naõ tinha perdido o amor , e reverencia , hum delles chamado Amasias se foy ter com o Profeta , e lhe disse em termos de amizade estas palavras : *Qui vides, grā-  
dere, fuge in terram Iuda, & comedē ibi pānem,  
& prophetabis ibi. Et in Bethel non adjicies ultra,*

*ut propheteſ, quia ſanctificatio Regis eſt, & domus Regni eſt.* Quer dizer : Tu Amos , que vês os futuros , poemte logo a caminho , e foge daqui , e vaite para a tua patria , lá comerás o teu paõ , e profetizarás ; porém aqui naõ te aconteça fallar mais palavra , porque Bethel he a casa , e palacio do Reyno , e a santificaçao do Rey . Reparay muito nesta ultima clausula ; que em moral , e politico sentido fecha admiravelmente todo o nosso discurso : *Quia ſanctificatio Regis eſt, & domus Regni eſt.* De maneira , que exhortando Amasias ao Profeta Amós , ou cōminandolhe , que se saya da Corte , e fuja della , o moti-

## Discurso IV. 29

o motivo , que lhe allega para isso , he , que a casa , e palacio Real he a santificaçao do Rey. E porque ? Naõ podéra melhor definir hum adulador o que he palacio. He o palacio na definiçao dos aduladores a satisfaçao do Rey ; porque alli saõ santificados os Reys , e todas suas acçoens , e quanto o Rey faz , ordena , deseja , ou imagina , tudo he santo. Se Jero-boaõ se divide de Roboaõ seu legitimo senhor , ainda que seja rebeliaõ , santo. Se prohíbe ao povo , que appareça no templo de Jerusalem tres vezes no anno , ainda que seja contra a ley expressa de Deos , santo. Se levanta altares aos bezerros de ouro , e os manda adorar , ainda que seja manifesta , e publica idolatria , santo. E porque tu Amós (diz Amasias) aconselhas outra cousa ao Rey contra o que todos os seus criados lhe approvamos , e naõ queres ajuntar a tua voz com as nossas , dizendo tambem com-nosco : Santo , santo , santo , naõ só naõ has de entrar mais em palacio , mas sahir logo da Corte , e de todo o Reyno : *Gradere , & fuge in terram Juda : & in Bethel non adjicies ultra , ut prophetes.*

36 Tal he a sagacidade dos aduladores , e sua potencia. E taõ tyrannizadas andaõ entre elles as mef-<sup>1263:</sup> mas Magestades aduladas , que naõ só lhes naõ dizem a verdade , nem querem , que outros lha digaõ ; mas affastaõ , e lançao muito longe da Corte a todos os que lha podem dizer. Naõ he isto manifesta tyran-nia ? Biantes , hum dos sete sabios da Grecia , per-guntado qual era o animal mais venenoso , respon-deo , que dos bravos o tyranno , e dos mansos o adulador. Em chamar veneno á adulaçao acertou-lhe o nome ; mas em distinguir o tyranno do adulador naõ disse bem ; porque todo o adulador he tyranno.

37 O ma-

## 30 Vieira abreviada

37 O mayor tyranno, que houve no mundo; foy Herodes; mas os seus aduladores ainda forao maiores tyrannos; porque o Rey foy tyranno dos vassallos, e os aduladores forao tyrannos do Rey. O texto de Micheas, que lhe explicaraõ acerca do nascimento do novo Rey, falla expressamente de dous nascimentos do Messias, hum temporal, como homem, e outro eterno, como Deos: o temporal como ho-

*Matth. 2. 6. mem : Ex te enim exiet dux, qui regat populum meum :* o eterno, como Deos: *Et egressus ejus ab initio à diebus aeternitatis :* e os aduladores, que fizeraõ? Callaraõ totalmente o segundo nascimento, e só fizeraõ mençaõ do primeiro, com que enganado Herodes, e supondo, que o nascido em Bethlem era sómente homem, e naõ Deos, entendeo, que o podia matar, e assim se deliberou á morte dos Innocentes. Mas qual foy o motivo deste engano? O que os aduladores tem em todos os seus, que he o proprio interesse. Divinamente S. Joaõ Chrysostomo:

*In adulacionem profecto Regis, ut ad humanæ gratiæ lucrum, veritatis damna proficerent.* Sendo a materia tão grave, e a mais grave, que podia haver, pois envovia a coroa, e a salvaçao, naõ duvidaraõ com tudo os aduladores de mentir, e lisonjear ao Rey, para que os danos da verdade fossem lucros do interesse: *Ut ad humanæ gratiæ lucrum damna veritatis proficerent.* Taõ certa he a proposiçao do nosso assumpto, e taõ verdadeira, e solida a razão fundamental delle, que todos os que em palacio saõ amigos do seu interesse, saõ inimigos dos Reys: *Inimicos vestros.*

38 Supposto pois, que os aduladores saõ inimigos dos Reys, e os Reys, como todos os outros: Chris-

## Discurso IV.

31

Christãos, tem tambem obrigaçao de amar á seus inimigos, e fazerlhes bem, seguiase agora exhortar os Principes a este amor, e beneficencia: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos;* mas este meu sermao hoje sera a primeira oraçao Euangelica, que contra todas as leys da Rethorica acabará sem peroraçao. Se a christandade de todos os Principes Catholicos na observancia deste preceito de Christo he taõ commua geralmente, e taõ notoria, que fendo os aduladores de palacio os seus maiores inimigos, esses saõ os maiores validos, os mais favorecidos, e os mais amados confórme o *Diligite*, e estes os mais cheyos de honras, merces, e beneficios confórme o *Benefacite*: nenhum lugar nos fica para a peroraçao do discurso, pois os mesmos exemplos deste amor, e beneficencia Real excedem todos os limites da efficacia, a que se podia extender a exhortaçao. Assim viramos estimados, premiados, e satisfeitos os que naõ servem á sombra de telhados de ouro, nem ao calor de brazeiros de prata, senão ao sol, e ao frio, lidando com as ondas, e com as balas.

39 Huma só invectiva me occorria para poder acabar o sermao; mas essa contra ElRey David, ef<sup>265.</sup> trânhadolhe, e reprehendendo muito o modo taõ alheyo desta caridade, com que elle tratava aos aduladores seus inimigos. No Psalmo 69. diz David estas palavras, ou as torna a repetir; porque já tinha dito as mesmas no Psalmo 39. *Avertantur retrorsum, & erubescant, qui volunt mihi mala.* Aver-<sup>Psalm. 69.</sup> tantur statim erubescentes, qui dicunt mihi: *Euge,* <sup>Psalm. 39.</sup> *Euge.* Primeiro que tudo se deve advertir em confirmaçao do que fica dito, que aquelles: *Qui dicunt mihi:*

## 32 Vieira abreviado

*mibi: Euge, euge, saõ os mesmos: Qui volunt mibi mala;* porque adular he querer mal, e ser adulador he ser inimigo, e quantos saõ os euges, que vos dizem, tantos saõ os males, que vos querem; e a estes aduladores, que David reconhecia por seus inimigos, que he o que lhes fazia, ou resolvia fazer, como Rey? Quattro coufas. Primeira, que experimentassem a grande aversão, que lhes tinha: *Avertantur, avertantur.* Segunda, que logo logo sahissem de sua casa, e naõ apparecessem mais em sua presença: *Avertantur statim.* Terceira, que naõ fossem adiantados em nada, senão abatidos, e atrazados: *Avertantur retrorsum.* Quarta, e ultima, que pois se naõ envergonháraõ de ser aduladores, padecessem a vergonha de ser conhecidos publicamente, e tratados, cemo taes: *Avertantur, & erubescant: avertantur statim erubescentes.* Isto he, David, o que vós fazeis aos aduladores voſſos inimigos, como Rey; mas naõ he isto, o que lhes deveis fazer como Profeta, que taõ clara luz tivestes do Euangelho de Christo. Pois se Christo vos manda, que ameis a voſſos inimigos: *Diligite inimicos vestros;* como vós os aborreceis tanto, que os naõ podeis ver, e lançais dei voſſa casa, e de voſſa presença? E se Christo vos manda, que lhe façais bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos,* como vós lhes fazeis tanto mal, que os affrontais, e envergonhais naõ secretamente, mas com infamia publica, que para homens, que tiveraõ taõ honrados postos, he o mayor vituperio?

40 Responde David, que a invectiva, que eu fazia contra elle, revoltá elle contra mim. E tu, Prégador, es Filosofo, e Theologo, e ainda naõ sabes a desfi-

# Discurso IV.

33

a definiçāo do amor? *Amare est velle bonum alicui.*  
Amar he querer bem áquelle, a quem se ama. E que  
mayor bem posso eu querer a hum adulador, que fa-  
zer, que naõ continue em taõ vil exercicio? E que  
mayor beneficio pôde esperar de mim hum inimigo  
da verdade, que tirallo da occasião de fazer tray-  
çoens á mesma verdade, e de a vender infamemente  
pelo interesse? Se elles adulandome saõ meus inimi-  
gos, maiores inimigos saõ de si mesmos, e eu quero,  
que cessem deste odio, que se tem, tanto mayor,  
quanto menos conhecido. E se adulandome pôde fa-  
zer mal ao meu governo, e á minha coroa, muito  
mayor he o mal, que se fazem ás suas consciencias, e  
ás suas almas, e eu quero, que desistaõ deste grande  
mal contra seu gosto, pois o naõ haõ de fazer por  
vontade. Se Assuero depois que conheceo a cubica,  
e falso amor de Aman, o lançara da sua graça, e de  
sua casa, naõ chegara elle a ter taõ mosino, que viel-  
se a morrer em hum pao: e o que áquelle Rey naõ  
soube fazer a tempo aos seus aduladores, faço eu lo-  
go aos meus sem os dissimular; porque os amo, e lhes  
desejo o verdadeiro bem, e quero observar nelles o  
preceito de Christo: *Diligite inimicos vestros, &*  
*benefacite his, qui oderunt vos.* Deste modo reba-  
teo David a minha invectiva, e ajuntando eu ao  
exemplo, que me allegou de Aman, o de Seyano em  
Roma, o de Olivato em França, o de Volgeo em In-  
glaterra, o de Alvaro de Luna em Hespanha, e os  
da antiga, e freîca memoria no nosso Portugal, co-  
nhei a verdade sobre humana da razaõ de David, e  
fiquei convencido della.

41 Mas porque eu todo este sermaõ só professei,<sup>267.</sup>  
e protestei referir, e naõ ajuizar, posto finalmente  
Tom. I. C agora

agora entre douis extremos taõ contrarios, como o del Rey David, e o dos outros Reys, acabarei com o exemplo do primeiro fundador da noffa Corte, o qual entre hum, e outro extremo tomou hum tal meyo de composiçao, que parece satisfez a ambos; E que meyo foy este? Ouvir os aduladores, mas naõ se mover por elles. S. Pedro Damiaõ, e outros Santos comparaõ os aduladores ás sereas, as quaes com a suavidade das suas vozes de tal modo encantaõ os navegantes, que voluntariamente se lançavaõ, e precipitavaõ ás ondas, e se afogavaõ no mar, em que ellas viviaõ. Houve de passar por este mesmo mar (que era junto a Silla, e Caribdes) o fundador de Lisboa Ulysses, e usando da sua ciencia, e sagacidade, que fez? Navegava em huima formosa galé da Grécia, e para que a chusma naõ faltasse á yoga dos remos, nem a outra gente nautica á mareaçao das vellas, e todos escapassem do encanto das sereas, tapoulhes a todos os ouvidos de tal forte, que as naõ ouvissem. Elle porém, para que podesse ouvir as vozes, deixou os ouvidos abertos, e para naõ padecer os effeitos do encanto, nem se precipitar ao mar, como acontecia a todos, mandouse atar ao mastro taõ fortemente, que ainda que quizesse, naõ se podesse bullir, nem mover. Esta he a historia, ou fabula engenhosamente fingida por Homero para ensinar, que os Varoens fabios, e constantes, como Ulysses, ainda que ouçaõ os aduladores, e o contraponto doce das suas lisonjas, nem por isso se haõ de deixar vencer de seus enganos, e artifícios, mas persistir, e continuar a derrota certa sem mudar, deter, nem torcer a carreira do bom governo. Assim o poderá fazer tambem quem tanto confiar, ou presumir

## Discurso IV.

35

dá sua constância, e naõ conhecer, que isto mesmo, ainda sómente dito, he fabula. Mas se eu tivera autoridade para emendar a Homero, e confiança para aconselhar a Ulysses, naõ o havia de querer com os ouvidos abertos, e as maõs atadas, senaõ com os ouvidos tapados, e as maõs soltas; porque com os ouvidos tapados naõ daria entrada a adulçaõ, e com as maõs soltas feriaõ todas as áccoens suas, e como tuas, verdadeiramente reaes. Deste modo se conquista no mundo a fama immortal, e se assegura tambem no Ceo a gloria eterna.

## DISCURSO V.

*Tirado de hum sermaõ da primeira Dominga da Quaresma.*

A L M A.

42) **S**E o demonio he taõ astuto, que até dos nossos remedios faz tentaõens; porque naõ se  
reinos nós taõ prudentes, que até das suas tentaõens  
façamos remedios? Esta he a concluſão, que tiro ho-  
je de toda a historia do Euangello. Para reduzir to-  
do este ponto taõ grande, e taõ importante a huma-  
só maxima universal, tomey por fundamento a ter-  
ceira tentaõ, que propuz, que he a mayor, que o  
demonio fez hoje a Christo, e a mayor, que nunca  
se fez, nem ha de fazer, nem pôde fazer no mundo.  
Vencido primeira, e segunda vez o demonio, naõ  
desesperou da victoria, porque lhe faltava ainda por  
correr a terceira lança, em que mais confiava. Le-  
rou a Christo ao cume de hum monte altissimo,

Part. 2. n.  
fol. 53.

C 2

mos-

## 36 Vieira abbreviado

mostroulhe dalli todos os Reynos , e Monarchias do mundo , com todas suas glorias , e grandezas , com todas suas riquezas , e delicias , com todas suas pompas , e magestades , apontando em roda para todo o mappa universal , taõ grande , taõ formoso , taõ variò , disse assim : *Hæc omnia tibi dabo , si cadens adoraveris me :* Tudo isto , que vês , te darey , se com o joelho em terra me adorares. Esta foy a ultima tentaçao do diabo , e esta foy a terceira victoria de Christo.

43. O mais prompto , e mais facil remedio contra qualquer tentaçao do demonio he a mesma tentaçao. Na boca da vibora poz a natureza a peçonha , e juntamente a teriaga. A mesma cousa offerecida pelo demonio he tentaçao , bem considerada por nós he remedio. Isto hei de pregar hoje.

44. Na primeira , e na segunda tentaçao tentou o demonio a Christo , como a Filho de Deos : na terceira como a puro homem ; por isso na terceira tentaçao não disse : *Si Filius Dei es* , como tinha dito na primeira , e na segunda. Tentou a Christo , como se tentara a qualquer homem. Esta he a razao , e a diferença ; porque só esta ultima tentaçao nos pertence propriamente a nós. Mas como poderá hum homem , como poderá hum filho de Adão resistir a huma tentaçao taõ poderosa , e taõ immensa , como esta , que o demonio fez a Christo ? A Adão fezlhe tiro o demonio com huma maçã , e derrubou-o : a Christo fezlhe tiro com o mundo todo : *Ostendit ei omnia regna mundi* ; mas sendo esta bala tirada a Christo , como a homem , e dando em hum peito de carne , foy taõ fortemente rebatida , que voltou com maior força contra o mesmo tentador : *Vade retro .*  
Hum

# Discurso V.

37

Hum dos catos mais notaveis, que succederaõ em Dondin. in  
nossos dias no famoso cerco de Ostende, foy este : histor.  
Flandr.  
Estava carregada huma peça no exercito catholico,  
entra pela boca da inesma peça huma bala do inimi-  
go, concebe fogo a polvora, sahe outra vez a bala  
com dobrada furia, e como veyo, e voltou pelos  
mesmos pontos, foyse empregar no mesmo, que a  
tinha tirado. Oh que bizarro, e venturoso *Vade re-  
tro!* Assim havemos de fazer aos tiros do demonio.  
Volte outra vez a bala contra o inimigo, e vençamos  
ao tentador com a sua propria tentaçao. Naõ cor-  
tou David a cabeça ao Gigante com a sua propria es-  
pada? Judith, sendo mulher, naõ degollou a Holofernes  
com a sua? Pois assim o havemos nós de fa-  
zer, nem necessitamos de outras armas mais, que as  
mesmas, com que o demonio nos tenta.

45<sup>o</sup> Mostrou o demonio a Christo todos os Rey-  
nos do mundo, e suas glorias: disselhe, que tudo <sup>60.</sup> semel-  
aquillo lhe daria de huma vez, se lhe dobrasse o joe-  
lho. Parece que faz estremecer a grandeza desta ten-  
taçao! Mas o demonio he o que havia de tremer  
della. Desarmouse a si, e armounos a nós. Tu, de-  
monio, offereces-me de hum lanço todo o mundo,  
para que caya, para que peque, para que te dê a mi-  
nha alma: logo a minha alma por confissao tua va-  
le mais que todo o mundo. A minha alma vale mais  
que todo o mundo? Pois naõ te quero dar o que vale  
mais pelo que vale menos: *Vade retro!* Póde-nos o  
demonio dar, ou prometter alguma cousa, que naõ  
seja menos, que o mundo? Claro está, que naõ. Pois  
aqui se desarmou para sempre: nessa tentaçao per-  
deu todas, se nós naõ temos perdido o juizo. Ouvi  
a Salviano: *Quis ergo furor est viles à nobis animas* salvian.  
*nostras*

## 38 Vieira abbreviado

*nostras haberí, quas etiam diabolus putat esse pretiosas?* Homens loucos, homens furiosos, homens sem entendimento, nem juizo, he possivel, que sendo as nossas almas na estimaçao do mesmo demonio tão preciosas, no vosso conceito, e no vosso desprezo haõ de ser tão vís? O demonio quando me quer roubar, quando me quer perder, quando me quer enganar, naõ pôde deixar de confessar, que a minha alma vale mais que todo o mundo, e eu, sendo essa alma minha, naõ ha de haver no mundo cousa tão baixa, tão vã, e tão vil, pela qual a naõ dê sem nenhum reparo: *Quis furor est?* Que loucura, que demencia, que furor he este nosso? Muito mais obrigada está a nossa alma ao demonio, muito mais lhe deve, que a nós. Elle a honra, nós a affrontamos. Envergonhouse o demonio no primeiro lanço de oferecer menos por huma alma, que o mundo todo.

Senec.

61.

46 Cayo Cesar, como refere Seneca, mandou de presente a Demetrio duzentos talentos de prata, que fazem hoje da nossa moeda mais de duzentos mil cruzados. Naõ creyo, que haveria na nossa Corte quem naõ beijasse a maõ Real, e aceitasse com ambas as maõs a merce. Era porém Demetrio Filosofo Estoico, como se dissessemos Christão daquelle tempo. E que respondeo? *Si tentare me constituerat, toto illi fui experiundus imperio.* Anday, levay os seus talentos ao Imperador, e dizeilhe, que se me queria tentar, que havia de ser com todo o seu Imperio. He, e chamase senhor de todo o mundo? Com todo o mundo me havia de tentar. Naõ o fez assim o Cesar; porque naõ conhecia a Demetrio; mas fellow assim o demonio: *Princeps hujus mundi;* porque sabe o que vale huma alma. Se vos tentar o demonio com

# Discurso V.

39

com menos, que todo o mundo, daives por affrontado, e se vós tentar com todo o mundo, fique vencido: *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ verò sua detrimentum patiatur?* Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, adquirir todo o mundo, senhorear, e dominar todo o mundo, se ha de perder sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua?* Ou que cousa pôde haver de tanto pezo, e de tanto preço, pela qual se haja de vender a alma, ou se haja de trocar? Este he o caso, e a supposiçāo, em que estamos, nem mais, nem menos. Offerece-nos o demonio o mundo, e pede-nos a alma. Considere, e peze cada hum, se lhe está bem este contrato, se lhe está bem esta venda, se lhe está bem esta troca. Mas nós trocamos, e vendemos; porque naõ pezamos.

Matth. 16.  
16.

47 Chegou Esaú do campo cansado, e com fome de todo o dia, e chegou a desastrada hora; porque estava no mesmo tempo seu irmão Jacob cozinhando, diz o texto, humas lentilhas. Estes eraõ os grandes homens, e estes os grandes regalos daquelle tempo. Pedio Esaú a seu irmão hum pouco daquelle vianda; mas elle aproveitandose da occasião, e da necessidade, respondeo, que dar naõ, mas vender sim: que se Esaú lhe vendesse o seu morgado, começaria desde logo a lhe dar aquelles alimentos. Deos nos livre de se ajuntar no mesmo tempo a fome, e à tentação. O sucesso foy, que Esaú aceitou o contrato, e deo o morgado. Pois, valhame Deos, o morgado de Isaac, a herança de Abraão, a benção dos Patriarcas, que foy a mayor cousa, que desde Adão houve no mundo, por huma escudélla de lentilhas? Este homem era cego? Era louco? Era vil? Nada disto

C 4

## 4º Vieira abbreviado

disto era ; mas era hum homem , diz a Escritura , que  
vendeo , e naõ pezou o que vendia : *Abit parvi pen-*  
*dens , quod primogenita vendidisset* ; e homem , que  
Genes. 25.  
vers. 34. vende sem pezar o que vende , naõ he muito , que  
por huma escudella de grossarias dëste o mayor morgado do mundo . Se Esaú antes de vender tomára a  
balança na maõ , e pozera de huma parte o inorgado ,  
e da outra a escudella , parecevos , que venderia ?  
Pois eisahi porque ha tantas almas venaes . Esta his-  
tória de Esaú , e Jacob aconteceo huma só vez anti-  
gamente ; mas cada dia se representa no mundo . O  
papel de Jacob falo o demonio , o de Esaú fazemolo  
nós . O demonio offerece-nos hum gosto , ou hum in-  
teresse vil , e pede-nos o morgado , que nos ganhou  
Christo , e nós porque contratamos sem a balança na  
maõ , e naõ pezamos a vileza do que recebemos  
com a grandeza do que damos , consentimos no con-  
trato , e ficamos sem bençaõ .

48 Quando Esaú vendeo o morgado , naõ o ten-  
tio , nem fez caão disso ; mas depois quando viu , que  
Jacob levava a bençaõ , e elle ficava sem ella , diz o  
Genes. 27.  
34. texto , que *irrugiit clamore magno , & consterna-*  
*tus est* , que tudo era encher o Ceo de clamores , e  
gemidos , e despedaçar-se a si mesmo , e desfazerse  
com dor . Ah mal aconselhados Esaús ! Agora ve-  
demos a alma , e o morgado do Ceo pela vileza de  
hum gosto , pelo engano de hum appetite , pela gros-  
saria de hum manjar de brutos , e disto naõ fazemos  
caso ; mas quando vier aquelle dia , em que Christo  
dê a bençaõ aos que estiverém á sua maõ direita , e  
nós virmos , que ficamos sem ella por humas cousas  
taõ vis : oh que dor ! Oh que desesperaçao ! Oh que  
circunstancia de inferno será esta taõ grande para nós !

49 Pois que havemos de fazer para naõ commeter hum erro taõ grande? Fazer remedio da mesma tentaçao. Tomar na maõ a balança , que faltou a Esaú , e pezar o que o demonio nos promette , e o que nos pede. O que nos promette naõ he todo o mundo : o que nos pede , e o que lhe havemos de dar , he a alma. Ponhamos de huma parte da balança o mundo todo , e da outra parte huma alma , e vejamos qual peza mais. Oh se Deos me ajudasse a vos mostrar com evidencia a diferença destes dous pezoz! Vainos ponderando huma por huma as mesmas palavras da tentaçao : *Ostendit ei omnia regna mundi , & gloriam eorum :* Desde aquelle monte alto , onde o demonio subio a Christo , lhe mostrou todos os Reynos do mundo , e sua gloria.

50 Isto que taõ facilmente se diz , naõ he taõ facil de entender. De hum monte , por alto que seja , naõ se podem descubrir todos os Reynos do mundo. O Sol está levantado na quarta esfera , e com tudo descobre hum só hemisferio , e nem vê , nem pôde vêr os antipodas. Pois como foy possivel , que o demonio desde aquelle monte mostrasse todo o mundo a Christo ? A sentença mais certa , e mais seguida he , que o mundo , que o demonio mostrou a Christo , naõ foy este mundo verdadeiro , senão hum mundo fantastico , e apparente , huma apparencia , e representaçao do mundo. Assim como os Anjos , quando aparecem aos homens , se vestem de corpos fantas-ticos , que parecem corpos formosissimos , e naõ saõ corpos , assim o demonio , que no poder natural he igual aos Anjos , em todo o ar , que se estendia daquelle monte até os horisontes , com cores , com sombras , com apparencias pintou , e levantou em hum momen-

## 42 Vieira abreviado

momento montes, valles, campos, serras, cidades, castellos, reynos, em fim hum mundo. De maneira que todo aquelle mundo, todo aquelle mappa de reynos, e de grandezas bem apertado vinha a ser hum pouco de vento, e com ser assim esta representaçao, (notay agora) com ser o que o demonio mostrava huma só representaçao fantastica, huma apparenzia; com tudo diz o Euangelista, que o demonio mostrou a Christo todos os Reynos do mundo, e suas glorias; porque todas as glorias, e todas as grandezas do mundo bem consideradas saõ o que estas eraõ, ar, vento, sombras, cores apparentes. Antes digo, que mais verdadeiro, e mais proprio mundo era este mundo apparente, que o mundo verdadeiro; porque o mundo apparente eraõ apparencias verdadeiras, e o mundo verdadeiro saõ apparencias falsas. E se naõ dizeime: De todos aquelles Reynos, de todas aquellas magestades, e grandezas, que havia no tempo de Christo, quando succedeo esta tentaçao, ha hoje alguma cousa no mundo? Nenhuma. Pois que he feito de tantos Reynos, que he feito de tantas Monarchias, que he feito de tantas grandezas? Eraõ vento, passaraõ: eraõ sombra, sumiraõ se:eraõ apparencias, desapparecerão. Ainda agora saõ o que dantes eraõ: eraõ nada, saõ nada! Até dos marmores daquelle tempo naõ ha mais que pó, e cinza, e os homens, como notou Philo Hebreo, vendo isto com os nossos olhos, somos taõ cegos, que fazemos mais caso deste pó, e desta cinza, que da propria alma: *Qui cinerem, & pulverem pluris facitis, quam animam.*

51 Isto saõ hoje os Reynos daquelle tempo, e os Reynos de hoje que saõ? Saõ por ventura outra coufa?

# Discurso V.

43

sa? Diga-o o Rey do Reyno mais florente, e o mais  
sabio de todos os Reys: *Verba Ecclesiastæ filii Da-*  
*vid Regis Jerusalæm: Vanitas vanitatum,* &  
*omnia vanitas.* Eu fuy Rey, e filho de Rey, (diz Sa-  
lamanç) experimentei tudo o que era, e tudo o que  
podia dar de si o poder, e a grandeza, o senhorio do  
mundo, eachei, que tudo o que parece, que ha nelle,  
he vaõ, e nada solido: e que bem pezado, e aper-  
tado naõ vem a fer mais, que huma vaidade com-  
posta de muitas vaidades: *Vanitas vanitatum,* &  
*omnia vanitas.* Vaidade os cetros, vaidade as co-  
roas, vaidade os Reynos, e Monarchias, e o mesmo  
mundo vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum.*  
Esta he a verdade, que naõ sabemos ver, por estar  
escondida, e andar enfeitada debaixo das apparen-  
cias, que vemos. Este he o conhecimento, e desen-  
gano, com que devemos rebater, e desprezar o tu-  
do, ou nada, com que nos tenta o mundo. Oh como  
ficariaõ desvanecidas as maiores tentaõens, se sou-  
bessemos responder ao *Omnia* do demonio com o  
*Omnia* de Salamanç: *Omnia regna mundi? Omnia*  
*vanitas. Omnia tibi dabo? Omnia vanitas.*

52 Mas se todo este mundo, e tudo, o que nelle  
mais avulta, he vaõ, antes a mesma vaidade; como  
he possivel, que tenha tanto valor, e tanto pezo com  
os homens, que peze para com elles mais, que o Ceo,  
mais que a alma, e mais que o mesmo Deos? Taõ fal-  
tas saõ as balanças do juizo humano! Naõ saõ ellas  
as faltas, somos nós: *Mendaces filii hominum in sta-*  
*teris, ut decipient de vanitate in id ipsum.* Saõ taes Psalms. 61.  
vers. 19.  
os homens, (diz David) que com a balança na maõ  
trocaõ o pezo ás cousas. Naõ diz, que as balanças  
saõ falsas, senaõ que os homens saõ falsos, nellas:  
*Men-*

*Mendaces filii hominum in stateris.* E a razaõ desta falsidade , ou desta falsificaçao he , porque os mesmos homens se querem enganar a si mesmos com a vaidade : *Ut decipient de vanitate in id ipsum.* Naõ he o nosso juizo o que nos engana , he o nosso affecto , o qual pendendo , e inclinando para a parte da vaidade , leva a poz si o fiel do juizo.

53 Neftas balanças ( que saõ como as de S. Miguel , em que se pezaõ as almas ) de huma parte está a alma , da outra o mundo : de huma parte está o temporal , da outra o eterno : de huma parte está a verdade , da outra a vaidade. E porque nós pomos o nosso affecto , e o nosso coraçao da parte do mundo ; e da vaidade , esse affecto , e esse coraçao he o que dá á vaidade do mundo o pezo , que ella naõ tem , nem pôde ter. A vaidade naõ amada naõ tem pezo , porque he vaidade ; mas essa mesma vaidade amada pesa mais que tudo ; porque o nosso amor , e o nosso affecto he o que falsamente lhe dá o pezo. De maneira ; que o pezo naõ está nas cousas , está no coraçao , com que as amamos.

54 O mesmo David o disse admiravelmente : *Fili hominum, usquequo gravi corde?* *Ut quid diligitis vanitatem?* Filhos dos homens , até quando haveréis de ter os coraçoes pezados ? Até quando haveis de amar a vaidade ? Notay a consequencia. Queixa-se de amarem os homens a vaidade : *Ut quid diligitis vanitatem?* e accusa-os de terem os coraçoes pezados : *Usquequo gravi corde;* porque o pezo , que achamos na vaidade , naõ está na mesma vaidade , se naõ no coraçao , com que a amamos. Amamos , e estimamos a vaidade , e por isso á balança inclina a ella ; e com ella , e nos mostra falsamente o pezo , onde o naõ

## Discurso V.

45

naõ ha. Oh se pezassemos bem, e fielmente com o coraçao livre de todo o affecto, como veriamos logo, que a inclinaçao, e movimento da balança pendia todo para a parte da alma, e que todo o mundo contrapezado a ella naõ peza hum atomo!

55 Agora entendereis a astucia da tentaçao do demonio no modo, com que hoje mostrou a Christo todos os Reynos do mundo. Diz S. Lucas, que lhos mostrou em hum instante: *Ostendit ei omnia regna orbis terræ in momento.* E porque razao em hum instante? Porque naõ deo mais espaço de tempo a quem tentava com huma tão grande ostentaçao? Seria por ventura, porque ainda o demonio, quando engana, naõ pôde encubrir a brevidade momentanea, com que passa, e se muda esta scena das cousas do mundo, aparecendo, e desapparecendo todas em hum instante? Assim o diz Santo Ambrosio: *Non tam conspectus celeritas indicatur, quam caduca fragilitas potestatis exprimitur, in momento enim cuncta illa prætereunt.* Mostrou o demonio todos os Reynos, e grandezas do mundo em hum instante; porque as mostrou assim como ellas saõ, e tudo o que ha neste mundo, naõ tem mais ser, que hum instante. O que foy, já naõ he: o que ha de ser, ainda naõ he, e o que he, naõ he mais que no instante, em que passa: *In momento cuncta illa prætereunt.* Boa razao, e verdadeira, como de tal Auñor. Mas ainda debaixo della se encubria outra astucia do tentador, o qual naõ quiz dar tempo ao tentado para pezar o que lhe offerecia. O pezo das cousas vêse pela inclinaçao, e movimento da balança, e como em instante naõ pôde haver movimento, por isso lhe mostrou tudo em hum instante. Veja o tentado o mundo,

## 46 Vieira abbreviado

do, que lhe offereceo ; mas veja-o em hum instante fómente, e naõ em tempo , para que naõ possa averiguar o pouco , que peza : *In momento omnia regna mundi.*

56 Mas demos já huma volta á balança. Vimos quanto peza o mundo , vejamos agora quanto peza huma alma. Neste pezo entramos todos. O pezo do mundo naõ pertence a todos ; porque muitos tem pouco mundo : o pezo da alma ninguem ha , a quem naõ pertença : o Rey , o vassallo , o grande , o pequeno , o rico , o pobre todos tem alma. Ora vejamos quanto peza , e quanto vale isto , que todos tra- zemos , e temos dentro em nós.

57 Onde porém acharemos nós huma balançatal , que se possa pezar nella huma alma ? Quatro mil annos durou o mundo , sem haver em todo elle esta balança , e por ventura essa foy a occasião de se perderem naquelle tempo tantas almas. Chegou finalmente o dia da redempçao , pozse o Filho de Deos em huma Cruz , e ella foy a verdadeira , e fiel balança , que a divina Justiça levantou no monte Calvario , para que o homem conhecesse quaõ immenso era o pezo , e preço da alma , que tinha perdido. Assim o canta , e no lo ensina a Igreja.

*Beata cuius brachii  
Pretium pependit sæculi,  
Statera facta corporis,  
Tulitque prædam tartari.*

Vês , homem , aquella Cruz , em que está pendente , e morto o Filho de Deos ? Pois sabe , que ella he a balança justa , em que Deos pezou o preço da tua alma , para que tu a naõ desprezes. O braço direito desceo tanto com o pezo , que naõ só trouxe a Deos do Ceo

# Discurso V.

47

Ceo á terra , mas do Ceo até o inferno , e o braço esquerdo subio tanto , que estando a alma no inferno pelo peccado , naõ só a levantou do inferno , mas a poz no Ceo. De maneira , que quem fielmente quizer pezar huma alma , naõ ha de pôr de huma parte da balança a alma , e da outra o mundo , senão de huma parte a alma , e da outra a Deos. O mundo custou a Deos , a alma custou a Deos o sangue , custou a Deos a vida , custou á Deos o mesmo Deos : *Qui dedit semet ipsum redemptionem pro omnibus.* Ouvি<sup>Ad Timoth 1. 2. 6.</sup> agora a Eusebio Emisseno : *Tam copioso munere ipsa redemptio agitur , ut homo Deum valere videatur.* Euseb. E-  
mis.

He tal o preço , que Deos deo pelas almas , que posta de huma parte a alma , e da outra o preço , parece , que vale tanto a alma como Deos. Parece , diz ; porque Deos verdadeiramente vale , e peza mais que toda a alma. Mas a divina Justiça naõ poz em balança com a alma outro pezo , nem aceitou por ella outro preço , que o do mesmo Deos ; porque de pezo a pezo só Deos se pôde contrapezar com a alma , e de preço a preço só Deos se pôde avaliar com ella : *Ut Deum valere videatur.* Sendo pois esta a verdadeira balança , e sendo este o pezo , e o preço da alma , que taõ cara comprou Deos , e nós taõ barata vendemos ao demonio , naõ vos quero persuadir , que a naõ vendais ; só vos peço , e vos aconselho , que o naõ façais sem a pôr primeiro em leilaõ. O demonio no primeiro lanço offereceo por ella o mundo : Deos no segundo lanço deo por ella a si mesmo : se achares quem vos dê mais pela vossa alma , day-a embora.

58 Toda a desgraça da pobre alma , taõ falsamente avaliada , e taõ vilmente trocada , e vendida , he porque a naõ vemos , como vemos o mundo. O<sup>72</sup> demo-

monio mostrou todos os Reynos do mundo : *Ostendit ei omnia regna mundi* : se eu tambem vos podéra mostrar huma alma , estavaõ acabadas todas as tentaçoens , e naõ eraõ necessarios mais discursos. O demonio dá todo o mundo por huma alma ; porque a vê , e a conhece : he espirito , vê as almas. Nós , como somos corpo , vemos o mundo , e naõ vemos a alma , e porque a naõ conhecemos , por isso a desestimamos. Oh se Deos nos mostrasse huma alma , que pasmo , que estimação seria a nossa , e que desprezo de quanto ha no mundo , e na vida !

58 Mostrou Deos huma alma a Santa Magdalena de Pazzi , e oito dias ficou fóra de si arrebatada de assombro , de pasmo , de estranheza só na memoria , na admiraçao , na novidade do que vira. Isto he huma alma ? Isto he. A Santa Catharina de Sena mostroulhe Deos tambem huma alma , e dizia ( como refere Santo Antonino ) que nenhum homem haveria , se tivesse visto huma alma , que naõ dêsse por ella a vida cem vezes cada dia , e naõ pela propria , senão pela alheya. De sorte , que toda a diferença , e toda a desgraça está em que o mundo , com que o demonio nos engana , he visivel , e a alma invisivel. Mas por isso mesmo haviamos nós de estimar muito mais a alma , se tiveramos juizo. O mundo he visivel , a alma he invisivel : o mundo vêse , a alma naõ se vê ? Logo muito mais preciosa he a alma , muito mais vale que todo o mundo. Ouvi a S. Paulo : *Non contemplantibus nobis quæ videntur , sed quæ non videntur ; quæ enim videntur , temporalia sunt , quæ non videntur , æterna* : Naõ havemos de admirar , nem estimar o que se vê , senão o que se naõ vê , diz S. Paulo ; porque o visivel , o que se vê , he temporal :

## Discurso V.

49

ral: o invisivel, o que senão vê, he eterno. O mundo, que o demonio me mostra, he visivel; porque he temporal, como o corpo: a alma, que o demonio me naõ pôde mostrar, ( nem me havia de mostrar, se podéra ) he invisivel; porque he eterna, como Deos, e assim como os olhos naõ podem ver a Deos por sua soberania, assim naõ podem ver a nossa alma. Naõ he a nossa alma tão baixa, que a houvessem de ver os olhos, vem o mundo, vem o Ceo, vem as estrellas, vem o Sol: a alma naõ a podem ver; porque naõ chega lá a sua esfera.

59 Mas já que somos tão corporaes, e damos tanto credito aos olhos, os mesmos olhos quero, que nos digão, e confessem o que he a alma. Quereis ver o que he huma alma? Olhay ( diz Santo Agostinho ) para hum corpo sem alma: se aquelle corpo era de hum fabio, onde estaõ as ciencias? Foráõse com a alma; porque eraõ suas. A Rhetorica, a Poesia, a Filosofia, as Mathematicas, a Theologia, a Jurisprudencia, aquellas razoens tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escritos humanos, e divinos, que admiramos, e excedem a admiraçao, tudo isto era a alma. Se o corpo he de hum artifice, quem fazia viver as taboas, e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórmula, e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e meter todo o mundo venal em huma praça? A alma. Se o corpo morto he de hum soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arrayaes, a fa-

Tom. I.

D

brica

## 50 Vieira abbreviado

brica dos muros, os engenhos, e machinas bellicas, o valor, a bisfarría, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, e levar na lamina de huma espada a vida propria, e a morte alheya: quem fazia tudo isto? A alma! Se o corpo he de hum Principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderaçao no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justica, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa: de quem eraõ governadas, e de quem eraõ? Da alma. Se o corpo he de hum Santo, a humildade, a paciencia, a temperanca, a caridade, o zelo, a contemplaçao altissima das cousas divinas, os extases, os raptos, subindo o mesmo peso do corpo, e suspendido no ar: que maravilha! Mas isto he alma. Finalmente os mesmos vicios nos dizem o que ella he. Huma cubiga, que nunca se farta; huma soberba, que sempre sobe; huma ambiçao, que sempre aspira, hum desejo, que nunca aquietta, huma capacidade, que todo o mundo a nao enche, como a de Alexandre, huma altiveza, como a de Adão, que nao se contenta menos, que com ser Deos: tudo isto, que vemos com nossos olhos, he aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebata, e cativa os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporçao, aquella suavidade de cor, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida: que he tudo, senao alma? E senao vede o corpo sem ella, insta Agostinho: *Non facit corpus unde ametur, nisi animus.* Aquillo, que amaveis, e admiraveis, nao era o corpo, era a alma: *Recessit quod non videtur, remansit quod cum dolore videatur.* Apartouse o que se nao via, ficou o que

se

se naõ pôde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de ciencia, de arte, de valor, de mageſtade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se naõ via, era a alma. Vio S. Francisco de Borja o corpo defunto, e disforme da noſſa Imperatriz D. Isabell, e que lhe succedeo? Pela diſſeňa do corpo morto vio naquelle espelho o que era a alma, e como vio o que era a alma, deixou o mundo. Naõ nos enganára o demonio com o mundo, se nós vitamos, e conhiceramos bem o que he a alma. Mas já que a naõ podemos ver em si, vejamola em nós; no que o corpo ha de ser, vejamos o que ella he. Entaõ que Num. 75: nos diga o demonio com a boca muito cheya, e muito inchada: *Hæc omnia tibi dabo.* Mente o diabo, e troque as balanças: o *Omnia* naõ ha de estar na balança do mundo, senaõ na balança da alma.

## DISCURSO VI.

Tirado do quarto sermoõ das novenas de S. Francisco Xavier.

### AMIGOS.

60 **O** Amigo fiel naõ tem comparação: *Amico fideli nulla est comparatio.* Parece dema- Eccles. 6.  
15. Parr. 8. Ser-  
maõ 4. fol. 238. ſiado encarecimento; porque affáz qualificado ficará o amigo fiel, se o seu amor se comparar com o dos pays, dos filhos, dos irmaõs, e muito mais dos casados. Mas he certo, e evidente, que nem estes se podem comparar com o amigo fiel. Admirame que Plutarcho, ſendo gentio, delle a verdadeira razão: *Dulces fateor, diz elle, parentes, dulces avi, dulces filii,* Plut. Dial.  
de Am. fi-  
dels.

*dulces fratres, dulces uxores; possunt tamen amarrescere, nec parentes ideo, nec fratres, nec filii desierint esse, cum tamen dulces esse desierint. At amicus solus dum sit verus, dulcis, & charus esse non definit.* Verdadeira, e subtilissimamente advertido! Porque o pay pôde naõ amar o filho, mas nem por isso deixa de ser pay: o filho pôde naõ amar o pay, e nem por isso deixa de ser filho: o irmão pôde naõ amar o irmão, e nem por isso deixa de ser irmão: os casados podem naõ se amar, e nem por isso deixaõ de ser o mayor parentesco. Mas o amigo fiel nunca pôde deixar de amar; porque nem seria fiel, nem amigo, se naõ amasse. Em todos os parentes o amor he accidente, que se pôde mudar: no amigo fiel he essencia, e por isso immutavel.

61 Bem estamos atéqui. E em que consiste a es-  
fencia do amigo fiel? O mesmo Espírito Santo o de-  
clarou logo: *Amicus fidelis medicamentum vitae, &*  
*immortalitatis.* O amigo fiel he o medicamento da  
vida, e da immortalidade. Notay muito muito: Medi-  
camento da vida, e da immortalidade juntamente;  
porque se o medicamento, e o remedio for só para a  
vida, e esse mesmo remedio da vida for veneno da sal-  
vaçao, e da immortalidade, naõ será amigo fiel, se-  
naõ infiel, e traidor, e verdadeiramente inimigo o  
que o naõ impedir. Até Marco Tullio sem fé da im-  
mortalidade definio assim a verdadeira amizade:  
*Est autem amicitia nihil aliud nisi omnium divina-  
rum, humanarumque rerum cum benevolentia, &*  
*charitate summa consensio:* A verdadeira amizade  
naõ he outra cosa, senão huma summa uniao, e co-  
mum consenso entre os amigos, com o qual benevo-  
la, e amorosamente se conformaõ em todas as cou-  
fas,

Eccles. 6.  
16.

Tull. de  
bon. amic.

# Discurso VII. 53

sas não só humanas, mas divinas, e primeiro nas divinas, que nas humanas, *Divinarum: humanarumque rerum.*

## D I S C U R S O VII.

*Tirado de hum sermão da primeira sexta feira da Quaresma, pregado no Real Convento de Odívellas.*

### A M O R.

62 **T**emos hoje em controvérsia os dous mais poderosos afectos, e os dous mais perigosos da vontade humana. Taõ poderosos, que se a vontade os vence, he senhora, taõ perigosos, que se elles vencem a vontade, he escrava. E que dous afectos saõ estes? Amor, e odio. O amor tem por objecto o bem para o abraçar, o odio tem por objecto o mal para o fugir. E este he o poder universal, que se estende semi limite a quanto tem o mundo. Mas como o mal muitas vezes anda bem trajado, e o bem pelo contrario mal vestido, daqui vem, que enganada a vontade com as apparencias facilmente ama o mal, como se fora bem, e aborrece o bem, como se fora mal: engana-nos o mal com apparencias de bem, e leva-nos o amor: engana-nos o bem com apparencias de mal, e mete-nos no coraçao o odio, nem sabemos o que he amor, nem sabemos o que he odio, nem sabemos amar, nem sabemos aborrecer, nem sabemos querer bem, nem sabemos querer mal.

63 Os antigos diziaõ: Amay a quem vos ama, e aborreci a quem vòs aborrece. Isto he: Querei bem a quem vos quer bem, e querei mal a quem vos quer

Tom. I.

D<sup>r</sup>3

mal

mal. Mas este mesmo dictame ainda hoje tão seguido, posto que parece fundado em igualdade, e justiça, he o mayor, e mais perigoso erro, que a sabedoria divina vejo alumiar, e reformar ao mundo.

64 Neste Evangelho nos manda Christo amar aos inimigos, e em outro nos manda aborrecer os amigos: neste nos manda amar aos que nos tem odio, em outro nos manda ter odio aos que nos amaõ: em huma parte manda-nos, que amemos a quem nos aborreçe: *Diligite inimicos vestros.* E em outra, que aborreçainos a quem nos ama: *Qui non odit patrem suum, & matrem, & uxorem, & filios, & fratres, & sorores, adhuc autem & animam suam, non potest meus esse discipulus.* E sendo o mesmo legislador divino o auctor destes dous preceitos tão encontrados, qual destes dous preceitos he mais difficultoso? Aborrecer hum homem à quem o ama, ou amar a quem o aborreçe? Responder com odio ao amor, ou com o amor ao odio? Antes de resolver a questaõ, disputemola primeiro, e ouvi com attenção o que allegar por huma, e outra parte; porque vós hâveis de ser os juizes.

65 Primeiramente parece, que he mais difficultoso amar a quem me aborreçe, do que aborrecer a quem me ama. Provo: O agravo, com que me offende o inimigo, he dor no coração proprio: a correspondencia, com que faltô ao amigo, he dor no coração alheyo, e no remedio das dores sempre se aconde primeiro á que mais lastima, e sempre he mais sensitiva á que está mais perto: logo mais natural he no homem o odio ao inimigo, que o amor ao amigo; porque no odio ao inimigo acodese á dor propria com a vingança, no amor ao amigo acodese

Luc. 14. v.  
26.

## Discurso VII.

55

se á dor alheya com a correspondencia. Mais: Quando amamos a quem nos ama , governase a vontade pela razão: quando aborrecemos a quem nos aborrece , move-se o appetite pela ira , e os impulsos da ira sempre saõ mais fortes , que os impulsos da razão. Sempre obraõ mais efficazmente os offendidos , que os obrigados ; porque a offensa corre por conta da honra , a obrigaçao por conta do agradecimento , e mais soffrivel he o nome de desagradecido , que a nota de afrontado. Mais ainda : Quando amo a quem me ama , pago o que devo: quando me vingo de quem me offendeo , pagaõme o que me devem ; e quem ha , que naõ seja mais inclinado a receber a satisfaçao , que a pagar a dvida ? Mais difficultoso he logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece , que deixar de amar a quem nos ama. Só parece , que está a experienzia contra esta resoluçao ; porque sendo no mundo mais as offensas , que os beneficios , saõ mais as ingratidoens , que as vinganças : logo os homens naturalmente parece , que saõ mais ingratos , que vingativos. Mas naõ he assim ; porque para a vingança he necessario poder , e para a ingratidão basta a vontade , e se he menor o numero das vinganças , he por serem os homens menos poderosos , e naõ por serem menos inimigos.

66 Por outra parte parece , que he mais difficultoso aborrecer a quem nos ama , que amar a quem nos aborrece. Proyo: Amar a quem me aborrece he ser humano com quem o naõ he comigo : aborrecer a quem me ama he ser cruel com quem mo naõ merece : o ser humano he ser homem , o ser cruel he ser fera : logo aborrecer a quem nos ama , tanto mais difficultoso he , quanto mais repugnante á natureza:

D 4

Mais,

## 56 Vieira abbreviado

Mais, e he forte razão esta: Da parte do objecto tanto provoca o odio a aborrecer, como o amor a amar; porém da parte da potencia a vontade he mais inclinada a amar, que a aborrecer; porque o amor he acto natural, o aborrecer violento, donde se segue, que convidada igualmente a vontade do odio do inimigo para aborrecer, e do amor do amigo para amar, naturalmente se ha de inclinar mais a amar ao amigo, que a aborrecer o inimigo: logo mayor violencia padece a vontade em aborrecer a quem nos ama, que em amar a quem nos aborrece. Mais: Amar a quem nos aborrece he acto de generosidade, aborrecer a quem nos ama he acto de ingratidão; e que coraçao haverá tão irracional, que queira antes ser ingrato, que generoso? Quem ha de trocar a nobreza, e fidalguia de huma generosidade pela vileza, e baixeza de huma ingratidão? Finalmente mais difficultoso he aborrecer sem causa, que amar com razão. Em quem me aborrece, ha razão para o amar; porque se o aborreço como inimigo, posso o amar como proximo: em quem me ama, não ha causa para o aborrecer; porque se o devo amar por proximo, porque o hei de aborrecer por amigo? Logo mais difficultoso he aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece.

67 Posta a questaõ nestes termos, para eu continuar he necessario tomar primeiro os votos aos ouvintes; porque onde elles reconhecerem a mayor dificuldade, ahí se devem empregar todas as forças do discurso. Que dizeis pois nestes dous całos? Tendes por mais difficultoso o amor dos inimigos, ou o odio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amão? Todos se callaõ: ninguem ref-

## Discurso VII.

57

responde. Mas já vejo, que quereis, que os votos sejam secretos para terem mais livres, e mais verdadeiros. Vede se os interpreto, e distingo bem.

68 Destas grades para fóra pôde ser, que haja alguns animos tão briosos, ou vingativos, que tenham por mais difficultoso amar inimigos, e perdoar agravos. Mas das mesmas grades para dentro ( que he a melhor, e principal parte do auditorio ) como os corações naturalmente saõ mais benignos, cuido eu, que o amor ha de ter por si os mais votos, e tanto mais, e melhores, quanto mais bem entendidos. Do amor, ( dizem as almas mais discretas, e de melhor coração ) do amor me livre a mim Deos, que pelo odio me naõ ha de levar o diabo ao inferno. O estado religioso, como livre das injurias do mundo, quasi he incapaz de odio; mas para o isentar do amor, que tem pennas, e azas, naõ bastaõ cercas, nem muros.

69 Dado pois, e naõ concedido, que algum amor modesto podesse aqui entrar, ou entrasse, naõ haver de amar neste caso, nem corresponder com amor hum coração, que he amado, naõ ha duvida, que este he o ponto mais estreito, e difficultoso, e este o preceito mais arduo do amor de Deos. Assim me parece, senhoras, que o está votando geralmente, e concedendo o vosso silencio, com que vem a distinguir subtilmente na segunda parte da nossa mesma questão outro terceiro caso, tanto mais escrupuloso, quanto mais delicado, e tanto mais difficultoso, quanto mais repugnante. Naõ amar he menos, que aborrecer a quem nos ama, e como no preceito de aborrecer se inclue tambem o de naõ amar, neste naõ amar, que he o menos, consiste o mais

mais da dificuldade. Assim entendo, que o entendem, e estaõ votando os melhores juizos. E porque naõ pareça, que dissimulo a força da vossa razaõ, para mais facilmente a desfazer pondome primeiro da vossa parte, a quero fortificar, e defender quanto ella merece.

81.

70 Húm amor naturalmente chama por outro, e naõ ha coraçaõ nem taõ surdo, que se he chamado naõ ouça, nem taõ mudo, que se ouvio naõ respondá. Até as penhas dos desertos respondem ás vozes, e o mesmo eco, que parece, que he repulsa, he correspondencia. A correspondencia naõ he outra coufa, que a reflexaõ do mesmo amor, que torna dobrado para donde vejo, e assim como naõ ha marmore, nem bronze taõ duro, que ferido do rayo do Sol naõ responda ao mesmo Sol com a reflexaõ do seu rayo, assim naõ ha coraçaõ taõ de marmore na dureza, e taõ de bronze na resistencia, que prévenido no amor o naõ redobre, e corresponda com outro.

82.

71 He taõ certa, e experimentada esta força do amor, e taõ constante no juizo de todos os sabios, que Poetas, Oradores, Filosofos, e os mesmos santos Padres a confessão, e encarecem. Entre os Poetas todos sabem o epigráma de Marcial: *Ut ameris, ama!* Deixo outras citaçōens de Auctores desta casta; porque saõ gente; que mais professa a lisonja, que à verdade. Entre os Oradores o Príncipe de todos Marco Tullio escrevendo a Bruto diz assim: *Glodius valde me amat, quod cum mihi persuasum sit, non dubito quin illum quoque judices à me amari:* Clodio me ama muito, e como eu estou persuadido a isso; naõ duvido, que vós tambem julgareis, que eu o amo. E porque? *Nihil enim minus hominis est, quam*

## Discurso VII. 59

*quam non respondere in amoreis iis, à quibus provo-  
cere;* porque não ha couta, diz, mais alhea do ser de  
homem, que não responder com o amor a quem o  
amou primeiro. De maneira, que em sentença da-  
quelle homem, de cuja lingua estavaõ pendentes as  
sentenças de todos, o homem, que foy amado de  
outro, ou ha de amar tambem, ou deixar de ser ho-  
mem.

72 Entre os Filosofos Hecaton referido, e se-<sup>s;</sup>  
guido por Seneca, que he dobrada autoridade, disse  
o mesmo; mas com cothurno Filosofico, e confian-  
ça de Mestre dos Mestres. As suas palavras, como se  
apregoasse, e vendesse amor, saõ estas: *Ego tibi mons-  
trabo amatorium sine medicamento, sine herba, si-  
ne ullius veneficæ carmine:* Se alguem deseja, que o  
amem, não peça hervas á natureza, nem confeiçõens  
á medicina, nem feitiços á arte magica, venhase  
a mim, que eu lhe descobrirei hum segredo de mais  
virtude, que todas as hervas, de mais efficacia, que  
todos os medicamentos, e de mais, e maior força,  
que todos os feitiços. E que segredo he este tão po-  
deroso? *Si vis amari, ama.* Não disse mais o Filoso-  
fo, e nestas duas palavras comprehendo toda a filo-  
sofia do amor: amar, e ser amado saõ relaçoens mu-  
tuas, e reciprocas, que posta, ou supposta huma,  
logo naturalmente resulta a outra, e assim como o  
amor só com o amor se conquista, assim não ha  
amor tão forte, ou tão fortificado, que se não renda  
a outro amor. Vamos aos santos Padres.

73 S. João Chrysostomo, sem allegar a Hecaton  
tambem Grego, disse, como propria, a sua mesma  
propositaõ; mas provou o que elle não tinha pro-  
vado com a natureza do mesmo amor: o amor ef-  
fenci-

## 60 Vieira abbreviado

fencialmente he uniaõ , e a uniaõ naõ pôde unir extremo , sem que una tambem o outro. Por ventura se vos atares a hum homem , pôde elle deixar de ficar tambem atado comvosco ? Naõ : pois da mesma maneira , diz Chrysostomo , se amastes , naõ podeis deixar de ter amado: *Quomodo enim si velis te ipsum alteri alligari , non aliter poteris , nisi ipsum quoque tibi ipsi alliges.* Assim se unio , e atou Jonathas a David , e David logo ficou unido , e atado com Jonathas. Os mesmos termos , com que o conta a Escritura ,

<sup>1. Reg. 18.</sup> declaraõ o amor , e mais a comparaçao : *Anima Jonathae conglutinata est anima David.* Naõ diz , que Jonathas amou a David , e David a Jonathas , senão que a alma de Jonathas se grudou com a alma de David. Porque assim como huma taboa senão pôde grudar com outra , sem que ambas fiquem unidas , assim huma alma naõ pôde amar outra alma , sem que ambas se amem. O valor de David moveo a alma de Jonathas a que o amasse , e o amor de Jonathas obrigou a alma de David a que o correspondesse. Jonathas naõ amado amou ; mas David depois de amado , naõ pode deixar de amar. O primeiro amor foy livre , o segundo necessario. Finalmente concloe o mesmo S. Chrysostomo , que a vontade de cada hum he a ley da vontade alheya: *Voluntas tibi sit lex;* porque segundo cada hum quizer , ou naõ quizer amar , assim será , ou naõ terá amado. De sorte , que o amar eu he mandar , e obrigar a que me amem: o amor he o preceito , e a correspondencia a obrigaçao , o amar imperio ; o ser amado obediencia.

<sup>84.</sup> 85. 74 Santo Agostinho em menos palavras naõ disse menos: *Nulla maior est ad amorem invitatio , quam amantem amore prævenire , & nimis durus est*

## Discurso VII. 61

*est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere:* O mayor, e mais certo motivo de ser amado he anticipar o seu amor quem quer alcançar o alheyo. Todos os outros motivos, por mais fortes que pareçaõ, e por mais usados que sejaõ, conquistaõ vaidade, e engano, mas naõ verdadeiro amor: a formosura entretem os olhos, as dadiwas enchem as maõs, a discriçao lisongea os ouvidos, os regalos saboreaõ o gosto, o poder, e a magestade faz dobrar os joelhos; mas sujeitar, e render o coraçaõ só o amor. He o coraçaõ humano taõ generoso, que naõ se rende senaõ a seu igual, nem ha outro interesse, força, ou arte, com que se possa conquistar, senaõ amando: *Nulla maior ad amorem invitatio, quam amore prævenire.* A palavra *invitatio* soa invite, e o *prævenire* ganhar por maõ. Quem tomou a maõ em amar primeiro, esse levou o resto ao amor. A razão he, diz Santo Agostinho; porque se no mundo houver algum coraçaõ taõ duro, e duríssimo, que nem ame, nem queira amar, nenhum haverá taõ alheyo de toda a humanidade; ( ainda que seja esse mesmo ) o qual depois de amado naõ queira responder com o amor: *Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere.* Notay muito aquelle *nolebat*, e este *nolit*. Antes de o amarem poderá haver coraçaõ taõ duro, que naõ ame, nem queira amar; mas depois de ser amado ha de amar, e querer amar, ainda que naõ quizesse.

75 He isto tanto assim, (para que eu tambem diga o meu encarecimento) que se Deos creara hum coraçaõ de ferro, e este coraçaõ fosse amado, natural, e necessariamente havia tambem de amar. Falando Plinio da magnete, ou calamyta, ou pedra iman,

Num. 86

## 62 Vieira abbreviado

iman, (que me naõ cabe na boca o nome do nosso vulgo) descreve o seu amor com o ferro, ou os seus amores desta maneira: *Quid ferri duritia pugnatius? Sed cedit, & patitur amores. Trahitur namque à magnete lapide, dominatrixque illa rerum omnium materia, ut proprius venit, assistit, teneaturque, & complexu hæret:* Que dureza mais dura, que a do ferro, e com tudo esta materia domadora de todas as cousas tambem se deixa penetrar, e padecer de amor. He o ferro amado da pedra iman, (a quem os Francezes discretamente chamaõ pedra amante) e he taõ milagrosa, ou taõ amorosa entre ambos a força desta natural sympathia, que a pedra como amante sempre está attrahindo, e o ferro como amado sempre correspondendo. Ella o chama, elle se move. Ella o guia, elle a segue. Ella o eleva, elle se suspende. Ella o ata, elle se deixa prender. Se ella pára, elle pára. Se sobe, sobe. Se desce, desce. Se anda á roda, rodea: sempre juntos, sempre confórmes, sempre unidos, e taõ pegados entre si, como se hum, e outro foraõ de cera. E se isto obra no ferro huma qualidade occulta, que seria no coraçaõ, ainda que fosse de ferro, hum amor declarado? Hum ferro amado de huma pedra naõ pôde deixar de pagar amor com amor. E poderá hum coraçaõ humano amado naõ amar? Todos estais dizendo, que naõ. E parece, que dizeis bem.

76 Só tem esta regra, ou opinião geral huma exceção contra si, a qual notou Santo Ambrosio, e depois delle Santo Agostinho, ambos pelas mesmas palavras. Ponderaõ o caso de Joseph, e o valor mais que de homem, com que fugio, e largou a capa nas maõs da senhora, e o que sobre tudo encarecem, he, que

## Discurso VII. 63

que amado naõ amou : *Adamatus non redamavit.*  
Logo naõ he taõ certa , nem taõ universal a proposição , que atégora pertendemos provar , nem taõ repugnante , e quasi impossivel ao coraçao humano naõ responder com o amor , quando he prevenido com outro , ou deixar de amar , quando he amado . Bem podéra eu aqui responder , que a excepção de hum exemplo , quando he hum só , ou rariſſimo , naõ desfaz a regra geral , antes a confirma . E a mesma admiraçao , com que os Santos celebraõ este caso , e lhe chamaõ prodigioso , vem a ser nova , e mayor prova de quaõ proprio , e natural he da vontade , e propensaõ humana seguir sempre , e obrar o contrario . Mas com licença de Ambrosio , e Agostinho eu naõ consinto , em que Joseph amado naõ amasse . Antes digo , que naõ só amou , mas com muito maior excesso , do que foy amado . A Egypcia como vil acusou a Joseph , e o que começou o amor , degenerou em vingança . Joseph pelo contrario como honrado estando innocentem naõ se desculpou , e o que parecia desamor , mostrou , que era fineza . Fino com Deos , porque naõ quiz peccar : fino com seu Senhor , porque o naõ quiz offendere , e mais fino com a mesma , que o amou ; porque prezou , carregado de ferros , e quasi condenado á morte naõ se desculpou a si por naõ culpar a ella . Pagoulhe o amor com lhe encubrir o delicto . Ella cobrio com a capa , e elle com o silencio . Taõ impossivel he , que o amor ainda na terra mais dura , e mais esteril , e ainda rejeitado , e rebatido , naõ produza amor .

77 Mas admittido , que a Egypcia amasse , e naõ fosse amada , e Joseph fosse amado , e naõ amasse , fallando em termos sómente naturaes , e humanos , neste

neste caso , ou noutro semelhante qual estado , ou qual fortuna seria mais cruel , e mais desfetavel , a do que ama , e naõ he amado , ou a do que he amado , e naõ ama ? Respondo , que no tal acontecimento ( de que Deos livre a todo o coraçao humano ) o que ama , e naõ he amado , seria digno de mayor compaixao , e o que he amado , e naõ ama , de mayor horror . Amar , e naõ ser amado he o mayor tormento : ser amado , e naõ amar he a mayor injustiça ; mas aquillo he padecer a semrazao , isto he fazella : logo melhor he amar , e naõ ser amado , que ser amado , e naõ amar ; porque amar , e naõ ser amado he ser martyr , ser amado , e naõ amar he ser tyranno . Sendo pois hum excesso taõ alheyo da razaõ , taõ indigno da humanidade , e taõ contrario a toda a inclinaçao natural naõ pagar amor com amor , quem duvida , ou pôde duvidar , que naõ só o aborrecer a quem nos ama , ( que he acto ) mas ainda o naõ amar sómente ( que he mera suspensaõ ) seja a mayor violencia da liberdade humana , o mayor aperto do coraçao , e a mayor tyrannia da natureza ?

Num. 88. 78 Ponderadas assim de qualquero modo as tres dificuldades , em que atégora nos detivemos , ( cujo pezo , e energia mais se pôde sentir , que declarar ) que faria a vontade humana cercada , ou sitiada por todas as partes , e combatida juntamente de tres violencias taõ fortes ? Hum preceito lhe manda amar os inimigos , outro lhe manda aborrecer os amigos , e o teteiro , que deste se segue , lhe manda naõ amar , nem corresponder ( para que o digamos por seu nome ) aos amantes . E bastando qualquer destas obediencias por si a fazer desmayar , e estremecer o mais animoso coraçao , todas juntas que será ? Pela parte  
do

## Discurso VII. 65

do vivente , pela parte do sensitivo , e pela parte do racional se vê o homem aqui nas mais apertadas angustias. Quem o manda amar o inimigo , parece que o quer insensivel : quem o manda aborrecer o amigo , parece , que lhe tira o racional : e quem o manda , que amado não ame , parece , que o supoem pedra , ou morto. Que remedio logo para satisfazer a tantas , e tão difficultosas obrigaçoes juntas , e para que não fique nellas o entendimento esmorecido , a vontade desesperada , e toda a alma opprimida ?

79. Não he tão pouco suave a ley de Deos , que se difficulta os preceitos , não facilite os remedios. Todas estas difficultades , que tão feas , e tão medonhas se representaõ ao coraçao humano , assim como elles saõ tres , assim se vencem com tres palavras , que saõ as que tomey por thema : *Diligite inimicos vestros.* Manda Christo Senhor nosso , que amemos nossos inimigos. E só com a imitação deste preceito , que tem alguma difficultade , se observaõ os outros dous sem nenhuma difficultade. Disse só com a imitação ; porque não he necessaria a observancia deste preceito para observar os outros. Mas se este preceito trata dos inimigos , e os outros dous dos amigos , se este preceito manda amar , e hum dos outros aborrecer , se este diz : Amay a quem vos tem odio , e o outro diz : Não ameis a quem vos ama , como pôde ser , que na imitação deste preceito consista a observancia dos outros? Não vos parece isto , que digo , huma cousa muito maravilhosa ? Pois este he o segredo admiravel , que vos prometti.

Num. 89.

80. Para intelligencia delle havemos de suppor em primeiro lugar , que ha dous generos de inimigos , huns inimigos , que nos querem mal , e nos fa-

Num. 90.

Tom. I.

E

zem

## 66 Vieira abbreviado

zem mal com o odio , e outros inimigos , que nos querem mal , e nos fazem mal com o amor- Os inimigos , que nos querem , e fazem mal com o odio , saõ os que Christo nos manda amar. Estes todos sabemos quaes saõ. Os inimigos , que nos querem , e fazem mal com o amor , saõ os que o mesmo Christo nos manda aborrecer. E estes por ventura naõ sabeis , nem imaginais , quaes sejaõ , e agora o sabereis. Sabeis quem saõ estes inimigos ? Saõ todos aquelles , que por sangue , e parentesco mais , ou menos estreito , ou por inclinaçao natural , ou por trato , ou por beneficios , ou por esperancias , e dependencias ; ou por graças , e prendas pessioaes , ou por qualquer outro motivo de affeição vos amaõ desordenadamente. A Esposa santa dizia : *Ordinavit in me charitatem* : O amor ordenado he caridade , e o amor desordenado , ainda que a desordem seja , ou pareça leve , nem he caridade , nem he amor , he odio. Como pôde ser amar , nem querer bem o que me priva , ou aparta do summo bem ?

Cant. 2. 4.

Num 91.

81 Daqui se segue a segunda cousa , que havemos de suppor , e he que assim como ha dous generos de inimigos , assim ha dous generos de amar , e dous generos de aborrecer. Ha amar bem , e amar mal , e ha aborrecer mal , e aborrecer bem. E em que se distinguem ; ou differençao este amar , e este aborrecer ? Distinguemse pelos affectos , e tambem pelos effeitos ; porque o amar mal he aborrecer , e o aborrecer bem he amar. Os antigos pintavaõ ao amor , e odio igualmente armados , ambos com arco , e aljava ; mas o amor diziaõ , que atirava com setas de ouro , as quaes tinhaõ por effeito dar vida , e o odio com setas de ferro , que tinhaõ por effeito matar. Agora per-

## Discurso VII. 67

pergunto: E se o amor, e o odio trocassem as aljavas, que succederia neste caso? Succederia sem duvida o que conta Anacreonte, que succedeo ao mesmo amor com a morte. Caminhavaõ, diz, o amor, e a morte, cada hum a seus intentos, e vieraõ ambos a fazer noite, e a alvergar na mesma estalagem. Levantaraõse muito cedo para continuar seus caminhos, e como havia ainda pouca luz, succedeo, que as aljavas se trocaraõ; e porque o amor levou as settas da morte, daqui veyo, que dalli por diante as suas feridas forao mortaes. O mesmo digo eu, que succederia no nosso caso naõ fabulosa, senao verdadeiramente. Se o amor atirasse com as settas do odio, o amar seria aborrecer, e se o odio atirasse com as settas do amor, o aborrecer seria amar. Pois isto mesmo, que succederia, he o que succede, e isto mesmo, que havia de ser, he o que he, diz Santo Agostinho, porque o amor amando mal, aborrece, como se fora odio, e o odio aborrecendo bem, ama, como se fora amor: *Si male amaveris tunc odisti, si bene oderis, tunc amasti:* Se amastes mal entao aborreceste, se aborreceste bem, entao amaste.

82 Suppostas estas duas verdades certas, e evidentes, em que muitos coraçoens andaõ taõ enganados, e taõ cegos, cuidando, que amaõ, e saõ amados, quando aborrecem, e saõ aborrecidos, vede quaõ facil fica a execuão, e quaõ natural, e leve o exercicio de todas aquellas, que ao principio nos pareciaõ dificuldades, violencias, e tyrannias. Pergunto: Naõ he muito facil naõ amar eu a quem me naõ ama, e aborrecer a quem me aborrece? Sim. Pois isto he o que Deos nos manda. Se os que me amaõ, me amaõ mal, daqui se segue, que taõ facil he naõ

## 68 Vieira abbreviado

amar eu a quem me ama , como naõ amar a quem me naõ ama ; porque quem me ama mal , naõ me ama. E do mesino modo taõ facil he aborrecer a quem me ama , como aborrecer a quem me aborrece ; porque o amor de quem me ama mal taõ fóra estã de ser amor , que antes he aborrecimento , e odio.

83 E se alguem differ , que ao menos por esta via naõ guarda o preceito de amar aos inimigos , tambem infere mal , e se engana ; porque esse mesmo aborrecellos , e naõ os amar he amallos. A prova he manifesta , mas ha mister attençao. Amar mal he aborrecer : *Si male amaveris , tunc odisti.* Logo quem me ama mal , aborreceme , e porque me aborreço , he meu inimigo: logo tenho obrigaçao de o amar : *Diligite inimicos vestros.* Tenho obrigaçao de o amar como inimigo ? Logo sou obrigado ao aborrecer bem , assim como elle me ama mal. E se eu o aborreço bem , já o amo ; porque aborrecer bem he amar : *Si bene oderis , tunc amasti.*

84 Pareceine , que temos filosofado assaz : tempo he já de colhermos as redes. Naõ digo , que se deixem de amar os que se amavaõ , nem de quererse bem os que se queriaõ bem. Só digo , que se se amavaõ , se amem , e se se queriaõ bem , naõ se queiraõ mal. Concordeie logo em se amar os que se amaõ ; mas ameimse , como devem , e como convém a ambas as partes. Se amar mal he aborrecer , que dificuldade tem aborrecer a quem me aborreço ? E se aborrecer bem he amar , que dificuldade ha em amar a quem me ama ? Por isso digo , que se amem os que se amavaõ ; mas de modo , que se queiraõ bem , e naõ se façaõ mal.

Num. 93.

Num. 96.

## Discurso VII. 69

85 Mas ainda que naõ houvera inferno , nem paraíso , nem christandade , nem religião , bastava só ter entendimento , e juizo , para que esta appreheſão , e chimera , que se chama amor , fosse aborrecida , e detestada , como remate da loucura. Se no mundo houvera amor , ainda que acima do mesmo mundo ( como dizia ) naõ houvera Ceo , nem abaixo delle inferno , eu vos concedera , que amasseis ; mas perder , naõ digo já a alma , de que agora naõ fallo , mas a liberdade , a quietação , o tocego , o descanſo , e a vida , e condenar o triste coraçao ao perpetuo martyrio de cuidados , confusoens , e tormentos , e a estar , ou andar sempre penando fóra de si por huma imaginação fantastica do que naõ ha , nem he , nem o nome de loucura , e cegueira basta a declarar o desvaiio de taõ custoso engano.

86 E para que vos desenganeis , que naõ ha amor , e que este nome especioso , ainda no que parece mais fino , he falso , ponhamos o exemplo em ambos os sexos , para que chegue o desengano a todos , e nem os homens se enganem com as mulheres , nem as mulheres com os homens. Entre os homens houve por ventura algum amante mais perdido , que Adão por Eva ? Taõ perdido , que por ametade de huma maçã deo hum mundo inteiro , e naõ pelo que era a maçã , senaõ pela maõ de quem vinha. Taõ perdido , que perdeo o Paraíso , e se perdeo a si , e nos perdeo a nós , e todos seus descendentes por naõ perder hum leve agrado de quem imaginava entaõ , que amava muito ; mas assim como se enganou com o pomo , se enganou tambem com o seu proprio amor. Chegou a occasião de mostrar qual era , e logo desfez a mesma fineza taõ grosseiramente , que

Tom. I.

E 3

fendo

## 70 Vieira abbreviado

fendo o preceito sub pena de morte , para elle se li-  
Genes. 3. vrar a si , accusou a Eva : *Mulier, quam dedisti mihi.*  
12.

Em quanto cuidou , que a pena da ley era sómente  
comminhaçāo , grandes apparencias de fineza , ( que  
tudo o que dissémos foraõ só apparencias) mas tan-  
to que vio , que a devaça hia de veras , livrème eu  
huma vez , e padeça Eva embora. Pois estes eraõ  
Adaõ os vossos amores , estas as vossas finezas , estes  
os vossos extremos tão affectuosos ? Estes eraõ. Es-  
tes eraõ os de Adaõ , e estes saõ os de todos seus fi-  
lhos , para que na primeira mulher aprendaõ as mu-  
lheres , e no primeiro homem se desenganem todos.

87 E os homens onde conheceraõ o amor das  
mulheres ? Naõ he necessario repetir o exemplo ,  
porque já o vimos na amante de Joseph. Naõ repara-  
rou na authoridade tendo Princeza , nem na lealda-  
de sendo casada , nem na desigualdade sendo ella se-  
nhora , e elle escravo ; porque nada disto via , por isso  
diz a Escritura , naõ que poz os olhos em Joseph , se-

Genes. 39. naõ que lhos lançou , ou lhe atirou com elles : *Inje-  
7. cit oculos in Joseph* , para significar , que em tudo o  
que fez , e pertendeo , obrou como cega. Mas tanto  
que recuperou a vista , logo vio a falsidade do seu  
amor , e como se quizesse vingar a Eva , o mesmo ,  
que Adaõ disse a Deos , disse ella ao marido : *Ingre-  
sus est servus Hebreus , quem adduxisti , ut illude-  
ret mibi.*

Eisaqui para que me trouxestes a casa o  
servo Hebreo , para que elle se atrevesse a me querer  
descompor. Oh falsa ! Oh desleal ! Oh fementida !  
Oh traidora ; agora porém só verdadeira , quando  
descobriste o avesso do teu coraçāo , e nelle o inter-  
ior inconstante , e já mudado , com que a Joseph en-  
ganavas , e a ti mesma mentias ! Mas que muito he ,  
que

## Discurso VII.

71

que mudasse tão de repente a scena o amor de huma mulher , quando o primeiro auctor de semelhante tragedia foy o primeiro homein ? Se os homens querem outro exemplo , lembremse do amor de Dalila para com Samsão . E se as mulheres quizerem tambem outro , naõ se esqueçaõ do amor de Amon para com Thamar , no mesmo dia com os maiores extremos amada , e no mesmo com muito maiores aborrecida . Assim tratou hum homem , que tinha obrigaçōens de ser honrado , á mulher mais illustre de Israel : e assim pagou huma mulher , de quem se tinha feito a mayor confiança , ao homem mais famoso do mundo .

88 Eu bem ouço , que as mulheres , e naõ os homens , tem a opiniao da inconstancia ; mas elles saõ filhos dellas . Olhay , que bem o notou Job com ser homem : *Homo natus de muliere nunquam in eodem statu permanet* : O homem filho da mulher he tão vario , tão mudavel , e tão inconstante , que nunca permanece , nem dura no mesmo estado . Mas se todo o homem naíce de mulher , e de homem ; porque lhe chama Job neste caso tão nascido de mulher : *Homo natus de muliere* ? Porque os homens no sexo sahem aos pays , e na inconstancia ás māys . Porém daqui mesmo se colhe , que tão inconstantes saõ os homens , como as mulheres : os homens por filhos de taes māys , e as mulheres por māys de taes filhos : *Homo natus de muliere* : a mulher inconstante por condiçāo , o homem inconstante por nascimento : a mulher como a Lua por natureza , o homem como o mar por influencia . Vede o que disse Christo a huma mulher a Samaritana . Era ella naõ só a mais discreta , das que se lê no Euangelho , Ienaõ tambem a

Num. 103

Job. 24. 2

Joan. 4.  
n. 18.

mais sabia pelas questoens, que altercou com o mesmo Christo. E que lhe disse o Senhor? *Quinque viros habuisti, & hunc, quem habes, non est tuus vir:* Além do amigo, que agora tens, já tiveste outros cinco. Pois cinco amigos, huns depois dós outros, huma só mulher, e não de muita idade? Ahi vereis a inconstancia do amor humano. Mas reparay no que por ventura não advertís. Ou a Samaritana deixou aos cinco, ou os cinco a deixaraõ a ella: se elles a deixaraõ a ella, fiaivos lá de amor de homens! E se ella os deixou a elles, quem se fiará de amor de mulher?

Cant. 8. 6.

89 Bem digo eu logo, que isto, que no mundo se chama amor, he huma cousa, que não ha, nem he. He chimera, he mentira, he engano, he huma doença da imaginaçao, e por isto basta para ser tormento. Pode haver mayor tormento, que amar, quando menos, em perpetua duvida, amar em perpetua suspeita de ser, ou não ser amado? Pois este he o inferno sem redeimpçao, a que se condeimnaõ todos os que amaõ humanamente, e tanto mais, quanto mais amarem. Ouvi humas palavras, que tendes ouvido muitas vezes, mas com huma consideraçao, em que nunca reparastes: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus emulatio:* O amor he forte como a morte, e o ciume cruel como o inferno. Assim o declara o texto original-Hebreo, o Grego, o Syro, e o Arabico: *Crudelis sicut infernus zelotypia.* Todos sabeis, que á morte, a qual he transito, e passagem, se seguem outros deus termos, de que se não passa, ou inferno, ou paraíso. Pois se o amor he como a morte: *Fortis est ut mors dilectio;* porque se não segue tambem depois do amor ou paraíso, ou inferno,

## Discurso VII.

73

no, senão inferno sómente: *Dura sicut infernus æmulatio?* Porque o amor desta vida, e deste mundo he huma morte, que só tem precitos, e não tem predestinados. He huma morte, pela qual sempre se vay ao inferno, e nunca ao paraíso: o paraíso do amor (se o houvera) havia de ser amar, e ser amado, e amado com a certeza de nunca ser aborrecido. Mas como não ha, nem pôde haver no mundo nem este amor, nem esta certeza, senão as duvidas, os escrúculos, as desconfianças, os receyos, e as suspeitas de se me amaõ, ou não meamaõ, ou de que já me amaõ menos, que dantes, ou de que trocaõ o meu amor por outro, ou de que outrem pertende o que eu amo, em que consiste por varios modos o tormento cruelissimo do ciume. Este ciume sempre duvidoso, sempre credulo, sempre fixo na imaginaçao, e nunca satisfeito, este he o inferno inevitavel, e sem redempçao, a que todos os que amaõ se condennaõ, e em que saõ atormentados duramente sem fim, e sem remedio: *Dura sicut infernus æmulatio.*

90 O amor se he grande, he como a morte, se Part. 5.  
he mayor, he como o inferno: *Fortis est ut mors di-  
lectio, dura sicut infernus æmulatio.* Notavel di- Num. 502.  
zer! Porque razão compara Salamaõ o amor grande  
á morte, e o amor mayor ao inferno? Eu o direi. En-  
tre o amor, e o inferno ha esta diferença, que a  
morte tira a vida, o inferno perpetúa a morte. Por  
isso o amor grande se compara á morte, e o mayor ao  
inferno; porque mais he perpetuar a morte, que ti-  
rar a vida. Tirar a vida he morrer huma vez, perpe-  
tuar a morte he estar morrendo sempre.

91 Que amor, ou que gosto ha nas vodas, que Part. 4. n.  
em poucos dias não enfraqueça, ou se mude? Cresce 214.  
com

com a esperança, satisfaz-se com a novidade, e diminue com a possé. Só onde a novidade não envelhece, o amor, e o gosto não diminue. Mas aonde se acha isto? Na gloria, e bemaventurança do Ceo. Os convites começão com fome, continuaõ com gosto, e acabaõ com fastio, quando não acabaõ com desgostos. A gloria pelo contrario he huma perpetua satisfação do desejo, e hum perpetuo desejo da mesma satisfação, em que não ha fome; porque a fome molesta: nem fastio; porque o fastio cansa, nem o gosto acaba já mais; porque não tem fim.

## DISCURSO VIII.

*Tirado de hum sermaõ de S. Roque pregado na Capella Real.*

## AMOR.

Parr. 6. 38. 92 **E**Ntre todas as paixões humanas a que mais afflige, e tem mais modos de affligir, he o temor. As outras atormentaõ com o que he, o temor com tudo o que pôde ser, e não só com os males, senão com os mesmos bens. Quem ama muito, até os perigos impossíveis teme. O perigo será impossível, mas o amor he muito verdadeiro. Quem chegou a temer impossíveis, chegou a amar quanto he possível. Hase o amor no temer, como no desejar, e assim como não ha mayor final de amor, que impossíveis desejados, assim não ha mayor final de amor, que impossíveis temidos: antes mais verdadeiramente ama quem teme impossíveis, que quem deseja impossíveis; porque desejarme impossíveis sem-

Parr. 12. n. 48.

## Discurso VIII. 75

sempre he amor meu ; mas temervos impossiveis, naõ  
pôde ser senaõ amor vosso. Porém dirmehaõ , que Num. 49.  
os impossiveis ferá amor temellos, mas naõ ferá razaõ  
temeremse. Temellos ha o amor , que he hum cego;  
mas naõ os temerá a razaõ , que tem olhos abertos.  
Tambem a razaõ.

93 Os perigos , que saõ impossiveis para o effeito,  
haõse de imaginar possiveis para a cautela. Quem Num. 50.  
teme os perigos possiveis , estará acautelado ; mas  
quem teme os impossiveis , está seguro. O melhor  
meyo de conservar a segurança he temella. De ma-  
neira , que recear perigos impossiveis he amor , e  
acautelarse de perigos impossiveis he providencia. Part. II. n.º 2.  
O amor depois da perda vêse na dor , antes della no 600.  
receyo.

## D I S C U R S O IX.

*Tirado do pangeyrico feito ao segundo sonho de S.  
Francisco Xavier , que pedio mais trabalhos , re-  
presentandolhe Deos em sonhos todos os que ba-  
via de padecer , e de outros sermoens.*

## A M O R.

94 **O** Amor he como a hydropsia , os trabalhos Num. 94.  
como a agua , o desejo como a sede : quem Part. 8. fol.  
mais ama , mais deseja padecer , e quem mais padece , 86.  
mais ama. O amar definese por Santo Thomás , e  
Aristoteles : *Est velle bonum:* Amar he querer bem.  
E amar mais que he ? Amar he querer bem , amar  
mais he querer males. O padecer he o comparativo  
do amar : *Maiorem charitatem nemo habet , ut ani-*  
*mam*

## 76 Vieira abbreviado

*mam suam ponat quis pro amicis suis.* Definio Christo o mayor amar , naõ pelo bem , que se quer , senaõ pelo mayor mal , que se padece. O amor pezase na balança da paciencia. Padecer menos he amar menos , padecer mais he amar mais.

95 Quem diz a vozes o que padece , ou busca alivio na communicação , ou espera o remedio no socorro. E he certo , que naõ ama muito a sua dor quem a deseja diminuida , ou aliviada. Quem pede remedio ao que padece , naõ quer padecer : naõ querer padecer he naõ amar.

96 A mayor fineza do amor he morrer : *Maiorem charitatem nemo habet* ; mas tem hum grande dezar esta fineza ; que quem a faz , naõ pôde fazer outra.

He a mayor fineza , mas he a ultima. Morrer ás maõs dos mesmos , por quem se morre , ainda he maior credito do amor , que seja o instrumento quem he a causa. O amor he hum sentimento , que faz insensiveis ; por isso se compara á morte. A morte faz insensível a quem mata , o amor insensível a quem ama.

97 Naõ pôde o amor chegar a mayor extremo , naõ se pôde adelgaçar a mayor fineza , que a fazerse peccador nas penas quem he innocentie nas culpas. Que o peccador de culpas se faça pela dor de penas , busca na penitencia o remedio do seu peccado. Mas fazerse peccador de penas o innocentie de culpas he buscar na penitencia o desafogo de seu amor. A penitencia no peccador paga , no innocentie obriga: naquelle pelo que offendeo , neste pelo que amia. Vede quaes obrigaraõ mais a Deos , se as satisfaçoens de offendido , se as obrigaçoens de amado ?

Part. 5. n.  
397.

DIS-

# Discurso X. 77

## DISCURSO X.

*Tirado de hum sermaõ da Resurreiçao de nosso Senhor Jesus Christo.*

### A M O R.

98 **Q**uem mais ama, mais madruga. Assim o fez  
nesta manhã o divino amante Christo, con- Part. 6. n.º  
tinuando os desvelos de seu amor. E assim 410.  
o devemos nós fazer todos os dias para não faltar ás  
correspondencias do nosso. Quem mais ama, mais Num. 411  
madruga. O amor nasce nos olhos, e quem o pintou  
com os olhos tapados, devia de ter cego. Esse amor  
quando muito será o pintado, o amor vivo, e o ver-  
dadeiro sempre está com os olhos abertos; porque  
sempre véla. Quem tirou o véo ao amor, esse lhe  
descubrio a cara, porque o mostrou desvelado. Não  
me estranheis o equívoco, que em manhã tão alegre,  
e tão festiva até os Evangelistas o usaraão. Torno a  
dizer, que he grande madrugador o amor, porque  
quem tem cuidados, não dorme. A filosofia deste por-  
que não he menos que de Plataão, a quem chamaraão  
o divino: *Inquietares est amor, parum diliges, si  
multum quiesces.* O amor he hum espirito sempre  
inquieto, e quem aquietá muito, final he, que ama  
pouco. Vistes alguma hora quieta, ou ardendo na  
cera, ou em outra materia menos branda huma labareda de fogo? Já mais. Sempre está inquieta, sem-  
pre sem focegar, sempre tremendo, e não de frio.  
E porque o amor não sabe aquietar, por isso não pô-  
de dormir. Talvez adormeceraão os sentidos; mas o  
amor

## 78 Vieira abbreviado

amor sempre véla; porque sempre lhe faz sentinella  
o coraçāo: *Ego dormio, & cor meum vigilat.* Hum  
dos mais insignes amadores do mundo foy Jacob. E  
que dizia este famoso amador? *Fugiebat somnus ab  
oculis meis:* Diz, que fugia dos seus olhos o sono.  
Cant. 5. 2.  
A campanha, em que o amor, e o sono se daõ as bata-  
llhas, saõ os olhos, e nos olhos de Jacob estava taõ  
costumado o amor a ser vencedor, e o sono a ser ven-  
cido, que naõ se atrevia o sono a lhe acometer os  
olhos, antes fugia delles: *Fugiebat somnus ab oculis  
meis.* E como o mayor despertador dos sentidos,  
e dos cuidados he o amor, cujas azas, e as do dese-  
jo voaõ mais que as do tempo, daqui vem, que para  
quem espera pela manhã, as estrellas saõ vagarosas,  
os gallos mudos, as horas eternas, e a noite naõ aca-  
ba de acabar, e por isso, como dizia, quem mais ama,  
mais madruga.

99 A necessidade he o mais diligente desperta-  
dor de quem a tem, para que madruga. O pay de  
Gen. 31. 40. familias necessitava dos jornaleiros para a vinha, os  
jornaleiros necessitavaõ do pay de familias para a vi-  
da. Ao pay de familias despertou a providencia da  
sua herdade, aos jornaleiros a força da sua necessi-  
dade. E se só quem necessita, madruga, e quem ne-  
cessita mais, tem obrigaçāo de madrugar mais, nós,  
que sempre, e em tudo necessitamos de Deos, por-  
que naõ madrugaremos por amor de hum Deos, que  
sem ter necessidade de nós madruga tanto por amor  
de nós?

100 As primeiras creaturas, que com suas vozes  
nos injuriaõ, e enyergonhaõ, entre aquellas, que o  
mesmo Senhor créou, mas naõ remio, saõ as aves.  
Que ayezinha ha ou taõ pintada, como o pintasilgo,  
Nam. 435. ou

# Discurso X.

79

ou taõ mal vestida , como o toxinol , que naõ rompa  
o silencio da noite com dar , ou cantar as graças a seu  
Creador , festejando a boa vinda da primeira luz , ou  
chamando por ella ? As flores , que anoitecerão se-  
cas , e murchas , porque carecem de vozes , posto  
que lhe naõ falte a melodia para louvar a quem as  
fez taõ formosas , ao discante mudo dos cravos , e  
das violas , como saõ as Magdalenas do prado , tam-  
bem declaraão os seus affectos com lagrimas . As nu-  
vens bordadas de encarnado , e ouro , os mares com  
as ondas crespas em azul , e prata , as arvores com as  
folhas voltadas ao Ceo , e com a variedade do seu  
verde natural entaõ mais vivo , as fontes com os  
passos de garganta mais cheyos , e a cadencia mais so-  
nora , as ovelhinhas sahindo do aprisco , e os outros  
gados mansos , a liberdade do campo , os lobos , e as  
feras sylvestres recolhendose aos bosques , e as ser-  
pentes metendose nas suas covas , todos ou temendo  
a luz , ou alegrandose com a sua vista , como a pri-  
meira obra de Deos , lhe tributaõ naquelle hora os  
primeiros applausos . E que mayor confusaõ , e af-  
fronta do homem creatura racional , que quando to-  
das as outras ou brutas , ou insensiveis reconhecem  
do modo , que podem , a bondade , e providencia da-  
quelle supremo Senhor , que lhes deo o ser , antici-  
pandose ao Sol para lhe offerecer as primicias do  
dia , elle sem memória , sem entendimento , sem  
vontade , e sem sentidos naquelle voluntaria sepul-  
tura do sono , e do descuido só confessse dormindo ,  
e roncando , que he o mais ingrato !

101 Desperta , ó homem indigno , aos brados de  
todas as criaturas : abre os olhos , e vê a que madru-  
gas , e a que naõ madrugas . Deixadas as madrugadas  
meca-

## 80 Vieira abbreviado

mecanicas , como as do official vigilante , que madruga para bater , e malhar o ferro , obrigando tambem a madrugar o ar , e o fogo ; os que professaõ vida , e acçoens mais nobres , para que madrugaõ ? Madruga o Mathematico para observar as estrellas , antes que lhas esconda o Sol : madruga o soldado para vigiar o seu quarto ou na muralha , ou na campanha , ou no bordo da nao : madruga o estudante sobre o livro , que tantas madrugadas custou ao seu au-  
tor , quantas saõ as letras , muitas vezes riscadas , de que está composto : madruga o requerente , madruga o caminhante , madruga cercado de galgos o caçador , e sobre todos com mais estrondo das madrugadas os Principes , devendo madrugar naõ para montear desertos , e matar feras , mas , como fazia El-Rey David , para alimpar os povoados de vicios , e matar os que os cõmettem : *In matutino interfiebam omnes peccatores terræ.* E que appetite menos digno de taõ alto , e soberano nome , que despertarem ao som de trombetas , e muitas horas antes do Sol para correr huma lebre , ou dar huma lançada no javali amalhado aquelles , que sem este desper-  
tador depois da quarta parte do dia , tendo tanto , que ver , e prover , ainda naõ tem abertos os olhos ?

102 E se estas madrugadas por outra parte licitas , e honestas , o descuido de se empregarem na adoração do Senhor : *Qui fabricatus est auroram , & solem ,* bastara para as fazer ociosas , e menos christians , que censura merecem aquellas , que em lugar de se dedicarem , e consagrarem ao verdadeiro Deos , se sacrificão aos idolos ? Fundido por Araõ o idolo de ouro , e sinalado para a celebridade , e dedicação da] infame imagem o dia seguinte : *Cras solemitas*

Psal. 100.  
8.

Num. 43<sup>8</sup>.

Psal. 73.  
16.

# Discurso X.

81

*mmitas Domini est: o que fizeraõ todos, foy levantaremse muito de manhã a offerecerlhe sacrificios: Surgentesque mane obtulerunt holocausta. E aos sacrificios se seguiraõ banquetes, brindes, e jogos: Sed sit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere.* Foy boa madrugada esta? E quantas saõ debaixo do falso nome de christandade, as que se parecem com ella? Os nossos idолос saõ as nossas paixõens, e os nossos appetites. E raro he o Christão de sono, e juizo taõ repousado, que o deixe dormir, e naõ desvele a sua idolatria. Quanto corta pelo sono o adulterio? Quanto corta pelo sono o vingativo? Quanto corta pelo sono o ladrão? Quanto corta pelo sono o taful? Quanto corta pelo sono o invejoso, o ambicioso, e mais vigilante que todos o avarento, e cubiçoso? Os Judeos adoraraõ o bezerro de ouro, os Christãos adoraõ o ouro, ainda que naõ pese tanto como o bezerro. Do ouro tomou o nome a Aurora, e esta he a despertadora, que os naõ deixa dormir, e faz vigiar, machinando subtilezas, traças, enganos, traïçoens, e sacrificando o torpe, vergonhoſo, e brutal ídolo do interesse, o descanſo, a razão, a vida, a honra, a consciencia, a alma.

103 Mas como aproveita pouco o semear sem colher, assim he inutil o dizer sem persuadir. Por este receyo, e justa desconfiança, que tenho de mim, quizera que me acabara o sermão outro Prégador. Considerando pois, que Prégador escolheria para este socorro, resolvime a que fosse o que mayor, e mais declarado fructo fez nesta semana santa. E quem he? Aquelle, que converteo a S. Pedro, e cantando o fez chorar: *Cantavit gallus, recordatus est Petrus, & flevit amare.* Naõ desprezeis o préga-

Matth. 26. 74. 75.

Tom. I.

F

dor

## 82 Vieira abbreviado

dor ; porque para provar , e persuadir o que tenho dito nenhum tem melhor talento , nem maior efficia. He taõ douto , que naõ se preza menos a sabedoria divina da ciencia , que poz no homem , que da intelligencia , que deo ao gallo : *Quis posuit in visceribus hominis sapientiam, vel quis dedit gallo intelligentiam?* Préga com a voz , e com o exemplo ; porque faz o que diz. Se desperta , e acorda aos outros , primeiro se desperta , e acorda a si , e naõ abre a boca sem bater as azas , que he acompanhar a voz com as acçoens.

104 O assumpto da sua prêgaçao he o proprio do meu discurso , para que os homens por desacau- telados , quando nasce o Sol , os naõ ache dormindo.

Plin. I<sup>a</sup>b 10. cap. 21. Assim o notou Plinio : *Nec Solis ortum incautis patiuntur obrepere.* E para que naõ pareça coula indi- gna , que o sermaõ de hum Prégador com fé o aca- be hum animal sem uso da razão , lembraivos , que

Num. 440. tendo Deos fallado muitas vezes ao Profeta Balaõ por si mesmo , no fim o convenceo pela lingua de hum bruto. Do mesmo modo o faz agora aos Christaos por meyo das vozes , ou brados daquelle desper- tador irracional : *Gallus jacentes arguit, & somnolentos increpat.* Sabeis ( diz a Igreja Catholica ) o que fazem dentro da vossa familia as vozes daquelle ave taõ vigilante ? Arguem os que jazem na cama , e naõ se levantaõ , e reprehendem aos que se deixao vencer do sono , e naõ madrugaõ. E se me pergun- tais porque repete o gallo a mesma voz huma , duas , e tres vezes cada noite , digo , que saõ tres admoes- taõs canonicas , com que Deos avisa a todo o ho- mem Christao , que o ha de excommunigar , e separar da communicaçao dos verdadeiros fieis , se for taõ des-

Job. 38.  
36.

# Discurso XI.

83

descuidado, e negligente, que naõ faça o que fazem as aves aos primeiros rayos, ou bocejos da luz, sahindo todas de seus ninhos a louvar, e dar a arvorada a seu Creador.

## DISCURSO XI.

*Tirado de hum sermaõ de S. Joao Evangelista, e de outros do santiſſimo Sacramento, e Mandato.*

### A M O R.

105 **A** Mar he desvelo, adormecer he descuido. Pois como pôde ser, que o descuido seja prova do desvelo, e que o adormecer seja prova Part. 5. d.  
390. do amor? Adormecko: logo amou. He boa conſe-  
quencia esta? Sim. Porque adormecko com o peito reclinado sobre o peito do amante. E naõ pôde haver mais fino, nem mais provado amor, que aquelle, que entrega o coraçao, e fecha os olhos. Entregar o coraçao com os olhos abertos he querer a vista por premio do amor: entregar o coraçao com os olhos fechados he naõ querer no amor nem o premio da vista.

106 A prova do verdadeiro amor naõ está em Part. 1. n.  
578. amar vendo, senaõ em amar sem ver: amar, e ver he bemaventurança: amar sem ver he amor. O mesmo mundo o confessa. Toda a gala do amor qual he? Vós o pintais nú como a verdade, e assim ha de ser; se he amor. Qual he logo a sua gala? Toda a gala do amor he a sua venda, vendado, e despido; porque quando naõ tem uso dos olhos, entaõ se descobre o amor. A prova da verdadeira fé, a fineza do

## 84 Vieira abbreviado

verdadeiro amor naõ he seguir ao Sol quando elle se deixa ver claro , e formolo com toda a pompa de seus rayos , senaõ quando se nega aos olhos escondido , e cuberto de nuvens. Vede-o no espelho da natureza.

107 Aquella flor , a que o gyro do Sol deo o nome , chamada dos Gregos Heliotropio , immovel , e com perpetuo movimento já mais deixá de seguir , e acompanhar a seu amado planeta. Quando o Sol nasce , se lhe inclina , e o sauda : quando sobe , se levanta com elle : quando está no zenith , o contempla direita : quando desce , se torna a dobrar : e quando finalmente chega ao occaso , com nova , e profunda inclinaçao se despede delle. Grande milagre da natureza ! Grande fineza do amor ! Mas onde está o mais fino desta fineza ? Descobrio , e ponderou-o Plinio com huma reflexaõ taõ admiravel , como a da mesma flor : *Heliotropii miraculum s̄epius diximus cum Sole se circumagentis etiam nubilo die. Tantus syderis amor est.* Maravilha he , e fineza prodigiosa , que aquella flor amante do Sol sem se poder mover de hum lugar o figa sempre em roda , acompanhando seu curso ; mas o mais maravilhoso desta maravilha , e o mais fino desta fineza ( diz Plinio ) he , que naõ só segue , e acompanha o Sol , quando se lhe mostra claro , e resplandecente , senaõ quando se esconde , e se cobre de nuvens : *Etiam nubilo die. Tantus syderis amor est.* Mas passemos da escola da natureza á da graça , e vejamos se ha nella alguma flor semelhante.

108 Desejou Moysés ver a Deos , e pediolhe ,  
Exod. 33. que lhe mostrasse o seu rosto : *Ostende mihi faciem tuam.* Foylhe respondido , que naõ era possivel nesta vida :

# Discurso XI.

87

vida: *Non videbit me homo, & vivet.* E que vos pa-Exod. 33.  
rece, que faria Moysés com este desengano? Naõ o<sup>20.</sup>  
disse elle na sua historia, mais dille-o por elle S. Pau-  
lo com altissima ponderaçao: *Invisibilem tamquam Heb. 11.*  
*videns sustinuit.* Desenganado Moysés de poder ver<sup>27.</sup>  
a Deos, foy tal a sua fineza, que fazia, naõ o vendo,  
o que havia de fazer, se o vira. Que havia de fazer  
Moysés, se vira a Deos? Havia de estar sempre com  
os olhos fixos nelle, sem já mais se apartar de sua  
vista, e de sua presença. Pois isso, que havia de fa-  
zer, se o vira, isto mesmo fazia, naõ o vendo: *Invisi-  
bilem tamquam videns sustinuit,*

109 O amor naõ depende de ver para amar, an-Part. 3.  
tes quando a ausencia, e distancia lhe impedem a vis-<sup>464.</sup>  
ta, entaõ se reconcentra, e arde mais. Os olhos saõ  
as frestas do coraçao, por onde respira: e daqui veim,  
que o coraçao na presença, em que tem abertos os  
olhos, por elles evapora, e exhala os affectos. Porém  
na ausencia, em que os tem tapados pela distancia,  
que lhe succede? Assim como o vaso sobre o fogo,  
que tapado, e naõ tendo por onde respirar, concebe  
mayor calor, e o reconcentra todo em si, e tal vez  
rebenta, assim o coraçao ausente, faltandolhe a res-  
piraçao da vista, e naõ tendo por onde dar sahida ao  
incendio, recolhe dentro em si toda a força, e impe-  
to do amor, o qual crefce naturalmente, e se acen-  
de, e adelgaça de sorte, que naõ cabendo no mesmo  
coraçao, rebenta em mayores, e mais extraordina-  
rios effeitos.

110 O fogo pode se apartar, mas naõ se pôde es-  
friar. Ao perto, e ao longe, ou presente, ou ausen-  
te sempre arde igualmente, porque sempre he fo-  
go. Poderá ser taõ distante a ausencia, que o tire da  
Tom. I. F 3 vista;

vista; mas nenhunha taõ poderosa, que lhe mude a  
 Num. 46º. naturezã: *Quia nunquam, & nusquam potuit non amare, qui amor est*, diz S. Bernardo. O amor naõ he uniaõ de lugares, senaõ de vontades: se fora uniaõ de lugares, podera-o desfazer a distancia; mas como he uniaõ de vontades, naõ o pôde esfriar a ausencia. Pôde a distancia apartar os corpos; mas naõ pôde dividir os coraçõens. Pôde a ausencia impedir a vista; mas naõ pôde esfriar o amor.

## DISCURSO XII.

*Tirado de hum sermaõ do Mandato, no qual o Autor mostra, que mais affinou o amor de Christo a sua ciencia: Sciens, e a nossa ignorancia:*  
*Tu nescis modo.*

## AMOR.

Part. 2.  
405.

III **N**o mundo, e entre os homens isto, que vulgarmente se chama amor, naõ he amor, he ignorancia. Pintaraõ os Antigos ao amor minino, e a razaõ dizia eu o anno passado, que era porque nenhum amor dura tanto, que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob com Rachel, e o de Jonathas com David, e outros grandes ainda que poucos. Pois se ha tambem amor, que dure muitos annos, porque no lo pintaraõ os sabios sempre minino? Desta vez cuido, que hei de acertar a causa. Pintase o amor sempre minino; porque ainda que passe de sete annos, como o de Jacob, nunca chega á idade de uso de razaõ. Usar de razaõ, e amar saõ duas cousas, que naõ se ajun-

## Discurso XII. 89

ajuntaõ. A alma de hum minino, que vem a ser ? Huma vontade com affectos, e hum entendimento sem uso. Tal he o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista huma alma ; porém o primeiro rendido he o entendimento. Ninguem teve a vontade febricitante, que naõ tivesse o entendimento frenetico. O amor deixará de variar, se for firme; mas naõ deixará de tresvariар, se he amor. Nunca o fogo abrazou a vontade, que o fumo naõ cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração, que naõ houvesse fraqueza no juizo. Por isto os mesmos pintores do amor lhe vendaraõ os olhos. E como o primeiro effeito, e a ultima disposição do amor he cegar o entendimento, daqui vem, que isto, que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorancia, e quantas partes tem de ignorancia, tantas lhe faltaõ de amor. Quem ama, porque conhece, he amante : quem ama, porque ignora, he nescio. Assim como a ignorancia na offensa diminue o delícto, assim no amor diminue o merecimento. Quem ignorando offendeo, em rigor naõ he delinquente : quem ignorando amou, em rigor naõ he amante.

112 He tal a dependencia, que tem o amor, das duas supposições, que o que parece fineza fundado em ignorancia, naõ he amor, e o que naõ parece amor fundado em ciencia, he grande fineza.

113 Quatro ignorancias podem concorrer em hum amante, que diminuaõ muito a perfeição, e merecimento de seu amor. Ou porque se naõ conhece a si, ou porque naõ conhece a quem amava, ou porque naõ conhecesse o amor, ou porque naõ conhecesse o fim, onde ha de parar amando. Se naõ se

conhecesse a si , tal vez empregaria o seu pensamento onde o naõ havia de pôr , se se conhecera. Se naõ conhece a quem amava , tal vez quereria com grandes finezas a quem havia de aborrecer , se o naõ ignorara. Se naõ conhecesse o amor , tal vez se empregaria , ou empenharia cegamente no que naõ havia de emprender , se o soubera. Se naõ conhecesse o sim , em que havia de parar amando , talvez chegaria a padecer os dâmnos ; a que naõ havia de chegar , se os prevenira.

*Num. 410.* 114 Se naõ se conhecesse a si , tal vez empregaria o seu pensamento onde o naõ havia de pôr , se se conhecera. Em quanto Paris ignorante de si , e da for-

*Num. 411.* tuna de seu nascimento guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do monte Ida , dizem as historias humanas , que era objecto de seus cuidados Eno-ne huma formosura rustica daquelles valles. Mas quando o encuberto Principe se conheceo , e soube que era filho de Priamo Rey de Troya , como deixou o cajado , e o surraõ , trocou tambem de pensamento. Amava humildemente , em quanto se teve por humilde. Tanto que conheceo quem era , logo desconheceo a quem amava. Como o amor se fundava na ignorancia de si , o mesmo conhecimento , que defez a ignorancia , acabou tambem o amor. Desfamou Principe o que tinha amado pastor ; porque como he falta de conhecimento proprio nos pequenos levantar o pensamento , assim he affronta da fortuna nos grandes abater o cuidado.

*Num. 415.* 115 A segunda ignorancia , que tira o merecimento ao amor , he naõ conhecer quem ama a quem ama. Quantas cousas ha no mundo muito amadas , que se as conhecera quem as ama , haviaõ de ser mnito

## *Discurso XII.*

91

muito aborrecidas. Graças logo ao engano , e naõ ao amor. Servio Jacob os primeiros sete annos a Labaõ, e ao cabo delles, em vez de lhe darem a Rachel , de-  
raõlhe a Lia. Ah enganado pastor , e mais engana-  
do amante ! Se perguntarmos á imaginaçao de Jacob  
por quem servia , responderá que por Rachel . Mas  
se fizermos a mesma pergunta a Labaõ , que sabe o  
que he , e o que ha de ser , dirá com toda a certeza ,  
que serve por Lia. E assim foy : servis por quem ser-  
vis , e naõ servis por quem cuidais. Cuidais , que  
os vossos trabalhos , e os vossos disvelos saõ por Ra-  
chel amada , e trabalhais , e desvelairos por Lia a  
aborrecida. Se Jacob soubera , que servia por Lia ;  
naõ servira sete annos , nem sete dias. Servio logo  
ao engano , e naõ ao amor ; porque servio por quem  
naõ amava. Oh quantas vezes se representa esta his-  
toria no theatro do coraçaõ humano , e naõ com di-  
versas figuras , senaõ na mesma ! A mesma , que na  
imaginaçao he Rachel , na realidade he Lia : e naõ  
he Labaõ o que engana a Jacob , tenaõ Jacob o que  
se engana a si mesino.

116 Deste discurso se segue huma conclusao taõ  
certa , como ignorada , e he , que os homens naõ  
amaõ aquillo , que cuidaõ que amaõ. Porque ? Ou  
porque o que amaõ , naõ he o que cuidaõ , ou porque  
amaõ o que verdadeiramente naõ há. Quem estima  
vidros cuidando que saõ diamantes , diamantes esti-  
ma , e naõ vidros : quem ama defeitos , cuidando  
que saõ perfeiçoens , perfeiçoens ama , e naõ defei-  
tos. Cuidais , que amais diamantes de firmeza , e  
amais vidros de fragilidade : cuidais , que amais  
perfeiçoens angelicas , e amais imperfeiçoens huma-  
nas : logo os homens naõ amaõ o que cuidaõ , que  
amaõ.

## 92 Vieira abbreviado

amaõ. Donde tambem se segue, que amaõ o que verdadeiramente naõ ha; porque amaõ as coulas naõ como saõ, senaõ como as imaginaõ, e o que se imagina, e naõ he, naõ o ha no mundo. Amaõ as coufas como as imaginaõ, e as coufas como elles as imaginaõ, havellas ha na imaginaõ, mas no mundo naõ as ha. Vós amailos como saõ na vossa imaginaõ, e naõ como saõ no mundo. No mundo saõ ingratos, na vossa imaginaõ saõ agradecidos, no mundo saõ traidores, na vossa imaginaõ saõ leaes, no mundo saõ inimigos, na vossa imaginaõ saõ amigos. E amar ao inimigo, cuidando que he amigo, e ao traidor, cuidando que he leal, e ao ingrato, cuidando que he agradecido, naõ he fineza, he ignorancia, por isso o vosso amor naõ tem merecimento, nem he senaõ engano.

117 Se naõ conhecesse o amor, talvez se empre-  
Num. 410. garia, ou empenharia cegamente no que naõ havia de emprender, se o soubra. Questao he curiosa nes-  
Num. 420. ta filosofia, qual seja mais precioso, e de maiores qualidades, se o primeiro amor, ou o segundo? Ao primeiro ninguem pôde negar, que he o primogenito do coraçaõ, o morgado dos affeçtos, a flor do desejo, e as primicias da vontade. Com tudo eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro he bisonho, o segundo he experimentado: o primeiro he aprendiz, o segundo he mestre: o primeiro pôde ser impeto, o segundo naõ pôde ser senaõ amor. Em fim o segundo amor, porque he segundo, he confirmaõ, e ratificaõ do primeiro, e por isso naõ simples amor, senaõ duplicado, e amor sobre amor. He verdade, que o primeiro amor he primogenito do coraçaõ; porém a vontade sempre livre

## Discurso XII. 93

livre naõ tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas naõ por isto o mayor.

118 A primeira vez, que Jonathas se affeiçou a David, diz a Escritura sagrada, que lhe fez juramento de perpetuo amor : *Inierunt autem David, & Jonathas fædus ; diligebat enim eum, quasi animam suam.* Passaraõ depois disto alguns tempos de firme vontade, posto que de varia fortuna. Torna a dizer o texto, que Jonathas fez segundo juramento a David de nunca faltar a seu amor : *Et addidit Jonathas dejerare David, eo quod diligenter illum.*<sup>17.</sup> Pois se Jonathas tinha já feito hum juramento de amar a David, porque faz agora outro ? Por ventura quebrou o primeiro, para que fosse necessario o segundo ? He certo, que o naõ quebrou ; porque naõ fora Jonathas o exemplo mayor da amizade, se o naõ fora tambem da firmeza. Pois se o amor estava jurado ao principio, porque o jura outra vez agora ? Porque foy muy diferente materia jurar o amor antes de conhecido, ou jurallo depois de experimentado.

119 Quando Jonathas jurou a primeira vez, naõ sabia ainda o que era amor, porque o naõ experi-<sup>Num.421.</sup> mentara : quando jurou a segunda vez, já tinha larga experienzia do que era, e do que custava pelo muito que padeceo por David. E era taõ diferente o conceito, que Jonathas fazia agora de hum amor a outro, que julgou, que o juramento do primeiro naõ o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorancia passada naõ diminuisse o merecimento presente, por isto fez juramento de novo amor. Naõ novo, porque deixasse de amar alguma hora; mas porque era pouco o que dantes promettera em compara-

paraçāo do muito, que hoje amava. Entaõ prometteo, como conhecia, agora promettia, como experimentara. Que Jónathas se resolvesse a amar a David, quando naõ conhecia as paixoes deste tyranno affeçto, naõ foy mūita fineza; mas depois de conhecer seus rigores, depois de soffrer suas semrazoens, depois de experimentar suas cruidades, depois de padecer suas tyrannias, depois de sentir ausencias, depois de chorar saudades, depois de resistir contradiçoens, depois de atropelar difficuldades, depois de vencer impossiveis, arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a authoridade, revelando secretos, encubrindo verdades, desmentindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, cativando o alvedrio, morando dentro em si por tormento, e vivendo em seu amigo por cuidado, sempre triste, sempre affligido, sempre inquieto, sempre constante a pezar de seu pay, e da fortuna de ambos, que todas estas finezas diz a Escritura fez Jonathas por David, que depois, digo, de taõ qualificadas experienças de seu coraçāo, e de seu amor se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar? Isto sim, isto he amor.

120 Se naõ conhecesse o fim, em que havia de parar amando, tal vez chegaria a padecer os danños, a que naõ havia de chegar, se os previra. De muitos contaõ as historias, que morreraõ, porque amaraõ; mas porque o amor foy só a occasião, e a ignorancia a causa, falsamente lhe deo a morte o epitafio de amantes. Naõ he amante quem morre, porque amou, senão quem amou para morrer. Bem notavel he neste genero o exemplo do Principe Sichem. Amou Sichem a Dina filha de Jacob, e rendeoſe tanto aos im-

Num. 410.

Num. 425.

# Discurso XIII. 93

imperios do seu affecto , que sendo Principe soberano , se sujeitou a taes condicoens , e partidos , que a poucos dias de desposado lhe poderaõ tirar a vida Simeão , e Levi irmão de Dina. Amou Sichem , e morreo ; mas a morte naõ foy trofeo de seu amor , foy castigo de sua ignorancia. Foy caso , e naõ merecimento ; porque naõ amou para morrer , ainda que morreo , porque amou. Deveolhe Dina o amor , mas naõ lhe deveo a morte. Antes por isso nem o amor lhe deveo , que quem amou , porque naõ sabia , que havia de morrer , se o soubera , naõ amara. Naõ está o merecimento do amor na morte , senão no conhecimento della.

Num. 110.

## D I S C U R S O XIII.

*Tirado de hum sermaõ do Mandato.*

### A M O R.

121 **Q** Ue he o que mais deseja , e mais estima : Num. 121.  
verse conhecido , ou verle pago ? He certo , que o amor naõ pôde ter pago , sem ser primeiro conhecido ; mas pôde ser conhecido , sem ser pago. E considerando divididos estes douz Num. 431 termos , naõ ha duvida , que mais estima o amor , e melhor lhe está verse conhecido , que pago. Porque o que o amor mais pertende , he obrigar : o conhecimento obriga , a paga desempenha : logo muito melhor lhe está ao amor verse conhecido , que pago ; porque o conhecimento aperta as obrigaçōens , a paga , e o desempenho desata-as. O conhecimento he satisfaçō do amor proprio , a paga he satisfaçō do amor

amor alheyo : na satisfaçāo do que o amor recebe ,  
póde ser o affecto interessado , na satisfaçāo do que  
communica , naõ póde ser senaõ liberal : logo mais  
deve estimar o amor ter segura no conhecimento a  
satisfaçāo da sua liberalidade , que ver duvidosa na  
paga a fidalgaria do seu desinteresse . O mais seguro  
credito de quem ama he a confissāo da divida no  
amado ; mas como ha de confessar a divida quem a  
naõ conhece ? Mais lhe importa logo ao amor o con-  
hecimento , que a paga ; porque a sua mayor rique-  
za he ter sempre individuado a quem ama . Quando  
o amor deixa de ser acreedor , só entaõ he pobres Fi-  
nalmente ser taõ grande o amor , que se naõ possa pa-  
gar , he a mayor gloria de quem ama : se esta grande-  
za se conhece , he gloria manifesta , senaõ se con-  
hece , fica escurécida , e naõ he gloria : logo muito  
mais estima o amor , e muito mais deseja , e muito  
mais lhe convém a gloria de conhecido , que a satis-  
façāo de pago .

## DISCURSO XIV.

*Tirado de hum sermaõ do Mandato.*

## AMOR.

122 **D**efinindo S. Bernardo o amor fino , diz  
assim : *Amor non querit causam , nec fru-*  
Num. 112. *ctum.* O amor fino naõ busca causa , nem fructo . Se  
amo , porque me amaõ , tem o amor causa : se amo ,  
para que me amem , tem fructo . E o amor fino naõ  
ha de ter porque , nem para que . Se amo , porque  
me amaõ , he obrigaçāo , faço o que devo : se amo ,  
para

## Discurso XIV. 95

para que me amem , -he negociaçao , busco o que de- Parr. 2.  
lejo. Pois como ha de amar o amor para ser fino ? <sup>417.</sup>

*Amo, quia amo: amo, ut amem:* Amo , porque amo ,  
e amo para amar. Quem ama , porque o amaõ , he  
agradecido : quem ama , para que o amem , he inte-  
resseiro : quem ama , naõ porque o amaõ , nem para  
que o amem , esse só he fino.

## D I S C U R S O XV.

*Tirado de bum sermaõ do Måndato.*

### A M O R.

123 **O** amor , a quem remediou , e pôde curar o  
tempo , bem poderá ter que fosse doen-  
ça ; mas naõ he amor. O amor perfeito , e que só me-  
rece o nome de amor , vive imortal sobre a esfera  
da mudança , e naõ chegaõ lá as jurisdiçoes do tem-  
po. Nem os annos o diminuem , nem os seculos o en-  
fraquecem , nem as eternidades o cansão : *Omni tem-* Prov. 17.  
*pore diligit qui amicus est* , disse nos seus Prover-  
bios o Salamaõ da ley velha. E o Salamaõ da nova  
Santo Agostinho , cõmentando o mesmo texto , pe-  
netrou o fundo delle com esta admiravel sentença :  
*Manifeste declarans amicitiam aeternam esse, si ve-* Aug.  
*ra est: si autem desierit, nunquam vera fuit.* Quiz-  
nos declarar Salamaõ , diz Agostinho , que o amor ,  
que he verdadeiro , tem obrigaçao de ser eterno ;  
porque se em algum tempo deixou de ser , nunca foy  
amor : *Si autem desierit, nunquam vera fuit.* No-  
tavel dizer! Em todas as outras couças o deixar de  
ser he final de que já forao : no amor o deixar de ser  
he

## 96 Vieira abbreviado

he sinal de nunca ter sido. Deixou de ser , pois nunca foy : deixastes de amar , pois nunca amastes. O amor , que naõ he de todo o tempo , e de todos os tempos , naõ he amor , nem foy ; porque se chegou a ter fim , nunca teve principio. He como a eternidade , que se por impossivel tivera fim , naõ teria sido eternidade : *Declarans amicitiam æternam esse , si vera est.* Taõ izento da jurisdiçao do tempo he o verdadeiro amor!

Num. 453.

## DISCURSO XVI.

*Tirado de hum sermaõ do Mandato.*

### A M O R .

Part. I.  
908.

124 **O** Amor essencialmente he uniao , e naturalmente a busca , para alli peza , para alli caminha , e só alli pára. Tudo saõ palavras de Plataõ , e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor he unir , como pôde ser effeito do amor o apartar ? Assim he , quando o amor naõ he estremado , e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem effeitos contrarios : a dor faz gritar ; mas se he excessiva , faz emmudecer. A luz faz ver ; mas se he excessiva , cega : a alegria alenta , e vivifica ; mas se he excessiva mata. Assim o amor naturalmente une ; mas se he excessivo , divide : *Fortis est ut moris dilectio?* O amor , diz Salamaõ , he como a morte. Como a morte Rey sabio ? Como a vida dissera eu. O amor he uniao de almas , à morte he separaçao da alma ; pois se o effeito do amor he unir , e o effeito da morte he separar , como pôde ser o amor semelhante

## Discurso XVI. 97

Ihante á morte? O mesmo Salamaõ se explicou. Naõ falla Salamaõ de qualquar amor, senaõ do amor forte: *Fortis est ut mors dilectio*, e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo produz effeitos contrarios: he uniaõ, e produz apartamentos. Sabese o amor atar, e sabese desatar como Samsaõ: affectuoso deixase atar: forte rompe as ataduras. O amor sempre he amorofo; mas humas vezes he amorofo, e unitivo, outras vezes amorofo, e forte. Em quanto amorofo, e unitivo, ajunta os extremos mais distantes. Em quanto amorofo, e forte, divide os extremos mais unidos. Quaes saõ os extremos mais distantes, e mais unidos, que ha no mundo? O nosso corpo, e a nossa alma. Saõ os extremos mais distantes; porque hum he carne, e outro espirito: saõ os extremos mais unidos; porque nunca já mais se apartaõ. Juntos nascem, juntos crescem, juntos vivem, juntos caminhaõ, juntos paraõ, juntos trabalhaõ, juntos descansaõ de noite, e de dia, dormindo, e velando: em todo o tempo, em toda a idade, em toda a fortuna: sempre amigos, sempre companheiros, sempre abraçados, sempre unidos. Esta uniaõ taõ natural, esta uniaõ taõ estreita quem a divide? A morte. Tal he o amor: *Fortis est ut mors dilectio*. O amor, em quanto unitivo, he como a vida: em quanto forte, he como a morte. Em quanto unitivo, por mais distantes, que sejaõ os extremos, ajunta-os; em quanto forte, por mais unidos, que estejaõ, aparta-os.

125 Antes da incarnaçaõ do Verbo quaes eraõ os extremos mais distantes? Deos, e o homem. E que fez o amor unitivo? Trouxe a Deos do Cgo á terra, e unio a Deos com os homens. Depois da in-

Tom. I.

G

carna-

98

## Vieira abbreviado

Joan. 16.  
28.

Num. 912.

incarnaçao quaes eraõ os extremos mais unidos? Christo, e os homens. E que fez o amor forte? Leva hoje a Christo da terra ao Ceo: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, e apartou a Christo dos homens. *Exivi a Patre, & veni in mundum*, eisahi o amor unitivo. *Iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem*, eisahi o amor forte. He o que diz o Evangelista: *Cum dilexisset, dilexit*. Houve diferença nos tempos; mas não houve mudança no amor: Christo unido com os homens, amor: *Cum dilexisset*, Christo apartado dos homens, tambem amor, e maior amor: *In finem dilexit eos*.

## D I S C U R S O XVII.

*Tirado de hum sermaõ do Mandato.*

### A M O R.

Part. I.

126 **P**ara inteira satisfaçao do amor resta que lhe demos a razao desta altissima Filosofia: qual he a razao, porque apartarse quem ama de quem ama, he o maior extremo, a que pôde chegar o amor? A razao he esta. Porque o amor do que se ama, provase pelo amor do que se deixa, e não pôde deixar mais o amor, que chegar a deixar pelo amado ao mesmo amado. A pedra de toque do amor he hum amor com outro. Quiz Deos provar o amor de Abraão, tocou-o com o amor de Isaac, a quem amava como filho. Quiz David provar o amor de Jona-thas, e tocou o com o amor de Saul, a quem amava como pay. Da mesma maneira quem quizer apurar os quilates do amor, toque o amor do que se ama, com

## Discurso XVII. 99

com o amor do que se deixa, e logo conhecerá quando  
fino he.

177 Quem deixa tudo pelo amado, deixa tudo ; Num. 9:23.  
mas quem deixa pelo amado ao mesmo amado, ain-  
da deixa mais ; porque chega a deixar aquelle, por  
quem tem deixado tudo. Quando Christo vejo ao  
mundo, deixou o Ceo por amor dos homens ; porém  
hoje deixa os mesmos homens por quem tinha dei-  
xado o Ceo. Quando vejo ao mundo, deixou os  
Anjos por amor dos homens ; porém hoje deixa os  
mesmos homens , por quem tinha deixado os Anjos.  
Quando vejo ao mundo, deixou a gloria por amor  
dos homens ; porém hoje deixa os mesmos homens ,  
por quem tinha deixado a gloria. Finalmente quan-  
do vejo ao mundo, deixou o Padre por amor dos ho-  
mens ; porém hoje deixa os mesmos homens , por  
quem tinha deixado o Padre. E neste mundo que  
deixou Christo ? Nascendo pobre deixou por amor  
dos homens a riqueza : desterrandose deixou por  
amor dos homens a patria : trabalhando deixou por  
amor dos homens o descanso : entregandose deixou  
por amor dos homens a liberdade: padecendo affron-  
tas deixou por amor dos homens a honra : morrendo  
deixou por amor dos homens a vida : sacramentan-  
do se deixou por amor dos homens a si mesmo ; mas  
hoje ausentandose dos homens , e partindose do mun-  
do : *Ut transeat ex hoc mundo*, deixou mais que as  
riquezas , mais que a pátria , mais que o descanso ,  
mais que a liberdade , mais que a honra , mais que a  
vida , mais que a si mesmo ; porque deixou os mes-  
mos homens , por quem tudo isto tinha deixado. De  
maneira que havendo Christo deixado por amor  
dos homens tudo, o que tinha no Ceo, (até o mesmo

## 100 Vieira abbreviado

Padrē,) e tudo o que tinha, e podia ter na terra, (até a si mesmo) naõ tendo já nem no Ceo, nem na terra, naõ tendo já em si, nem fóra de si outra cousa, que deixar por amor dos homens, para chegar ao non plus ultra dō amor chega a deixar por amor dos homens aos mesmos homens.

## D I S C U R S O XVIII.

*Tirado de hum sermaõ do Mandato.*

### A M O R.

Part. 2.  
Num. 423 128 **S** E o diminuir no amor he descredito, também he descredito o crescer. Quem diz, que ama mais, desacredita o seu amor; porque ainda que o crescer seja aumento, he aumento, que supoem imperfeição. Amor, que pôde crescer, naõ he amor perfeito.

## D I S C U R S O XIX.

*Tirado de hum sermaõ do Mandato, em que o Auclor mostra, que o amor de Christo foy enfermidade sem remedio, e juntamente quaes saõ os remedios do amor.*

### A M O R R E M E D I A D O.

Part. 3.  
Num. 449. 129 **O**S remedios pois do amor mais poderosos, e efficazes, que atégora tem descuberto a natureza, approvado a experienzia, e receitado a arte, saõ estes quatro: o tempo, a ausencia, a ingran-

## Discurso XIX. 101

ingratidaõ, e sobre tudo o melhorar de objecto.

130 O primeiro remedio, que diziamos, he o tempo.<sup>Num.450.</sup> Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atrevese o tempo a colunas de marmore, quanto mais a coraçōens de cera? Saõ as affeijoens como as vidas, que naõ ha mais certo cinal de haverem de durar pouco, que tem durado muito. Saõ como as linhas, que partem do centro para a circunferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isto os antigos sabiamente pintaraõ o amor minino; porque naõ ha amor taõ robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afroxalhe o arco, com que já naõ atira, embotalhe as settas, com que já fere, abrelhe os olhos, com que vê o que naõ via, e fazhe crescer as azas, com que voa, e foge. A razão natural de toda esta diferença he, porque o tempo tira a novidade ás cousas, descobrelhe os defeitos, enfastialhe o gosto, e basta, que sejaõ usadas para naõ serem as mesmas. Gastase o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar he causa de naõ amar, e o ter amado muito de amar menos. Baste por todos os exemplos o do amor de David.

131 Amou David a Bethsabee com aquelles extremos, que todos sabem: e sendo o coração deste homem feito pelos moldes do coração de Deus, e Deos taõ picado de ciumes, como elle confessá de si: *Ego Deus zelotes*, causa he dignissima de grande reparo, que o mesmo Deus o deixasse continuar naquelle amor sem lhe procurar o remedio, senão ao cabo de hum anno, quando o mandou reduzir pelo Profeta Nathan. Quanto Deus sentisse este desamor

## 102 Vieira abbreviado

de David , bem se vê da circunstancia deste mesmo cuido , pois elle sendo o offendido , foy o que solicitou a reconciliaçāo , sem esperar que David a procurasse . Pois se Deos queria , e desejava tanto , que David se apartasse do amor de Bethsabee ; porque dilatou esta diligencia tanto tempo , e naõ lhe procurou o remedio , senão no fim de hum anno ? Pois esse mesmo anno , e esse mesmo tempo foy o primeiro remedio , com que o começo a curar . As outras enfermidades tem na dilaçāo o mayor perigo , a do amor tem na mesma dilaçāo o melhor remedio . Via o que só vê os coraçoens dos homens , que em quanto duravaõ aquelles primeiros fervores da affeição de David , difficultosamente se lhe havia de arrancar do coraçāo hum amor , em que estava tão empenhado . Pois deixese a cura ao tempo , que elle pouco a pouco o irá dispondō , e assim foy . Ao principio naõ reparava David no que devia ao vassallo , nem no que se devia a si , nem no que devia a Deos . Matava homens , perdia exercitos , naõ fazia caso da fama , nem da consciencia , que tanta valentia trazia aquele bravo incendio em seus principios ; mas foy andando hum dia , e outro dia , foy passando huma semana , e outra semana , foy continuando hum mez , e outro mez , e quando já chegou o fim do anno , em que estado estava o amor de David ? Estava a chaga tão disposta , o coraçāo tão moderado , e o calor tão remittido , que bastou huma só palavra do Profeta para o sarar de todo . O que era desejo , se trocou subitamente em dor : o que era cegueira , em luz : o que era gosto em lagrimas , e o que era amor , em arrependimento . E se tanto pôde hum anno , que farião os muitos ?

O se-

## Discurso XIX. 103

132 O segundo remedio do amor lie a ausencia. Muitas enfermidades se curaõ só com a mudanca do ar, o amor com a da terra. He o amor como a Lua, que em havendo terra em meyo, dai-o por eclipsado. A' sepultura chamou David discretamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis*. E que terra ha, que naõ seja a terra do esquecimento, se vós passastes a outra terra? Se os mortos saõ taõ esquecidos, havendo taõ pouca terra entre elles, e os vivos, que podem esperar, e que se pôde esperar dos ausentes? Se quatro palmos de terra causaõ taes effeitos, tantas legoas que faraõ? Em os longes passando de tiro de setta, naõ chegaõ lá as forças do amor. Seguiu Pedro a Christo de longe; e deste longe, que se seguió? Que aquelle, que na presençā o defendia com a espada, na ausencia o negou, e jurou contra elle. Os Filosofos definiraõ a morte pela ausencia: *Mors est absentia animæ à corpore*. E a ausencia tambem se ha de definir pela morte, posto que seja huma morte, de que mais vezes se resuscita. Vede o nos effeitos naturaes de huma, e outra. Os douos primeiros effeitos da morte saõ dividir, e esfriar. Morreo hum homem, apartouse a alma do corpo: se o apalpares logo, achareis algumas reliquias de calor: se tornastes dahi a hum pouco, tocastes hum cadaver frio, huma estatua de regelo. Estes mesmos effeitos, ou poderes tem a vicemorte a ausencia. Despediraõ-se com grandes demonstraõens de affecto os que muito se amavaõ, apartaraõ-se em sim. E se tomardes logo o pullo ao mais enternecido, achareis que palpitaõ no coraçaõ as saudades, que rebentaõ nos olhos as lagrimas, e que sahem da boca alguns suspiros, que saõ as ultimas respiraõens do amor. Mas

## 104 Vieira abbreviado

se tornardes depois destes officios de corpo presente, que achareis? Os olhos enxutos, a boca muda, o coraçāo focegado: tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausencia seu officio como a morte, apartou, e depois de apartar esfriou.

133 Ovvi o mayor exemplo, que pôde haver desta verdade. Foy a Magdalena ao sepulcro de Christo na madrugada da Resurreiçāo, olhou, não achou o sagrado corpo, tornou a olhar, persistio, chorou. E qual cuidais, que era a causa de todas estas diligencias? Diz com notavel pensamento Origenes, que não era tanto pelo que a Magdalena amava a Christo, quanto pelo que temia de si: *Metuebat,*

*Orig. hom. de Magdal.* *ne amor Magistri sui in pectore suo frigesceret, si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret.* Sabia a Magdalena como experimentada, que a ausencia tem os effeitos da morte, apartar, e depois esfriar. E como se via apartada do seu amado, que he o primeiro effeito, temia, que se lhe esfriasse o amor no coraçāo, que he o segundo: *Metuebat, ne amor Magistri sui in pectore suo frigesceret.* Pois o amor da Magdalena tão forte, tão animoso, tão constante, tão ardente: o amor da Magdalena canonizado de grande, e engrandecido de muito: *Quoniam di-*

*Lac. 7. 47. lexit multum, tão pouco fiava de si mesmo, que temesse esfriar-se? Sim: que taes são os poderes da ausencia contra o mais qualificado amor. E como o coraçāo se aquenta pelos olhos, por isto procurava com tanta diligēcia achar o corpo de seu Senhor, para que com a tua vista se tornasse a aquentar o amor, ou senão esfriasse sem ella: *Si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret.**

134 O terceiro remedio do amor he a ingratidao,

## Discurso XIX. 105

daõ. Assim como os remedios mais efficazes saõ ordinariamente os mais violentos , assim a ingratidaõ he o remedio mais sensitivo do amor , e juntamente o mais effectivo. A virtude , que lhe dá tamanha efficacia , se eu bem o considero , he ter este remedio da sua parte a razaõ. Diminuir o amor o tempo , esfriar o amor a ausencia he sem razaõ , de que todos se queixaõ. Mas que a ingratidaõ mude o amor , e o converta em aborrecimento , a mesma razaõ o approva , o persuade , e parece , que o manda. Que sentença mais justa , que privar do amor a hum ingrato? O tempo he natureza , a ausencia pôde ser força , a ingratidaõ sempre he delicto: se ponderarmos os effeitos de cada hum destes contrarios , acharemos que a ingratidaõ he o mais forte. O tempo tira ao amor a novidade , a ausencia tiralhe a communicaçao , a ingratidaõ tiralhe o motivo. De sorte que o amigo por ser antigo , ou por estar ausente naõ perde o merecimento de ser amado: se o deixamos de amar , naõ he culpa sua , he injustiça nossa. Porém se foy ingrato , naõ só ficou indigno do mais tibio amor , mas merecedor de todo o odio. Finalmente o tempo , e a ausencia combatem o amor pela memoria , a ingratidaõ pelo entendimento , e pela vontade. E ferido o amor no cerebro , e ferido no coraçao , como pôde viver ? O exemplo , que temos para justificar esta razaõ , ainda he mayor que os passados.

135 O primeiro ingrato depois de Adaõ foy Caim: ingrato a Deos , ingrato aos pays , ingrato ao irmão , e a toda a natureza ingrato. Matou a Abel , e morto elle , parece que ficava segura a ingratidaõ de ter a correspondencia , que merecia , no coraçao offendido. Mas vede o que diz Deos ao mesmo Caim:

Vox

## 106 Vieira abbreviado

*Gea. 4. 10. Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* A voz do sangue de teu irmão desde a terra , onde o derramaste , está clamando a mim , e pedindo vingan-

*Num. 468. §a.* Notavel caso ! Tres razoens acho em Abel , que desafinaõ muito nos meus ouvidos estas suas vozes .

Ser irmão , ser santo , e ser morto . Se era morto , como brada ? Onde está a insensibilidade da morte ? Se era santo , como naõ perdoa ? Onde está o sofrimento da virtude ? Se era irmão , como pede vingança ? Onde está o afecto da natureza ? Aqui vereis quaõ poderosa he a ingratidaõ para trocar em aborrecimento ainda o mais bem fundado amor . Onde achará amor hum ingrato , se nem em hum irmão achou piedade , nem em hum santo perdaõ , nem em hum morto silencio ? He tão justa , e tão certa paga da ingratidaõ o aborrecimento , que porque houve hum ingrato homicida , houve logo hum aborrecimento resuscitado . E se a ingratidaõ resuscita o aborrecimento até nos mortos , como achará amor nos vivos ?

136 He pois o quarto , e ultimo remedio do amor , e com o qual ninguem deixou de farar , o melhorar de objecto . Dizem , que hum amor com outro se paga , e mais certo he , que hum amor com outro se apaga . Assim como douz contrarios em grao intenso naõ podem estar juntos em hum sujeito , assim no mesmo coraçaõ naõ podem caber douz amores ; porque o amor , que naõ he intenso , naõ he amor .

Ora grande cousa deve de ser o amor , pois sendo assim , que naõ bastaõ a encher hum coraçaõ mil mundos , naõ cabem em hum coraçaõ douz amores . Daqui vem , que se a caso se encontraõ , e pleiteaõ sobre o lugar , sempre fica a victoria pelo melhor objecto . He o amor entre os afectos , como a luz entre as qualis

## Discurso XIX. 107

qualidades. Cómumente se diz, que o mayor contrario da luz saõ as trevas, e naõ he assim. O mayor contrario de huma luz he outra luz mayor. As estrellas no meyo das trevas luzem, e resplandecem mais; mas em apparecendo o Sol, que he luz mayor, desapparecem as estrellas. Grande luz era o Bautista antes de vir Christo ao mundo: appareceo Christo, que era a verdadeira luz: *Erat lux vera, que illu-* Joan. 1. 9. *minat omnem hominem*, e que lhe succedeo ao Bautista? Logo deixou de ser luz: *Non erat ille lux.* Ibid. 8. O mesmo lhe succede ao amor, por grande, e estremado que seja. Em apparecendo o mayor, e melhor objecto, logo se desfamou o menor.

137 Entre as injustiças, que El Rey Saul comet- Num. 47. 8.  
teo contra David, a mais fensivel, e a mais sentida delle foy negarhe a Princeza Michol, que era o pre-  
ço da victoria do gigante, e naõ só negarha, que  
fora menor injuria, senaõ dalla a seu despeito a Faltiel. Dissimulou esta dor David, até que se vio com  
a coroa de Israel na cabeça. E a primeira cousa, que  
fez, ou a primeira condiçao, com que aceitou a me-  
ma coroa, foy, que Michol lhe fosse logo restitu-  
ida. (Soffriaõ-se estes cambios na moeda corrente da-  
quelles tempos.) Conta o caso a Escritura, e refe-  
re huma circunstancia muito digna de reparo: *Misit* 2. Reg. 3.  
*ergo Isboseth, & tulit eam à viro suo Phaltiel: se-* 15. 16.  
*quebaturque eam vir suus plorans usque Baburim.*  
Quer dizer, que mandeu Isboseth filho de Saul tirar  
a Faltiel sua mulher Michol, e que elle a accompa-  
nhou chorando até o lugar, onde se havia de entre-  
gar, e naõ diz mais. O que agora noto he, que nes-  
te apartamento chorasse Faltiel, e naõ chorasse Mi-  
chol. Para Michol chorar bastava ver chorar a Fal-  
tiel.

# 108 Vieira abbreviado

tiel. E quando naõ bastaſte, concorriaõ nella outras duas razoens naturaes naõ só para chorar , senaõ para chorar mais. A primeira , porque nas despedidas costumaõ enternecerse mais os que se vaõ , que os que ficaõ. Assim o temos por exemplo em David ;

1. Reg. 20. 1. Reg. 20. quando se apartou de Jonathas : *Fleverunt pariter;*

41. 41. *David autem amplius.* A segunda , por ser Michol

Ovid. Ovid. mulher, e mulher, que se apartava de seu marido, se-

gundo aquella regra da natureza : *Uxor amans flen-tem , flens acrius ipsa tenebat.* Pois se Michol nesta occasião tinha tantas razoens de chorar , e se apar-tava de Faltiel , e se apartava para sempre , (que era outra nova razaõ ) porque naõ chorou nem huma só lagrima ? Naõ chorou , porque já naõ amava , e naõ amava , porque melhorou de objecto. Faltiel chorava , porque perdia a Michol , e Michol naõ chorava ; porque trocava a Faltiel por David. Em quanto Mi-chol vivia com Faltiel , naõ podemos duvidar , que o amasse , porque Michol era Princeza , e o amor era obrigaçao. Porém tanto , que lhe fallaraõ nas vodas d'El Rey David , mudou logo de affeição , porque me-lhorou de objecto.

## DISCURSO XX.

*Tirado de hum sermaõ do Rosario.*

## A U T H O R I D A D E.

Part. 9. Part. 9. 138 **N**Aõ basta , que as cousas , que se dizem ,  
Num. 143. Num. 143. sejaõ grandes , se quem as diz , naõ he grande. Por isso os ditos , que allegamos , se chamaõ authoridades , porque o Author he , o que lhe dá o credi-

## Discurso XX. 109

credito , e lhe concilia o respeito. As proposiçoes filosoficas para serem axiomas haõ de ser de Aristoteles. As medicas para serem afforismos haõ de ser de Hippocrates. As geometricas para serem theoremas haõ de ser de Euclides. Tanto depende o que se diz da authoridade de quem o diz! Dizerse , que a pintura he de Apelles , ou a estatua de Fidias , bas-  
ta para que a estatua seja immortal , e a pintura naõ tenha preço ; mas esse valor , e essa immortalidade a quem se deve ? Mais ao nome , que ao pincel de Apelles : mais á fama , que á lima de Fidias. E o me-  
mo , que succede ao pincel , e á lima , he o que expe-  
rimentaõ igualmente a voz , e a penna. Se o que diz he Demosthenes , tudo he eloquencia: se o que escre-  
ve he Tacito , tudo he politica : se o que discorre he Seneca , tudo he sentença. Talvez acertou a dizer o rustico o que tinha dito Salamaõ ; mas no rustico naõ merece ouvidos , em Salamaõ he oraculo. De sorte , como dizia , que naõ basta , que as coufas , que se dizem , sejaõ grandes , se quem as diz he pequeno.

DIS-

110 Vieira abbreviado

DISCURSO XXI.

Tirado de hum sermaõ da segunda Dominga da Quaresma, em que o A. pondo o monte da tentaçao á vista do monte da transfiguraçao, e as glorias do mundo á vista da gloria do Ceo, comparando naõ bens com males, senaõ bens com bens, por este meyo mais clara, e manifestamente quer que vejaõ os homens a diferença, que ha dos falsos aos verdadeiros bens, com os quaes a noſſa vontade anda taõ cega, e o noſſo entendimento taõ enganado.

BENS DO MUNDO.

139 **T**odos os bens do mundo ſão bens com mistura de males, e só os bens do Ceo bens puros, e sem mistura. Quando Deos noſſo Senhor fabricou este grande edificio do universo, dividi-o em tres partes. Huma na terra, que he este mundo, em que vivemos, outra debaixo da terra, que he o inferno, outra acima da terra, que he o Ceo. Em todas estas tres regioens repartio os bens, e os males, mas com grande justiça, e diferença. No inferno ha só males ſem bens: no Ceo ha só bens ſem males: na terra ha bens, e males juntamente. E porque razaõ? No inferno ha só males, porque ha só maos: no Ceo ha só bens, porque ha só bons: e na terra, onde andaõ de mistura os bons com os maos, era justo, que andafsem tambem misturados os bens, e os males.

140 A primeira mēſtra desta verdade he a mesma natureza em tudo, o que creou para o homem.

No

## Discurso XXI. III

No maior mimo dos sentidos, que he a rosa, cercando-a de espinhos, nos deixou, diz Santo Ambro-  
sio, hum claro, e desenganado espelho desta deli-  
ciosa, e dolorosa mistura: *Spina sepst gratiam flo-*  
*ris, tamquam humanæ speculum præferens vitæ,*  
*que suavitatem perfunctionis suæ finitimus cura-*  
*rum spinis sæpe compungat.* A mesma consideração  
seguiu, e adiantou Boecio, o qual ajuntando ao  
exemplo da belleza o da docura, cantou, ou chorou  
elegantemente: *Armat spina rosam, mellæ tegunt*  
*apes.* E assim como não ha nesta vida rosa sem espi-  
nho, nem mel sem abelha, assim não ha perola sem  
lodo, nem ouro sem fezes, nem prata sem liga, nem  
Ceo sem nuvem, nem Sol sem sombra, nem lume  
sem fumo, nem theriaga sem veneno, nem monte  
sem valle, nem quantidade sem pezo, nem enchente  
sem minguante, nem trigo sem palha, nem carne  
sem osso, nem peixe sem espinha, nem fructa, por sa-  
borosa que seja, nem caroço, ou casca, que deitar  
fóra. No mesmo tempo, de que se compoem a nossa  
vida, não ha veraõ sem inverno, nem dia sem noite.  
E nesta mesma semelhança he tanta a diferença, que  
para haver veraõ, e inverno he necessario hum an-  
no, e para haver noite, e dia saõ necessarias vinte  
e quatro horas; mas, para haver mal, e bem basta  
hum só momento.

141 Os gentios sem fé, ensinados só da experi-  
encia, disserão que Deos tinha dous tanques, hum  
de mel, outro de fel, e que nenhuma coufa manda-  
va aos homens, que não viesse passada por ambos, e  
que esta era a causa, porque em todas as que chega-  
vaõ á terra, vinha a docura do bem misturada com a  
amargura do mal. Não poderaõ fallar mais ao certo,  
se

Amb. lib. 3.  
exam. cap.  
17.

Num. 399.

## 112 Vieira abbreviado

se tiveraõ lido a David. Diz o Real Profeta , que Deos tem na maõ hum calix , pelo qual dá de beber aos homens , cheyo de vinho puro , e misturado : *Calix in manu Domini vini meri , plenus misto.* Repara , e pergunta Santo Agostinho : *Quomodo meri , si misto ?* Se o vinho era puro , como era misturado , e se era misturado , como era puro ? Porque naõ ha bem natural , e deste mundo , ainda que dado pela maõ de Deos , por mais puro , e dessecado que seja , que naõ traga em si , e comsigo alguma mistura de mal . O vinho he aquelle cordeal simples medicado pela natureza para alegrar o coraçaõ humano ; mas naõ ha alegria , ou causa de alegria taõ contraria , e alheya de toda a tristeza , que naõ dê que penar ao coraçaõ . Se ri , o riso será misturado com dor : se gosta , o gosto será metido entre pezares . Assim o deixou em proverbio Salamaõ , de presente , como experimentado , e de futuro , como Profeta : *Ri-  
sus dolore miscebitur , & extrema gaudii lucitus  
occupat.*

142 E pois nomeamos o mais sabio de todos os homens , e o mais opulento , e delicioso de todos os Reys , elle nos dirá o verdadeiro conceito , que fez , e nós devemos fazer dos bens do mundo . Fabricou Salamaõ hum palacio real em Jerusalem , que depois do templo , que elle edificara , foy o segundo milagre . No monte Libano traçou varios retiros , e casas de prazer , em que de mais de se ver junto todo o raro , e curioso do mundo , a amenidade dos jardins , a frescura das fontes , e a espessura dos bosques , a caça , e montaria de aves , e feras , e até as sombras no veraõ , e os soes no inverno , excediaõ com a arte a natureza . O throno de marfim , em que dava audiencia ,

Psal. 74.  
9.  
Aug. ib.

## Discurso XXI. 113

encia , e a carroça chamada Ferculo , em que passeava , eraõ de tal architecatura , e preço , que faz particular díscricaõ delles a Escritura . As galas de Salamaõ o mesmo Christo lhe chamou gloria : os thesouros de ouro , e prata , que ajuntou , eraõ immensos : os gados mayores , e menores , que naquelle tempo tambem eraõ riqueza dos Reys , naõ tinhaõ numero : os cavallos estavaõ repartidos em quatro mil pretepios . A sumptuosidade da mesa , para a qual concorría diversas provincias , e a magestade , grandeza , e ordem dos officiaes , e ministros , com que era servido , foy a que encheo de pasmo a Rainha Sabâ . As baxellas , e valos eraõ de ouro , as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos , e os cheiros , e aromas , com que tudo recendia , quanto cria , e exhala o Oriente . Naõ fallo na qualidade , e gentileza das damas , filhas de Principes , e escolhidas de diferentes naçoes , entre as quaes só as que tinhaõ nome , e estado de Rainhas eraõ secenta , servidas todas com apparato , e magnificencia Real . Tudo isto gozava Salamaõ em summa paz , e coin igual fama , sem inimigo , ou receyo , que lhe desse cuidado , e em tudo se empregava com tal applicaõ , e excesso , que elle mesmo confessa de si , que nenhuma cousa viraõ seus olhos , nem inventaraõ seus pensamentos , nem appeteceraõ seus desejos , que lhe negasse : *Omnia,* Eccl.2. 10. *quæ desideraverunt oculi mei , non negavi eis , nec prohibui cor meum , quin omni voluptate frueretur.* Estando pois nestas felicidades , voltando os olhos a tudo , quanto tinha feito , o que vi , diz , e achei em tudo , he , que tudo he vaidade , e afflição de animo : *Vanitatem , & afflictionem animi.* Logo se todos os bens do mundo saõ vaidade , como podem ser

Tom. I.

H

yerdas

## 114 Vieira abbreviado

verdadeiros bens? E já que lhe concedamos o nome de bens, se todos causaõ afflícão do animo, como podem ser bens sem mistura de males?

143 Mas porque naõ cuide alguem, que do tempo de Salamaõ para cá teraõ mudado os bens do mundo, ou melhorado de natureza, ouçamos outro grande oraculo quasi de nossos dias. Quando o Imperador Carlos V. fez aquella grande acção, em que teve poucos, a quem imitar, e terá menos imitadores, de renunciar o Imperio, dando as causas desta retirada depois de tantas victorias, confessou com lagrimas diante de todo o Senado de Bruxellas, que a principal, ou huma das principaes fora; porque em todo o tempo (diz) de minha vida, depois que puz na cabeça a coroa, nem hum ló quarto de hora tive de pura, e verdadeira alegria, senão sempre misturada com cuidados, afflições, e dores: *Se toto Regni tempore nec ad unum quidem horæ quadrantem puram habuisse, meramque latitiam, sed multis illam curis, angoribus, doloribusque permistam.* E se esta triste mistura experimentaraõ nas maiores felicidades do mundo entre os Reys Salamaõ, e entre os Imperadores Carlos, que poderá dizer das suas particulares ainda os mais bem vistos da fortuna?

144 Abra os olhos o mundo, e naõ se contente com ver os olhos por fóra, penetre os tambem, e considere-os por dentro, e achará que andaõ nelle taõ contrapezados os males com os bens, que ainda em comparação dos maiores se pôde pôr em balança,

se pezaõ mais os males. Por mais amadas, e por mais pertendidas, que sejaõ as que chamamos venturas, todas no cabo saõ Racheis. Naõ ha Rachel, que naõ tenha o seu Labaõ, e a sua Lia. Se Rachel agrada;

Labaõ

## Discurso XXI. 115

Labaõ molesta : se Rachel dá gosto , Lia dá pena ;  
Quanto mais que para molestar , e dar pena basta-  
lhe a Rachel ser Rachel. Lede a historia sagrada , e  
achareis , que foy taõ mal acondicionada aquella for-  
mosura , que era necessario todo o amor de Jacob pa-  
ra aturar , e soffrer seus antojos. Muito mais traba-  
lho lhe deo depois , do que tinha trabalhado por ella  
antes. Taõ travados andaõ nesta vida os gostos com  
os desgostos , taõ misturados os males com os bens !  
Se Rachel tem bom rosto , tem má condiçao : se Lia  
tem boa condiçao , tem mao rosto , e naõ ha bem  
algum taõ inteiro , que possa encher os olhos , e  
mais o coraçaõ.

145 Estendey a vista , ou pensamento por to-  
das as couças do mundo , e vereis , que naõ achais  
huma só instancia , nem hum só exemplo contrario a  
esta verdade. Muito estimaõ os homens a gentileza ,  
muito estimaõ o valor , muito estimaõ o entendimen-  
to ; mas perguntem os formosos a Absalaõ , os  
valentes a David ; os entendidos a Achitofel , que  
penaõ pagou o primeiro á sua gentileza , o segundo  
ao seu valor , e o terceiro ao seu entendimento ? Era  
Absalaõ taõ galhardo mancebo , que do pé até o ca-  
bello da cabeça , como falla a Escritura , nenhum pin-  
tou a natureza mais bello. As damas lhe comprouvaõ  
os cabellos a pezo de ouro , e dos mesmios cabellos  
lhe tecceo a morte o laço , com que pendurado dos ra-  
mos de hum carvalho acabou infamemente a vida  
passado pelo peito com tres lanças. E esta foy a pen-  
saõ , que pagou Absalaõ á sua gentileza. Era taõ va-  
lente David , que tremendo todo o exercito de Israel  
á vista do gigante Golias , elle só , e desarmado acei-  
tou o desafio , e derrubado a seus pés com a sua pro-

## 116 Vieira abbreviado

pria espada lhe cortou a cabeça. Mas foy tal a inveja , e odio , que desde aquella hora lhe cobrou El-Rey Saul , que mais de huma vez com a lança , que trazia na maõ por cetro , o quiz pregar a huma parede. De maneira que lhe foy necessario a David homiziarse pela morte do gigante ; como se matara hum Hebreo , e fugir da sua victoria , como se fora delicto. Esta foy a pensaõ , que pagou David ao seu valor. Era taõ entendido Achitofel , e taõ prudentes , e sabios seus conselhos , que por testimonho do texto sagrado se ouviaõ como oraculos do mesmo Deos. Seguiu as partes de Absalaõ quando se rebelou contra seu pay , aconselhou-o , como lhe convinha. E porque o moço fatal naõ quiz seguir , senaõ o que já o levava ao precipicio , foy tal a sua desesperaçao , que atando a banda ao pescoço , e a huma travé se afogou a si mesmo. E esta foy a pensaõ , que pagou Achitofel ao seu entendimento. Fiaivos lá de entendimento , fazey lá caso de valentias , e prezavios de gentilezas. Tem os males taõ viciados , e corrompidos os bens , que a gentileza he laço , o valor delicto , e o entendimento loucura.

Num. 404. 146 Mas para que he irmos buscar exemplos ao testamento velho , se no novo , e no nosso Euangeliho temos o mayor de todos. Transfigurouse Christo no Thabor , apparecerão alli Moytés , e Elias , e quando parece , que haviaõ de dar o parabem ao Senhor da gloria , com que o viaõ naquelle monte , o em que lhe fallaraõ , foy da morte , que havia de padecer no Calvario : *Loquebantur de excessu , quem completerus erat in Ierusalem.* Pôde haver pratica mais alheya da occasião , que esta ? Quando o resto de Christo está resplandecente como o Sol , entaõ lhe fallaõ

## Discurso XXI. 117

fallão no eclipse? Quando as suas roupas estaõ brancas como a neve, entaõ lhe fallão nos lutos? E no dia, que tem mais alegre na sua vida, entaõ lhe fallão na morte? Sim. Porque naõ ha alegria neste mundo taõ privilegiada, que naõ pague pensaõ á tristeza. Até no monte Thabor, até na pessoa de Christo, até no milagre da transfiguraçãõ, por mais soberanos que sejaõ os bens, huma vez, que tocaraõ na terra, naõ pôde haver gosto sem pezar, nem gloria sem pena. Tanto assim, que se faltar o motivo na presença do que he, havelloha na memoria do que ha de ser. Transfigurado agora, mas crucificado depois. E sendo a transfiguraçãõ, como logo disse o mesmo Christo, parecida com a resurreiçãõ, e naõ com a morte, viráõ dous homens do outro mundo, que misturem a morte com a transfiguraçãõ, e confundaõ o Calvario com o Thabor.

147 Seja pois a conclusaõ destas experiencias, e desenganos do mundo fazermos taõ pouco caso dos seus chamados bens pela mistura, que sempre trazem de males, como se verdadeiramente forão puros males sem nenhuma composiçãõ, ou temperamento de bens. Só os bens daquelle patria celestial, só os bens daquelle terra de promissãõ da gloria, só os bens daquelle Thabor da bemaventurança, só aquelles unicamente se podem chamar bens, porque só saõ bens sem mistura de nenhum mal. Saõ os moradores do mesmo Ceo, como as estrellas fixas do Firmamento, aonde naõ chegaõ fumos dos vapores da terra, que as offusquem; e por isso os bens naturaes da mesma patria saõ puros, sinceros, e perfeitamente bens sem corrupçãõ, contrariedade, nem mistura de mal.

Tom. I.

H 3

Entre

## 118 Vieira abbreviado

Num. 407. 148 Entre todas as plantas do Paraíso terreal houve duas árvores mais insignes, e de que só sabemos o nome; que foram as árvores da ciência, e a árvore da vida; mas a da ciência continha dous contrários, a da vida não; porque a ciência era do bem, e juntamente do mal, que he o contrário do bem: e a da vida era da vida sómente, e não da morte, e da morte, que he o contrário da vida. Pois se ambas eram árvores do Paraíso, porque havia nellas esta grande diferença? Porque também o Paraíso não era absolutamente Paraíso, senão Paraíso terreal, e por isso humas suas plantas era parecida ás delícias da terra, e outra semelhante ás do Céo. A parecida ás da terra era da ciência do bem, e do mal; porque na terra sempre o mal anda misturado com o bem. E a semelhante ás do Céo era da vida sem morte; porque no Céo todo o bem he puro, e sincero sem mistura, nem companhia de mal.

Num. 410. 149 No mundo não ha gosto sem mistura de pezar, nem alegria sem mistura de tristeza: e semelhantes misturas de nenhum modo tem lugar no Céo, onde as alegrias, e os gostos, como todos os outros bens, são puros, e sem mistura de mal. A alegria no Céo he sem tristeza, o gosto he sem pezar, o descanso he sem trabalho, a segurança he sem receyo, o socego sem sobresalto, a paz sem perturbação, a honra tem aggravo, a riqueza sem cuidado, a fartura sem fastio, a grandeza sem inveja, a abundancia sem mingua, a companhia sem emulação, a amizade sem cautela, a saude sem enfermidade, a vida sem temor da morte: em fim todos os bens puros, e sem mistura de mal, e por isso verdadeiros bens. O' bemaventurados do Céo, olhay lá de cima

cá

## Discurso XXI. 119

cá para este mundo , e tende nova gloria accidental dos bens , que gofais , naõ digo em comparaçāo dos males , senaõ dos bens , que nós padecemos . Acabo com fazer a todos os que me ouviraõ huma tó pergunta . Credes isto , que ouvistes , ou naõ ? Quem crê o primeiro , e segundo ponto , he Christão : quem naõ crê o segundo , he gentio ; mas ou sejais gentios , ou Christãos , se totalmente naõ tendes perdido o entendimento , e o juizo , naõ podeis deixar de estar persuadidos do que ouvistes , ou a desprezar a falsidade de huns bens , ou a desejar juntamente a verdade dos outros .

Num. 428.

150 O gentio naõ sabe , que a alma he immortal , nem crê , que ha outra vida . E com tudo se lerdes os livros de todos os gentios , nenhum achareis nem Filosofo , nem Orador , nem Poeta , que só com o lume da razaõ , e experienzia do que vem os olhos , naõ condemne o amor , ou cubiça dos chamados bens deste mundo , e naõ louve o desprezo delles . Gentio houve , que reduzindo a dinheiro hum grande patrimonio , que possuia , o lançou no mar dizendo : Melhor he , que eu te afogue , que tu me percas . Deixo os risos de Diogenes , que metido na sua cuba zombava dos Alexandres , e suas riquezas . Deixo a sobriedade dos Socrates , dos Senecas , dos Epitectos , e só me admira , e deve envergonhar a todo o Christão o exemplo do mesmo Epicuro neste conhecimento , sendo elle , e a sua seita a que mais professava as delicias : *Gaudebis minus ? Minus dolebis* . Dizia o comic gentio , e fallando com gentios : Se tiveres menos gastos , tambem terás menos dores . E porque na mistura dos falsos , e enganoſos bens dividiaõ o bem do mal , e contrapezavaõ o que tinhaõ

## I 20 Vieira abbreviado

de gosto com o que causavaõ de dor, antes naõ queriaõ padecer a parte do verdadeiro mal, que gofar do falso bem. Naõ seria louco o que pela doçura da bebida tragasse juntamente o veneno? Esta pois era a razaõ, e a evidencia, com que sem fé, nem conhecimento da outra vida se desenganavaõ os gentios, e huns pelo pezo se detcarregavaõ dos falsos bens, outros pelo desprezo os metiaõ debaixo dos pés.

### D I S C U R S O XXII.

*Tirado do mesmo sermaõ, em que o Auctor mostra, que dos bens do mundo quando muito logra cada hum os seus: dos bens do Ceo, e no Ceo logra cada hum os seus, e mais os de todos.*

### B E N S D O C E O.

151 **D**Ando a razaõ desta diferença entre os bens do mundo, e os do Ceo S. Joao Chrysostomo, diz em huma palavra, que he porque no mundo ha meu, e teu, e no Ceo naõ: *Ubi non est meum, ac tuum, frigidum illud verbum.* Antes parece, que porque no mundo ha meu, e teu, por isso havia de lograr cada hum o seu pacificamente, e sem contenda. Eu o meu; porque he meu, e vós o vosso; porque he vosso. Mas naõ he assim. Eu para lograr o meu hei-me de guardar de vós, e vós para lograr o vosso, haveisvos de guardar de mim. Por isto chama o Santo ao meu, e teu com elegancia verdadeiramente aurea, palavra fria: *Meum, ac tuum, frigidum illud verbum.* E que frieza, ou frialdade he esta do meu,

## Discurso XXII. 121

meu , e teu ? He tal frieza , e tal frialdade , que naõ ha amor no mundo taõ ardente por natureza , e taõ intenso por obrigaçao , que logo naõ esfrie. Em havendo meu , e teu naõ ha amor de amigo para amigo , nem amor de irmão para irmão , nem amor de filho para pay , nem amor de pay para filho , nem amor de proximo , por mais religioso que seja , para outro proximo , nem amor do mesmo Deos para Deos. Antes de haver meu , e teu , havia amor ; porque eu amavavos a vós , e vós a mim ; mas tanto que o meu , e teu se meteo de permeyo , e se atravesou entre nós , logo se acabou o amor ; porque vós já me naõ amais a mim , senaõ o meu , nem vos amo a vós , senaõ o vosso. No principio do mundo , como gravemente pondera Seneca , porque naõ havia guerras ? Porque usavaõ os homens da terra , como do Ceo. O Sol , a Lua , as estrellas , e o ufo da sua luz he commun a todos , e assim era a terra no principio. Porém depois , que a terra se dividio em diferentes senhores , logo houve guerras , e batalhas , e se acabou a paz , porque houve meu , e teu.

152 Que direi dos meyos , e dos remedios , das industrias , das artes , e instrumentos , que os homens tem inventado , para que cada hum podesse possuir e lograr o seu segura , e quietamente , mas sem proveito ? Para guardar a casa inventaraõ as portas , e as fechaduras ; mas pela mesma abertura , por onde entra a chave , deixa tambem aberta a entrada para a gazua. Para sinalar os limites de cada hum inventaraõ os marcos , e para guardar a vinha , e o pomar inventaraõ os vallados , as silvas , as seves , e as paredes de pedra ligada , ou solta ; mas tudo isto se rompe , e se escala. Para guardar as Cidades inventaraõ

Num. 4148

os

122 *Vieira abbreviado*

os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortezas, os presídios, a artelharia, a polvora; mas não ha Cidade tão forte, que por bataria, ou por assalto, ou minada por baixo da terra, ou pelo ar se não expugne, e renda.

153 Para guardar os Reynos, e os Imperios inventaraõ as armadas por mar, e os exercitos por terra, tantos mil soldados a pé, tantos mil a cavallo com tanta ordem, e disciplina, com tanta variedade de armas, com tantos artificios, e machinas bellicas; mas nenhum destes apparatus tão estrondoſos, e formidaveis tem bastado, nem para que os Aſlyrios guardaffem o seu Imperio dos Persas, nem os Persas o seu dos Gregos, nem os Gregos o seu dos Romanos, nem os Romanos finalmente o seu daquelleſ, a quem o tinhaõ tomado, tornando a ser vencidos dos mesmos, que tinhaõ vencido, e dominado. Mais inventaraõ, e fizeraõ os homens a este mesmo fim de conservar cada hum o seu. Inventaraõ, e firmaraõ leys, levantaraõ tribunaes, constituiraõ Magistrados, deraõ varas ás chamadas justiças com tanta múltidaõ de Ministros mayores, e menores, e foy com effeito tão contrario, que em vez de desterrarem os ladroens, os meterão das portas a dentro, e em vez de os extinguirem, os multiplicaraõ. E os que fortavaõ com medo, e com rebuço, furtaõ debaixo de provisoens, e com immunidade. O solicitador com a diligencia, o escrivaõ com a penna, a testimunha com o juramento, o advogado com a allegação, o julgador com a sentença, e até o belleguim com a chuça. Todos foraõ ordenados para conservarem a cada hum no seu, e todos por differentes modos vivem do vosso.

Os

## Discurso XXII. 123

154 Os bens deste mundo como saõ corruptiveis, Num. 415.  
ainda que naõ haja ladrão , que os furte , elles mesmos se nos roubaõ ; porque as roupas , por preciosas que sejaõ , come-as a polilha , que nasce das mesmas roupas. E os metaes, ainda que sejaõ ouro , e prata , roe-os a ferrugem , que nasce dos mesmos metaes. Quando naõ houvera coſſarios no mar , nem falleadores nos caminhos , nem ladroens publicos , e secretos no povoado , quem ha taõ poderoso , que possa conservar , e lograr o que possue neste mundo contra os roubos inevitaveis da natureza ? Que saõ todos os elementos , sennaõ huns roubadores universaes de tudo , o que grangea , e trabalha o genero humano ? O fogo nos rouba com os incendios , a agua com as inundaçãoens , o ar com as tempestades , e a mesma terra com os exercitos innumeraveis de pragas , que como semeada com os dentes de Cadmo , naſcem , e se levantaõ della para outra vez nos roubar o que , nos tem dado. Tudo , o que nasce na terra , o Sól , e a chuva o cria ; mas o mesmo Sol , se he demasiado , o queima , e a mesma chuva , se he muito continuada , o afoga , para que acabemos de nos desenganar da pouca firmeza , ou segurança , que pôde haver nos bens , que naõ saõ do Ceo , pois as mesmas causas , que os daõ , os tiraõ , e as mesmas , que os produzem , os mataõ .

155 Mas concedamos , ou finjamos , que houve hum homem taõ mimoso da fortuna , que todos os bens , que possue deste mundo , ou herdados , ou adquiridos , os logrou pacificamente , sem que a inveja dos iguaes , nem a potencia dos mayores lhe inquietasse a posse , ou duvidasse o dominio : que felicidade he a deste homem ? Primeiramente com fer fingida

## I 24 Vieira abbreviado

da , e naõ usada , se os bens saõ poucos , naõ deve de estar contente , e se saõ muitos , quem duvida , que ainda deseja mais ? Sendo certo , que em hum , e outro caso mais vem a padecer , que a logra o que tem .

156 Mas se por graça especial de Deus he esse homem taõ moderado , e taõ senhor de suas appetites , que com o seu pouco , ou o seu muito se dá por satisfeito , possue , e logra mais alguma ceusa , que o seu ? Naõ . Pois esta he a diferença , que ha entre os bens do Ceo , e os do mundo . Os do mundo , quando muito , e por milagre tanto da natureza , como da fortuna , logra cada hum os seus : os do Ceo naõ só logra cada hum os seus , senão tambem os de todos . Oh se entendessemos bem este ponto , que pouco caso fariamos dos bens da terra !

## D I S C U R S O XXIII.

*Tirado de hum sermaõ , que o Auctor prégou em Roma sobre os bens perdidos .*

## B E M P E R D I D O .

Part. 14. n. 157

75.

Num. 106.

**A** Dmiravel foy David na arpa , e admiravel na funda , com a arpa afugentava demônios , com a funda derrubava gigantes . A maõ de David naõ perde tiro , e te a minha o perde na pedra , que hoje atira , sem duvida se perdera hum grande bem ; porque he do bem perdido . Disse com alto sentimento Tertulliano , que nesta vida naõ só se padecem os males , senão tambem os bens , e que assim como ha males , que excedem a paciencia , assim ha bens intoleraveis : *Quorumdam bonorum , sicut & malorum*

## Discurso XXIII. 125

*malorum intolerabilis patientia est.* E que bens, pergunto eu, saõ aquelles, que te padecem? Que bens ha nesta vida intoleraveis, senaõ os bens perdidos? Os bens, que já foraõ, e te acabaraõ, e que naõ nos deixaraõ de si outra prenda, que a memoria, e a dor.

158 Esta he a segunda pedra da funda de David, pedra em tudo proporcionada á cabeça vã do gigante, quero dizer a ti, ó Roma, taõ perdida hoje mais que nunca pelos bens, que se perdem. Os bens deste mundo, isto he os falsos bens, adquiremse com trabalho, perdemse com dor; porém a dor he castigo, e naõ remedio: os bens do Ceo, isto he os verdadeiros bens, tambem se podem perder; porém se te lastima, e doe telos perdidos, a mesma dor da perda he o remedio della. A ferida caulta a dor, e a dor sara a ferida. Tal he a virtude da pedra de hoje, se eu acerto a empregar bem o tiro, e tal tambem a materia nobilissima, que para o discurso, ou meditaçao desta noite nos tem assinado o nosso grande interprete: *Dolor amissi*, a dor do bem perdido. Vós, os que tendes perdido algum bem, e aquelles principalmente, que tem perdido o summo bem, te quereis saber o motivo, e remedio de vossa dor, e doervos heroica, e ditoſamente, daimé attenção.

159 Toda a materia presente se resolve em tres palavras: dor, perda, e bem; porém a complicação destes mesmos termos he tal, que havendo de tratar da dor do bem perdido, o primeiro perdido sou eu; porque quando quero combinar a dor com a perda, a perda com o bem, e o bem com a dor, me acho cercado por todas es partes, e prezõ sem sahida dentro de hum circulo por huma parte inevitavel, e por outra incrivel. Todos crêm, que a dor he a medida

Num. 107.

da

## I 26 Vieira abbreviado

da perda, e a perda a medida do bem ; sendo porém certo, como he, que o bem possuido se estima menos, e o mesmo bem perdido se estima mais, daqui se segue, que a perda cresce, e faz maior o bem, e que o bem perdido feito maior faz tambem maior a dor. De maneira, que caminhando do bem para a perda, e da perda para a dor, o bem, a perda, e a dor saõ menores ; porém tornando da perda para o bem, e do bem perdido para a dor, a dor, a perda, e o bem saõ maiores, e tudo isto sendo o bem o mesmo, e naõ diverso.

160 Já vedes a força da difficuldade, que naõ pôde ser mais clara á experientia, nem mais escura á razaõ. Porém para sahir deste labyrinto taõ intrincado a mesma escuridade da razaõ nos dará a luz, e a mesma difficuldade da experientia o fio : oh se eu acertara a descobrir a verdadeira causa, pela qual o bem perdido sendo hum, e o mesmo, ou verdadeiramente he maior, ou sendo erro, se julga tal !

Num. 109. 161 Qual he logo, ou qual pôde ser a razaõ, porque a ovelhinha perdida, e qualquer outro bem perdido se estima tanto mais depois que se perde, que quando se possuia ? Dizem communmente, que a razaõ desta mayor estimaçao he a dor ; porque o bem possuido he objecto do gosto, e o bem perdido he objecto da dor, e a dor move o sentido mais efficazmente, que o gosto. A filosofia he verdadeira, porém a réposta he falsa. He verdade, que a paixão da dor move mais forte, e mais efficazmente o sentido, que o affecto do gosto ; mas que a razaõ, ou motivo da mayor estimaçao do bem depois de perdido seja a dor, he falso : logo a mayor estimaçao do bem perdido naõ provem da dor ; porque aquelle mayor,

## Discurso XXIII. 127

mayor , e aquella mayor estimaçāo foy no Ceo : *Gaudium erit in cælo* , e no Ceo naõ ha dor . Qual será pois a verdadeira razaõ desta diferença taõ notavel ?

Eu a direy .

162 A mayor estimaçāo do bem perdido naõ provem da dor da perda , nem da metma perda do bem ; mas por occasião da perda provem o mayor , e verdadeiro conhecimento do mesmo bem , o qual antes de perdido naõ se conhecia . Entre o conhecimento do bem , e o conhecimento do mal ha huma grande diferença : o mal conhecese , quando se tem , e o bem , quando se teve , o mal quando se padece , o bem quando se perde . Em quanto Adaõ estava no Paraíso , naõ conhecia bem nem o bem , nem o mal : o bem naõ , porque possuia todos os bens , o mal tambem naõ ; porque naõ padecia mal algum ; mas depois que foy lançado do Paraíso , no mesmo ponto teve inteira ciencia do bem , e do mal : do mal , porque o padecia , do bem , porque o tinha perdido .

163 Assim foy em Adaõ , e assim he em todos os seus filhos : quaõ facilmente estraga o saõ a sua saude , e quaõ prodigamente dissipa o vaõ as riquezas ! Porém esperay hum pouco : succedera a saude à enfermidade , e vós cõnhécereis bem , o que tendes na saude : succedera a riqueza á pobreza , e necessidade , e vós conhecereis o bem , que naõ soubestes estimar na riqueza ; por isso ordenou a providencia , que fosse varia , e mudavel a que vós chamais fortuna . Ella he inconstante , porque vós sois ingratos . Troca Deos os bens em males , para que vós conheçais huns , e outros : os bens , que vos deo , na privaçāo , e na experienzia os males , de que vos livrou . Na abundancia naõ conhecia o filho prodigo nem a felicidade ,

## 128 Vieira abbreviado

de, nem a miseria: na fome conheceo a miseria presente, e a felicidade passada. Até Job, aquelle grande homem feito por Deos de proposito ou para triunfo, ou para desprezo de huma, e outra fortuna, na experienzia da adversa conheceo a diferença da prospera. A posse dos bens he hum véo, que os oculta, para que se naõ conheçaõ. A perda dos mesmos bens corre o véo, e entaõ se descobre, e vê claramente nelles aquillo, que se naõ estimava, nem conhecia.

Num. 112. 164. Esta he a mayor desgraça dos bens, contraria em tudo á natureza dos males: os bens vemse de longe, os males de perto: os males quando vem, os bens quando fogem, os males pelo direito, os bens pelo avesso, os males pelo rosto, os bens pelas espaldas. Quando voltaõ as costas os bens, entaõ se conhecem, quando fogem, quando se vaõ, quando nos deixão, quando finalmente passaraõ, e se perderaõ, entaõ se conhecem. Este he todo o mysterio da dor do bem perdido: da perda nasce o conhecimento, do conhecimento a estimação, da estimação a dor: *Dolor amissi.*

Num. 113. 165. Sendo pois o motivo certo, e proprio do bem perdido a privaçao do mesmo bem, já verdadeiramente conhecido, e como conhecido estimado, de todo este discurso se conclue claramente contra o que ao principio se arguia, que a medida da dor do mesmo bem he sempre a mesma; porque em quanto o bem se possue, naõ pôde causar dor. E quando se perde, e he materia de dor, já se conhece com toda a sua amabilidade, e formosura: o mayor bem do bem, e a sua mayor fortuna he chegar a perderse: para quem o possue he perda, para o mesmo bem he usura;

## Discurso XXIII. 129

usura; porque perdido se conhece, e se lhe dá o lugar, que merece. Em quanto possuido tinha pequeno, e humilde lugar no coraçao; porque naõ era conhecido: depois de perdido, porque já se conhece, dalhe o coraçao muito mayor, e melhor lugar, isto he, igual ao seu merecimento, dignidade, e grandeza. Naõ he muito diverso o lugar, e alojamento, que se dá a hum Principe incognito, ou conhecido? Pois assim trata o coraçao ao bem, e daqui se segue, que he muito mayor o lugar, que occupa a dor no coraçao, que aquelle, que occupa o gosto. Em quanto possuido o bem, como a incognito, davalhe o coraçao dentro em si hum humilde lugar, pequeno, e desigual ao seu merecimento, e este he o que occupa o gosto. Depois de perdido, como já se conhece a sua grandeza, compoemlhe o mesmo coraçao outro alojamento, e outro lugar muito mayor, e mais largo, proporcionado a ella, e este he o que occupa a dor.

166 Porém tomadas assim, e taõ ao justo as verdadeiras medidas da dor do bem perdido, naõ imagine por isso algum, que fica tambem já conhecida a fineza, e a limpeza da mesma dor, que he o ponto principal do nosso argumento. Toda a dor de hum grande bem perdido he grande; porém naõ basta ser grande para ser fina. A fineza naõ he quantidade, nem he o mesmo doerse muito, que doerse: finalmente qual será logo na perda do bem a dor fina, e heroica, e em grao superlativo limpa?

167 Para satisfazer á curiosidade utilissima deste ponto supponho primeiro, que nas perdas do bem ha niais, e menos: ha bens mais perdidos, e bens menos perdidos. O bem perdido menos perdido he

Tom. I. I. aquell-

## 130 Vieira abbreviado

aquelle, que depois de perdido se pôde recuperar: o bem mais perdido, e totalmente perdido he aquelle, que perdido huma vez naõ pôde recuperarse. Perde hum homem a Deos, e perde o tempo: qual he mayor perda? Em razaõ de bem he Deos, em razaõ de perdido he o tempo; porque Deos perdido pôde recuperar-se, o tempo perdido naõ se pôde recuperar. Mais: Habens perdidos, que com a mesma dor de telos perdido se recuperaõ. E ha bens perdidos, que com nenhuma dor se podem recuperar depois de perdidos. Morreo a hum pay seu filho, doe-se, mas nem por isso resuscita o filho: perdeo a fazenda, doe se, mas nem por isso torna a fazenda para casa. Pelo contrario perde hum homem a graça de Deos, doe-se, e no mesmo ponto recupera a graça: morre o merecimento pelo peccado, doe-se, e no mesmo ponto resuscita, e torna a reviver o merecimento. Supposta pois esta distinção, e diferença de bens mais perdidos, e menos perdidos, e de perdas recuperaveis, e que se naõ podem recuperar, vindo ao ponto digo, que aquella dor, que chora a perda de hum bem totalmente perdido, e que com nenhuma dor se pôde recuperar, esta he a fina, a heroica, e limpa dor do bem perdido: se quem o tem perdido, o pôde recuperar, ainda que a dor seja grande, naõ he fina, se naõ pôde recuperar-se, e com tudo chora a sua perda, e se doe inconsolavelmente quem o tem perdido: aqui está a fineza da dor.

168 Duas vezes se celebra no Euanghelio o pranto da Magdalena, taõ formosa pelas suas lagrimas, como pelo seu amor. A primeira, quando chorava os seus peccados aos pés de Christo: a segunda, quando chorou a morte do mesmo Christo sobre a sua sepul-

Luc. 7. 38.

Joan. 20.

15.

## Discurso XXIII. 131

sepultura. Em hum , é outro pranto foraõ copiosissimas as suas lagrimas , em hum , e outro nascidas de dor , e dor excessiva ; porém que dor , e que pranto vos parece , que foy o mais heroico , e mais fino ? Dirmehis , que foy o primeiro , porque este foy louvado pela boca de Christo não só como effeito da penitencia , mas como filho legitimo do amor , que he a raiz de toda a fineza , e esse mesmo amor qualificado , e canonizado por muito : *Quoniam dilexit multum.* Com tudo eu naõ duvido affirmar , que o segundo pranto , e a segunda dor foy muito mais heroica , e muito mais fina. E porque ? Porque a primeira dor chorava hum bem perdido , que se podia recuperar com a mesma dor , e com as mesmas lagrimas. Porém a segunda chorava outro bem perdido , que com nenhuma dor , ainda que excessiva , com nenhuma lagrima , ainda que mais copiosas , se podia recuperar : logo este segundo pranto , e esta segunda dor foy mais heroica , e mais fina ; porque chorava Maria , e se doia de hum bem perdido , que a sua dor , e as suas lagrimas naõ podiaõ remediar. Doerse do bem perdido , que se recupera com a dor , he remedio : doerse do bem perdido , que com nenhuma dor se pôde remediar , he dor. Deixaime dividir esta verdade , para que a vejaõ os olhos em duas imagens , huma da dor grosseira , e vulgar em lagrimas de David , outra da dor heroica , e fina no pranto de Rachel.

169 Enfermou mortalmente em tenra idade o primeiro filho , que David teve de Bethlabee , e naõ se pôde dizer facilmente o excesso da sua dor. Morreao ás maõs de Herodes os filhos de Rachel , isto he , os innocentes de Bethlehem , aonde ella tinha a sua fe-

Num. 117.

Num. 118.

## 132 Vieira abbreviado

pultura. Introduz o Profeta Jeremias , aquelle grande Mestre de dores, e de prantos, a triste māy lamentando a sua morte com prantos , e clamores , a que respondiaõ com lastimosos ecos os montes. Porque se consola David ? Porque naõ tem remedio a morte de seu filho : *Numquid potero revocare eum?* Porque se naõ quer consolar Rachel ? Porque naõ tem remedio a morte de seus filhos : *Et noluit consolari, quia non sunt.* De maneira , que pela mesma razaõ David se consola , e Rachel naõ quer admittir consolaçaõ ? Pela mesma razaõ David enxuga as lagrimas , e Rachel se condenma a perpetuo pranto ? Sim. Pela mesma razaõ ; porque aquella dor era grosseira , e vulgar , esta era fina , e heroica. A dor , que naõ he fina , morre com quem morre. A dor , que professa fineza com quem morre , se faz immortal. David na mesma sepultura sepultou seu filho , e a sua dor , antes quando sepultou o filho , já a dor estava sepultada : *Numquid potero revocare eum?* Oh razaõ indigna de hum pay , e muito mais indigna de hum coração , como o de David ! Porque me hei de affligir , se já naõ tem remedio ? Antes porque naõ tem remedio vos deveis affligir mais : para as perdas , que tem remedio , se fez a diligencia , para as que naõ tem remedio , se fez a dor. Quem chora o bem perdido , que se pôde remediar com a dor , ama o seu alivio : quem chora o bem perdido , que com nenhuma dor se pôde remediar , ama a sua dor , e esta he a dor verdadeira , e fina. Pelo contrario Rachel quando sepultou aquelles ossos tenros das suas entranhas , na mesma sepultura enterrou juntamente todo o seu contentamento , toda a sua alegria , toda a sua consolaçaõ , antes a esperança toda , e ainda o pen-

## Discurso XXIII. 133

pensamento de consolarse já mais: *Et noluit consolari, quia non sunt.* Ah Rachel, que só vós soubestes doervos com fineza verdadeiramente heroica! Oh palavras dignas de se gravarem em huma pyramide de bronze sobre o marmore daquella sepultura, para que fossem lidas de todos os seculos, como epitafio eterno á immortalidade da dor!

170 Assim se doe quem vulgar, ou finamente se doe. Estas saõ as duas imagens, huma morta, e outra sempre viva, da vulgar, e da heroica dor na perda do bem. A dor vulgar chora como David em quanto espera o remedio, a heroica chora como Rachel, porque o não espera. A vulgar com a impossibilidade do remedio se consola, a heroica com a mesma impossibilidade se affina mais: *Amor non suscepit de impossibilitate solatium, nec de difficultate remedium,* disse Chrysologo. E se quereis saber, porque a dor do bem perdido na impossibilidade do remedio se affina mais, e totalmente se apura, a razão desta subtilissima Filosofia he; porque na impossibilidade do remedio se purifica, e alimpá a dor da ligia, e mistura de toda a paixaõ, ou affecto, que não he dor. A dor do bem perdido, que suppoem o remedio possivel, vay misturada com a esperança, e com o desejo do mesmo bem, e por isto não he dor pura. Porém a dor, que conhece o remedio impossivel, como o impossivel se não pôde esperar, nem desjar, a mesma impossibilidade leva a esperança, e o desejo, e tirado o desejo, e a esperança, fica só a dor pura, e limpa: quem se doe do bem perdido, que se pôde recuperar, perdeo o bem, mas não perdeo o desejo, nem a esperança do bem; porém quem se doe do bem perdido, que se não pôde recuperar, não

Num. 119.

## 134 Vieira abbreviado

só perdeo o bem , mas juntamente com o bem perdeo tambem o desejo , e a esperança . E quem , perdido o bem , é perdido o desejo , e a esperança do bem , naõ perde a sua dor , este se doe pura , e heroicamente . Aquillo he amarse , isto he amar , aquillo he remediar se , isto he doerse .

Num. 420. 171 Havemos filosofado assaz , e por ventura demasiado ; mas tudo he necessario ao fim , e proveito do nosso discurso . O mayor , e o melhor bem perdido , senhores , he Deos , e a graça de Deos , que se perde pelo peccado ; mas como Deos perdido , e a graça de Deos perdida se recupera pela dor , parece , que sobre a perda deste bem , sendo o mayor , e summo ; naõ cabe , nem tem lugar a dor limpa , e fina . A dor limpa , e fina do bem perdido he doerse de hum tal bem , que se naõ possa remediar com a dor . Este pôde remediar se , e se remedea com a mesma dor : logo naõ pôde ter lugar nesta perda a dor fina , e limpa . Digo , que sim pôde , e com mayor fineza . Ora vede . No peccado ha huma cousa , que se pôde remediar , outra , que naõ tem remedio . E que duas couisas saõ estas ? Huma he o peccado , outra o haver peccado : o peccado pôde remediallo o peccador com a dor , o haver peccado naõ o pôde remediar com nenhuma dor , nem ainda o justo ; porque o peccado pôde perdoar a misericordia , o haver peccado naõ o pôde desfazer a omnipotencia . Daqui vem , que depois de remediado , e perdoado o peccado , e depois de recuperada pela dor a graça perdida , se com tudo o peccador se doe , naõ já do peccado , se naõ de haver peccado , esta dor he a fina , a heroic a , a pura , e limpa dor do summo bem perdido . Tudo deixo já provado no meu discurso : o que restâ

## Discurso XXIII. 135

resta he elevallo a materia mais alta.

172 Fallo agora comvosco, ó almas ditosas, que depois de teres offendido, e perdido a Deos, vos tendes reconciliado com elle; e depois de perdida a sua graça, por merce, e misericordia sua a tendes recuperado. Doei-vos, e chorai agora aquillo, que se naõ pôde remediar com a mesma dor, que he o haver peccado; e melhorai com mais nobre, e mais sublime impossivel os exemplos da Magdalena, e Rachel. E se naõ he digna de taõ alta imitaçao aquella dor de David, pouco ha de mim taõ mal reputada, imitai outra do mesmo heroe, que para este ponto só reservou as finezas da sua dor. Porque naõ chorava David o peccado, mas o haver peccado? O peccado naõ; porque já estava remediado com a dor, com o perdaõ, e com a graça: o haver peccado sim; porque nem com a dor, nem com o perdaõ, nem com a graça, nem de alguma outra maneira podia remediar-se.

173 Porém se chorava o ter peccado, e o ter peccado he mal, que naõ tem remedio, como pedia David a Deos o remedio deste mal, e por isso naõ diz: Lavaime, Senhor, senaõ: Lavaime mais: *Amplius lava me*, supondo duas purificaçoes, huma mayor, que outra? Sendo pois a primeira purificaçao aquella, que lava o peccado, e com que o peccado de David estava já lavado, parece, que a segunda he aquella, com que se lava o haver peccado; mas se isto he impossivel, que diremos a esta grande dúvida? Inferiremos daqui, que o que he impossivel á natureza, he possivel a dor, e que alcança mais a mesma dor da misericordia, do que lhe pôde dar a omnipotencia? He certo, que muitas cousas, que o entendimento huma-

## 136 Vieira abbreviado

humano julga impossiveis á omnipotencia , as fez , e mostrou possiveis a misericordia. Digo , que a misericordia divina por meyo da nossa dor naõ só pôde desfazer o peccado , senão tambem o haver peccado. Naõ era decente , que fosse mais fina a dor do home em doerse de haver peccado , que a misericordia divina em dar poder á mesma dor para fazer , que o peccado feito naõ seja feito. Oudi o grande Padre S. Gregorio Arelatense , o qual no livro da Penitencia diz assim : *Laboremus totis viribus curare maculas , lavare culpas , subvenire præteritis , consulere futuris.* E que mais ? *Et facere infecta de factis.*

Greg. Are.  
lat. lib. de  
Penit.

N.º um 324. 174 Mas que tenho dito eu ? Se a dor heroica , e fina desfaz ainda o haver peccado , dirmehéis , e com razão ; que a mesma dor desfaz tambem a sua mesma fineza , e todo o meu discurso ; porque se a dor fina he aquella , que chora , e se doe da perda , que naõ tem remedio , e o haver peccado pôde em fim remediar com a mesma dor : logo a dor , que chega a remediar o haver peccado desfaz a sua mesma fineza , e naõ he dor heroica , nem fina ? Respondendo , que naõ só he fina , senão muito mais fina , se com tudo isso se doe ; porque troca com huma fineza grande outra mayor , qual he doerse depois de ter alcançado o remedio. Doerse para remediar a dor naõ he fineza , doerse quando a dor naõ tem remedio , sim. Porém se a dor , que naõ tinha remedio , por modo , que parecia impossivel , em fim se remediou , doerse ainda assim depois de remedizada he a mayor fineza de todas as finezas. E porque ? Por tudo o que havemos dito ; porque naõ he doerse por esperança , nem doerse por impossibilidade , nem doerse por falta de remedio , senão doerse por doerse. O mal remediado

## Discurso XXIII. 137

mediado he motivo de alegria, e tanto mais, quanto o remedio parecia mais impossivel, e que vencido o impossivel, e conseguido o remedio depois de deixar de ser, e haver sido o mal, seja ainda motivo a dor, isto he o mais fino da fineza. Atéqui chegou a dor do mayor exemplar das dores, e eu naõ sei, nem poiso passar mais a diante.

175 Senhores meus, ou mais, ou menos fina dor ha para todos. Já que por nossa desgraça temos feito os peccados, ao menos saibamos desfazellos. Aqui se deve empregar toda a dor, e reduzir a esta só tantas outras dores, taõ vans, como as suas causas. Entre tanta multidaõ de abusos, quantos padece hoje o nosso desgraçado seculo, o mayor, e mais lamentavel he o abuso da dor. As perdas dos bens eternos, que só saõ dignas de dor, e para cujo remedio foy feita a dor, nem se estimaõ, nem se choraõ, nem doem. As lagrimas, as queixas, as lamentaçoens sem fim todas as leva a dor das perdas temporaes, que nem merecem dor, nem se remedeiaõ com ella. Ouvi o mayor Prégador da Grecia, e da Igreja Chrysostomo: *Luge peccata, & ipsa doleas, propter hoc enim facta est tristitia, non ut in morte, aut in re tali doleamis:* Chora, diz, ó Christaõ, teus peccados, e doete só daquillo, para cujo remedio foy feita a dor. Grande, verdadeira, e fortissima razão!

176 Nem a natureza, nem Deos fizeraõ neste mundo cousa alguma ociosa, inutil, e sem fim. E qual he o fim, para que Deos fez a dor, que parece taõ contraria, e taõ inimiga da mesma natureza? Pelos effeitos se vê. Nenhum mal se remedeia com a dor, senaõ o peccado, nenhum bem se restaura pela dor, senaõ a graça: logo só para remedio deste mal, e só

Chrysost.  
hom. 5. ad  
Pop.

138. Vieira abbreviado

e só para restauração deste bem foy feita a dor. Oh dor! Remedio unico do summo mal! Oh dor! Preço unico do summo bem! E que mayor dor, que ver os abutos, em que te desperdiçaõ os homens sem utilidade, nem proveito! Este se doe da sua pobreza, e nem por isto deixa de ser pobre: aquelle se doe da sua enfermidade, e nem por isto se vê saõ: outro, e tantos outros se doem da má correspondencia dos poderosos, e nem por isso os fazem mais justos, ou menos ingratos. Doe-se o amor, e o odio, doe-se o desejo, e o temor, doe-se a esperança, e a desesperaçaõ, doe-se a miseria, e a fome, o fastio, e a abundancia tambem se doem. Doe-se a soberba, doe-se a cubiça, doe-se sobre todos a inveja, e naõ pelos males proprios, senão pelos bens alheyos; porque o outro cresce, porque sobe, porque pôde, porque manda, e ainda porque vive, e porque tarda em lhe vir a morte, genero de dor, que naõ alcançou a imaginar o pensamento de Chrysostomo prêgando naõ em Roma, mas em Constantinopla: *Ut non in morte, aut in re tali dbleamus.* Estas saõ as dores do mundo, e naõ sey se tambem as da cabeça do mundo, menos miseravel por aquillo, de que se doe, que por aquillo, de que naõ se doe. Que miseria mais miseravel, que ver tantas almas, que tem perdido a graça de Deos, doerse, e doerse de outra couta, que naõ saõ os seus peccados? Senhores meus, desengano, livrarse, ou escaparse da dor nesta vida he impossivel: naõ ha fortuna taõ alta, ou estado taõ felice, nem a purpura, nem a coroa, nem a tiara, que dentro, ou fóra naõ pague tributo á dor. Que melhor conselho logo, que reduzir todas as dores a huma só dor, e tantas dores inuteis, e Evans, e de mayor tormento,

# Discurso XXIV. 139

mento a huma fô dor, que nesta, e na outra vida  
me livra de todas? Levai este ultimo documento, e  
sejaõ epilogo de todo o meu discurso estas duas pa-  
lavras: Conhecer, que a dor he o unico remedio do  
bem perdido, e que o mayor bem perdido he a dor,  
que se perde.

## DISCURSO XXIV.

*Tirado de hum sermaõ da quinta quarta feira da  
Quaresma pregado na Misericordia de Lisboa  
contra a cegueira dos Escriptas, e Fariseos.*

### CEGUEIRA.

177 **S**E lançarmos os olhos por todo o mundo, Part. I.  
acharemos que todo, ou quasi todo he ha- Pag. 619;  
bitado de gente cega. O gentio cego, o Judeo ce-  
go, o herege cego, e o Catholico (que naõ devera  
ser) tambem cego. Mas de todos estes cegos quaes  
vos parece, que saõ os mais cegos? Naõ ha duvida,  
que nós os Catholicos; porque os outros saõ cegos  
com os olhos fechados, nós somos cegos com os  
olhos abertos. Que o gentio corra sem freyo a poz os  
appetites da carne: que o gentio siga as leys deprava-  
das da natureza corrupta! Cegueira he; mas ceguei-  
ra de olhos fechados: naõ lhe abrio a fé os olhos.  
Porém o Christão, que tem fé, que conhece, que ha  
Deos, que ha Ceo, que ha inferno, que ha eternida-  
de, e que viva como gentio! He cegueira de olhos  
abertos, e por isso mais cego, que o mesmo gentio.  
Que o Judeo tenha por escandalo a Cruz, e por naõ  
confessar, que crucificou a Deos, naõ queira adorar  
a hum

## 140 Vieira abbreviado

a hum Deos crucificado ! Cegueira he manifesta ; mas cegueira de olhos fechados ; por isso mordidos das serpentes no deserto só saravaõ os que viaõ a serpente de Moyés exaltada, e os que não tinhõ olhos para a ver, não saravaõ. Porém que o Christo <sup>Num. 21.8</sup> ( como chorava S. Paulo ) seja inimigo da Cruz, e que adorando as chagas do Crucificado , não fare das suas ! Hé cegueira de olhos abertos , e por isso mais cego , que o mesmo Judeo. Que o herege sendo batizado , e chamando-se Christo , se não conforme com a ley de Christo , e despreze a observancia de seus mandamentos ! Cegueira he ; mas cegueira tambem de olhos fechados. Crê erradamente , que basta para a salvação o sangue de Christo , e que não são necessarias obras proprias. Porém o Católico , que crê , e conhece evidentemente pelo lume da fé , e da razão , que fé sem obras he morta , e que sem obrar , e viver bem ninguém se pôde salvar , que viva nos costumes como Lutero , e Calvin ! Hé cegueira de olhos abertos , e por isso mays cego , que o mesmo herege. Logo nós somos mais cegos , que todos os cegos.

<sup>Phil. 3. 18.</sup> 178 Está dito em commun o que basta. Agora para maior distinção , e clareza desçamos ao particular. Esta mesma cegueira de olhos abertos dividese em tres especies de cegueira , ou fallando medicamente em cegueira da primeira , da segunda , e da terceira especie. A primeira he de cegos , que vem , e não vem juntamente : a segunda de cegos , que vem huma causa por outra : a terceira de cegos , que vendo o demais , só a sua cegueira não vem. Vamos discorrendo por cada huma , e veremos no nosso ver muita cousa , que não vemos.

## Discurso XXIV. 141

179 Começando pela cegueira da primeira espe- Num. 6; 30.  
cie, bem sey, que ver, e naõ ver implica contradic-  
ção. Os Filosofos dizem, que huma contraditoria Num. 6; 31.  
naõ cabe na esfera dos possiveis, eu digo, que cabe  
na esfera dos olhos. Naõ me atrevera a o dizer, se naõ  
fora proposição expressa da primeira, e summa ver-  
dade. Assim o disse Christo fallando destes mesmos  
homens no cap. 4. de S. Marcos: *Ut videntes vi-  
deant, & non videant:* Para que vendo, vejaõ, e Matr. 4.  
naõ vejaõ. Agora esperaveis, que eu sahisse com  
grandes espantos. Se viaõ, como naõ viaõ? E se naõ  
viaõ, como viaõ? Difficultar sobre tal authoridade  
seria irreverencia. Christo o diz, e isso basta.

180 Eu porém naõ me quero escusar por isso de  
dar a razaõ deste, que parece impossivel. Mas antes,  
que lá cheguemos, vejamos esta mesma implicação  
de ver, e naõ ver praticada. Andaiõ os homens cru- Num. 6; 38.  
zando as Cortes, revolvendo os Reynos, dando vol-  
tas ao mundo, cada hum em demanda das suas per-  
tençoens, cada hum para se introduzir ao fim de  
seus desejos, todos aos encontroens huns sobre os  
outros, os olhos abertos, a porta á vista, e ninguem  
atina com a porta. Andais buscando a honra com os  
olhos de lynce. E sendo que para a verdadeira hon-  
ra naõ ha mais, que huma porta, (que he a virtude.)  
ninguem atina com a porta. Andaivos desvelando  
pela riqueza com mais olhos, que hum Argos, e  
sendo que a porta certa da riqueza naõ he accrescen-  
tar a fazenda, senaõ diminuir a cubiça, ninguem ati-  
na com a porta. Andaivos matando por achar a boa  
vida, e sendo que a porta direita, por onde se entra  
á boa vida, he fazer boa vida, ninguem atina com a  
porta. Andaiyos cansando por achar o descanso,  
e sen-

## 142 Vieira abbreviado

e sendo, que naõ ha, nem pôde haver outra porta para o verdadeiro, e seguro descanso, senão accômodar com o estado presente, e conformar com o que Deos he servido, naõ ha quem atine com a porta. Ha tal desatino! Ha tal cegueira! Mas ninguem vê o mesmo, que está xendo; porque todos somos cegos.

Num. 639. 181 Entre agora a razaõ, porque estais esperando. Naõ vos tem acontecido alguma vez ter os olhos postos, e fixos em huma parte, e porque no mesmo tempo estais com o pensamento divertido ou na converlaçao, ou em algum cuidado naõ dar fé das mesmas cousas, que estais vendo? Pois esse he o modo, e a razaõ, porque naturalmente podemos ver, e naõ ver juntamente. Vemos as cousas, porque as vemos, e naõ vemos essas mesmas cousas, porque as vemos divertidos. Hiaõ para Emmaus os dous discípulos praticando com grande tristeza na morte de seu Mestre, e foy coula maravilhosa, que apparecer-

Num. 640. dolhes o mesmo Christo, e indo caminhando, e conversando com elles, naõ o conhecessen. Vede a

Num. 643. força, que tem o pensamento para a diversaõ da vista. Os olhos estavaõ no caminho com Christo vivo, o pensamento estava na sepultura com Christo morto, e pode tanto a força do pensamento, que o mesmo Christo ausente, em que cuidavaõ, os divertia do mesmo Christo presente, que estavaõ vendo. Tanto vay de ver com attençao, e advertencia, ou ver com desattençao, e divertimento.

182 Por iſſo Jeremias bradava: *Attendite, & videte:* Attendey, e vede. Naõ só pede o Profeta vista, mas vista, e attençao, e primeiro a attençao, que Num. 643. a vista; porque ver sem attençao he ver, e naõ ver.

Assim

## Discurso XXIV. 143

Assim como ha muitos, que olhaõ para cegar, que saõ os que olhaõ sem tento, assim ha muitos, que vem sem olhar; porque vem sem attençao. Naõ basta ver para ver, he necessario olhar para o que se vê. Naõ vemos as cousas, que vemos; porque naõ olhamos para elles: vemos sem advertencia, e sem attençao, e a mesma desattençao he a cegueira da vista. Divertenos a attençao os pensamentos, suspendemnos a attençao os cuidados, prendemnos a attençao os desejos, roubaõnos a attençao os affectos, e por isso vendo a vaidade do mundo, imos a poz ella, como se fora muito solida: vendo o engano da esperança, confiamos nella, como se fora muito certa: vendo a fragilidade da vida, fundamos sobre ella castellos, como se fora muito firme: vendo a inconstancia da fortuna, seguimos suas promessas, como se foraõ muito seguras: vendo a mentira de todas as cousas humanas, cremos nellas, como se foraõ mui verdadeiras.

183 A cegueira da segunda especie, ou a segunda especie de cegueira era serem taes os olhos, que naõ viaõ as couſas ás direitas, senaõ ás avessas. Naõ viaõ as cōusas como eraõ, senaõ como naõ eraõ, e por isso muito mais cegos, que se totalmente as naõ viraõ. A cegueira do juizo, e amor proprio he muito mayor, que a cegueira dos olhos: a cegueira dos olhos faz que naõ vejamos as couſas: a cegueira do amor proprio faz que as vejamos diferentes do que saõ, que he muito mayor cegueira. Trouxeraõ hum cego a Christo, para que o curasse. Pozlhe o Senhor as maõs nos olhos, e perguntou lhe se via. Respondeo: *Video homines velut arbores ambulantes*, que via andar os homens como arvores. Pergunto: E quan-

Num. 646.

Part. 5.

Num. 110.

Marc. 8.24.

## I44 Vieira abbreviado

quando estava este homem mais cego , agora, ou antes? Agora naõ ha duvida , que tinha alguma vista ; mas esta vista era mayor cegueira , que a que dantes tinha ; porque dantes naõ via nada , agora via huma cousa por outra , homens por arvores , e mayor cegueira he ver huma cousa por outra , que naõ ver nada. Naõ ver nada he privaçaõ , ver huma cousa por outra he erro. Eisaqui porque sempre erra o juizo proprio. Eisaqui porque nunca acabamos de nos conhecer ; porque olhamos para nós com os olhos de hum mais cego , que os cegos , com huns olhos ; que sempre vem huma cousa por outra , e as pequenas lhe parecem grandes. Somos pouco maiores , que as hervas , e fingimenos taõ grandes como as arvores : somos a cousa mais inconstante do mundo , e cuidamos , que temos raizes. Se o inverno nos tirou as folhas , imaginamos ; que no las ha de tornar a dar o verão , que sempre havemos de florecer , que havemos de durar para sempre. Isto somos , e isto cuidamos.

Part. 1. 184 Mas se este homem estava cego , quando  
Num. 649 naõ via nada , e se estava tambem cego , quando via as couisas como naõ eraõ : quando estava mais cego , quando as via , ou quando as naõ via ? Quando as via , estava muito mais cego ; porque quando naõ via nada , tinha privaçaõ de vista : quando via as couisas ás aveffas , tinha erro na vista , e muito mayor cegueira he o erro , que a privaçaõ. A privaçaõ era hum defeito innocent , que naõ mentia , nem enganava : o erro era huma mentira com apparencia de verdade , era hum engano com representaçaõ de certeza , era hum falso testimunho com assinado de vista , e se naõ vâmos ao caso. He Filosofia bem fundada de Filo Hebreo , que os olhos naõ só vem a cor ,  
fenaõ

## Discurso XXIV. 145

senaõ a cor , a figura , e o movimento : e em todas estas tres coulas errou a primeira vista daquelle homem , representandolhe os homens , como arvores. Errou na cor ; porque as arvores saõ verdes , e os homens cada hum he da cor do seu rosto , e do seu vestido. Errou na figura ; porque as arvores tem hum pé , e os homens dous : os homens tem dous braços , e as arvores muitos. Errou no movimento ; porque os homens movem-se progressivamente , e mudaõ lugares , e as arvores estaõ sempre firmes , e se se movem com o vento , naõ mudaõ lugar. Eisaqui quantos erros , quantos enganos , e quantas cegueiras se envolviaõ naquelle primeira vista. Por isto o Evangelista disse , que quando o cego via desta maneira , ainda naõ tinha começado a ver ; porque ver humas cousas por outras naõ he vista , he cegueira , e mais que cegueira.

185 Andaõ equivocados dentro em nós o mal Num. 65<sup>33</sup> com o bem , e o bem ccm o mal , naõ por falta de olhos , mas por erro , e engano da vista. No Paraíso Num. 65<sup>4</sup> havia huma só arvore vedada , no mundo ha infinitas. Tudo o que véda a ley natural , a divina , e as humanas , tudo o que prohíbe a razão , e condémina a experiençia , saõ arvores , e frutas vedadas. E he tal o engano , e illusaõ da noſta vista equivocada nas cores , com que se disfarça o veneno , que em vez de vermos o mal certo para o fugir , vemos o bem , que naõ ha , para o appetecer : *Vidit , quod bonum effet.* Gen. 3. 6. Eva com os olhos abertos estava tão cega , que naõ via o que via , e via o que naõ via. A fruta vedada era má para comer , e boa para naõ comer : má para comer ; porque comida era veneno , e morte : boa para naõ comer ; porque naõ comida era vida , e im-

## 146 Vieira abbreviado

mortalidade. Era tão cega a sua vista, ou tão errada a sua cegueira, que olhando para a mesma fruta não via o que era, e via o que não era: não via que era má para comer, sendo má, e via que era boa para comer, não sendo boa: *Vidit, quod bonum esset ad vescendum.*

186 Daqui nasce, como da vista de Eva, a ruina original do mundo não só nas consciencias, e almas particulares, mas muito mais no communum dos estados, e das respuplicas.

187 Cahio a mais florente, e bem fundada Repùblica, que houve no mundo, qual era antigamente a dos Hebreos, fundada, governada, assistida, defendida pelo mesmo Deos: e qual vos parece, que

Num. 654.foy a origem, ou causa principal de sua ruina? Não foym outra, senão a cegueira dos que tinhaõ por officio ser olhos da Republica; e não porque fossem olhos de tal maneira cegos, que não vissem; mas porque viaõ trocadamente huma cousa por outra, e em vez de verem o que era, viaõ o que não era. Assim o lamentou o Profeta Jeremias nas lagrimas, que chorou em tempo do cativeiro de Babylonia sobre a destruiçao, e ruina de Jerusalem: *Prophetæ tui vide-runt tibi falsa:*

Num. 656.Os Profetas verdadeiros viaõ o que era, os Profetas falso viaõ o que não era; e porque a cega Republica se deixou governar por estes

Num. 658.olhos, por isto se perdeo. Abraõ os olhos os Príncipes, e vejaõ quaes saõ os olhos, por cuja vista se guiaõ: guiemse pelos olhos dos poucos, que vem as cousas como saõ, e não pelos dos muitos, e cegos, que vem huma cousa por outra: *Viderunt tibi falsa.*

188 Mas como pôde ser, que haja homens tão cegos, que com os olhos abertos não vejaõ as cousas como

## Discurso XXIV. 147

como saõ ? Dirá alguem , que este engano da vista procede da ignorancia. O rustico , porque he ignorante , vê , que a Lua he mayor , que as estrellas ; mas o Filosofo , porque he sabio , e mede as quantidades pelas distancias , vê , que as estrellas saõ maiores , que a Lua. O rustico , porque he ignorante , vê , que o Ceo he azul ; mas o Filosofo , porque he sabio , e distingue o verdadeiro do apparente , vê , que aquillo , que parece Ceo azul , nem he azul , nem he Ceo.. O rustico , porque he ignorante , vê muita variedade de cores no que elle chama arco da velha ; mas o Filosofo , porque he sabio , e conhece , que até a luz engana , ( quando se dobra ) vê , que alli naõ ha cores , senão enganos córados , e illusioens da vista. E se a ignorancia erra tanto olhando para o Ceo , que ferá se olhar para a terra ? Eu naõ pertendo negar á ignorancia os seus erros , mas os que do Ceo abaixo padecem commumente os olhos dos homens , ( e com que fazem padecer a muitos ) digo que naõ saõ da ignorancia , senão da paixaõ. A paixaõ he a que erra , a paixaõ a que os engana , a paixaõ a que lhes perturba , e troca as especies , para que vejaõ humas cousas por outras. E esta he a verdadeira razaõ , ou tempraçaõ de huma tão notavel cegueira. Os olhos vem pelo coraçao , e assim como quem vê por vidros de diversas cores , todas as cousas lhe parecem daquella cor , assim as vistas se tingem dos mesmos humores , de que estaõ bem , ou mal affectos os coraçõens.

189 Os Apostolos , Assuero , os Moabitas , todos estavaõ com os olhos abertos , todos viraõ o que viaõ , e todos julgaraõ huma cousa por outra. Pois se os Apostolos viaõ a Christo , como julgaraõ , que Marc. 6.49  
era fantasma : *Putaverunt phantasma esse?* Se Af  
K 2 suero

## 148 Vieira abbreviado

fuero vio a Aman em acto de pedir misericordia, co-  
 Eth. 7. 8. mo julgou que lhe fazia adulterio: *Etiam Reginam  
 vult opprimere me presente?* Se os Moabitas viaõ a  
 4. Reg. 3. agua da ribeira, como julgaraõ que era sangue: *Di-  
 23. xerunt: Sanguis gladii est: pugnaverunt Reges con-  
 tra se, & caesi sunt mutuo?* Porque assim confun-  
 dem, e trocaõ as especies da vista os olhos perturba-  
 dos com alguma paixaõ. Os Apostolos estavaõ per-  
 turbados com a paixaõ do temor: Assuero com a paix-  
 aõ da ira: os Moabitas com a paixaõ do odio, e da  
 vingança. E como os Moabitas detejavaõ verter o  
 sangue dos dous exercitos inimigos, a agua lhes parecia sangue: como Assuero queria tirar a vida a  
 Aman, a contrição lhe parecia peccado: como os  
 Apostolos estavaõ medrosos com o perigo, o reme-  
 dio, e o mesmo Christo lhes parecia fantasma. Fiai-  
 vos lá de olhos, que vem com paixaõ.

190 As paixoens do coraçao humano, como as divide, e numera Aristoteles, saõ onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitaes, amor, e odio. E estes dous affectos cegos saõ os dous polos, em que se revolve o mundo, por isso taõ mal governado. Elles saõ os que pezaõ os merecimentos, elles os que qualificaõ as accõens, elles os que avaliaõ as prendas, elles os que repartem as fortunas, elles saõ os que enfeitaõ, ou descompoem, elles os que fazem, ou aniquilaõ, elles os que pintaõ, ou despintaõ os objectos, dando, e tirando a seu arbitrio a cor, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser, e substancia sem outra distinção, ou juizo, que aborrecer, ou amar. Se os olhos vem com amor, o corvo he branco, se com odio o cisne he negro: se com amor, o demonio he formoso, se com odio, o Anjo he feyo:

se

## Discurso XXIV. 149

se com amor, o pigmeo he gigante, se com odio o gigante he pigmeo: se com amor, o que naõ he, tem ser, se com odio, o que tem ser, e he bem, que seja, naõ he, nem terá já mais. Por isto se vem com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados, e as dignidades abatidas, os talentos ociosos, e as incapacidades com mando, a ignorancia graduada, e a ciencia sem honra, a fraqueza com o bastaõ, e o valor posto a hum canto, o vicio sobre os altares, e a virtude sem culto, os milagres accusados, e os milagrosos reos. Póde haver mayor violencia da razão? Póde haver mayor escandalo da natureza? Póde haver mayor perdição da republica? Pois tudo isto he o que faz, e desfaz a paixaõ dos olhos humanos, cegos quando se fechaõ, e cegos quando se abrem: cegos quando amaõ, e cegos quando aborrecem: cegos quando approvaõ, e cegos quando condenaõ: cegos quando naõ vem, e quando veim, muito mais cegos.

191 Temos chegado, posto que tarde, á cegueira da terceira especie. O cego, que conhece a sua cegueira, naõ he de todo cego; porque quando menos, vê o que lhe falta: o ultimo extremo da cegueira he padecella, e naõ a conhecer. Tal era o estado mais que cego destes homens, dos quaes disse agudamente Origenes, que chegaraõ a perder o sentido da cegueira: *Cæcitatis sensu carentes*. A natureza quando tira o sentido da vista, deixa o sentido da cegueira, para que o cego se ajude dos olhos alheyos; porque naõ pôde haver mayor cegueira, nem mais cega, que ser hum homem cego, e cuidar que o naõ he. Introduz Christo em huma parabola hum cego, que hia guiando a outro cego: *Si cæcus cæcum du-* Num. 665.

Math. 15;  
cat. 14.

## 150 Vieira abbreviado

*cat.* O que hia guiado era cego, o que hia guiando tambem era cego. Mas qual destes douis cegos vos parece, que era mais cego, o guia, ou o guiado? Muito mais cego era o guia; porque o cego, que se deixava guiar, via, e conhecia, que era cego; mas o que se fez guia do outro, taõ fóra estava de ver, e conhecer, que era cego, que cuidava, que podia emprestar olhos.

Num. 669. 192 Oh quantos miseraveis sobre miseraveis, e quantos cegos sobre cegos ha, como este, no mundo! Refere Seneca hum caso notavel, succedido na sua familia, e diz a seu discípulo Lucilio, que lhe contara huma couta incrivel, mas verdadeira: *Incredibilem tibi narro rem, sed veram.* Tinha huma criada chamada Harpastes, a qual ( sendo fatua de seu nascimento ) perdeo subitamente a vista: *Hæc fatua subitò desit videre.* E que vos parece, que faria Harpastes cega, e sem juizo? Aqui entra a coufa incrivel: *Nescit esse se cæcam:* Era cega, e naõ o sabia. *Pædagogum suum rogar, ut migret:* Quando o que tinha cuidado della lhe dava a maõ para a guiar, lançava-o de si. *Ait domum tenebrosam esse:*

Dizia, que estava a casa ás escuras, que abrissem as janellas, e as janellas, que tinha fechadas, naõ eraõ ás da casa, eraõ ás dos olhos. Póde haver cegueira mais fatua, mais digna de riso? Pois has de saber Lucilio ( diz Seneca ) que desta maneira somos todos cegos, e fatuos: cegos, porque naõ vemos, e fatuos, porque naõ conhecemos a nossa cegueira: *Hoc, quod in ea ridemus, omnibus nobis accidere liqueat tibi.*

Num. 670. 203 Naõ he cegueira á soberba? Naõ he cegueira á inveja? Naõ he cegueira á cubica? Naõ he cegueira á ambiçaõ, á pompa, o luxo? Naõ he cegueira á lisfonja,

## Discurso XXIV. 151

sonja, e a mentira? Si. Mas a nossa fatuidade he tan-<sup>Num. 671.</sup>  
ta, como a de Harpastes, que sendo a cegueira, e a  
escuridade nossa, attribuimola á casa, e dizemos,  
que naõ se pôde viver doutro modo neste mundo, e  
muito menos na Corte: *Nemo aliter Romæ potest  
vivere.* Se somos cegos, porque o naõ conhecemos?  
Isac era cego, mas conhiecia a sua cegueira, por isso  
tocou as maõs de Jacob para suprir a falta da vista  
com o tacto. O mendigo de Jericó era cego, mas  
conhiecia, que o era; por isso a esmola, que pedio a  
Christo, naõ soy outra senão a da vista: *Domine ut*<sup>Luc. 18.</sup>  
*videam.* Como havemos nós de suprir as nossas ce-<sup>41.</sup>  
gueiras, ou como lhes havemos de buscar remedio,  
se as naõ conhecemos?

193 Pois por certo, que naõ nos faltaõ experien-  
cias muito claras, e muito caras para as conhecer;<sup>Num. 672.</sup>  
fenaõ foramos cegos sobre cegos. Olhay para as  
voſſas quedas, e vereis as voſſas cegueiras. Todas as<sup>Num. 673.</sup>  
couſas se vem com os olhos abertos, e só a propria  
cegueira se pôde ver com elles fechados. Mas quan-  
do ella he taõ cega, que naõ se vê a si mesma, as que-  
das lhe abrem os olhos, para que se veja. Cahiraõ os  
primeiros pays taõ cegamente, como vimos, e quan-  
do se lhes abrirão os olhos para verem a sua ceguei-  
ra? Depois que se viraõ cahidos: *Et aperti sunt*<sup>Gen. 3, 10.</sup>  
*oculi amborum.* O appetite os cegou, e a cahida lhes  
abrio os olhos. Que filho ha de Adão, que naõ seja  
cego? E que cego, que naõ tenha cahido huma, e  
muitas vezes? E que naõ bastem tantas cahidas, e  
recahidas para conhecermos a nossa cegueira! Seca-  
his em tantos tropeços, quantas saõ as vaidades, e  
loucuras do mundo; porque naõ acabais de cahir em  
que sois cego? E porque naõ buscais quem vos le-

## I 52 Vieira abbreviado

vante , e vos guie ? Só vos digo , que se derdes a maõ para isso a algum criado , como fez Tobias, que leja taõ seguro criado , e de taõ boa vista , que saiba por onde poem os pés , e que vos possa guiar , e soster. E quando ainda assim lhe derdes a maõ , adverti , que naõ seja tanta , que se cegue tãm bem elle com a vossa graça , e vos leve a maiores precipícios. Mas já he tempo , que demos a razão desta ultima cegueira , como das de mais.

Num. 675. 194 Parece cousa incrivel , e impossível , que hum cego naõ conheça , que he cego. Mas como já temos visto , que ha muitos cegos desta especie , resta saber a causa de taõ estranha , e taõ cega cegueira. Qual he logo , ou qual pôde ser a causa , porque estes cegos se ceguem tanto com a sua cegueira , que a naõ conheçaõ ? Outros daraõ outras causas , ( que para errar ha muitas ) a que eu tenho por certa , e infallivel , he a muita presumpçāõ dos mesmos cegos. A causa da primeira cegueira , como vimos , he a desattenção , a da legunda a paixaõ , e a desta terceira , e mayor de todas a presumpçāõ. Para hum cego guiar cegos he necessario , que tenha dous conhecimentos contrarios: hum , com que conheça os outros por cegos , e outro , com que conheça , ou tenha pa-

Num. 677. ra si , que elle o naõ he. Se vissemos que hum cego andasse apregoando , e vendendo olhos , naõ seria riso das gentes , e da mesma natureza ? Pois essa era a farça , que representava nos tribunaes de Jerusalem a cegueira , e presumpçāõ daquelles gravissimos Ministros , e esse era o altissimo conceito , que elles tinham dos seus olhos. Toupeiras com presumpçāõ de lynces. Que hum cego queira guiar outro cego , e huma toupeira outra toupeiras , cegueira he muito pre-

Num. 678.

## Discurso XXIV. 153

presumida; mas que as toupeiras quizessem guiar o lynce, e os cegos dar liçoens de ver, a quem tinha olhos, e olhos milagrosos, foy a mais louca pre-  
sumpção, que pode caber em todas as cegueiras.

195 Oh quem me dera ter agora neste auditorio a todo o mundo! Quem me dera que me ouvira ago-  
ra Hespanha, que me ouvira França, que me ouvira Alemanha, que me ouvira a mesma Roma! Princi-  
pes, Reys, Imperadores, Monarchs do mundo, ve-  
des a ruina dos vossos Reynos, vedes as affljoens, e  
miserias de vossos vassallos, vedes as violencias, ve-  
des as oppreſſoens, vedes os tributos, vedes as pobre-  
zas, vedes as fomes vedes as guerras, vedes as mor-  
tes, vedes os cativeiros, vedes a assolação de tudo? Ou o vedes, ou o n̄ vedes. Se o vedes, como o naõ  
remediais? E se o naõ remediais, como o vedes? Estais cegos. Prinoes Ecclesiasticos, grandes, ma-  
yores, supremos, ós, ó Prelados, que estais em seu  
lugar, vedes as cañidades universaes, e particula-  
rēs da Igreja, vedos destroços da fé, vedes o des-  
cachimento da Rgiao, vedes o desprezo das leys  
divinas, vedes a everencia dos lugares sagrados,  
vedes o abuso dos costumes, vedes os peccados pu-  
blicos, vedes os endalos, vedes as simonias, ve-  
des os sacrilegios edes a falta da doutrina sā, ve-  
des a condenação perda de tantas almas dentro, e  
fóra da Christane? Ou o vedes, ou o naõ vedes.  
Se o vedes, como o naõ remediais? E se o naõ reme-  
diais, como o es? Estais cegos. Ministros da  
Republica, da iça, da guerra, do estado, do  
mar, da terra, vs as obrigações, que se descar-  
regaõ sobre o vçuidado, vedos o pezo, que car-  
rega sobre vossas ciencias, vedes as desfattençoes  
do

154 *Vieira abbreviado*

do governo , vedes as injustiças , vedes os roubos ,  
vedes os descaminhos , vedes os enredos , vedes as  
dilaçoens , vedes os sobornos , vedes os respeitos ,  
vedes as potencias dos grandes , e as vexaçãoens dos  
pequenos , vedes as lagrimas dos pobres , os clamores ,  
e gemidos de todos ? Ou o vedes , ou o naõ ve-  
des . Se o vedes , como o naõ remedialis ? E se o naõ  
remedialis , como o vedes ? Estais cegos . Pays de fa-  
milia , que tendes casa , mulher , filhos , criados , ve-  
des o desconcerto , e descaminho de vossas familias ,  
vedes a vaidade da mulher , vedes o pouco recolhi-  
mento das filhas , vedes a liberdade , e más compa-  
nhias dos filhos , vedes a soltura e descomedimento  
dos criados , vedes como vivem vedes o que fazem ,  
e o que se atrevem a fazer , fiaos muitas vezes na  
vossa dissimulação , no vosso infentimento , e na  
sombra do vosso poder ? Ou oedes , ou o naõ ve-  
des . Se o vedes , como o naõ remedialis ? E se o naõ  
remedialis , como o vedes ? Estais cegos . Finalmen-  
te homem Christão de qualquestado , e de qual-  
quer condiçao que sejas , vês a ti e o carácter , que  
recebeste no bautismo , vês a oigaçao da ley , que  
professas , vês o estado , em quives ha tantos an-  
nos , vês os encargos de tua ciencia , vês as res-  
tituiçoen , que deves , vês a ociaõ , de que te naõ  
apartas , vês o perigo de tua alme de tua salvaçao ,  
vês que estás actualmente em jçado mortal , vês  
que se te toma á morte nesse elo , que te conde-  
nas tem remedio , vês que se condenas , has de  
arder no inferno , em quanto D for Deos , e que  
has de carecer do mesma Deos toda a eternida-  
de ? Ou vemos tudo isto , Christ , ou o naõ vemos .  
Se o naõ vemos , como somos tegos ? E se o ve-  
mos ,

## Discurso XXIV. 155

mos, como o naõ remediamos? Fazemos conta de o remediar alguma hora, ou naõ? Ninguem haverá taõ impio, taõ barbaro, taõ blasfemo, que diga, que naõ. Pois se o havemos de remediar alguma hora, quando ha de ser esta hora? Na hora da morte? Na ultima velhice? Essa he a conta, que lhe fizeraõ todos os que estaõ no inferno, e lá estaõ, e estaraõ para sempre. E será bem, que façamos nós tambem a mesma conta, e que nos vaimos apoz delles? Naõ, naõ, naõ queiramos tanto mal á nossa alma. Pois se algum dia ha de ser, se algum dia havemos de abrir os olhos, se algum dia nos havemos de resolver; porque naõ será neste dia?

## DISCURSO XXV.

*Tirado de hum sermaõ da sexta sextafeira da Quaresma pregado na Capella Real sobre as palavras: Collegerunt Pontifices, & Pharisei consilium.*

## CONSELHO.

196 **A** Melhor, e a peyor coufa, que ha no mundo, qual será? A melhor, e a peyor coufa, que ha no mundo, he o conselho. Se he bom, he o mayor bem: se he maõ, he o peyor mal.

Part. 2.  
Num. 230.

197 Supposta esta primeira verdade de ser o conselho o melhor bem, e o mayor mal do mundo, ou quando menos á fonte dos mayores bens, e dos mayores males, quizera eu hoje, que fosse materia do nosso discurso a consideraõ dos bens, e males, que concorreraõ neste conselho. E porque dos erros, e dos

## 156 Vieira abbreviado

e dos acertos, como do aço, e do crystal, se compoem, e formaõ os espelhos; dos acertos, e dos erros deste conselho determino formar hoje hum espe-  
lho á nossa Corte. Se for muito lizo, e muito claro,  
isto he fer espelho.

Num. 332. 198 A primeira boa propriedade, que teve este conselho do Euangelho, foy, que a materia, sobre que se havia de votar, era da profissão dos Conselheiros. A materia era de religião, e elles eraõ Sacerdotes: a materia era de fé, e elles naõ eraõ Theologos: a materia era do Messias promettido pelos Profetas, e elles eraõ doutos nas Escrituras: em sim a materia era de letras, e elles eraõ letrados. A causa de se governar taõ mal o mundo, e de andar taõ mal aconselhado, havendo tantos conselhos, he porque de ordinario os Principes baralhaõ os metaes, e trazem desencontrados os conselhos, e os conselheiros. Se o soldado votar nas letras, e o letrado na navegação, e o piloto nas armas, que conselho ha de haver, nem que successo? Haverá letrados, e naõ se verá justiça: haverá pilotos, e naõ se fará viagem: haverá soldados, e exercitos, e leváraõ a victoria os inimigos. Vote cada hum no que professa, e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos de religião vote Samuel, e Heli: nos negocios de guerra vote Joab, e Abner: nas importancias do estado vote Chuzay, e Achitofel, e nas occurrencias da navegação, e do mar (ainda que naõ tenhaõ nomes taõ pomposos) vote Pedro, e André.

199 Indigna cousa parece, e ainda escandalosa, que os Fariseos entrem no mesmo conselho com os Pontifices: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium.* Tambem o Fariseo ha de ter lugar no con-

## Discurso XXV. 157

conselho? Tambem o Fariseo ha de dizer seu parecer? Tambem o Fariseo ha de dar seu voto? Tambem, se a materia for da sua profissao. Ainda que o nome de Fariseo naquelle tempo fora taõ vil, e taõ mal soante, como he hoje, nem por isso se havia de excluir do conselho nas materias da sua profissao; porque o bom conselho, e o bom conselheiro nao o faz o nome, nem a qualidade da pessoa, fenaõ a do voto.

200 A propriedade melhor que todas deste conselho foy a eficacia, e presteza da execucao: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.* No mesmo dia, e na mesma hora do conselho se começo a pôr o conselho em execucao com todo o cuidado. Cuidaõ os Ministros, que feitos os conselhos, feitas as consultas, feitos os decretos, está feito tudo, e ainda se nao começo a fazer nada. O principio dos negocios he a execucao: em quanto se nao daõ á execucao, nao se lhe tem dado principio: *In principio creavit Deus cælum, & terram.* Quando Deos creou o Ceo, e a terra, entaõ he que lhe deo principio; porque em quanto os conselhos se nao daõ á execucao, por mais conselhos, e por mais decretos que haja, ainda se nao tem dado principio a nada. Que importa que haja conselhos, e mais conselhos, que importa, que haja decretos, e mais decretos, se entre os decretos, e a execucao se passa huma eternidade?

201 Os decretos seraõ divinos, e divinissimos, como eraõ os de Deos, mas todas essas divindades decretadas sem execucao, que vem a ser? O que era o Ceo, e a terra antes da creaçao do mundo? Nada. Antes da creaçao do mundo estava decretado o Ceo, estava

## 158 Vieira abbreviado

estava decretada a terra , estavaõ decretados os elementos , e tudo , quanto Deos creou , tudo estava decretado , e allentado em conselho ; mas todas essas cousas decretadas que eraõ ? O Ceo era nada , a terra outro nada , os quatro elementos quatro nadas , e toda essa infinitade de cousas huma infinitade de nadas . Que importa a sentença no conselho da justiça , se se naõ executa a sentença ? Que importa o arbitrio no conselho da fazenda , se se naõ executa o arbitrio ? Que importa a prevençao no conselho de guerra , se se naõ executa a prevençao ? Que importaõ os mysterios no conselho de Estado , se se naõ executaõ os mysterios ? O mysterio altissimo , e divinissimo da Incarnaçao estava decretado havia huma eternidade , e estava revelado havia quatro mil annos , e que era este mysterio antes da execuçao ? Nada .

Num. 242. 202 Pois , que remedio para que estes nadas se jaõ alguma coula , e sejaõ tudo ? O remedio he crear hum conselho de novo . Ainda mais conselhos ? Bem aviados estamos . E que conselho ha de ser este ? E como se ha de chamar ? Salamaõ , cujo he o arbitrio , Ihe deo tambem o nome : *Consilium manuum* : Hum conselho de maõs . Este he o conselho dos conselhos . Todos os outros conselhos sem este saõ conselhos sem conselho . Os conselhos de entendimento dis correm , alteraõ , disputaõ , consultaõ , resolvem , e decretaõ , e atéqui nada . O conselho das maõs he o que faz as cousas . O mesmo texto o diz : *Operata est consilio manuum suarum* . Os outros conselhos especulaõ , este conselho obra ; mas com licença de Salamaõ : Se este chamado conselho he de maõs , parece que se naõ havia de chamar conselho , porque o conselho he de entendimento , e as maõs naõ tem entendimen-

Prov. 31.  
13.

## Discurso XXV. 159

diamento; antes só as maões tem o entendimento, que he necessario. A cabeça tem entendimento especulativo, as maões tem entendimento pratico, e este he só o entendimento, que faz as cousas.

203 Assim o disse hum Rey, que tinhá muito bom entendimento, e muito boas maões, David: *In intellectibus manuum suarum deduxit eos.* A cabeça, que he huma, tem entendimento: as maões, que saõ duas, tem entendimentos: *In intellectibus.* Aqui está hum entendimento, e aqui outro, hum na maão direita, outro na elquerda. E se estes dous entendimentos se daõ as maões, tudo se consegue. Os mais felices Reynos naõ saõ aquelles, que tem as maões bem entendidas cabeças, senaõ aquelles, que tem as maões bem entendidas maões. Por isso eu desejara hum conselho de maões, e por isso sendo taõ mao, teve esta parte de bom o conselho do nosso Euangelho. Começou estranhando o que se naõ fazia: *Quid facimus?* e acabou começando o que se havia de fazer: *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogitaverunt eum interficere.*

204 Mas eu naõ acabo de entender, como isto podia ser logo no mesino dia, e na mesma hora, em que te fez o conselho. Quando se lançaraõ os votos? Quando se escreveo a consulta? Quando se assignou? Quando subio? Quando se resolveo? Quando baixou? Quando se fizeraõ os despachos? Quando se registraõ? Quando tornaraõ a subir? Quando se firmaraõ? Quando tornaraõ a baixar? Quando se passaraõ as ordens? Quando se distribuiraõ? Tudo isto naõ se podia fazer em huma hora, nem em hum dia, nem ainda em muitos. Se fora no nosso tempo, e na nossa terra, assim havia de ser; mas tudo se fez, e tudo

## 160 Vieira abbreviado

tudo se pôde fazer. Porque? Porque naõ houve tinta, nem papel neste conselho.

Num. 246. 205 Esta he a ultima propriedade boa, que nelle considero: ser hum conselho, em que naõ appareceo papel, nem tinta. Dias ha, que tenho para mim, que que a tinta, e o papel saõ duas peças ou escusadas, ou quasi escusadas em hum conselho. E porque isto parece querer condenar o mundo, naõ hei de argumentar ao mundo, senão comsigo mesmo. Qual he mais antigo no mundo, o conselho, ou o papel? Pois assim como naquelle tempo se faziaõ os conselhos sem papel, porque se naõ poderáõ fazer agora? Dir-meheis, que estava ainda o mundo pouco polido, e pouco politico, mais politico que agora. A primeira naçao, ou a primeira lingua, que soube ler, e escrever, foy a dos Hebreos. Primeiro se governaraõ por familias, depois em Republica, depois em Monarchia, ultimamente em Reynos, e em todos estes estados naõ achareis tinta, nem papel em seus conselhos. Chamava o Principe diante de si os de seu conselho, propunhalhe a materia, ouvia os pareceres, resolvia o que se havia de fazer, nomeava a pessoa, que o havia de executar, e acabavase o conselho. Naõ era bom estylo este, senhor mundo? Agora estareis mais empapelado, mas nem por isso mais bem aconselhado.

206 He verdade, que junto ás pessoas Reaes havia naquelle tempo douis officiaes de penna. E quaes eraõ? Hum Historiador, e hum Secretario. O Secretario escrevia as cartas para os ausentes, e o Historiador escrevia as memorias para os futuros; por isto geralmente nas historias sagradas só achamos livros, e epistolias: os livros para os vindouros, as episto-

## Discurso XXV. 161

epistolas para os ausentes. Tambem o escrever se fez para remedio dos mudos, como aconteceu a Zaca-rias pay do Bautista, que sendo consultado sobre o nome do filho, e naõ tendo lingua para o declarar, pedio a penna. Se os Conselheiros forao mudos, e os Reys surdos, entao era necessario o papel; mas se os Conselheiros fallaõ, e os Reys ouvem, para que saõ tantos papeis? Naõ he melhor ouvir hum Conselhei-  
ro, que falla, e responde, que ler hum papel mudo, que naõ sabe responder? E quantos Conselheiros hou-  
verao de dizer de palavra o que se naõ atrevem a di-  
zer, e firmar por escrito? Entre a boca do consulta-  
do, e o ouvido do Rey passa a verdade com segu-  
rança, e nem todos tem liberdade, e constancia para  
fiar o seu voto das riscas, e dos riscos de hum papel.  
Naõ fallo em que a tinta com ser preta pôde tingir  
o papel de muitas cores, e a penna de qualquer ave,  
que seja, toda nascendo de carne, e sangue. Introduzir  
papel, e tinta (ao menos tanto papel, e tanta tinta)  
nos conselhos, e nos tribunaes foy traça de fazer o  
tempo curto, e os requerimentos largos, e de se aca-  
bar primeiro a paciencia, e a vida, que os negocios.

Num. 247.

207 O mayor exemplo, que ha desta experien-  
cia em todas as historias, he o da execuçao deste mes-  
mo conselho, em que estamos: *Ab illa autem die*  
*cogitaverunt eum interficere.* A execuçao deste con-  
selho foy a morte de Christo, e he cousa, que pare-  
ce excede toda a fé (se o naõ differaõ os Euangelis-  
tas) considerar o muito, que se fez, e o pouco tem-  
po, que se gastou nesta execuçao. Foy Christo pre-  
zo ás doze da noite, e crucificado ás doze do dia. E  
que se fez, ou que se naõ fez nestas doze horas? Foy  
levado o Senhor a quatro tribunaes muito distantes,

## 162 Vieira abbreviado

é a hum delles duas vezes : ajuntaraõse , e fizeraõse dous conselhos : presentaraõse em duas partes as acuadoens : tiraraõse tres inquiriçoens de testimunhas : expediose a causa incidente , e perdaõ de Barabbas : deraõse dous libellos contra Christo : fizeraõse arrazoados por parte do Reo , e por parte dos Autôhores: allegaraõse leys: deraõse vistas: houve replicas , e treplicas : representaraõse duas comedias , huma de Christo Profeta com os olhos tapados , outra de Christo Rey com cetro , e coroa : foy tres vezes despido , e tres vestido : cinco vezes perguntado , e examinado : duas vezes sentenciado : duas mostrado ao povo : ferido , e afrontado tantas vezes com as maõs , tantas com a cana , cinco mil , e tantas com os açoutes. Preveniraõse lanças , espadas , fachos , lanternas , cordas , coluna , azorragues , varas , cadeas: huma roupa branca , outra de púrpura: canas , espinhos , cruz , cravos , fel , vinagre , mirrha , elponja , titulo com letras Hebraicas , Gregas , e Latinas , não escritas , senão entalhadas , como se mostraõ hoje em Roma : ladroens , que acompanhasssem ao Senhor : cruzes para os mesmos ladroens: Cyrineo , que o ajudasse a levar a sua : pregou Christo tres vezes , huma a Caifás , outra a Pilatos , outra ás filhas de Jerusalém.

Num. 248. 208 Finalmente cahindo , e levantando foy levado ao Calvario , e crucificado nelle. E que tudo isto se obrasse em doze horas ? E que ainda dessas doze horas sobejasssem tres para descanso dos Ministros , que forao as ultimas da madrugada? Grave cato ! E como foy possivel , que todas estas coulas , tantas , tão diversas , e de tantas dependencias se obrassem , e se podesssem obrar na brevidade de tão poucas horas , e

mais

## Discurso XXV. 163

mais fendo a metade dellas de noite? Tudo foy possivel, e tudo se fez, porque em todos estes confelhos, em todos estes tribunaes, em todas estas resolucoes, e execucoes naõ entrou papel, nem tinta. Se tudo isto se houvera de fazer com as tardanças, com as diligencias, com os vagares, com as ceremonias, que envolve qualquer papel, ainda hoje o genero humano naõ estava remido. Só quatro palavras se escreverão na morte de Christo, que forão as do titulo da Cruz, e logo houve sobre ellas embargos, requerimentos, alterações, teimas, e descontentamentos. E se Pilatos naõ differra resolutamente, que se naõ havia de escrever mais: *Quod scripsi, scripsi,* Joan. 19. o caso era de appellaçao para Cesar; que estava em <sup>23</sup> Roma dalli quinhentas legoas, e demanda havia na meya regra para muitos annos.

209 Até Christo teve sua conveniencia em naõ haver papel, e tinta na sua execuçao; porque ao menos naõ pagou custas: He possivel, que naõ ha de haver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chameihe castigo por lhe naõ chamar roubo. Mas que papel ha, que naõ seja ladrão marcado? Terrivel flagello do mundo foy Num. 249; sempre o papel; mas hoje mais cruel, que nunca. A origem, e o nome de papel foy tomado das cascas das arvores, que em Latim se chamaõ Papyrus; porque aquellas cascas forão o primeiro papel, em que os homens escreviaõ ao principio: depois deraõ em curtir as pelles, e se facilitou mais a escritura com o uso dos pergaininhos: ultimamente se inventou a praga do papel, de que hoje usamós. De maneira que, se bem advertimos, foy o papel desde seus principios materia de escrever, e invenção de esfolar:

164 *Vieira abbreviado*

com o primeiro papel esfolavaõse as arvores , com o segundo esfolavaõse os animaes , com o de hoje esfolavaõse os homens . Oh quanto papel se poderá encadernar com as peilles , que o mesmo papel tem despidos ! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal , porque em nenhuma se gasta tanto em papel , ou se gasta tanto em papeis .

210 . Estes soccorros , que damos a Veneza , naõ seria melhor dallos antes em dinheiro contra o Turco em Candia , que dallos por papel contra nós ? O mais bem achado tributo , que inventou a necessidade , ou a cubica , he para mim o do papel sellado ; mas faltoulhe huma condiçao : o selo naõ o haviaõ de pagar as partes , senaõ os Ministros . Se os Ministros pagaraõ o sello , eu vos prometto , que havia de correr menos o papel , e que haviaõ de voar mais os negocios ; mas ainda voariaõ mais , se naõ houvesse pennas , nem papel ; e por isto voaraõ tanto as resoluçoes deste conselho : *Ab illa autem hora.*

211 Sendo este conselho tão politico , e sendo tão politicos os seus Conselheiros , que se seguiu de todas estas politicas ? O que se seguiu foy a destruição de Jerusalém , a destruição de toda a Republica dos Hebreos , e a destruição dos mesmos Pontifices , e Fariseos , que fizeraõ o conselho . E porque ? Porque tendo o conselho tanto de politico , naõ teve o que devia ter de christão , antes todo elle foy contra Christo : *Collegerunt Pontifices , & Pharisei concilium adversus Jesum.* Estas palavras *adversus Jesum* naõ saõ do texto , senaõ da glossa da Igreja . Notay , diz a Igreja , que este conselho foy contra Christo , e de hum consellio contra Christo , que se podia esperar se naõ a destruição do mesmo conselho ,

Num. 211.

## Discurso XXV. 165

Iho, dos mesmos Conselheiros, e de toda a Republica, que por taes meyos pertenderão defender, e sustentar?

213 Mas vede, como lhe sahio errada esta sua política. O fundamento politico de toda a resolução, que tomaraõ de matar a Christo, foy este: Matemos este homem, porque nos não percamos todos; e perderão todos, porque mataraõ aquelle homem. Matemos este homem, porque não venhaõ os Romanos, e tomem Jerusalém; e porque mataraõ aquelle homem, vieraõ os Romanos, e tomaraõ Jerusalém, e não deixaraõ nella pedra sobre pedra. Que he de Jerusalém? Que he da Republica Hebrea? Quem a destruió? Quem a dissipou? Os Romanos. Eis-aqui em que vem a parar os conselhos, e as politicas, quando as suas razoens de estado são contra Christo.

Santo Agostinho: *In contrarium eis vertit malum Aug. consilium:* Vede (diz Santo Agostinho) o mao conselho como se converteo contra os mesmos, que o tinhaõ tomado: *Ut possiderent, occiderunt, & quia occiderunt, perdiderunt:* Para conservarem a Republica mataraõ a Christo, e porque mataraõ a Christo, perderão a Republica.

214 Oh quantas vezes se perdem as Respublicas; porque se tomaõ por meyos de suá conservação ofensas de Christo! Quem aconselha contra Deos, aconselha contra si. E os meyos, que os homens tomaõ para se conservar, se são contra Deos, esses mesmos toma Deos contra elles para os destruir. Porque ordenou Deos, que os executores deste ultimo cativeiro fossem os Romanos, e não por outra nação? Não estavaõ ainda ahí os mesmos Egpcios, os Ethiopes, os Arabes, os Persas, os Gregos, os

Tom. I.

L 3

Ma-

Num. 2524

## 166 Vieira abbreviado

Macedonios, que eraõ as naçoens confinantes? Pois porque naõ ordenou Deos, que os executores deste cativeiro fossem estas, ou outra naçaõ, senaõ os Romanos? Para que visse o mundo todo, que a causa deste castigo foraõ as politicas deste conselho. Ora vede.

215 Tres resoluçoes tomaraõ estes Conselheiros para conservaçao da sua Republica, todas tres fundadas no temor, no respeito, na dependencia, e na amizade dos Romanos. E este foy o desastrado fim daquelle conselho, merecedor de tal fim, poistinha elegido taes meyos. Disto lhes servio o temor, o respeito, a dependencia, e amizade dos Romanos. De maneira que todas as politicas dos Pontifices, e Fariseos se converteraõ contra elles, e das resoluçoes do seu mesmo conselho se formaraõ os instrumentos da sua ruina.

Num. 254. 216 A verdadeira politica he o temor de Deos, o respeito de Deos, a dependencia de Deos, e a amizade de Deos, e a verdadeira arte de reynar he guardar sua ley. Os politicos antigos estudavaõ pelos preceitos de Aristoteles, e Xenofonte, os politicos modernos estudavaõ pelas maliciias de Tacito, e de outros indignos de se pronunciarem seus nomes neste lugar. A verdadeira politica, e unica he a ley de Deos. Se Aristoteles sabe mais que Deos, sigaõse as politicas de Aristoteles: se Xenofonte sabe mais que Deos, imitemse as ideas de Xenofonte: se Tacito fala mais certo que Deos, estudemse as agudezas, e sentenças de Tacito. Mas se Deos sabe mais, que elles, e he a verdadeira, e unica sabedoria, estudemse, aprendaõse, e sigaõse as razoens de Estudo de Deos.

217 Naõ

## Discurso XXXV. 167

217 Naõ digo, que se naõ leaõ os livros ; mas toda a politica sem a ley de Deos he ignorancia , he engano , he desacerto , he erro , he desgoverno , he ruina. Pelo contrario à ley de Deos só sem nenhuma outra politica he politica , he ciencia; he acerto , he governo , he conservaçao , he seguridade. Toda a politica de hum Rey Christão se reduz a quatro partes , e a quattro respeitos. Do Rey para com Deos , do Rey para consigo , do Rey para com os vassallos , do Rey para com os estranhos. Tudo isto achará o Rey na ley de Deos. De si para com Deos a religião , de si para consigo a temperança , de si para com os vassallos a justiça , de si para com os estranhos a prudencia. Para todos estes quattro rumos navegará segura a Monarchia , se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deos , e por leme a sua ley : *Consiliorum gubernaculum lex divina* , disse S. Cypriano. Os conselhos saõ o governo da Republica , e a ley de Deos ha de ser o governo dos conselhos. Conselho , e Republica , que se naõ governa pela ley de Deos , he nao sem leme. Por isto os Reynos de Jero-boaõ , de Baasa , de Jehu ; e de tantos outros fizeraõ taõ miseraveis naufragios.

# 168 Vieira abbreviado

## DISCURSO XXVI.

Tirado de hum sermaõ de S. Joaõ Bautista prégado na profissão da senhora Madre Soror Maria da Cruz filha do Excellentíssimo Duque de Medina Sidonia.

## C U B I C U L O.

Part. 5.  
Num. 504.

218 **F** Alla o grande Basilio das cellas das Religioens mais estreitas, e diz, que a cella de huma alma religiosa he emula, he competitadora da sepultura de Christo : *O cella dominicæ sepulturæ æmula!* Pois saibamos ; que qualidades tem huma cella para taõ nobre competencia ? Em que presumpçõens se funda esta emulaçao ? Que se compare a cella a qualquer sepultura , justa semelhança ; porque onde o habito he huma mortalha , o leito humataude , as paredes taõ estreitas , e com taõ pouca luz, como estas, que vemos, muito ha de sepultura. Sepultura? Sim ; mas sepultura naõ outra, senaõ a de Christo ; porque razao ? Porque nas outras sepulturas mora só a morte , na sepultura de Christo morou a morte , e mais a vida juntas. Na sepultura de Christo esteve a vida morta , e a morte resuscitada , e taes saõ as vossas cellas , ó religiosos espiritos : *O cella dominicæ sepulturæ æmula , quæ mortuos suscipis , & reviviscere facis.* O' cella verdadeiramente imitadora da sepultura de Christo , pois está em ti a vida morta , e a morte resuscitada. A vida morta , porque naõ tem usos a vida , e a morte resuscitada , porque tem alentos a morte. Es huma suspensaõ gloriosa

## Discurso XXVI. 169

riosa de morte , e vida, ( se bem gloriosa com pena ) onde posta a alma nas rayas do viver , e morrer participa indecisamente o mais rigoroso de ambas : insensivel , como morta , para o gosto da vida : sensitiva , como viva , para o penoso da morte. Em ti se vê multiplicado o milagre natural da fenix , sendo patria , e sepulcro quotidiano , onde se morre á vida , e se nasce á morte , faltando cinzas , mas naõ faltando incendios. Em ti ( e com mayor propriedade hoje ) se vê verdadeira a metafora dos horizontes sendo oriente , e occaso juntamente , onde o Sol no mesmo instante morto , e nascido resuscita a hum hemisferio , quando se sepulta a outro. Em ti finalmente ( com seres a melhor parte do Paraíso ) se vê sem fingimento a fabula do inferno , sendo cada religioso espirito hum Ticio em bemaventurança de penas , que naõ podendo morrer , para morrer mais vezes tem morta a vida , e immortal a morte : *Semperque renascens non perit , ut possit sæpe perire.*

## D I S C U R S O XXVII.

*Tirado de hum sermão da primeira oitava da Páscoa prégado na Capella Real.*

## C O N T E N T A M E N T O .

219 **E** Starem contentes todos naõ pôde depen- Part. 6.  
der de hum só , como muitos se enganaõ. Num. 133.  
O contentamento de todos depende de todos : de-  
pende do Principe , depende dos Ministros , e depen-  
de dos vassallos. Para todos estarem contentes haõ  
de concorrer todos para o contentamento , huns tra-  
tando

## 170 Vieira abbreviado

tando de contentar , outros querendo contentar se.  
Num. 134. Começando pois pelo Principe: A primeira coufa , que fez Christo tanto que resuscitou , foy tratar de enxugar lagrimas , e de consolar tristezas. Estava a Magdalena chorando ás portas do sepulcro , apparecelhe o Senhor , enxugalhe as lagrimas: hiaõ os discipulos tristes , e desesperados para Emmaüs , foysé encontrar com elles o Senhor , e consolou-os de sua tristeza. E que se seguiu daqui? Que amanhecendo no dia da Resurreiçaõ todo o Reyno de Christo descontente , anoteceeraõ no mesmo dia todos contentes , e consolados.

220 Seja o primeiro cuidado do Principe enxugar as lagrimas , e logo haverá menos descontentamentos. Mas vindo á pratica desta doutrina , vejo , que me dizem , que muito facil he dizer , que se enxugueim as lagrimas de todos ; mas como se haõ de enxugar? Enxugar as lagrimas bom remedio he para naõ haver descontentamentos. Mas que remedio ha de haver para se enxugarem as lagrimas ? Facil remedio o que Christo fez. Inquirir a causa das lagrimas , e tiralla. Quando Christo appareceo á Magdalena , a primeira coufa , que fez , foy inquirir a causa , porque chorava: *Mulier, quid ploras?* Mulher , porque choras? Busquese a causa das lagrimas , e logo o remedio terá facil. Bem pôderá Christo enxugar as lagrimas da Magdalena , e consolar a tristeza dos discipulos sem lhe perguntar pela causa , pois a sabia ; mas quiz dar nesta acçaõ hum grande documento aos Principes de como haviaõ de proceder na cura de huma enfermidade taõ difficultosa , como a defarar descontentamentos.

221 Sim; mas para as lagrimas , que naõ tem causa,

## Discurso XXVII. 171

causa, que saõ a mayor parte das que se choraõ, que Num. 177. remedio lhe daremos nós? Para curar as lagrimas da razaõ já temos remedio, buscar a causa, e tiralla; mas para curar as lagrimas da semrazaõ, que remedio lhe havemos de dar, que ellas naõ tem causa? As lagrimas dos que choraõ, bem se podem remediar; mas as lagrimas dos que se choraõ, que remedio ha de haver para elles? Eu differa, que as lagrimas, que naõ tem causa, naõ haõ mister cura. Se as lagrimas tem causa, desselelhe remedio, e enxuguemse: se as lagrimas naõ tem causa, elles se enxugarão por si, naõ haõ mister remedio.

222 Examine o Principe exactamente donde nascem as lagrimas dos vassallos: se tem causa, ponha-lhe remedio, se naõ tem causa, naõ lhe dem cuidado. Em nenhuns Reys do mundo se vê isto mais clara-Num. 182. mente, que nos de Portugal. Conquistar a terra das tres partes do mundo a naçoens estranhas foy empreza, que os Reys de Portugal conseguiraõ muito facil, e muito felizmente; mas repartir tres palmos de terra em Portugal aos vassallos com satisfaçao delles foy impossivel, que nenhum Rey pôde accommodar nem com facilidade, nem com felicidade já mais. Mais facil era antigamente conquistardes Reynos na India, que repartir duas cõmendas em Portugal. Isto foy, e isto ha de ser sempre, e esta na minha opiniao he a mayor difficultade, que tem o governo do nosso Reyno. Tanto assim, que se pôde pôr em problema na politica de Portugal, se he melhor, que os Reys façaõ merces, ou que as naõ façaõ. Naõ se fazerem merces he faltar com o premio á virtude: fazeremse he semear beneficios para colher queixas. Pois que haõ de fazer os Reys? A questaõ

## 172 Vieira abbreviado

questão era para mayor vâgar. Mas porque não fique indecisa, digo entre tanto, que hum só meyo acho aos Reys para salvarem ambos estes inconvenientes. E qual he? Não dar nada a ninguem, e premiar a todos. Pois como? Premiar a todos sem dar nada a ninguem? Sim. O dar, e o premiar saõ coisas muito diferentes. Dar aos que merecem, ou não merecem he dar: dar só aos que merecem he premiar. Não fazerem merces os Reys feria não serem Reys; mas haõ de fazellas de maneira, que as merces não sejaõ dadivas, e sejaõ premios. Dem os Reys só aos benemeritos, e fecharão as bocas a todos. Quando os premios se daõ aos que merecem, os mesmos, que os murmurão com a boca, os approvaõ com o coraçao.

Part. 5.  
N.ºm 91.

Gen 1. 22.  
24.

223 No principio do mundo deitou o Creador a sua bençaõ aos animaes, e ás plantas: *Benedixit eis. Dísselhes a todos, que crescessem: Crescite, & multiplicamini;* mas nota a Escritura, que tudo isto foy secundum species suas, cada creatura conforme a sua especie. Contentese cada hum de crescer dentro da esfera do talento, que Deos lhe deo, e logo conhacerão todos, que tem bençaõ, cada hum no seu elemento. No ar contentese a andorinha com ser andorinha; e que mayor bençaõ, que poder morar nos palacios dos Reys? No mar contentese a remora com ser remora; e que mayor fortuna, que fendo tamanina, poder ter maõ em huma nao da India? Na terra contentese a formiga com ser formiga; e que mayor felicidade, que ter o celleiro provido para o veraõ, e para o inverno? Mas por todos os elementos se adoece de melancolia; porque nenhum se contenta com crescer dentro da sua especie. A andorinha quer subir a aguia: a remora quer subir a balca:

## Discurso XXVII. 173

lea: a formiga quer inchar a elefante. Porque as formigas se fazem elefantes, naõ basta toda a terra para hum formigueiro. Nas plantas temos iguaes exemplos deste engano, e desta verdade. A arvore mais anã he mayor, que a herva gigante: e com tudo de quantas cousas aquenta o Sol, nenhuma lhe he mais agradecida, que esta herva. Desde que o Sol riasce, até que se poem, vay sempre a herva gigante acompanhando-odesde a terra, seguindo-o com tanta inclinaçao, e adorando-o com tanta reverencia, como vemos. Pois hervazinha do campo, que agradecimentos, que agradecimentos ao Sol saõ estes? Naõ vedes tantas arvores, e tantas plantas, que recebem do Sol tanto mais que vós? Pois porque lhe haveis vós de ser a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esfera. Conheço, que sou herva, e acho que ninguem déve mais ao Sol, que eu; porque me fez gigante das hervas. Se cada hum se medira com os compassos da sua esfera, oh quantos se haviaõ de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa bençaõ, porque haveis de ser ingrato ao Sol, se vos fez gigante das hervas? Naõ digo bem: Se das hervas vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagradecidos! Muito he de notar a tristeza de hum cipreste em tanta altura. Se o cipreste lá de cima olhara para o vulgo das plantas, e ainda para a nobreza das arvores, que lhe ficaõ abaixo, elle vivera naõ só contente, senão ainda soberbo; mas o cipreste lá do alto, descobre os cedros do monte Libano, e como vê, que a natureza os fez torres, vive elle descontente de ser piramide. Como cada hum se naõ mete, e se naõ mede dentro da sua esfera, ainda que seja cipreste, que tantas vezes vê  
seus

# 174 Vieira abbreviado

seus troncos sobre os altares , naõ pôde vivér contente. Naõ digo , que naõ trate cada hum de crescer , mas conheça cada hum o que he: *Tu quis es?* E depois cresça conforme a sua especie : *Secundum speciem suam.* Desenganemonos ; que o crescer fôrada propria especie naõ he augmento , he monstruosidade; porque o crescer nos , que o merecem he crescimento : o crescer nos que o naõ merecem , he crescença , e o crescimento he grandeza , e a crescença he fealdade.

## D I S C U R S O XXVIII.

*Tirado de hum sermaõ da terceira Dominga de Quaresma prêgado na Capella Real.*

## C O N F I S S A M.

Patt. 1.  
Pag. 450.

-224- **Q**uando ou as Cortes eraõ mais christans , ou os Prêgadores menos de Corte: quando se fazia menos caso da graça dos ouvintes , para que elles só fizesssem caso da graça de Deos: quando a doutrina , que se tirava do Euangello , eraõ verdades solidas , e euangelicas , e naõ discursos vaõs , e inuteis: quando finalmente as vozes dos Precursors de Christo chamavaõ os peccadores ao Jordão , e os levavaõ ás fontes dos Sacramentos , o argumento commun deste Euangelho , e a mataria utilissima deste dia eraõ áda confissão. Esta antiguidade determino desenterrar hoje : esta velhice determino prégar. E só me peza , que ha de ser (ainda que eu naõ queira ) com grande novidade. Se haõ houvera no mundo mais inodos de confissoens , naõ me

## Discurso XXVIII. 175

me ficava a mim para fazer hoje mais, que seguir as pizadas dos nossos Prégadores antepassados, e exhortar a frequencia deste sacramento, e a confissão, e arrependimento dos peccados. Mas se me não engano, ainda ha outro modo de confissão, e muy propria da Corte.

225 E para que o exame se accómode ao auditório, não será das consciencias de todos os estados, Pag. 475. senão só dos que tem o estado á sua conta. Será hum confessionario geral de hum Ministro Christão. Os Theologos moiaes reduzem ordinariamente este modo de exame a sete titulos: *Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando.* A mesma ordem seguiremos, e para mayor clareza do discurso: vós para mayor firmeza da memoria. Deos nos ajude.

226 *Quis?* Quem sou eu? Isto se deve perguntar a si mesmo hum Ministro. Eu sou hum Deembargador da casa da Supplicaçao, dos Aggravos, do Paço. Sou hum Procurador da Coroa. Sou hum Chanceler mór. Sou hum Regedor da Justiça. Sou hum Conselhero do Estado, de Guerra, do Ultramar, dos tres Estados. Sou hum Vedor da fazenda. Sou hum Presidente da Camera, do Paço, da Mesa da consciencia. Sou hum Secretario do Estado, das Merces, do Expediente. Sou hum Inquisidor. Sou hum Deputado. Sou hum Bispo, sou hum Governador de hum Bispado vago. Bem está. Já temos o officio; mas o meu escrupulo, ou a minha admiraçao não está no officio, senão no Hum. Tendes hum só desses officios, ou tendes muitos? Ha sujeitos na nossa Corte, que tem lugar em tres, e quattro tribunaes: que tem quatro, que tem seis, que tem oito, que tem dez officios. Este Ministro universal não per-

## 176 Vieira abbreviado

Pag. 478.

pergunto como vive, nem quando vive. Naõ pergunto como acode ás suas obrigaçoes, nem quando acode a ellas; só pergunto como se confessa. O mesmo Sol, quando alumea hum hemisferio, deixa o outro ás escuras. E que haja de haver homem com dez hemisferios? E que cuide, ou se cuide, que em todos pôde alumiar? Naõ vos admiro a capacidade do talento, a da consciencia sim.

Pag. 479.

227. Dirmeheis ( como doutos, que deveis ser ) que no mesmo tempo, em que Deos deo huma só presidencia, e hum só hemisferio ao Sol, deo tres presidencias, e tres hemisferios a Adaõ. Huma presidencia no mar, para que governasse os peixes, outra presidencia no ar, para que governasse as aves, outra presidencia na terra, para que governasse os outros animaes: *Ut præsit piscibus maris, & volatilibus cæli, & bestiis, universæque terræ.* E o mesmo he governar a animaes, que governar a homens? Naõ eraõ passadas vinte e quatro horas, em que Adaõ servia os tres officios, quando já tinha perdidos os officios, e perdido o mundo, e perdido a si, e perdido a nós. Se isto aconteceeo a hum homem, que sahia flâmante das maõs de Deos com justiça original, e com ciencia infusa, que será aos que naõ saõ taõ justos, nem taõ cientes, aos que tem outros originaes, e outras infusoens?

228. Naõ era Christaõ Plataõ, e mandava na sua Republica, que nenhum official podesse aprender duas artes. E a razaõ que dava era. Porque nenhum homem pôde fazer bem douos officios. Se a capacidade humana he taõ limitada, que para fazer este barrete saõ necessarios oito homens de artes, e officios differentes: hum, que crie a lã, outro, que a tosie,

## Discurso XXVIII. 177

quie, outro que a carda, outro que a fie, outro que a teça, outro que a tinja, outro que a toze, e outro que a corte, e a coza: se nas Cidades bem ordenadas o official, que molda o ouro, naõ pôde lavrar a prata, se o que lavra a prata, naõ pôde bater o ferro, se o que bate o ferro, naõ pôde fundir o cobre, se o que funde o cobre, naõ pôde moldar o chumbo, nem tornear o estanho: no governo dos homens, que saõ metaes com uso de razaõ, no governo dos homens, que he a arte das artes, como se haõ de ajuntar em hum só homem, ou se haõ de confundir nelle tantos officios? Se hum mestre com carta de examinaçao dá ma conta de hum officio mecanico, hum homem (que muitas vezes naõ chegou a ser obreiro) como ha de dar boa conta de tantos officios politicos? E que naõ faça disto consciencia este homem? Que se confessé pela Quaresma, e que continue a servir os mesmos officios, ou a servirse delles depois da Pascua? Isto me admira.

229 Ainda quando vos pozessem nesses officios, pag. 482,  
tinheis obrigaçao de depor os officios, e confessar os erros. E que será quando vós sois, o que vos pozes-  
tes nelles, o que os pertendestes, o que os buscastes,  
o que os sobornastes, e o que por ventura os tirastes  
a outrem para os pôr em vós? Mandou Deos a Moy-  
sés, que escolhesse setenta anciaõs dos mais pruden-  
tes, e autorizados do povo, e diz o texto, que ti-  
rou Deos do espirito de Moysés, e repartio delle por  
todos os setenta: *Auferens de spiritu, qui erat in* Num. 11.  
*Moyse, & dans septuaginta viris.* Eisaqui quem 25.  
era aquelle homem, que se escusou do officio. *Non* Ibid. 14.  
*possum solus sustinere omnem hunc populum:* Eu Se-  
nhor naõ posso só com o pezo do governo deste po-

## 178 Vieira abbreviado

vo. De maneira , que hum homem , que val por setenta homens , naõ se atreve a servir hum só officio? E vós , que vos fará Deos muita merce , que sejais hum homem , atreveisvos a servir setenta offícios?

Pag. 485.

230 *Quid?* Que? Depois de o Ministro examinar , que ministro , ou que ministros he , seguese ver o que faz. Hum dia do juizo inteiro era necessario para este exame. *Quid?* Que sentenças? Que despachos? Que votos? Que consultas? Que eleiçōens? Mas paremos nesta ultíma palavra , que he a de maiores escrupulos , e a que involve cōmummente todo o *Quid*.

231 Naõ me atrevo a fallar nesta materia , senaõ por huma parabola , e ainda essa naõ ha de ser minha , senaõ do Profeta Isaias. Foy hum homem ao mato , diz Isaias , ( ou fosse escultor de officio , ou imaginario de devoçaõ ) levava o seu machado , ou a sua acha ás costas , e o seu intento era ir buscar hum madeiro para fazer hum ídolo. Olhou para os cedros , para as fayas , para os pinhos , para os ciprestes , cortou donde lhe pareceo hum tronco , e trouxe-o para casa. Partido o tronco em duas partes , ou em douis cepos , a hum destes cepos meteolhe o machado , e a cunha , fendeo-o em ẽchas , fez fogo com ellas , e aquentouse e cozinhou o que havia de comer. O outro cepo poz-lhe a regra , lançoulhe as linhas , desbastou-o , e tomando já o maço , e o escopro , já a goiva , e o buril , foy-o afeiçando em fórmā humana. Alizoulhe huma testa , rasgoulhe huns olhos , afiloulhe hum nariz , abriolhe huma boca , ondeolhe huns cabellos ao rosto , foylhe seguindo os hombros , os braços , as maõs , o peito , e o resto do corpo até os pés. E feito em tudo huma figura de homem , polo sobre o altar , e ado-

## Discurso XXVIII. 179

adorou-o. Pasma Isaias da cegueira deste escultor, e eu tambem me admiro dos que fazem o que elle fez. Hum cepo, conhecido por cepo, feito homem, e posto em lugar, onde ha de ser adorado: *Medietatem ejus combusti igne, & de reliquo ejus idolum faciam?* Isai.44.12. Duas ametades do mesmo tronco, huma ao fogo, outra ao altar? Se saõ dous cepos, porque os naõ haveis de tratar ambos como cepos? Mas que hum cepo haja de ter a fortuna de cepo, e vã em achas ao fogo, e que o outro cepo, taõ madeiro, taõ tronco, taõ informe, e taõ cepo como o outro, o haveis de fazer á força homem, e lhe haveis de dar autoridade, respeito, adoraçao, divindade?

232 Dirmheis, que este segundo cepo, que está muito bem feito, e que tem partes. Sim tem; mas as que vós fizestes nelle. Tem boca; porque vós lhe fizestes boca: tem olhos, porque vós lhe fizestes olhos: tem maõs, e pés; porque vós lhe fizestes pés, e maõs. E se naõ dizeilhe, que ande com esses pés, ou que obre com essas maõs, ou que falle com essa boca, ou que veja com esses olhos. Pois se taõ cepo he agora, como era dantes; porque naõ vay tambem este para o fogo? Ou porque naõ vem tambem o outro para o altar? Ha quem leve á confissão estas desigualdades? Ha quem se confessse dos que fez, e dos que desfez? A hum quimastes, a outro fizestes, e de ambos deveis restituição igualmente. Ao que queimastes, deveis restituição do mal, que lhe fizestes: ao que fizestes, deveis restituição dos males, que elle fizer.

233 Fizesteslhe olhos, naõ sendo capaz de ver, restituireis os damnos das suas cegueiras. Fizesteslhe boca, naõ sendo capaz de fallar, restituireis os damnos

180 *Vieira abbreviado*

de suas palavras. Fizesteslhe maõs , naõ sendo capaz de obrar , restituireis os damnos das suas omissoens. Fizesteslhe cabeça , naõ sendo capaz de juizo , restituireis os damnos de seus desgovernos. Eisaqui o encargo de ter feituras. Entaõ prezaisvos de poder fazer , e desfazer homens ? Quanto melhor fôra fazer consciencia dos que fizestes , e dos que desfizestes!

234 Deos tem duas acçoens , que reservou só para si : crear , e predestinar. A acçao de crear já os poderosos a tem tomado a Deos , fazendo creaturas de nada : a de predestinar tambem lha vejo tomada neste caso : hum para o fogo , e outro para o altar. Basta que tambem haveis de ter precitos , e predestinados! Se fostes precito , ( naõ sey de quem ) fostes mofino , haveis de arder : se fostes seu predestinado , fostes ditoso , haveis de reynar. E haverá algum destes omnipotentes , que se tenha accusado alguma hora deste peccado de predestinaçao ?

235 *Ubi?* Onde? Esta circunstancia Onde tem muito que reparar em toda a parte ; mas no Reyno de Portugal muito mais ; porque ainda , que os seus *ubis* , ou os seus ondes dentro em si podem comprehenderse facilmente , os que tem fóra de si , saõ os mais diversos , os mais distantes , e os mais dilatados de todas as Monarchias do mundo. Tantos Reynos , tantas naçoens , tantas Provincias , tantas Cidades , tantas fortalezas , tantas Igrejas Cathedraes , tantas particulares na Africa , na Asia , na America , onde poem Portugal Viso-Reys , onde poem Governadores , onde poem Generaes , onde poem Capitaens , onde poem Justicas , onde poem Bispos , e Arcebispos , onde poem todos os outros Ministros da fé , da doutrina , das almas. E quanto juizo , quanta verdade ,

## Discurso XXVIII. 181

de, quanta inteireza, quanta consciencia h̄e necessaria para considerar, e distribuir bem estes ondes, e para ver onde se poem cada hum?

236 Se pondes o cubigozo, onde ha occasiao de roubar, e o fraco, onde ha occasiao de defender, e o infiel, onde ha occasiao de renegar, e o pobre, onde ha occasiao de desempobrecer, que ha de ser das conquistas, e dos que com tanto, e taõ honrado sanguine as ganharaõ? Oh que sujeitos, que se poem nestes lugares! Saõ pestoas de grande qualidade, e de grande authoridade, fidalgos, senhores, titulos. Por isto mais. Os mesmos ecos de huns nomes taõ grandes em Portugal parece, que estaõ dizendo, onde se haõ de pôr. Hum Conde? Onde? Onde obre proezas dignas de seus antepassados; onde dispenda liberalmente o seu com os soldados, e benemeritos, onde peleje, onde defenda, onde vença, onde conquiste, onde faça justiça, onde adiante a fé, e a christandade, onde se honre a si, á patria, e ao Principe, que fez eleiçao da sua pessoa; e naõ onde se aproveite, e nos arruine, onde se enriqueça a si, e deixe pobre o estado, onde perca as viotorias, e venha carregado de despojos. Este ha de ser o seu onde: *Ubi.*

237 E quanto este onde fôr mais longe, tanto haõ de ser os sujeitos de mayor confiança, e de mayores virtudes. Quem ha de governar, e mandar tres, e quatro mil legoas longe do Rey, onde em tres annos naõ pôde haver recurso de seus procedimentos, nem ainda noticias, que verdade, que justiça, que fé, que zelo deve ser o seu? Na parabola dos talentos diz Christo, que os repartio o Rey: *Unicuique secundum propriam virtutem:* A cada hum confor-<sup>Math 25.</sup>me a sua virtude: e que se partio para outra regiao

## 182 Vieira abbreviado

dalli muito longe a tomar posse de hum Reyno :  
*Abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum.*  
Luc. 19.  
12. Se isto fora historia , podéra ter succedido assim; mas se naõ era historia , senaõ parabola ; porque naõ introduz Christo ao Rey , e aos criados dos talentos na mesma terra , senaõ ao Rey em huma regiaõ muito longe , e aos criados dos talentos em outra ? Porque os criados dos talentos ao longe do Rey he que melhor se experimentaõ , e ao longe do Rey he que saõ mais necessarios. Nos Brasis , nas Angolas , nas Goas , nas Malacas , nos Macaos , onde o Rey se conhece só por fama , e se obedece só por nome , ahi saõ necessarios os criados de mayor fé , e os talentos de mayores virtudes. Se em Portugal , se em Lisboa , onde os olhos do Rey se vem , e os brados do Rey se ouvem , faltaõ á sua obrigaçaõ homens de grandes obrigaçoens , que será : *In regionem longinquam ?* Que será naquellas regioens remotissimas , onde o Rey , onde as leys , onde a justiça , onde a verdade , onde a razaõ , e onde até o mesmo Deos parece que está longe ?

238 Este he o escrupulo dos que assinalaõ o onde. E qual será o dos que o aceitaõ ? Que me mandem aonde naõ convém , culpa será (ou desgraça) de quem me manda ; mas que eu naõ repare aonde vou ! Ou eu sey aonde vou , ou o naõ sey : se o naõ sey , como vou aonde naõ sey ? E se o sey , como vou , onde naõ posso fazer o que devo ? Tudo temos em hum Profeta , naõ em profecia , senaõ em historia. Hia o Profeta Habacuc com huma cesta de paõ no braço , em que levava de comer para os seus segadores , quando lhe sahe ao caminho hum Anjo , e dizlhe que leve aquelle comer a Babylonia , e que o dê a Daniel , que esta-  
va no

## Discurso XXVIII. 183

va no lago dos leoens. Que vos parece , que responderia o Profeta neste caso ? *Domine , Babylonem non vidi, & lacum nescio:* Senhor, se eu nunca vi Babylo- <sup>Dan. 14.</sup>nia , nem tey onde está tal lago , como hey de levar de comer a Daniel ao lago de Babylonie ? Eu digo que o Profeta respondeo prudente : vós direis , que naõ respondeo bizarro , e segundo os vossoz brioz assim he. Se os segadores andaraõ aqui nas lezirias , e o recado se vos dera a vós , como havieis de aceitar sem replica ! Como vos havieis de arrojar ao lago , a Babylonie , e aos leoens ! Avisaõvos para a armada , para Capitaõ de mar , e guerra , para Almirante , para General , e sendo o lagozinho o mar Oceano , na costa onde elle he mais soberbo , e mais indomito , ver como vos arrojais ao lago ! Acenaõvos com o governo do Brasil , de Angola , da India , com a embaixada de Roma , de Pariz , de Inglaterra , de Hollanda , e sendo estas as Babylonias das quatro partes do mundo , ver como vos arrojais a Babylonie ! Hale de prover a gineta , a bengala , o baftaõ para as fronteiras mais empenhadas do Reyno , e sendo a guerra contra os leoens de Hespanha , tanto valor , tanta ciencia , tanto exercicio , ver como vos arremecais aos leoens ! Se vós naõ vistes o mar , mais que no Tejo , se naõ vistes o mundo mais que no mapa , se naõ vistes a guerra mais que nos panos de Tunes , como vos arrojais ao governo da guerra , do mar , do mundo ?

239 Mas naõ he ainda este o mais escandaloso reparo. Habacuc levava no braço a sua cesta de paõ ; mas elle naõ reparou no paõ , nem na cesta , reparou sómente na Babylonie , e no lago : vós ás aveças , na Babylonie , e no lago nenhum reparo , no paõ , e na cesta ahi está toda a duvida , toda a dificuldade ,

## 184 . Vieira abbreviado

toda a demanda. Babylonia , Daniel , Iago , leoens , tudo isto he mui conforme ao meu espirito , ao meu talento , ao meu valor. Eu irei a Babylonia , eu libertarei a Daniel , eu desqueixarei os leoens , se fôr necessario. Naõ he essa a difficultade ; mas ha de ser com as conveniencias da minha casa. Naõ está a duvida na Babylonia , está a duvida , e a Babylonia na cesta. O paõ desta cesta he para os meus segadores. Hir , e vir a Babylonia , e sustentar a Daniel á custa do meu paõ naõ he possivel , nem justo : os meus segadores estaõ no campo , a minha casa fica sem mim , Babylonia está daqui tantos centos de legoas , tudo isto se ha de compor primeiro. Haõme de dar paõ para os segadores , paõ para a minha casa , paõ para a ida , e paõ para a volta , e para se acafo lá me comer hum leão , ( que só neste caso se suppoem o caso ) e por se acafo eu morrer na jornada , esse paõ hame de ficar de juro , e quando menos em tres , ou quatro vidas. Naõ he isto assim ? O ponto está em encher a cesta , e segurar o paõ , e o de mais ? Succeda o que succeder , confundase Babylonia , perca Daniel , fartemse os leoens , e leve o peccado tudo. Por isto leva tudo o peccado. E quantos peccados vos parece , que vaõ envoltos nesta envolta , de que nem vós , nem outros fazem escrupulo ? E que vos confessais quando ides assim , e quando eltais assim , e quando tornais assim !

Pag. 505.

240 Quibus auxiliis? E com que meyos se fazem , e se conseguem todas estas cousas , que temos dito ? Com hum papel , e com muitos papeis , com certidoens , com informacoens , com decretos , com consultas , com despachos , com portarias , com provisoens. Naõ ha couta mais escrupulosa no mundo , que

## Discurso XXVIII. 185

que papel, e penna. Tres dedos com huma penna na mão he o officio mais arriscado, que tem o governo humano. Aquella escritura fatal, que appareceu a El Rey Balthasar na parede, diz o texto, que a formaraõ huns dedos como de mão de homem: *Apparuerunt digiti, quasi manus hominis.* E estes dedos quem os movia? Dizem todos os Interpretes com S. Jeronymo, que os movia hum Anjo. De maneira, que quem escrevia era hum Anjo, e naõ tinha de homem mais, que tres dcdos. Taõ puro como isto ha de ser quem escreve. Tres dedos com huma penna podem ter muita mão; por isso naõ haõ de ser mais que dedos. Com estes dedos naõ ha de haver mão, naõ ha de haver braço, naõ ha de haver ouvidos, naõ ha de haver boca, naõ ha de haver olhos, naõ ha de haver coraçao, naõ ha de haver homem: *Quasi manus hominis.* Naõ ha de haver mão para a dadiva, nem braço para o poder, nem ouvidos para a lisonja, nem olhos para o respeito, nem boca para a promessa, nem coraçao para o affecto, nem finalmente ha de haver homem; porque naõ ha de haver carne, nem sangue. A razão disto he, porque se os dedos naõ forem muitos seguros, com qualquer geito da penna podem fazer grandes danos.

241 Quiz Faraó destruir, e acabar os filhos de Israel no Egypcio, e que meyo tomou para isso? Mandou chamar as parteiras Egyptanas, e encômedoulhes, que quando assistissem ao parto das Hebrewas, se fosse homem o que nascesse, lhe torcesssem o pescoço, e o matasssem, sem que ninguem o entendesse. Eisaqui quaõ occasionado officio he o daquelles, em cujas mãos nascem os negocios. O parto dos negocios saõ as resoluçoes, e aquelles, em cujas

mãos

## 186 Vieira abbreviado

maõs nascem estes partos, (ou seja escrevendo ao tribunal, ou seja escrevendo ao Principe) saõ os ministros da penna. E he tal o poder, a occasiaõ, e a sufileza deste officio, que com hum geito de maõ, e com hum torcer de penna podem dar vida, e tirar vida. Com hum geito podemos dar com que vivais, e com outro geito podemos tirar o com que viveis. Vede, se he necessario, que tenhaõ muito escrupulosas consciencias estas Egyptanas, quando tanto depende delles a buena dicha dos homens, e naõ pelas riscas da vossa maõ, senaõ pelos riscos das suas?

<sup>242</sup> Quantos delictos se enfeitaõ com huma penada! Quantos merecimentos se apagaõ com huma rísca! Quantas famas se escurecem com hum borraõ!   
 Pag. 509. Para que vejaõ os que escrevem de quantos danños podem ser causa, se a maõ naõ for muito certa, se a penna naõ for muito aparada, se a tinta naõ for muito fina, se a regra naõ for muito direita, se o papel naõ for muito limpo. Eu naõ sey como naõ treme a maõ a todos os Ministros de penna, e muito mais áquelles, que sobre hum joelho aos pés do Rey recebem os seus oraculos, e os interpretaõ, e estendem. Elles saõ os que com hum adverbio podem limitar, ou ampliar as fortunas: elles os que com huma cifra podem adiantar direitos, e atrazar preferencias: elles os que com huma palavra podem dar, ou tirar pezo á balança da justiça: elles os que com huma clausula equivoca, ou menos clara podem deixar duvidoso, e em questaõ o que havia de ser certo, e effectivo: elles os que com meter, ou naõ meter hum papel podem chegar, e introduzir a quem quizerem, e desviar, e excluir a quem naõ quizerem: elles finalmente os que daõ a ultima fórmā ás resoluçōens sobe-

## Discurso XXVIII. 187

soberanas, de que depende o ser, ou naõ ser de tudo. Todas as pennas, como as hervas, tem a sua virtude; mas as que estaõ mais chegadas á fonte do poder, saõ as que prevalecem sempre a todas as outras. Saõ por officio, ou artificio como as pennas da aguia, das quaes dizem os naturaes, que postas entre as pennas das outras aves a todas comem, e desfazem. Mas Pag. 513. se em vez de serem sans, forem corruptas, ellas se-raõ a causa de todas as ruinas, e de todas as calamidades. Se perguntardes aos Grammaticos donde se deriva este nome calamidade: *Calamitas*, respondervoshaõ, que de calamo. E que quer dizer calamo? Quer dizer canna, e penna; porque as pennas antigamente faziaõse de certas cannas delgadas. Por final que diz Plinio, que as melhores do mundo eraõ as da noſſa Lusitania. Esta derivaçao ainda he mais certa na Politica, que na Grammatica. Se as pennas, de que se serve o Rey, naõ forem sans, destes calamos se derivarão todas as calamidades publicas, e seraõ o veneno, e enfermidade mortal da Monarchia em vez de serem a ſaude della.

243 Vede quaõ arriscado officio he o de huma Pag. 518. penna na maõ. Perguntaõ os Controversistas, se assim Pag. 516. como na sagrada Escritura saõ de fé as palavras, seraõ tambem de fé os pontos, e virgulas. E respondem que sim; porque os pontos, e virgulas determinaõ o sentido das palavras, e variados os pontos, e virgulas, tambem o sentido se varia. Oh que escrupuloſo Pag. 519. officio! E se a mudança de hum ponto, e de huma virgula pôde fazer tantos erros, e tantos danmos, que seria, se se mudassem palavras? Que seria, se se diminuissem palavras? Que seria, se se acrescentassem palavras? Torno a dizer: Se a mudanca de hum ponto,

## 188 Vieira abbreviado

ponto, e de huma virgula pôde ser causa de tantos  
damnos, que seria, se se calassem regras? Que seria,  
se faltassem capitulos? Que seria, se se sepultassem pa-  
peis, e informaçoens inteiras? E que seria, se (em  
vez de se presentarem a quem havia de pôr o reme-  
dio) se entregassem a quem havia de executar a vin-  
gança? Tudo isto pôde caber em huma penna, e eu  
naõ sey como pôde caber em huma confissão.

Pag. 520.

244 *Cur?* Porque? De todas estas semirazoens,  
que temos referido, ou admirado, quaes saõ as cau-  
fas? Quaes saõ os motivos? Quaes saõ os porques?  
Naõ ha coufa no mundo, porque hum homem deva  
ir ao inferno: com tudo ninguem vay ao inferno sem  
seu porque. Que porques saõ logo estes, que tanto  
podem, que tanto cegaõ, que tanto arrastaõ, que  
tanto precipitaõ aos mayores homens do mundo? Já  
vejo, que a primeira coufa, que ocorre a todos, he o  
dinheiro. *Cur?* Porque? Por dinheiro, que tudo pô-  
de, por dinheiro, que tudo vence, por dinheiro, que  
tudo acaba. Naõ nego ao dinheiro os seus poderes,  
nem quero tirar ao dinheiro os seus escrupulos; mas  
o meu naõ he taõ vulgar, nem taõ grosseiro, como  
este. Naõ me temo tanto do que se furta, como do  
que se naõ furta. Muitos Ministros ha no mundo, e  
em Portugal mais que muitos, que por nenhum caso  
os peitareis com dinheiro. Mas estes mesmos deixaõ-  
se peitar da amizade, deixaõse peitar da recomenda-  
çao, deixaõse peitar da dependencia, deixaõse pei-  
tar do respeito. E naõ fendo nada disto ouro, nem  
prata, saõ os porques de toda a injustiça do mundo.

245 A mayor sem justiça; que se commetteo no  
mundo, foy a que fez Pilatos a Christo, condenan-  
do á morte a mesma innocencia. E qual foy o porque  
desta

## Discurso XXVIII. 189

desta grande injustiça? Peitaraõno? Deraõlhe grandes summas de dinheiro os Principes dos Sacerdotes? Naõ. Hum respeito, huma dependencia foy a que condenou a Christo: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsar is*: Se naõ condenais a este, naõ sois amigo de Cesar. E por naõ arriscar a amizade, e graça do Cesar, perdeo a graça, e amizade de Deos, naõ reparando em lhe tirar a vida. Isto fez por este respeito Pilatos, e no mesmo tempo *Aqua lavit manus suas*: Matth. 27.  
Pedio agua, e lavou as maõs. Que importa, que as maõs de Pilatos estejaõ lavadas, se a consciencia naõ está limpa? Que importa, que o ministro seja limpo de maõs, senaõ he limpo de respeitos? A mayor peita de todas he o respeito.

246. Se se pozer em questaõ qual tem perdido, <sup>Pag. 523.</sup> mais consciencias, e condenado mais almas, se o respeito, se o dinheiro, eu sempre diffира, que o respeito. Por duas razoens: primeira; porque as tentaçoens do respeito saõ mais, e maiores, que as do dinheiro. Saõ mais; porque o dinheiro he pouco, e os respeitos muitos. Saõ maiores; porque em animos generosos mais facil he desprezar muito dinheiro, que cortar por hûm pequeno respeito. Segunda, <sup>Pag. 524.</sup> e principal; porque o que se fez por respeito, tem muito mais difficultosa restituïçao, que o que se fez por dinheiro. Na injustiça, que se fez, ou se vendeo por dinheiro, ( como o dinheiro he cousa, que se vê, e que se apalpa ) o mesmo dinheiro chama pelo escrupulo, o mesmo dinheiro intercede pela restituïçao. A luz do diamante davos nos olhos, a cadea tira por vós, o contador lembra vos a conta, a lamina, e o quadro peregrino ( ainda que seja com figuras mudas ) dá brados á consciencia; mas no que se fez por

## 190 Vieira abbreviado

por respeito, por amizade, por dependencia, ( como estas apprehensoens saõ coufas, que se naõ vem, como saõ coufas, que vos naõ armaõ a casa, nem se penduraõ pelas paredes ) naõ tem o escrupulo tantos despertadores, que façaõ lembrança á alma.

Pag. 526. 247 Quasi estou para vos dizer, que se houverdes de vender a alma, seja antes por dinheiro, que por respeitos; porque ainda que o dinheiro se restitue poucas vezes, os respeitos nunca se restituem. Torne Pilatos. Entregou Pilatos a Christo, e Judas

Luc. 23. tambem o entregou: Pilatos: *Tradidit eum voluntati eorum.* Judas: *Quid vultis mibi dare, & ego eum vobis tradam?* Conheceo Pilatos, e confessou a inocencia de Christo, e Judas tambem a conheceo, e

Matth. 27. confessou. Pilatos: *Innocens ego sum à sanguine justi hujus.* Judas: *Peccavi tradens sanguinem justum.* Fez mais alguma couta Pilatos? Fez mais alguma couta Judas? Judas sim, Pilatos naõ. Judas restituio o dinheiro lancando-o no templo, Pilatos naõ fez restituiçao alguma. Pois porque causa restitue Judas, e porque naõ restitue Pilatos? Porque Judas entregou a Christo por dinheiro, Pilatos entregou-o por respeitos. As restituçoes do dinheiro alguma vez se fazem, as dos respeitos nenhuma. E se naõ dizey-o vós. Fazemse nesta Corte muitas coutas por respeitos? Naõ perguntey bem. Fazse alguma couta nesta Corte, que naõ seja por respeitos? Ou nenhuma, ou muito poucas. E ha alguém na vida, ou na morte, que faça restituiçao disto, que fez por respeitos? Nem o vemos, nem o ouvimos. Pois como se confessao disto os que o fazem, ou como os absolvem os que os confessao?

Ibid. 4. Matth. 24. 248 *Quomodo?* Porque modo, ou porque modos?

## Discurso XXVIII. 191

dos? Somos entrados no labyrintho mais intricado das consciencias, que saõ os modos, as traças, as artes, as invençoens de negociar, de entreter, de insinuar, de persuadir, de negar, de annular, de provar, de desviar, de encontrar, de preferir, de pervalecer, finalmente de conseguir para si, ou alcançar para outrem tudo quanto deixamos dito. Para eu me admirar, e nos assombrarmos todos do artificio, e subtileza do engenho, ou do engano, com que estes n. o-  
dos se fiaõ, com que estes teares se armaõ, com que estes enredos se tramaõ, com que estas negociaçōes se tecem, naõ nos seraõ necessarias as teyas de Penelope, nem as fabulas de Ariadne, porque nas historias sagradas temos huma tal tecedeira, que na casa de hum pastor honrado nos mostrará quanto disto se tece na Corte mais Corte do mundo. O inayor mor-  
gado, que houve no mundo, foy o de Jacob, em que sucedeo Christo: *Regnabit in domo Jacob.* Sobre este morgado pleitearaõ delde o ventre da máy os irmaõs Jacob, e Esau. Jacob foy o que venceo a de-  
manda, Jacob o que levou a bençaõ, Jacob o que ficou com o morgado. Pois se o morgado por ley da natureza se deve ao primogenito, e Esau nasceo primeiro, como foy possivel que prevalecesse Jacob sem direito, Jacob sem talento, Jacob sem serviços, Jacob sem favor? Porque tudo isto pôde a traça, a arte, a manha, o engano, o enredo, a negociação.

249 Parecevos grande semrazaõ esta? Tendes muita razaõ. Mas esta tragedia, que huma vez se essayou em Hebron, quantas vezes se representa na nossa Corte? Quantas vezes com nomes suppostos, com merecimentos fingidos, e com abonaçōens falsificadas se roubaõ os premios ao benemerito, e triunfa

## 192 . Vieira abbreviado

unfa com elles o indigno? Quantas vezes rende mais a Jacob a sua Rebecca , que a Esau o seu arco? Quantas vezes alcança mais Jacob com as luvas calçadas, que Esau com as armas nas mãos? Se no ocio da paz se medra mais , que nos trabalhos da guerra , quem não ha de trocar os soes da campanha pela sombra destas paredes ?

Pag. 536. 250 Naõ o experimentou assim David , e mais servia a hum Rey injusto , e inimigo. David servio em palacio , e servio na guerra : em palacio com a arpa , na guerra com a funda. E onde lhe foy melhor ? Em palacio medrou taõ pouco , que da arpa tornou ao cajado : na guerra montou tanto , que da funda subio á coroa. Se se visse , que Daviad crescia mais á sombra das paredes de palacio , que com o sol da campanha , se se visse , que medrava mais lisongeando as orelhas com a arpa , que defendendo , e honrando o Rey com a funda , se se visse , que merecia mais galanteando a Michol , que servindo a Saul , naõ seria huma grande injustiça , e hum escândalo mais que grande ? Pois isto he o que padecem os

Pag. 538. Esaus nas preferencias dos Jacobs. E que Esau fique privado do seu morgado para sempre , e que nem Rebecca , que lho tira , nem Jacob , que lho possue , nem Isac , que lho consente , façaõ escrupulo deste caso ? Doutores ha , que condenaõ tudo isto , e outros ha , que o escusaõ. Eu naõ escuso , nem condenno , admirome com as turbas : *Et admiratæ sunt turbæ.*

251 Quando? Esta he a ultima circunstancia do nosso exame. E quando acabaria eu , se houvera de seguir até o cabo este quando ? Quando fazem os Ministros o que fazem ? E quando fazem o que devem fazer? Quando respondem? Quando deferem?

Quan-

## Discurso XXVIII. 193

Quando despachaõ? Quando ouvem? Que até para huma audiencia saõ necessarios muitos quandos. Se fazerse hoje o que se podera fazer hontem, se fazerse á manhã o que se devera fazer hoje, he materia em hum Reyno de tantos escrupulos, e de danmos muitas vezes irremediaveis, aquelles quandos taõ dilatados, aquelles quandos taõ desattendidos, aquelles quandos taõ eternos quanto devem inquietar a consciencia de quem tiver consciencia?

252 Antigamente na Republica Hebreia ( e em <sup>Pag. 540.</sup> muitas outras) os tribunaes, e os Ministros estavaõ ás portas das Cidades. Mas que razaõ tiveraõ aquelles legisladores para situarem este lugar aos tribunaes, e para porem ás portas das Cidades os seus Ministros? Varias razoens apontaõ os Historiadores, e Politicos; mas a principal, em que todos convém, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pertençaõ, com o seu requerimento, e sem entrar na Cidade voltava respondido no mesmo dia para sua casa. De sorte que estavaõ taõ promptos aquelles Ministros, que nem ainda dentro na Cidade estavaõ, para que os requerentes naõ tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilação de entrarem dentro. Naõ saibaõ os requerentes a diferença daquella era á nossa, para que se naõ lastimem mais. Antigamente estavaõ os Ministros ás portas das Cidades, agora estaõ as Cidades ás portas dos Ministros: tanto coche, tanta liteira, tanto cavalo (que os de pé naõ fazem conto, nem delles se faz conta.) As portas, os patios, as ruas rebentando de gente, e o Ministro encantado, tem se faber, se está em casa, ou se o ha no mundo, sendo necessaria mui-

Tom. I.

N

ta va-

## 194 *Vieira abbreviado*

ta valia só para alcançar de hum criado a revelação  
deste mysterio.

253 Huns batem, outros não se atrevem a bater, todos a esperar, e todos a desesperar: sahe finalmente o Ministro quatro horas depois do Sol, aparece, e desapparece de corrida: olhaõ os requerentes para o Ceo, e huns para os outros: apartaõ desconsolada a Cidade, que esperava junta. E quando haverá outro quando? E que vivaõ, e obrem com esta inhumanidade homens, que se confessão, quando procediaõ com tanta razaõ homens sem fé, nem sacramentos? A quelles Ministros, ainda quando despachavaõ mal os seus requerentes, faziaõlhe tres merces: poupavaõlhes o tempo, poupavaõlhes o dinheiro, poupavaõlhes as passadas. Os nossos Ministros, ainda quando vos despachaõ bem, fazemvos os mesmos tres damnos: o do dinheiro, porque o gaftais, o do tempo, porque o perdeis, o das passadas, porque as multiplicais. E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro quem o ha de restituir? Quem ha de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro, que não tem. Quem ha de restituir as passadas a quem dá as passadas, que não pôde? Quem ha de restituir o tempo a quem perde o tempo, que havia mister? Oh tempo tão precioso, e tão perdido!

254 Dilata o Julgador oito mezes a demanda, que se podéra concluir em oito dias. Dilata o Ministro oito annos o requerimento, que se podéra acabar em oito horas. E o sangue do soldado, as lagrimas do orfaõ, a pobreza da viuva, a afflição, a confusão, a desespéraçaõ de tantos miseraveis? As dilacões, as suspensões, as irresoluções, o hoje, o a manhã, o outro dia, o nunca dos vossos quandos?

Pag. 547.

Dir-

## Discurso XXVIII. 195

Dirmehéis, que naõ ha com que despachar, e com que premiar a tantos. Por essa escuta se esperava. Primeiramente elles dizem, que ha para quem queréis, e naõ ha para quem naõ quereis. Eu naõ digo isso; porque o naõ creyo; mas se naõ ha com que; porque lhe naõ dizeis, que naõ ha? Porque os trazeis enganados? Porque os trazeis consumidos, e consumindose? Esta pergunta naõ tem reposta; porque ainda que pareça meyo de naõ desconsolar os pertinentes, muito mais os desconsola a dilaçāo, e a suspensaō, do que os havia de desconsolar o desengano.

255 Tres horas requereo Christo no Horto. Eſtando na mayor afflīçāo do seu requerimento desceo hum Anjo do Ceo a confortallo: *Apparuit illi Angelus de cælo confortans eum.* E em que consistio o conforto, se a reposta foy, que bebesse o calix, contra o que Christo pedia? Nisso mesmo esteve o conforto; porque ainda que lhe naõ responderaō com o despacho, responderaō lhe com o desengano. Vede quanto melhor he desenganar aos homens, que dilatallos, e suspendellos. A dilaçāo, e á suspensaō para Christo era agonia, o desengano foy alento. A dilaçāo tem despacho saõ douz males, o desengano sem dilaçāo he hum mal temperado com hum bem; porque se me naõ dais o que peço, ao menos livraisme do que padeço. Livraisme da suspensaō, livraisme do cuidado, livraisme do engano, livraisme da ausencia da minha casa, livraisme da Corte, e das despezas della, livraisme do nome, e das indignidades de requerente, livraisme do vosso tribunal, livraisme das vossas escadas, livraisme dos vossos criados, em fim livraisme de vós, e he pouco?

## 196 Vieira abbreviado

256 Pois se com hum desengano dado a tempo os homens ficaõ menos queixosos , o governo mais reputado , o Rey mais amado , e o Reyno mais bem servido ; porque se ha de entreter , porque se ha de dilatar , porque se naõ ha de desenganar o pobre pertendente , que tanto mais o empobreceis , quanto mais o dilatais ? Se naõ ha cabedal de fazenda para o despacho , naõ haverá hum naõ de tres letras para o desengano ? Será melhor , que elle se desengane depois de perdido ? E que seja o vosso engano a causa de se perder ? Quereis que se cuide , que o sustentais na falsa esperança , porque saõ mais rendosos os que esperaõ , que os desenganados ? Se lhe naõ podeis dar o que lhe negais , quem lhe ha de restituir o que lhe perdeis ? Oh restituçõens ! Oh consciencias ! Oh almas ! Oh exames ! Oh confissoens !

### D I S C U R S O XXIX.

*Tirado de hum sermaõ de noffa Senhora do O.*

### D E S E J O.

Part. 4.  
Num. 47.

257 **A** Figura mais perfeita , e mais capaz de quantas inventou a natureza , e conhece a Geometria , he o circulo . Circular he o globo da terra , circulares as esferas celestes , circular toda a machina do univerlo , que por isso se chama Orbe , e até o mesmo Deos , se sendo espirito , podéra ter figura , naõ havia de ter outra , senaõ a circular . O certo he , que as obras sempre se parecem com seu Author . A eternidade , e o desejo saõ duas cousas taõ parecidas , que ambas se retrataõ com a mesma figura . Os Egypcios

## Discurso XXIX. 197

pcios nos seus jeroglíficos, e antes delles os Caldeos para representar a eternidade pintaraõ hum O; porque a figura circular naõ tem principio, nem fim, e isto he ser eterno. O desejo ainda teve melhor pintor, que he a natureza. Todos os que desejaõ, se o affeçto rompeo o silencio, e do coraçao passou á boca, o que pronunciaõ naturalmente he O.

258 Desejou David a agua da cisterna de Belém, Num. 57. e antes de declarar aos soldados, qual era o seu desejo, adiantouse hum O a dizer, que desejava: *Desideravit ergo David, & ait: O quis mihi daret potum aquæ de cisterna, que est in Bethlehem!* O O foy a voz do desejo, as demais a declaraçao, e como a natureza em hum O deo ao desejo a figura da eternidade, e a arte em outro O deo á eternidade a figura do desejo, naõ ha desejo, se he grande, que na tardança, e duraçao naõ tenha muito de eterno.

## D I S C U R S O XXX.

*Tirado de hum sermaõ de Santa Teresa.*

### D E S P R E Z O

259 **O** Desprezo a ninguem melhorou, a honra Part. 3. a muitos; porque a melhor arte de fazer Num. 603. bons he admitillos. Quantos andaõ desfavorécidos por estas ruas, que haviaõ de encher muito bem o seu lugar, se os chamaraõ! Assim viramos estimados, Part. 4. premiados, e satisfeitos os que naõ servem á sombra Num. 264. de telhados de ouro, nem ao calor de brazeiros de prata, sênaõ ao sol, e ao frio, lidando com as ondas, Part. 3. e com as balas. Eisaqui o mayor mal, e a mayor con- Num. 603.

## 198 Vieira abbreviado

solaçāo, que tem o mundo. Serem os indignos os convidados he o mayor mal, serem os benemeritos os excluidos he a mayor consolaçāo.

### D I S C U R S O XXXI.

*Tirado de hum sermaõ de nossa Senhora da Conceição pregado na Igreja de N. Senhora do Desterro.*

### D E S T E R R O.

Part. 6.

Num. 240.

**P**ara o desterro ser morte nenhuma causa lhe falta; porque o desterrarse he enterrarse. E se ha alguma diferença entre a morte, e o desterro, he que o desterro naõ só he morte, senão morte, e sepultura. E sendo assim, que para ser morto, e sepultado naõ basta só a morte; para ser morto, e sepultado, basta só o desterro. O desterro he como a morte, e a morte he como o desterro: e se algum excede a outro na miseria, naõ he a morte ao desterro, senão o desterro á morte; porque o desterrarse da patria he morrer, o viver no desterro he enterrarse.

Num. 242.

### D I S C U R S O XXXII.

*Tirado de hum sermaõ pregado em acção de graças, pelo nascimento da Princeza de Portugal.*

### D O R.

Part. 12.

Num. 490.

**T**odos os Profetas nas suas cōminaçoens quando querem encarecer muito huma grande

## Discurso XXXII. 199

grande dor, chamaólhe dor, comò dor de parto. Da- Num. 144.  
vid : *Ibi dolores ut parturientis.* Isaias : *Quasi par-* Psal. 47.  
*turiens dolebunt.* Jeremias : *Dolores ut parturien-* Itai. 13.  
*tem.* Mas posto que a dor de parto seja taõ encare- Jer. 9:  
cida nas sagradas letras, ainda ha outra dor mayor.  
E qual he? A dor de naõ ter essa dor, a dor de naõ  
ter filhos. A dor de parto he dor de mäy, a dor de  
naõ ter filhos he dor da mäy, e mais do pay, ou dos  
que o desejavaõ ser, e naõ o saõ. A dor do parto  
he dor de huma hora, a dor de naõ ter filhos he dor  
de toda a vida. Antes na mesma morte he mayor dor;  
porque haõ de deixar por força os bens, e naõ tem a  
quem os deixem. A dor do parto, como ponderou  
Christo, he dor, que se converte em alegria. A dor Joan. 16.  
de naõ ter filhos he dor sem consolaçao, sem alivio,  
sem remedio. Finalmente a dor do parte he dor,  
com que pôde a vida, a dor de naõ ter filhos he dor,  
que mata.

## DISCURSO XXXIII.

Tirado de hum sermaõ de S. Bartholomeu pregado  
em Roma na occasião de promoção de Cardeaes.

E L E I C, A M.

262 **N** Enhun negocio mais deve tirar o fono a Part. 2.  
hum Príncipe, nenhum o devê desvelar Num. 372.  
mais, que a eleição de grandes Ministros; porque  
desta eleição dependem todas as eleições, todas as  
resoluções, todas as execuções, e todo o bom go-  
verno, e felicidade da Republica. Aqui se faz, ou  
desfaz tudo. Justamente logo se desvela o supremo

## 200 Vieira abbreviado

Rey, e exemplarmente o supremo Pastor: *Erat pernoctans*. Havia de eleger os Pastores de sua Igreja, havia de eleger os mayores Ministros de sua Monarchia. Justa, e exemplarmente se desvela: *Fugiebat somnus ab oculis meis*, dizia Jacob, quando pastor de La-baõ. Se o cuidado das ovelhas tanto desvela ao pastor, quanto mais deve desvelar ao dono a eleiçao dos Pastores? Lembrame (vamos do monte ao mar) lembrame, que no mar de Tiberiades corria fortuna a barca do Apostolado, e no mayor rigor da tempestade se diz de Christo, que dormia: *Ipsé vero dormiebat*. No mar, Senhor meu, dormindo, e no monte desvelado? Naõ vos tira o sono a tempestade, e a eleiçao dos que vaõ na barca vos desvela tanto? Sim. Que quem se desvela nas eleicioens, naõ periga nas tempestades. Pedro estava ao leme, André, Joaõ, e Diogo, e os demais aos remos. E quando está a barca taõ bem provida, bem pôde dormir o Patraõ. A tempestade estava no mar, a segurança no monte. Onde se fez a eleiçao, ahi se venceo o perigo, onde estava o perigo, alli houve de ser o desvelo: *Erat pernoctans*. Este he o ponto, sobre que havemos de fallar hoje. Materia naõ só grande, mas entre as mayores a mayor. Como se devem eleger os grandes Ministros.

Num. 373. 263 Elegeo Christo hoje os mayores Ministros de sua Igreja, e no modo, e circunstancias admiraveis desta eleiçao deixou canonicamente prescripto a seus successores como elles tambem os haviaõ de eleger. Todo o exemplar se reduz a tres regras. Primeira, com quem se ha de fazer a eleiçao? Segunda, quaes devem ser os eleitos? Terceira, quantos se haõ de eleger? Em tres palavras. Com quem?  
Quaes

## Discurso XXXIII. 201

Quaes? E quantos? Comecemos.

264 A primeira pergunta destas he. Com quem Num. 374. se haõ de fazer as eleiçōens? Com os parentes? Com os amigos? Com os interessados? Não, e sim. Não com os parentes, mas com o mais parente. Não com os amigos, mas com o mais amigo. Não com os interessados, mas com o mais interessado com Deos: *In oratione Dei.* No sagrado Collegio tinha Christo parentes, tinha amigos, tinha interessados. Tinha parentes; porque tinha a Joaõ, e os dous Jacobos primos seus; porém não consultou estes parentes, senão a Deos, que he o mais parente; porque he pay. Tinha amigos, e muito do seu seyo, Pedro, Joaõ, e Diogo, dos quaes fiava tudo. Porém não consultou estes amigos, senão a Deos, que he o mais amigo; porque o seu amor he fiel, e a sua vontade recta. Tinha interessados, e estes ( como costuma ser) eraõ todos : *Quis eorum videretur esse maior.* Luc. 22, 124. E não consultou estes interessados, senão a Deos, que nesta eleiçāo era o mais interessado; porque nos Ministros idoneos de sua Igreja vay empenhado seu serviço, sua honra, sua gloria, e o bem, e salvaçāo do mundo. Nas Cortes do mundo os interessados oraõ, o Principe elege. No Consistorio de Christo Num. 376. os interessados callaõ, o Principe ora; *In montem orare.* Os eleitos não te haõ de pedir ao Principe, ha de pedilos o Principe a Deos.

265 Bastava só esta razão para ser Deos, e só Num. 377. Deos o consultado nas eleiçōens; mas ha outra mais interior, e mais forçosa, o acerto. Não ha cousa mais difícil, que eleger hum homem a outro homem; porque ou o conhece, ou não. Se o não conhece, elege ás cegas, e se o conhece, tambem; porque se o conhece,

## 202 Vieira abbreviado

nhece , ou o ama , ou o aborrece , e taõ cego he o amor como o odio ; mas he certo , que com a paixaõ , ou ainda sem ella , nenhum homem conhece a outro . O conhecimento do homem he reservado sómente a Deos , e ainda nelle admiravel : *Mirabilis facta est scientia tua ex me.* Necessario he logo , que se peça a Deos orando o que o homem nem por si , nem por outrem pôde alcançar conhescendo .

Psalm. 138  
6.

Num. 380. 266 Passemos á segunda questaõ . Quaes haõ de ser os eleitos ? Os maos ? Claro está que naõ : logo os bons ? Naõ digo isto . Nem os maos , nem os bons , senão os melhores . Ainda dille mal , e ainda pouco Os melhores dos melhores digo , quaes eraõ os que hoje elegeo Christo . Os melhores do povo de Israel eraõ os que crião em Christo , e os melhores , que crião nelle , eraõ seus discípulos , e os melhores de seus discípulos foraõ os doze , que hoje elegeo , e nomeou por Apostolos : *Elegit duodecim ex ipsis , quos & Apostolos nominavit.* Note-se muito , não só a quem , e a quaes ; mas de quem , e de quaes escolheo : *Ex ipsis.* Entre os discípulos estava Lucas , estava Marcos , estava Estevaõ , e tantos outros eminentemente bons , e melhores que bons . Mas o Senhor como elegia os Apostolos para eminentissimos , não elegeo os melhores dos bons , senão os melhores dos melhores . Esta foy a razão , porque Christo chamou diante de si a todos os discípulos , quando escolheo aos Apostolos : *Vocavit discipulos suos , & elegit duodecim ex ipsis ,* para que á vista dos que deixava , se conhescesse melhor os que escolhia . Excluate hum Marcos , excluate hum Lucas , excluate hum Estevaõ , para que á vista da grandeza dos excluidos se conhêça melhor a eminencia dos doze eleitos . Nas pro-

## Discurso XXXIII. 203

promoçōens humanas os excluidos condenaõ as eleiçōens , nas divinas os excluidos qualificaõ os eleitos. Oh quaõ bem recebidas seriaõ as eleiçōens , e Num. 383. quaõ aplaudidos os eleitos , e os eleitores , se obser- vassem os homens esta regra de Deos ! Quando Saul Num. 383. era melhor, que David , elegeo a Saul , quando Da- vid foy melhor , que Saul , elegeo a David : sempre o melhor do melhor.

267 Mas porque esta doutrina parece miuda , e Num. 385. apertada , he necessario darmos a razaõ della: Que razaõ ha para se elegerem naõ só os bons , senaõ os melhores , e ainda dos melhores os que forem , ou for melhor ? A razaõ he ; porque o que elegeo , naõ só he obrigado a procurar o bem publico , senaõ o mayor bem ; por isso naõ deve eleger nem o mao , nem o bom , senaõ o melhor. O mao naõ ; porque este fará mal , o bom tambem naõ ; porque este fará menos bem , o melhor , e só o melhor sim ; porque este fará melhor. Entre o bom , e melhor ha a mesma diferença , que entre o menos , e o mais , e deste mais de bem , que accresce sobre o menos de bem , naõ deve privar a Republica , ou a Igreja aquelle , que he obrigado a lhe procurar o seu mayor bem. Hase de pôr em balança o menos , e o mais , e assim se haõ de fazer as eleiçōens : o melhor , que pôde servir mais a Igreja , eleito , o que pôde servir menos , ainda que bom , excluido.

268 Que escreveo a maõ de Deos , quando foy excluido do governo , e da coroa El Rey Balthasar?

*Appensus es in statera , & inventus es minus ha- Dan. 5.  
bens: Foste pezado na balança , e achouse , que ti-<sup>27.</sup>  
nhas menos. Menos he correlativo de mais , e quem  
foy achado com mais em comparaçō de Balthasar,  
que*

204 *Vieira abbreviado*

que foy achado com menos? Era o Rey Cyro, que lhe succedeo. Poz Deos em balança de humia parte a Cyro, e da outra a Balthasar, e porque Cyro havia de ser mais util á Igreja, e ao seu povo, que entaõ estava desterrado, e cativo em Babylonia, como verdadeiramente foy, mandandolhe restituir a liberdade, a patria, e o templo; porque Cyro, digo, havia de ser mais util, e Balthasar menos, este menos lhe tirou a purpura, e a coroa a Balthasar, e este mais a deo a Cyro.

269 Ha de fazer a balança da justiça neste caso o que a balança da cubica nos seus. Digamolo mais claro: Ha de fazer a cubica do bem publico o que faz a cubica do bem particular. A quem dá a cubica as dignidades, e a quem as tira? Da-a quem vê, que tem mais; porque recebe, ou espera mais. Tira-as a quem vê, que tem menos; porque ou não recebe, ou espera menos. Sabeis Sacerdote virtuoso, sabeis Religioso exemplar, sabeis Ministro zeloso, e incorrupto, sabeis Doutor graõ letrado, porque fostes excluido? Porque *inventus es minus habens*. O eleito não tinha mais virtude, nem mais letras, nem mais zelo, nem mais talento que vós, mas tinha mais. Quando se busca o que tem mais, pobre do que tem menos! Assim ha de attender ao mais, e ao menos a cubica do eleitor, sómente ambicioso do bem publico. Exclua aquelles, de quem se espera menos, ainda que bons, e eleja os que promettem de si mais, que saõ os melhores. Este he o unico respeito, que faz as eleiçoes justas, e não respectivas. Todos os outros respeitos, e atenções, que respeitaõ ao bem, e utilidade particular, saõ peste da Republica, e tanto mais venenosa, quanto mais chegada ás veias.

## Discurso XXXIII. 205

270 A terceira , e ultima questao he : quantos haõ de ser os eleitos ? Haõ de ser poucos , ou muitos ? Numero certo , ou incerto ? Arbitrario , ou estabelecido ? Cheyo , ou naõ cheyo ? A tudo responde Christo em huma palavra : *Duodecim*: Doze. Vamos por partes. Se haõ de ser poucos , ou muitos , responde Christo , que poucos. E porque ? Porque havendo de ser os eleitos , como dissemos , os melhores , quando naõ saõ muitos os bons , naõ podem ser os melhores muitos. Em poucos ha ordem , ha uniao , ha conselho : na multidaõ nem ordem , porque sera perturbaçao , nem uniao , porque sera discordia , nem conselho , porque sera tumulto. Os Ministros haõ de ser como as leys , as leys haõ de ser poucas , e bem guardadas , e os Ministros poucos , e escolhidos : *Elegit duodecim*.

271 Mas este numero sera bem , que seja certo , ou incerto ? Arbitrario , ou estabelecido ? *Duodecim*: Doze. Ensina Christo , que ha de ser certo , e estabelecido , e naõ incerto , nem arbitrario. O numero dos doze Apostolos naõ só estava estabelecido , mas predestinado : estabelecido nos doze Patriarcas filhos de Jacob , nos doze exploradores da terra de promissaõ , nas doze fontes do deserto , nas doze pedras do Racional : predestinado nos doze fundamentos , e nas doze portas da Cidade de Deos , nas doze estrellas da mulher vestida de Sol , e nas doze cadeiras do juizo universal ; e como era numero canonicamente decretado , e consagradamente mysterioso , sendo Christo superior a todas as leys , e senhor delas , observou exactamente a religiao do mysterio , e naõ quiz mudar , nem alterar o numero.

272 Ponderou o caso profundamente S. Paschafio,

## 206 Vieira abbreviado

D. Pa'ch.

sio , e diz assim : *Adeo autem Christus secum voluit esse duodecim , ut ne Judas posset efficere , ut tantum essent undecim.* Foy taõ observante , e taõ observador Christo do numero decretado , que teve por melhor meter no numero a Judas , que naõ observar pontualmente o numero. Sejaõ doze como está decretado , ainda que Judas seja o duodecimo : e se foy muito naõ diminuir o numero por Judas , naõ foy inenos naõ accrescentar o numero nem por Marcos , nem por Estevaõ. Naõ se altere o numero estabelecido , ainda que fiquem fóra delle o terceiro Euangelista , e o primeiro Martyr.

Num. 391. 273 Naõ se ha de multiplicar o numero dos lugares , ainda que cresça o numero dos benemeritos. Paguese o merecimento sim , mas com outros premios. Naõ devem ser as cadeiras mais que doze , naõ se haõ de multiplicar dignidades , naõ se haõ de multiplicar lugares , naõ se haõ de fazer Ministros supernumerarios. Se saõ doze os Patriarcas , sejaõ doze os Apostolos , e naõ mais de doze. Se saõ setenta os anciaõs do povo , sejaõ setenta os discipulos , e naõ mais de setenta. E porque ? Porque cerrado o numero , cerrase a porta a inconvenientes sem numero. Vós o diſcorrey , que o tâbeis melhor.

Num. 393. 274 Esta he a razaõ , porque naõ elegeo Christo mais de doze. Resta saber porque naõ elegeo menos , e porque encheo o numero. Porque naõ convem , que haja lugares vagos. A natureza naõ admittre vacuo , nem o deve admittir a politica , ou seja sagrada , ou profana. Hum lugar vago na Republica tem os mesmos inconvenientes , que teria no mundo o vacuo. Se houvera vacuo no mundo , haviaſe de inquietar toda a natureza , havia de correr toda impreſtaſa-

## Discurso XXXIII. 207

tuosamente a occupar aquelle lugar. O mesmo sucede nos lugares vagos: inquietações, perturbações, tumultos, e tanto mais precipitosos, e desordenados, quanto correm todos não ao commun, senão cada hum ao seu: não a encher o lugar; mas a encherse com elle. A todos estes inconvenientes se cerra a porta com cerrar o numero. Melhor he cerrar o numero, que a porta. Na parabola das virgens cerrouse a porta: *Clausæ est janua*; mas não se certificou o numero; porque eraõ dez os lugares: *Decem virginibus*, e como o numero não estava cerrado, posto que estivesse cerrada a porta, que haviaõ de fazer as nescias, senão clamar, e dar vozes, e inquietar as vidas? Davaõ vozes as virgens, davaõ vozes as alampadas acezas, e o dinheiro despendido tambem dava vozes. Para evitar clamores cerrar o numero.

## DISCURSO XXXIV.

*Tirado do quinto das Pedras de David.*

### E T E R N I D A D E.

276 **A** Eternidade, como define Boecio, he huma duração simultanea, que não tem anteriores, nem depois. He hum instante perpetuo, que não admite anno, nem dia, he hum hoje permanente, que nem conhece hontem, nem á manhã: he hum presente continuo, que não teve preterito, nem ha de ter futuro, sendo sempre permanente, e não passando já mais, como se fosse successivo, e verdadeiramente passasse: do presente faz preterito, de muitos

Parr. 14.

Num. 179.

208 *Vieira abbreviado*

tos seculos poucos instantes , de milhares de annos  
hum dia, da mesma eternidade breve tempo.

D I S C U R S O XXXV.

*Tirado de hum sermaõ de Santa Iria , cuja formo-  
sura foy causa de sua morte.*

F O R M O S U R A .

Part. 6.  
Num. 316.  
  
Prov. 31.  
30.

276 **S**Entença he divina , e taõ infallivel na ver-  
dade , como provada na experiençia , que  
aquella graça da natureza , a que os olhos chamaõ  
formosura,naõ he mais que huma apparencia da mes-  
ma vista enganosa , e vã : *Fallax gratia , & vana est  
pulchritudo* , diz o Espírito Santo por boca de Sa-  
lamoão , o mais experimentado neste engano , e o mais  
desenganado desta vaidade. Nem era necessario o  
testimunhô de taõ soberanas authoridades, divina , e  
humana , para persuadir esta fé á vista. Até os Poe-  
tas , què tanto se empregaõ em disfarçar , e encubrir  
a falsidade desta apparencia, e com nomes de diaman-  
tes , rubis , e safiras procuraõ fazer solida a sua vai-  
dade , naõ podéraõ deixar de confessar quaõ fragil  
he , e de pouca dura : *Forma bonum fragile est* , disse  
Ovidio : e Seneca : *Res est forma fugax*.

277 Os Filoſofos , què mais professaõ o verda-  
deiro , concedêndolhe os poderes , naõ lhe podéraõ  
negar a fraqueza , e falsidade. Socrates chamou á for-  
mosura tyrannia , mas de breve tempo : *Brevis tem-  
poris tyrannis* . Theofraſto chamoulhe engano mu-  
do : *Deceptio tacita* ; porque tem fallar engana. E  
que direy dos santos Padres ? S. Jeronymo diz , que  
a for-

## Discurso XXXV. 209

a formosura he hum esquecimento do uso da razaõ : *Oblivio rationis*, e aonde falta o lume da razaõ, quaes seraõ as cegueiras , e enganos dos sentidos ? S. Bernardo , S. Basilio , Santo Efrem , Santo Isidoro Peluciota , e outros Santos, para descobrir o mesmo engano tem chegar aos horrores da sepultura , consideraõ as fealdades interiores , que este especioso veo occultata ainda em vida , e correndo a cortina ao idolo adorado da formosura , naõ só a demonstraõ feya , mas afcorosa , e medonha.

278 S. Joao Chrysostomo , e S. Gregorio Nazianzeno parando mais beginnamente só na superficie, em que consiste a formosura, suppoem sem mais apprato , que he huma pintura de duas cores , branco , e vermelho. Assim a descreveo no seu amado aquella pastora taõ bem entendida como Salamaõ : *Dilectus meus candidus , & rubicundus.* A formosura pois em toda a sua esfera ou he natural , ou artificial : o branco , e vermelho do artificial he o que se vay comprar ás boticas , onde estaõ venaes toda a semana as caras , com que se ha de apparecer ao Domingo. O da formosura moral celebra Nazianzeno na santa virgem Gorgonia, da qual diz, que o branco, de que usava no rosto , era o que causa o jejum , e o vermelho, com que tingia as faces, o que tira a ellas o pejo: *Unus illi rubor placebat , quem pudor affert , unus candor , quem parit abstinentia.*

279 Finalmente S. Chrysostomo , definindo a <sup>Num. 317.</sup> formosura natural fisicamente, diz, que naõ he outra cousa , que huma mistura de fleuma , e sangue: *Pulchrifudo est phlegma cum sanguine mixtum.* A fleuma faz o branco , o sangue o vermelho ; mas o que eu noto digno de particular advertencia nestes dou-

## 210 Vieira abbreviado

humores , he que a composiçāo delles causa a formosura , e a descomposiçāo as enfermidades. Sendo porém as enfermidades as armas naturaes da morte, muito mais mortes tem causado a fleuma , e o sanguē em quanto origem da formosura, q̄ em quanto instrumentos da mesma morte. Em Dina matou a formosura a Sichem, em Dalila matou a Samſaō, em Judith matou a Holofernes, em Helena a toda a Troya, em Lucrecia a toda a Roma, e em Florinda a toda á Hespanha.

Part. 11. 280 Que causa he a formosura , senaõ huma  
Num. 363 veira bem vestida , a que a menor enfermidade tira a  
cor , e antes de a morte a despir de todo , os annos  
lhe vaõ mortificando a graça daquella exterior , e appa-  
rente superficie de tal forte , que se os olhos po-  
déssem penetrar o interior della , o naõ poderiaõ ver  
Num. 361 sem horror. Ouvi ao mesmo compositor da arte ,  
que ensinou como se havia de amar esta enganadora :

Num. 362 *Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos, fit minor :* A formosura , diz elle , he hum  
bem fragil , e quanto mais se vay chegando aos annos , tanto mais vay diminuindo , e desfazendo em  
si , e fazendose menor. Seja exemplo d'esta lastimosa  
fragilidade Helena, aquella famosa , e formosa Gre-  
ga , filha de Tindaro Rey de Laconia, por cujo rou-  
bo foy destruida Troya. Durou a guerra dez annos ,  
e ao passo que hia durando , e crescendo a guerra , se  
hia juntamente com os annos diminuindo a causa dela . Era a causa a formosura de Helena , flor em sim-  
da terra , e cada anno cortada com o arado do tem-  
po. Estava já taõ murcha , e a mesma Helena taõ outra , que vendose ao espelho pelos olhos , que já naõ  
tinhaõ a antiga viveza ; lhe corriaõ as lagrimas , e  
naõ achando a causa , por que duas vezes fora rouba-  
da ,

# Discurso XXXVI. 211

da , ao mesmo espelho , e a si perguntava por ella :

*Flet quoque, ut in speculo rugas conspexit anniles  
Tindaris, & secum cur sit bis raptar requirit.*

As formosuras mortaes no primeiro dia agradaõ , no Part. 12.  
segundo enfastiaõ : saõ livros , que huma vez lidos , Num. 5.  
naõ tem mais que ler .

## DISCURSO XXXVI.

*Tirado de hum sermaõ de Santa Catharina.*

### FOR T U N A.

281 **V** Ariamente pintaraõ os Antigos a que el- Part. 11.  
les chamaraõ Fortuna. Huns lhe poze- Num. 5.  
raõ na maõ o mundo , outros huma cornucopia , ou-  
tros hum leme : huns a formaraõ de ouro , outros de  
vidro , e todos a fizeraõ cega , todos em figura de  
mulher , todos com azas nos pés , e os pés sobre hu-  
ma roda. Em muitas couzas erraraõ como gentios ,  
em outras acertaraõ como experimentados , e pru-  
dentes. Erraraõ no nome de fortuna , que significa  
caso , ou fado , erraraõ na cegueira dos olhos , erra-  
raõ nas insignias , e poderes das maõs ; porque o go-  
verno do mundo , significado no leme , e a distribui-  
çao de todas as couzas , significadas na cornucopia ,  
pertence sómente á providencia divina , a qual não  
cegamente , ou com os olhos tapados , mas com a  
perspicacia de sua sabedoria , e com a balança de sua  
justiça na maõ he a que reparte a cada hum , e a to-  
dos o que para os fins da mesma providencia com al-  
tissimo conselho tem ordenado , e disposto .

282 Acertaraõ porém os mesmos gentios na fi-  
O 2 gura ,

## 212 Vieira abbreviado

gura , que lhe deraõ de mulher pela inconstancia, nas azas dos pés pela velocidade, com que se muda, e sobre tudo em lhos porem sobre huma roda ; porque nem no prospero , nem no adverso , e muito menos no prospero teve já mais firmeza. Dos que a fizerão de ouro , diremos depois , o que agora sómente me parece dizer , he , que os que a fingirão de vidro pela fragilidade , fingirão , e encarecerão pouco ; porque ainda que a formassem de bronze , nunca lhe podiaõ segurar a inconstancia da roda.

Num. 16. 283 Sesostris Rey do Egypto depois de vencer outros quatro Reys vizinhos , se desvanecio a tanta soberba , que em lugar de outros tantos cavallos mandou que os quatro Reys vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em hum dia porém de grande celebriade advertio , que hum dos Reys vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros , que o rosto , e os olhos sempre os levava voltados, e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesostris lhe perguntasse , com que pensamento o fazia , respondeo : *Intueor volumen hoc assiduum rotæ, in qua vicissim ima sunt summa, & summa ima fiunt :* Levo sempre postos os olhos nesta roda , porque vejo nella , que assim comó esta parte , que agora está embaixo , esteve já em cima , assim a que está em cima , com meya volta só torna a estar embaixo. Entendo o mysterio o Rey victorioso , e soberbo , e mandou logo tirar do jugo aos vencidos.

Num. 9. 284 Mas nem por isto cuide alguém , que para todas estas voltas da roda saõ necessarios tantos espaços , ou tantos vagares do tempo. As rodas do carro de Ezequiel , em que Deos se lhe mostrou governando todo este mundo , eraõ cada huma composta de

## Discurso XXXVI. 213.

de duas, huma roda atravessada, e outra cruzada Ezech. 10.  
com ella pelo meyo. Isto quer dizer: *Rota in medio* <sup>10.</sup>  
*rotæ.* E que rodas eraõ, e taõ estas? Huma he a roda  
da fortuna, outra a roda do tempo; mas de tal ma-  
neira unidas, e travadas entre si, e taõ independen-  
tes huma do curso da outra, que para a roda da for-  
tuna dar huma volta inteira naõ he necessario, que  
a dê tambem inteira o tempo. As voltas da roda do  
tempo saõ as mesmas que as do Sol. O Sol dá hu-  
ma volta mayor cada anno, e huma menor cada  
dia. Porém para a fortuna dar huma volta inteira  
aos maiores Imperios naõ saõ necessarios annos,  
nem dias.

285 O mayor Imperio, e Monarchia, que tinha  
havido no mundo, era a dos Assyrios, e Chaldeos.  
E quantas horas houve mister a roda da fortuna para  
derrubar esta, e levantar sobre ella outra mayor?  
Diga-o a Escritura sagrada por boca de Daniel, que  
se achou presente: *Eadem nocte imperfectus est Bal-* Dan. 5.  
*thassar Rex Chaldaeus, & Darius Medus successit in* <sup>30. 31.</sup>  
*Regnum.* Na mesma noite fatal, em que o Rey com  
mil magnates da sua Monarchia convidados para  
hum solemne banquete estavaõ brindando aos seus  
deotes, foy morto (diz Daniel) Balthasar Rey Chal-  
deo, e lhe sucedeo no Imperio Dario Medo. De  
sorte que tanto mais depressa deo volta a roda da for-  
tuna, que a roda do tempo, que naõ tendo o tempo  
em auência do Sol andado hum dia natural, nem  
meyo dia, a fortuna, morto Balthasar, e suceden-  
dolhe na coroa Dario, já tinha posto por terra a Mo-  
narchia dos Assyrios, e Chaldeos, e levantado até  
ás nuvens a dos Persas, e Medos. E quantos gover-  
naraõ Reynos, e Monarchias, cujos descendentes Num. 84.

214 Vieira abbreviado

estaõ hoje vivendo ou do remo no mar , ou do arado na terra ? Ninguem se estime a si , nem despreze a outro pelo que pôde dar , ou tirar a fortuna .

286 Agora havemos de ouvir a Plutarcho famoso Filosofo Grego , digno de se ouvir neste caso . Excitando Plutarcho , e disputando huma questao sobre a fortuna do Imperio Romano , diz assim : *Fortuna, Persis, & Assyriis desertis, cum leviter pervolas- set Macedoniam, & celeriter abjecisset Alexandrum, Ægyptiosque, deinde & Syriam peragran- do Regna extulisset, & sape conversa Carthagi- nenses tulisset, postquam transmisso Tyberi ad pa- latium appropinquavit, alas deposituit, talaria exuit, ac infideli, & versatili globo misso, Romam intra- vit mansura.* Quer dizer : A fortuna depois de deixar os Perſas , e Assyrios , depois de voar levemente pela Macedonia , e rejeitar a Alexandre , e os que no Egypto lhe succederaõ , depois de andar pela Syria levantando , e desfazendo Reynos , e se deter já prospера , já adversa com os Carthaginezes , passando finalmente o Tybre , chegou ao Capitolio Romano , e alli arrancou dos hombros as azas mayores , e descalhou dos pés as menores , alli se despojou , e desarmou do globo , ou roda variavel , e inconstante , e alli , isto he em Roma , foy o seu perpetuo assento para nella perseverar , e morar sempre firme , e sem mudança .

287 Isto he o que disse Plutarcho , e isto o que eriaõ os Imperadores Romanos , os quaes sobre esta fé tundaraõ de ouro huma estatua da sua fortuna , e a collocaraõ no mesmo apolento , onde elles dormiaõ , como que podessem dormir seguros , pois a fortuna lhe guardava o sono . E quando algum Imperador morria ,

## Discurso XXXVI. 215

morria , passava , e era levada a mesma estatua ao successor , mostrando a vaidade , e superstição dos que chegavaõ a alcançar a coroa Romana , que podiaõ testar da fortuna , como de patrimonio hereditario , e proprio. Estava isto escrito nos seus Annaes , como oraculo dos deoses , isto celebravaõ os seus Poetas , os Bucolicos com frautas pastoris á sombra das fayas , os Heroicos com trombetas marciaes em assombro das outras naçõens. E assim o cantou com elegante mentira o mayor de todos , quando disse : *His ego nec metas rerum , nec tempora pono , Imperium sine fine dedi.*

288 Agora podéra eu perguntar aos Imperadores Romanos ou dormindo , ou acordados , onde está aquella sua fortuna de ouro , ou o ouro daquella fortuna ? Foy volta da mesma fortuna verdadeiramente lastimosa. Quando Alarico sitiou a Roma , viraõse os Romanos tão apertados , que houverão de remir a dinheiro o levantarse o sitio , e entaõ entre o ouro , e prata das outras estatuas dos seus deoses foy tambem batido em moeda o ouro da sua fortuna. Assim dormiaõ seguros os que se fiavaõ da fé de huma traidora , e da vigilancia de huma cega !

289 Mas eu só quero confundir , e envergonhar a Plutarcho com as palavras da sua mesma lisonja . Diz que depoz a fortuna ao pé do Capitolio a roda . E quantas vezes a tornou a tomar , e lhe deo taes voltas na Italia , e dentro da mesma Roma , que meteo a que era cabeça do mundo debaixo dos pés de Attila , e Totila , inundada de Godos , e Hunnos , de Suecos , e Alanos , e de tantos outros barbares ? Diz do mesmo modo , que tambem depoz alli a fortuna as azas . E quantas vezes as tornou a tomar , e voou

## 216 Vieira abbreviado

ás Germanias , ás Gallias , e ás Hespanhas , que Roma imaginava pacificamente sujeitas com os presídios das suas legioens , contra as quaes porém se levantaraõ entaõ aquellas mesmas naçoens como taõ altivas , e bellicosas , naõ só restituindo cada huma ao que era seu ; mas cortando ás Aguias Romanas as unhas , com que lho tinhaõ roubado ?

290 Diz mais , que em Roma fez a fortuna o seu assento para nella morar perpetuamente . E se no interior da mesma Roma recorrermos ás couzas de mayor duraçao , quaes saõ os marmores , quantos annos , e quantos seculos ha , que dos meismos marmores levantados em obeliscos , e arcos triunfaes se vem só as miseraveis ruinas ou meyo sepultadas já , ou cubertas de era ? Finalmente aquelle Imperio sem fim , a que a fortuna naõ poz metas , ou limites alguns nem á grandeza , nem ao tempo , diganos a mesma fortuna onde está , e onde o tem escondido ? Busque-se em todo o mundo o Imperio Romano , e naõ se achará delle mais que o nome , e este naõ em Roma , senão muito longe della .

Num. 50. 291 Acabaraõse as guerras , e victorias Romanas , naõ só fechadas , mas quebrados para sempre os ferrolhos das portas de Jano : acabaraõse os Capitólios : acabaraõse os Consulados : acabaraõse as Dictaturas : acabaraõse para os Generaes as ovaçoens , e os triunfos : acabaraõse para os Capitaens famosos as estatuas , e inscripçoes : acabaraõse para os soldados as coroas Civicas , Muraes , e Rostratas : acabaraõse em fim com o Imperio os mesmos Imperadores , e só vivem , e reynaõ ao revez da roda da fortuna os que elles quizeraõ acabar . Acabou Nero , e vivem , e reynaõ Pedro , e Paulo : acabou Trajano , e vive ,

# Discurso XXXVII. 217

e vive, e reyna Clemente: acabou Marco Aurelio, e vive, e reyna Polycarpo: acabou Vespasiano, e vive, e reyna Apollinar: acabou Valeriano, e vive, e reyna Lourenço: acabou em fim Maximino, e vive, e reyna Catharina. Elle, e os outros Imperadores, porque se fiaõ falsamente do Imperio sem fim: *Imperium sine fine dedi*: e ella com os seus, e com os outros Martyres, porque reynaõ, e haõ de reynar por toda a eternidade com Christo no Reyno, que verdadeiramente naõ ha de ter fim: *Cujus regni non erit finis.*

## D I S C U R S O XXXVII.

*Tirado de hum sermaõ de S. Roque prégado na Capella Real, em que o Auctor censura aos seus parentes, e naturaes pelo desconhecerem na diferente, e adversa fortuna.*

## F O R T U N A .

292 **N**Aõ ha cousa, que tanto mude as feiçõẽs como a fortuna. Vieraõ os filhos de Jacob nos sete annos da fome buscar trigo a Egypto, e apparecendo diante de seu irmão Joseph, que era o Vice-Rey daquelles Reynos, diz o texto sagrado: *Cognovit eos, & non est cognitus ab eis:* Que Joseph os conheceo a elles, e que elles naõ conheceraõ a Joseph. Notavel caso! Parece, que naõ havia de ser assim; porque os irmãos, como eraõ mais velhos, conheciaõ de mais tempo a Joseph; porque o conheciaõ desde minino, idade, em que elle os naõ podia conhecer: os irmãos de huma vez foraõ dez, e de outra

Part. 2.  
Num. 164.

Gen. 42. 8.

## 218 Vieira abbreviado

outra onze , e mais facil he conhicerem muitos a hum , que hum a muitos ; o tempo da ausencia era igual ; porque tanto havia , que os irmaõs naõ viaõ a Joseph , como Joseph a elles. Pois se todas as razoens de conhecimento ou eraõ iguaes , ou maiores da parte dos irmaõs , como os conheceo Joseph a elles , e elles naõ conheceraõ a Joseph ? A razaõ natural he ; porque Joseph tinha mudado de fortuna , seus irmaõs naõ a tinhaõ mudado. Os irmaõs antigamente tinhaõ sido pastores , e agora tambem eraõ pastores , Joseph antigamente tinha sido pastor , e agora era Vice Rey : e como os irmaõs naõ tinhaõ mudado de fortuna , naõ tinhaõ mudado de parecer ; porém Joseph tinha mudado de parecer ; porque tinha mudado de fortuna , elle conhacia os irmaõs , porque os irmaõs eraõ os meõmos , os irmaõs naõ o conhaciaõ a elle , porque Joseph já era outro .

Num. 166. 293 Difficultosa couſa parece , que a fortuna faça mudar as feiçoens ; mas ainda mal , porque taõ provada está esta verdade na experiençia de cada dia ! Melhorou de fortuna o vosso mayor amigo , e ao outro dia já vos olha com outros olhos , já vos ~~cave~~ com outros ouvidos , já vos falla com outra linguagem : o que hontem era amor , hoje he authoridade : o que hontem era rosto , hoje he semblante. Pois meu amigo , que mudançã he esta ? Quem vos trocos as feiçoens ? Que he daquelles olhos benevolos , com que me vieis ? Que he daquelles ouvidos attentos , com que me escutaveis ? Que he daquelle bom rosto , com que nos viamos sempre ? Oh que mudou de fortuna , claro está que havia de mudar de feiçoens .

294 E se estas mudanças faz a fortuna prospera , naõ saõ menores os poderes da adversa . Restituido Job

## Discurso XXXVII. 219

Job á sua antiga fortuna depois de tantos trabalhos, e calamidades, diz o texto sagrado: *Venerunt ad eum omnes amici, & cognati ejus, qui congnoverant eum prius:* que vieraõ visitar a Job todos os seus amigos, e parentes, que o conheceraõ no primeiro estado: *Qui congnoverant eum prius.* Job teve tres estados nesta vida, o primeiro de felicidade, o segundo de trabalhos, o terceiro outra vez de felicidade. Pois se os amigos, e parentes o conheceraõ no primeiro estado, porque o naõ conheceraõ, nem o buscaraõ no segundo, porque o conhecem, e o buscaõ no terceiro? A razaõ disto naõ a ha, a semrazaõ sim, e he esta; porque os homens costumaõ conhecer nos outros naõ a pessoa, senaõ a fortuna, e como os chamados amigos, e parentes de Job conheciaõ nelle a fortuna, e naõ a pessoa; por isto naõ buscaraõ a pessoa, em quanto a viraõ necessitada, e buscaraõ a fortuna, tanto que a viraõ restituida. De sorte, que os amigos de Job, bem considerados seus procedimentos, naõ foraõ ingratos; porque a sua amizade era com a fortuna, e naõ com a pessoa: e como elles naõ faltaraõ á fortuna, ainda que faltaraõ a pessoa, naõ soy ingratidão. Se faltaraõ á pessoa, faltaraõ a quem naõ conheciaõ, mas á fortuna, a quem conheciaõ, naõ lhe faltaraõ: tanto que ella voltou, tornaraõ elles.

295 Oh miseravel condiçao das cousas humanas! Num. 168.  
Miseravel na fortuna adversa, e miseravel na prospera! Naõ ha fortuna que naõ traga consigo desconhecimento: se he prospere; desconheceisvos: se he adversa, desconheceimvos. E se a fortuna he tão enganosa, que os homens se desconheçaõ a si, que muito que seja tão injusta, que os outros os desconheçaõ a elles?

## 220 Vieira abbreviado

elles? A ingratidaõ , que desama , grande ingratidaõ he ; mas a ingratidaõ , que chega a desconhecer , he a mayor , e mais ingrata de todas.

296 As bemaventuranças saõ muito desamoraveis , e naõ ha mayor inimigo do amor , que a felicidade . Provavaõ antigamente isto os Prégadores com o exemplo de Joseph nas ingratidoens do Copheiro de Faraó . Mas hoje estaõ estes desenganos taõ provados nas experencias , que naõ necessitaõ de fé , nem de escrituras . O certo he , que toda a fortuna tem jurisdiçāo no amor : se he adversa , ninguem vos ama : se he prospera , a ninguem amais . He tanto assim , que como coufa nova , e singular dille S. Paulo de Christo : *Qui descendit , ipse est & qui ascendit:* O Senhor , que subio ao Ceo , he o mesmo , que desceo á terra . Porque os outros homens commumente quando sobem , saõ huns , quando descem , saõ outros , por isso ha tantos , que trabalhem pelos fazer descer ; porque o amor está em tal estado , que sendo affecto do coraçāo , depende mais dos lugares , que das vontades . He possivel , que taõ depressa se esquecem os Principes , e desconhecem a quem os serve ! Pouco era ser possivel , he costume .

Part. 4.  
Num. 510.

## D I S C U R S O XXXVIII.

*Tirado de hum sermaõ de nossa Senhora da Graça.*

G R A C . A.

Part. 2.  
Num. 311.

297 **H**A coufas , que avultaõ muito , e pezaõ pouco . Somos entrados na mais grave , e importante materia , que se pôde tratar neste lugar : pezar

## Discurso XXXVIII. 221

pezar a graça de Deos. Todas as vezes, que confidero a facilidade, com que os homens perdem a graça de Deos, o esquecimento della, com que vivem, e ainda o descuido, com que morrem, naõ acho outra cousa a esta cegueira, senão a falta do verdadeiro conhecimento, e naõ chegarem os homens a pezar, que coula he a graça de Deos. A graça de Deos he espiritual, nós somos carne: a graça he sobrenatural, nós em tudo seguimos a natureza: a graça naõ se vê, naõ se ouve, naõ se apalpa, nós naõ sabemos perceber, senão o que entra pelos sentidos. Daqui vem, que naõ pézamos a graça, nem a conhecemos, nem a percebemos, nem ainda a podemos, nem sabemos pezar, como convém. Isto quizera eu que fizéramos hoje. Mas que cousa ha no mundo de tanto pezo, que se possa pôr em balança com a graça de Deos? Se discorreremos por todos os estados do mundo, fora materia muito proveitosa, mas infinita.

298 Posto pois em balança o valimento do maior Principe, posta em balança de huma parte a graça dos Reys, e da outra a graça de Deos, qual peza mais? Se houvermos de estar pelo juizo communum dos homens, mais peza a graça dos Reys. Digaõno aquelles, que tantas vezes por contentar aos Príncipes atropellaõ a graça de Deos. Quaes ſaõ as artes communmente dos que andaõ junto dos Reys? A lisonja, a ambição, a calumnia, a inveja, o chegar hum, o desviar outro, o levantar estes, e derrubar aquelles, o tratar da conservaçao propria ſem reparar na vida, na honra, no estado, na ſucessão, na ruina alheya. E com isto podeſe conſervar a graça de Deos? Claro está que naõ. Pois por iſſo a graça de Deos, e a dos Reys ou naõ andaõ, ou difficultosamente

Num. 312.

222. *Vieira abbreviado*

mente podem andar juntas. Esta he a meu juizo a mayor desgraça dos Reys, que os que andaõ na sua graça, andaõ ordinariamente fóra da graça de Deos.

299 A graça dos Principes naõ vos prégarei eu, que naõ he muito pezada, e muito contrapezada, mas he de muito pouco pezo. Seja esta a primeira diferença entre a graça de Deos, e a graça dos Reys. A graça de Deos he a couta de mayor pezo, e naõ he pezada: a graça dos Reys he huma coufa, que peza muito pouco, e he pezadíssima. A graça dos Reys para se conservar quantos cuidados custa? A graça de Deos he hum descuido de tudo o mais, e só a podem offendre outros cuidados. A graça dos Reys he hum alvo a que se atiraõ todas as settas: a graça de Deos he hum escudo, que nos repara de todas. A graça dos Reys muitas vezes he conveniencia, outras necessidade, algumas gosto, e sempre tem poucos quilates de vontade: a graça de Deos, como Deos naõ depende, nem ha mister, toda he amor. A graça dos Reys por muito que levante ao valido, sempre o deixa na esfera de vassallo: a graça de Deos sobe o homem á familiaridade de amigo, á dignidade de filho, e á semelhança de si mesmo. A graça dos Reys naõ vos dá parte da coroa: a graça de Deos he participaõ da sua divindade. A graça dos Reys, ainda que deis o sangue por elles, naõ basta para a alcançardes: a graça de Deos, deo Deos o sangue por vós só para vo la dar. A graça dos Reys, se he grande, he de hum só, se he de mais que de hum, he pouca, e de poucos: a graça de Deos, he de todos os que a querem, poemlhe a medida o amor, e naõ a diminue a companhia. A graça dos Reys nem he para perto, nem para longe, porque de

## Discurso XXXVIII. 223

de perto enfaltiais, e de longe esqueceis : a graça de Deos nunca tem longes , e quanto estais mais perto de Deos , tanto estais mais seguro na sua graça.

300 A graça dos Reys he data da fortuna : a graça de Deos he premio do merecimento , e esta só propriedade , quando naõ houvera outra , bastava para a fazer de summa estima. A graça dos Reys ainda que façais pela merecer , nem por isso a conseguis, antes muitas vezes a lograõ mais os que a merecem menos : a graça de Deos se fizerdes pela merecer , naõ vo la pôde Deos negar. A graça dos Reys para ser mudavel bastava fundarse em vontade humana ; mas fundase em vontades coroadas , que como saõ as mais livres , saõ tambem as mais indifferentes , por naõ dizer as mais inconstantes : a graça de Deos fundase em vontade divina , que como naõ pôde errar a a eleiçaõ , naõ pôde mudar o affecto. A graça dos Reys poucas vezes dura tanto como a vida do valido , e quando dura quanto pôde , acaba com a vida do Rey : a graça de Deos cresce na vida , e confirma-se na morte : da parte do homem he immortal ; porque se funda na alma , da parte de Deos he eterna ; porque he graça de Deos. A graça dos Reys dizem que he huma grande altura : a graça de Deos he certo , que he posto muito mais alto , e ainda que ambas estaõ juntas aos precipícios , da graça de Deos podeis cahir , da graça dos Reys podemvos derrubar.

301 A graça dos Reys pôdevola tirar a calunia : a graça de Deos só vola pôde tirar a culpa. Da graça , e privança do Rey pôdevos tirar o Rey todas as vezes que quizer : a graça , e a privança de Deos nem o mesmo Deos vola pôde tirar , sem vós quererdes , e se quizerdes será muito a seu desprazer.

## 224 *Vieira abbreviado*

zer. A graça dos Reys depois de perdida naõ se recuperá com rogos : a graça de Deos se a perdeis , o mesmo Deos vos roga , que torneis a ella. Depois de perdida a graça dos Reys , fica o pezar sem remedio : depois de perdida a graça de Deos naõ he necessario outro remedio mais que o pezar. Pezouvos, estais outra vez na graça. A graça dos Reys dáse aos ditosos , de que depois se haõ de fazer os arrependidos : a graça de Deos dále aos arrependidos , que desde logo começaõ a ser ditosos. A ambas as graças anda junto o arrependimento , mas a dos Reys temno depois, a de Deos antes. A graça dos Reys he graça sem sacramentos : a graça de Deos tem sete: tem bautismo para o innocent , e tem penitencia para o culpado , tem confirmaçao para a vida , e tem extremaunçaõ para a morte , tem ordem para o Ecclesiastico , e tem matrimonio para o leigo , e finalmente tem communhaõ para todos. Sete portas nos deixou abertas Deos para entrarmos á sua graça , e nenhum dos que entraõ por ellias , as pôde fechar a outro. Só em huma cousa se parece a graça de Deos com a dos Reys , e he que ambas mudaõ os homens. Huns , e outros naõ saõ os que dantes eraõ ; mas com esta diferença : os que se vem na graça dos Reys , esquecemse do que foraõ , e tambem se esquecem do que podem vir a ser : e os q' andaõ na graça de Deos , de nenhuma cousa se lembraõ , senaõ do que haõ de vir a ser , e nenhuma cousa lhes dá pena , senaõ a lembrança do que foraõ. Finalmente a graça dos Reys naõ pôde dar paraíso , tirallo sim : a graça de Deos , he a que só dá paraíso , e só a falta della o inferno.

Num. 316. 302 Basta isto para provar , que a graça de Deos peza mais , que a graça dos Reys? Se ainda naõ basta , ajunte-

## Discurso XXXVIII. 225

ajuntemos o fim com o principio. Se nos naõ basta como Christaos saber, que a graça dos Reys he o maior risco da graça de Deos, bastenos como politicos faber, que a graça de Deos he a mayor segurança da graça dos Reys. Naõ ha graça dos Reys segura, se naõ fundada na graça de Deos. Joseph foy valido d'El Rey Faraó, Daniel foy valido d'El Rey Dario, Aman foy valido d'El Rey Asuero, e que lhe aconteceo a estes validos? Joseph, e Daniel conservaraõ se na graça, Aman naõ se conservou. Porque? Porque a graça de Aman fundavase na vontade do Rey: a graça de Joseph, e Daniel fundaraõ se na graça de Deos. Quando a graça dos Reys se funda na graça de Deos, nem ella pôde cahir, nem outrem a pôde derrubar. Tanto peza a graça de Deos, que até a dos Reys leva a poz si.

303 - Nenhuma coufa ha no mundo, que tanto peze com os homens, e de que elles tanto se prezem, e desvaneçaõ, como da nobreza do sangue. Se a nobreza, e a graça, se as manchas do sangue, e as manchas da consciencia andaraõ na mesma reputaçao, estivera reformado o mundo.

304 Chama o Euangelho a Maria Cleofe irmã da Virgem Maria: *Soror Matri ejus*, naõ porque fosse filha dos mesmos pays da Senhora; mas porque os Hebreos chamavaõ irmãoõs aos primos. Este parentesco, que Maria Cleofe tinha com Maria Mây de Deos, era a mais qualificada nobreza, que nunca houve no mundo, naõ por ser sangue legitimo de David, e Reys de Israel, de quem a Senhora descendia por linha direita; mas por ter sangue com esmaltes de divino; porque era sangue do fângue da Mây de Deos. Mas posta em balança de huma parte toda

Num. 32. 18

Num. 32. 19

Num. 32. 21

Num. 32. 21

## 226 Vieira abbreviado

esta nobreza, e da outra a graça de Deos, qual pezará mais?

305 Ainda que na balança se pozessem todos os quatro metaes da estatua de Nabuco, que era de sangue Imperial de todos os quatro costados dos Imperadores Assyrios, dos Imperadores Persas, dos Imperadores Gregos, dos Imperadores Romanos, comparada toda esta nobreza de sangue com a de Cleofe, naõ pezaria hum atomo; mas todo esse sangue, e sua nobreza, posto em balança com a graça: *Inventus est minus habens*, peza menos, e tanto menos, que quasi naõ tem pezo.

*Num. 322.* 306 Ouçaõ isto os que por hum ponto de vaidade, a que chamaõ nobreza, naõ duvidaõ arriscar tantas vezes, e perder a graça de Deos. He a graça esfencialmente huma participaõ tão alta, tão sublime, e tão intima da mesma natureza divina, que naõ só se nos communica por ella o nome, senaõ o verdadeiro ser de filhos de Deos: *Ut filii Dei nomine-mur, & simus.* E que nobreza de sangue ha no mundo, que se possa comparar com esta?

*Joan. 3. 6.* 307 Os regenerados pela graça, que receberão de Christo, de quem cuidais que descendem? *Non ex sanguinibus:* Naõ descendem lá dos vosso sangues, em que o que se desvanece de mais vermelho, senaõ sabe já de que cor he: naõ dos vosso sangues, em que se hum foy pintado de purpura, os quatro saõ tingidos de almagra: naõ dos vosso sangues, que quando sejaõ tão limpos como o de Abel, pelo mesmo lado tem mistura de lodo, e douis quartos de Caim. Pois de quem descendem os que estaõ em graça? *Non ex sanguinibus, sed ex Deo.* Descendem por antiguidade do Eterno, por grandeza do Omnipotê-

## Discurso XXXVIII. 227

potente , por alteza do Incomprehensivel , e por toda a nobreza , e ser daquelle , que só tem o ser de si , e dá o ser a todas as cousas : *Sed ex Deo nati sunt.* Peza bem esta balança ? Oh quanto nella se pôde subir , e quanto se pôde descer ? Vós , os que tanto vos prezais dos altos nascimentos , senão estais em graça de Deos , descei , descei , e abatei os fumos , que o vosso escravo , se está em graça , he mais honrado que vós. E vós , a quem por ventura Deos , por vos fazer mayor favor , quiz que nascestis humilde , naõ vos desconsoleis , levantay o animo , que se estais em graça de Deos , sois da mesma illustre nobreza , e da mais alta geraçao de quantas ha no mundo , e fóra do mundo ; porque só o Filho de Deos se pôde gabar de ter taõ bom pay como vós.

308 Ha mais que pezar com a graça ? Tudo o que ha no Ceo , e na terra : *Mater ejus: A dignida-*  
Num. 324  
*de de Māy de Deos. Agora havemos de pezar naõ a*  
graça , senão a dignidade. Os que tantas vezes pizais a graça de Deos , os que tantas vezes fazeis degrao da graça de Deos para subir ás dignidades do mundo , estay attentos , e ouvi agora. A dignidade mais soberana , mais sobrenatural , e mais divina , que cabe em pura creatura , he a dignidade de Māy de Deos. Os Theologos lhe chamaõ dignidade em seu genero infinita ; porque todo o outro nome he menor , que sua grandeza. Posta pois em balança esta dignidade assim infinita , qual pezará mais , a dignidade de Māy de Deos , ou a graça ? A dignidade de Deos sempre anda junta com a graça , e muita graça. Mas separada a graça da dignidade , e a dignidade da graça , digo , que muito mais peza a graça , que a dignidade. Ainda disse pouco. Muito mais peza hum

## 228 Vieira abbreviado

10 grao de graça em qualquer homem , que toda a dignidade de Māy de Deos. Naō me atrevera a dizer tanto , se naō tivera por fiador desta portentosa verdade o mesmo Filho de Deos , que fez á Virgem Māy sua. Exclamou a mulher das turbas : *Beatus venter, qui te portavit:* Bemaventurada a Māy , que trouxe nas entranhas tal Flho. Respondeo o Senhor : *Quin-immo beati, qui audiunt verbum Dei , & custodiunt illud:* Antes te digo , que mais bemaventurados saõ os que ouvem a palavra de Deos , e a guardaõ. E se naō , vede-o nos effeitos da mesma dignidade , e da mesma graça na mesma Senhora. A dignidade fela māy , mas a graça fela digna : a dignidade fela Rainha , mas a graça fela santa : a dignidade levantou-a sobre todas as criaturas , mas a graça unio-a ao mesmo Creador : a dignidade fez , que ella communicaſſe a Deos o que Deos tem de homem , a graça fez , que Deos lhe communicaſſe a ella o que Deos tem de Deos : *Communicasti mihi , quod homo sum , communicabo tibi , quod Deus sum,* diz Guerrico Abade.

309 Quereis agora ver esta mesma soberania na graça de cada hum de vós? Estay comigo. A dignidade de Māy de Deos he hum poder taõ soberano , e supremo , que domina a todos os homens , a todos os Reys , e Monarchs do mundo , que domina a todos os Anjos , e a todas as Jerarchias , e que até ao mesmo Deos , em quanto filho , tem obediente , e sujeito : *Et erat subditus illis.* A dignidade de Māy de Deos he huma alteza taõ sublime , taõ remontada , e taõ incomprehensivel , que nem a podem conceber os entendimentos humanos , nem a podem alcançar os entendimentos Angelicos , e Seraficos , nem o en-

Luc. 2.  
52.

## Discurso XXXVIII. 229

tendimento da mesma Virgem Maria a pode comprehendere; porque só Deos, que se comprehende a si mesmo, pode comprehendere, e conhecer cabalmente o que he ser Māy de Deos. Finalmente a dignidade de Māy de Deos he de tal maneira a ultima raya da omnipotencia divina, que naõ havendo coufa no mundo, que naõ possa Deos fazer outras sempre maiores, e melhores em infinito; maior, e melhor Māy a naõ pode Deos fazer, e sendo taõ infinitamente grande, e taõ impossivelmente maior, e melhor, que todas, esta dignidade de Māy de Deos, posto em balança da outra parte hum só grao de graça de Deos, peza mais esta pequena graça, que toda aquella immensa dignidade. Ouvi com assombro ao grande Agostinho: *Maternum nomen etiam in Virgine est terrenum in comparatione cœlestis propinquitatis, quam illi contrahunt, qui voluntatem Dei faciunt.* Pode haver coufa de mayor admiraçao, e de mayor consolaçao para os que estaõ em graça de Deos, e de mayor confusaõ para os que a perdem, e de mayor desesperaçao para os que estaõ no inferno, e já a naõ podem recobrar? Entendamos bem este ponto, Christaõs.

310 Quem me dera agora huma voz, que se ou- Num. 327:  
vira em todas as Cortes do mundo, com que confundira naõ já a ambiçaõ, senaõ a pouca fé dos que taõ louca, e cegamente traz fóra de si a pertençaõ das quelles nomes vazios, a que o mundo bruto chama dignidades! Tantos trabalhos, tantos cuidados, tantos desvelos, tantas diligencias, tantas negociaçoes, tantos subornos, tantas lisonjas, tantas adoraçoes, tantas indignidades, tanto atropelar a razaõ, a justiça, a verdade, a consciencia, a honra, e a vida; é

## 230 Vieira abbreviado

porque? Por alcançar a vaidade de hum posto, de hum lugar, de hum titulo, de hum nome, de huma apparencia. E no mesmo tempo entra a velhinha por aquella Igreja, toma agua benta com piedade christã, e por aquelle acto de religião tão leve adquire hum grao de graça, que peza mais que todos os lugares, que todas as honras, que todos os titulos, que todas as dignidades do mundo, ainda que seja a dignidade de Mão de Deos. Credes isto, Christãos, ou não o credes? O certo he, que ou não temos fé, ou muito fraca.

Part. 5.

Num. 398.

311 Dizeime: Quaes saõ as cousas neste mundo, pelas quaes os homens costumão perder, ou vender a graça de Deos? Geralmente, diz S.Joaõ Euangelista, saõ ou desejo de riquezas, ou desejo de honras, ou desejo de gostos, e deleites dos sentidos. Ponde agora tudo isto em huma parte da balança, e da outra hum só grao da graça, e vede qual peza mais. Ponde todo o ouro, toda a prata, todas as perolas, e pedras preciosas, que gera o mar, e a terra, e hum grao de graça, não só peza mais sem nenhuma comparação, mas o mesmo seria, se toda a terra fosse ouro, e todas as pedras diamantes. Accrecentay mais á balança todas as honras, todas as dignidades, todos os cetros, e coroas, todas as mitras, e thiarias, e tudo quanto estima a ambição humana, e nenhum pendor faz em respeito de hum só grao da graça, como tambem o não faria, ainda que Deos levantasse hum novo Imperio, no qual hum homem dominasse a todos os homens, e a todos os Anjos.

312 Finalmente, sobre as riquezas, e honras acumulem-se todos os gostos, todas as delicias, todos os prazeres, não só quanto se gosaraõ, e podem gozar

## Discurso XXXVIII. 231

gosar neste mundo, senão tambem os que se perde-  
ráo no Paraíso terreal; e para que vos naõ admireis  
de que peze muito mais hum grao de graça, sabei  
que ainda he mais digno de se appetecer, que tudo  
quanto gosaõ, e quanto haõ de gosar por toda a eter-  
nidade com a vista clara de Deos todos os bem-  
aventurados do Ceo. E fendo isto assim pôde haver  
mayor loucura, que por huma onça de interesse, por  
hum pontinho de honra, e por hum instante de gos-  
to perder naõ hum só grao de graça de Deos, senão  
toda a sua graça!

313 Mas que havemos de fazer para acabar de Part. 2.  
pezar, como convém, a graça de Deos? Sabeis quan- Num. 328.  
to peza a graça de Deos? Peza a Deos posto em hu-  
ma Cruz, Deos posto em huma Cruz he o preço, e  
o pezo justo da graça de Deos, e naõ ha outro. Ponde  
naquelle balança Reynos, ponde coroas, ponde  
ceptros, ponde Imperios, ponde Monarchias, ponde  
de tudo, o que pôde dar a natureza, e tudo o  
que pôde dar a fortuna, ponde o mundo, ponde  
mil mundos, ponde o mesmo Ceo com sua glo-  
ria, nada disto faz pendor em comparaçao da gra-  
ça, que taõ facilmente perdemos. Posta em balan-  
ça a graça, só Deos pôde igualar as balanças. E se  
naõ vejase em tudo o mais pela diferença do que  
lhe custa. Os bens deste mundo ou sãõ bens da na- Num. 329.  
tureza, ou bens da fortuna, ou bens da gloria, ou  
bens da graça. Os bens da natureza custaraõlhe a  
Deos huma palavra de sua omnipotencia, com que  
os creou: os bens da fortuna custaraõlhe hum ace-  
no de sua providencia, com que os reparte: os  
bens da gloria custaraõlhe huma vista de sua essen-  
cia, com que se comunica: e os bens da graça

## 232 Vieira abbreviado

que lhe custaraõ? Diga-o a Cruz: custaraõ a vida de Deos, custaraõ o sangue de Deos, custaraõ a alma de Deos, custaraõ a divindade de Deos. Peza muito a graça de Deos?

### DISCURSO XXXIX.

*Tirado de hum sermaõ da Dominga vigesima segunda post Pentecosten na occasião, em que o Estado do Maranhaõ se repartio em dous governos, e estes se deraõ a pessoas particulares moradoras da mesma terra.*

### G O V E R N O.

Part. 5.  
Num. 300. 314 **N**Aõ ha terra mais difficultosa de governar, que a patria: nem ha mando mais mal soffrido, nem mais mal obedecido, que o dos  
Num. 197. iguaes. Todos os que governaõ saõ imagens de seus Principes; porque os representaõ na pessoa, e no  
Num. 303. exercicio dos poderes. Porém quando os Reys naõ  
Num. 310. vaõ ás conquistas, ou elles saõ taõ remotas, que naõ podem lá ir, como os longes sempre saõ longes, quaõ longe está o Rey dos criados, taõ longe se poem elles das suas obrigaçõens. Quando o Rey vay do Reyno ás conquistas, e das conquistas torna ao Reyno, he Rey do Reyno, e mais das conquistas; mas quando o Rey fica no Reyno, e ás conquistas manda só os criados, os criados saõ os Reys das conquistas, e naõ o Rey. O Rey falos suas imagens, e elles fazemse Reys.

Num. 311. 315 E quem lhe dá estes azos, ou estas azas, se-  
paõ aquelles, que os levaõ, e poem taõ longe? De Roma

## Discurso XXXIX. 233

Roma a Jerusalém ainda tinhaõ algum vigor os respeitos do Cesar: *Si hunc dimitis, non est amicus Cæsar is*; mas de Lisboa a Índia, e ao Brasil com todo o mar Oceano em meyo? A fé, a obrigaçāo, a obediencia, o respeito, tudo se esfria, tudo se marea, tudo reserve. Vendote taõ longe de quem os manda, como lá podem o que querem, naõ se contentaõ com querer o que podem: levaõ os poderes de imagens, e tomaõ as omnipotencias de Cesares, e naõ de Augustos, ou Trajanos para conservaçāo, e aumento da Monarchia; mas de Tyberios, de Caligulas, de Neros destruidores della, para que nos naõ admiremos das ruinas da nossa, nem lhe busquemos outra causa. Porque perdeo Adaõ com o Paraíso a Monarchia do Universo? Porque se naõ contentou com ser imagem de Deos, mas quiz ser como o mesmo Deos, que o fizera sua imagem. E isto, que fez Adaõ na Ásia, he o que fazem na mesma Ásia, e na nossa America os que naõ se contentando com ser imagens dos Reys, excedem taõ exorbitantemente toda a medida, e proporçāo de imagens, como agora veremos.

316 Antes de haver no mundo a arte da pintura Num. 312.  
(que começou depois do incendio de Troya) diz Plínio, que se retratavaõ os homens cada hum pela sua sombra. Punhase o homem em pé, fazia sombra com o corpo interposto á luz do Sol, e aquella sombra cortada pela mesma medida era a sua imagem. E como se podia conhecer a imagem, se naõ tinha feiçōens, por onde se distinguisse? Diz o mesmo Plínio, que para se conhecer lhe escreviaõ ao pé o nome de quem era: *Omnis umbra hominis circumducta: ideo & quos pingerent adscribere institutum.*  
Faziaõse

## 234 Vieira abbreviado

Faziaõse os retratos naquelle rudeza da arte, como em Portugal os que chamaõ ricos feitos, nos quaes as imagens se naõ conhiceriaõ pela figura, se o naõ dissesse o rotolo. E he lastima, que prohibindo Alexandre, que ninguem podéssse pintar a sua imagem, senaõ Apelles, cá nos appareçao algumas figuras taõ dessemelhantes dos soberanos originaes, que mais parecem ricos feitos, que verdadeiras imagens do que ha de crer a nossa fé, que reprelentaõ. Mas ainda tinhaõ outra maior impropriedade as imagens cortadas pela medida da sombra; porque segundo o lugar, em que estivesse o Sol, seriaõ sem nenhuma proporçaõ muito mayores, que os mesmos, a quem representaõ. E isto he o que se vê, como eu dizia, na Asia, e na America, nas Indias Orientaes, onde nasce o Sol, e nas Occidentaes, onde se poem. Naõ pôde haver semelhança mais propria. A sombra, quando o Sol está no Zenith, he muito pequenina, e toda se vos mete debaixo dos pés; mas quando o Sol está no Oriente, ou no Occaso, essa mesma sombra se estende taõ immensamente, que mal cabe dentro dos horizontes. Assim nem mais, nem menos os que pertendem, e alcançaõ os governos ultramarinos. Lá onde o Sol está no Zenith, naõ se metem estas sombras debaixo dos pés do Principe, senaõ tambem dos seus Ministros. Mas quando chegaõ áquellas Indias, onde nasce o Sol, ou a estas, onde se poem, crescem tanto as mesmas sombras, que excedem muito á medida dos mesmos Reys, de quem saõ imagens.

317 He cousa muito notavel, e que por ventura naõ tendes advertido, quanto excedeõ a medida de Nabucodonosor a grandeza daquella imagem, que elle mandou fazer depois que vio em ionhos a sua

## Discurso XXXIX. 235

sua estatua. Diz a Historia sagrada , que tinha de altura , ou comprimento secenta covados : *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream altitudine cubitorum sexaginta.* Agora pergunto : E quanto vinha a ser mayor a grandeza desta imagem , que a estatura do mesmo Rey , a quem representava ? Segundo as regras de Vitruvio , e a symetria , e proporçoes de hum corpo humano , o dedo menor da maõ , a que vulgarmente chamamos meminho , contém a decima oitava parte do mesmo corpo. E que se segue daqui ? Cousa verdadeiramente naõ sey se mais para admirar , se para rir. Seguese que todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo meminho da sua imagem. Já naõ he grande a insolencia de Roboaõ em dizer , que era mais grosso o seu dedo meminho , que El Rey Salamaõ seu pay pela cintura. Mas qual ferá a daquelles vasallos , que fendo sómente imagens dos seus Reys , se fazem tanto mayores , que elles cá onde o Sol se poem , ou lá onde o Sol nasce , quanto he o excesso immenso , com que a sombra se estende sem outra medida , sem outra proporçaõ , nem outro limite mais , que o que no mar , ou na terra fecha os horizontes ? A imagem de Nabuco era de ouro , as suas saõ de sombra ; mas como as artes , que vem , ou vaõ exercitar , saõ as da solida , e verdadeira alchimia , elles sabem converter essa sombra em ouro , e fazer-se melhor adorar , que o mesmo Nabuco. A imagem de Nabuco para os leus adoradores naõ tinha premios , e para os que a naõ adoravaõ , tinha fornalhas . Lá , e cá naõ he assim. Os que adoraõ , e os que naõ adoraõ , todos ardem ; porque todos por diversos modos ficaõ abrazados , e consumidos.

Dan. 3. 1.

318 Estes , e outros saõ os milagres daquellas Num. 313<sup>a</sup> cano-

## 236 Vieira abbreviado

canonizadas imagens , que chegaõ aqui despidas , e toscas , e tornaõ eltofadas de borcado , e ouro , e pintadas com as faltas cores , com que enganaraõ a fama , por ella saõ recebidas em andores , e frequentadas com romarias.

Num. 314. 319 Atégora tenho representado aos nossos novos Governadores , e naturaes o que naõ devem imitar nos estranhos. Nem creyo lhe será difficultosa a abominaçaõ de taõ perniciosos exemplos , naõ só como experimentados em todos , mas tambem como feridos , e magoados. Saybaõ porém , que nelles como naturaes concorre outra terceira difficultade ; que nos estranhos naõ tem lugar. Porque ? Porque ainda que huns , e outros saõ imagens , elles saõ imagens com as raizes na terra. As imagens naõ só saõ obra dos Estatuarios , e Pintores , senaõ tambem dos jardineiros. Huma das cousas mais curiosas , que se vê nos jardins , onde as terras se cultivaõ mais primorosamente , que nesta nossa , saõ varias figuras de murta , ou de outras plantas , formadas com tal artificio , proporçaõ , e viveza de membros , que tirada a cor verde , em tudo o mais se naõ distinguem do natural , que representaõ. Mas esta mesma representaçaõ he muito difficultosa de conservar. As outras imagens , ou sejaõ fundidas em metal , ou esculpidas em pedra , ou entalhadas em madeira , ou pintadas nos quadros , ou tecidas nos tapizes , sem mais diligencia , nem cuidado sempre conservaõ , e representaõ a figura ; que lhe deo o artifice. Porém as que saõ formadas de plantas , como tem as raizes na terra , donde recebem o humor , crescendo naturalmente os ramos , facilmente se descompoem , e se fazem monstros. Isto mesmo succede , ou pôde succeder aos que tem

## Discurso XXXIX. 237

tem o governo da sua propria patria , e naõ por outra razaõ , ou fundamento , senaõ porque tem as raizes na terra. Alli tem os parentes , alli os amigos , alli os inimigos , alli os interesses da fazenda , da familia , da pessoa . E qualquer destes humores , ou respeitos , e muito mais todos juntos podem descompor de tal forte a imagem , e representaõ de quem governa , que nem a apparencia lhe fique do que deve ser , e em tudo obre , e seja o contrario do que he obrigado.

320 Se o humor das raizes lhe brotar pelos olhos , naõ poderá ver as couzas , nem ainda olhar para ellas sem paixaõ , que he a que troca as cores ás mesmas couzas , e faz que se vejaõ humas por outras. Se lhe tomar , e ocupar os ouvidos , naõ ouvirá as informaõens com a cautela , com que as deve examinar , ou ficará taõ surdo , que as naõ ouça , ainda que sejaõ clamores. Se lhe rebentar pela boca , mandará o que deve prohibir , e prohibirá o que deve mandar , e as suas ordens seraõ desordens , e as suas sentenças aggravos. Finalmente se fahir , e vecejar pelos braços , e pelas maõs , que saõ as extremidades mais perigosas , e onde se experimentaõ maiores excessos , estenderá os braços , aonde naõ chega a sua jurisdiçao , e meterá a maõ , e encherá as maõs do que naõ deve tocar .

321 Por certo , que se os que tomaraõ sobre si eltes encargos , se aconselharão , naõ digo comigo , se-  
naõ com as mesmas plantas , que tem as raizes na ter-  
ra , ainda que os governos forao de mayor suposi-  
çao , e authoridade , os naõ haviaõ de aceitar . O pri-  
meiro apolo go , que se escreveo no mundo , ( que he  
fabula com significaõ verdadeira ) foy aquelle ,  
que refere a sagrada Escritura no cap. 9. dos Juizes.  
Quizeraõ , diz , as arvores fazer hum Rey , que as go-  
ver-

Num. 315.

## 238 Vieira abbreviado

vernasse , e foraõ offerecer o governo á oliveira , a qual se escusou dizendo , que naõ queria deixar o seu oleo , com que se ungem os homens , e se alumiaõ os deoses . Ouvida a escusa , foraõ á figueira , e tambem a figueira naõ quiz aceitar , dizendo , que os seus figos eraõ muito doces , e que naõ queria deixar a sua doçura . Em terceiro lugar foraõ á vide , a qual disse , que as suas uvas comidas eraõ o sabor , e bebid as a alegria do mundo , e a quem tinha taõ rico patrimonio , naõ lhe convinha deixallo para se meter em governos . De sorte que assim andava o governo universal das arvores , como de porta em porta , sem haver quem o quizesse . Mas o que eu noto nestas escusas he , que todas convieraõ em huma só razaõ , e a mesma , que era naõ querer cada huma deixar os seus fructos . E houve alguem que dissesse , ou propozeisse tal cousa a estas arvores ? Houve alguem , que dissesse á oliveira , que havia de deixar as suas azeitonas , nem á figueira os seus figos , nem á vide as suas uvas ? Ninguem . Sómente lhe disséraõ , e propozeraõ , que quizessem aceitar o governo . Pois se isso foy só o que lhe disséraõ , e offereceraõ , e ninguem lhe fallou em haverem de deixar os seus fructos ; porque se escusaõ todas com os naõ quererem deixar ? Porque entenderaõ sem terem entendimento , que quem aceita o governo dos outros , só ha de tratar delles , e naõ de si , e que se naõ deixa totalmente o interesse , a conveniencia , a utilidade , e qualquer outro genero de bem particular , e proprio , naõ pôde tratar do communum .

Num. 316.

322 Saybamos agora ; e naõ de outrem , senaõ das meias arvores , se este bom governo do modo , que ellas o entenderaõ , se pôde conseguir , e exercitar

## Discurso XXXIX. 239

tar com as raizes em terra ? Assim as que o offerecerão, como as que o naõ aceitaraõ, todas concordaõ, que naõ. Que differaõ as que offerecerão o governo ? Differaõ a cada huma das outras : *Veni, & impera* Judic. 5. *nobis* : Vinde, e governainos. Vinde ? Logo se ellas 12. haviaõ de ir, haviaõse de arrancar do lugar, onde estavaõ, e deixar as suas raizes : e cada huma das que naõ aceitaraõ, que respondeo ? Respondeo, que naõ podia ir, porque movendose havia de deixar as suas raizes, e sem raizes naõ podia dar fructo : *Nunquid* Ibid. 9. *possum deserere pinguedinem meam, & venire, ut inter lignea promotear?* De maneira que governar, e governar bem naõ pôde ser com as raizes na terra. Governar mal, e para destruiçao do bem commun, isso sim, e na mesma historia o temos, que ainda vay por diante.

323 Vendo as arvores, que as tres, a que tinhaõ offerecido o governo, o naõ quizeraõ aceitar, diz o texto, que se foraõ ter com o espinheiro, e lhe fizerão a mesma offerta. E que respondeo o espinheiro ? He reposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foý a mesma : *Veni, & impera super nos,* Ibid. 14. e elle respondeo, naõ só como espinheiro, senaõ como espinhado : *Si vere me regem vobis constituitis, venite, & sub umbra mea requiescite : si autem non vultis, egrediatur ignis de rhamno, & devoret cedros Libani:* Se verdadeiramente medais o Imperio, vinde todas deitarvos a meus pés, e porvos á minha sombra : e se houver alguma, que repugne, sahirá tal fogo do espinheiro, que abrase os mais altos cedros do Libano. Naõ ley se reparais na diferença. As arvores, que lhe offerecerão o governo, differaõlhe : *Veni, & elle disselhes : Venite.* Naõ sou eu o que hey  
de

## 24º Vieira abbreviado

de deixar as minhas raizes , senão vós as vossas. Em conclusão , que quem ha de governar bem , deixa as suas raizes , e quem governa mal , arranca as dos subditos , e só trata de conservar as suas.

Num. 317. 324 Esta lie a particular difficultade , e o grande perigo , em que estão , de se não conformarem com o soberano original , que representaõ as imagens , que tem as raizes na terra. He necessario para se conservarem nesta nova representaõ , e para governarem , como devem , que se apartem das suas proprias raizes. Olhay para todas as varas desde a mayor á menor , com que se governa a Republica. Aquellas varas não tiverão tambem suas raizes ? Sim tiverão. Mas para governarem , e terem jurisdição , todas fôrão primeiro cortadas das mesmas raizes , e por isso todas são varas secas. Que remedio logo para que as novas varas , que nos governão , tendo como tem as raizes na terra , conservem a imagem do Cesar , que representaõ ? O melhor , e anticipado remedio houvera sido escusaremse , como fizeraõ as arvores bem entendidas; mas a escusa já não tem lugar: só vos aconselho , que façais com toda a applicação o que pôde a diligencia , e a industria. Que faz o jardineiro para conservar a representaõ das suas imagens , por mais que tenham as raizes na terra ? Traz sempre os olhos postos na figura , que representaõ , e contra todo o impeto do humor , que as mesmas raizes naturalmente communicaõ á planta , já endireitando , já dobrando , já ligando , já decotando , conserva nelas a imagem tão proporcionada , inteira , e sem mudança , como se a tivera lavrado em marmore , ou fundido em bronze.

Num. 318. 325 Tudo isto he necessario a quem ha de retratar,

## Discurso XXXIX. 241

tar, ou transfigurar em si naõ outra, nem menor, ou menos fagrad<sup>a</sup> imagem, que a da mesma pessoa Real, a quem representa. Ha de endireitar, ha de dobrar, ha de ligar, ha de cortar, e como? Ha de endireitar a intençāo, tendo-a sempre muito recta de servir só a Deos, e ao Rey. Ha de dobrar a vontade, para que sempre se incline, e siga o juizo, e dictames da verdadeira razaõ. Ha de ligar, e atar o appetite, que junto com o poder he muito violento, e rebelde, para que se naõ desenfree. E finalmente se algum destes affectos quizer brotar no que naõ he decente a taõ soberana representação, decotallo logo, e cortallo, para que a naõ descomponha, e se acaso se sente por dentro, naõ appareça fóra.

326 A figura, que haveis de trazer sempre dante dos olhos, he o mesmo Rey, de quem sois imagem: e naõ como ausente, senaõ como presente, nem como invisivel, senaõ como visto. Mas como pôde isto ser, se elle está taõ distante? Muito facilmente, senaõ tirares os olhos do seu regimento; no qual vereis ao mesmo Rey taõ natural, e vivamente retratado em sua propria figura, como se o tivesseis presente. Dirmehéis, que no vosso regimento ledes sim as palavras, e firma do Rey, mas naõ lhe vedes a figura. Ora abri melhor os olhos, e logo a vereis. Nunca o pincel de Apelles retratou taõ felizmente a Alexandre, e o representou aos olhos taõ proprio, e taõ vivo, como os Reys no que escrevem, e ordeñaõ se retrataõ, ou reproduzem a si mesmos. Sa-<sup>Eccl. 20.</sup> piens in verbis producet se ipsum, diz o Espírito Santo. Mas ouçamos a hum Rey.

327 No tempo, em que os Godos dominaraõ a Italia, hum dos Reys, que tiveraõ a fortuna de escre-

Tom. I.

Q

ver

242 Vieira abbreviado

ver com a penna de Cassiodoro , despachando seus regimentos a alguns Ministros ausentes , que nunca o tinhaõ visto , diz assim : *Tenete speculum cordis , speculum voluntatis , ut quibus non sum facie notus , siam morum qualitate recognitus :* Quando chegar em ás voſſas maõs eſſas minhas letras , recebei-as co- mo hum espelho do meu coraçao , da minha vontade , e de mim mesmo : das quaes , pois me naõ conheceis pelo roſto , me conhecereis pelo animo . Notay agora o que accrescenta com juizo verdadeiramente real , diſcriçao , e agudeza mais que de Rey : *In hac me potius parte confidite , quæ latet præſentes : non eſt vobis damnum absentia meæ : utilius eſt mente noſſe , quam corpore :* Folgay , diz , de me ver antes no que vos escrevo , que em minha propria peſſoa , entendendo que me vedes melhor , do que os que na minha Corte estaõ presentes ; porque vereis o que elles naõ vem , e sabereis de mim o que eu lhe encubro a elles : assim que por este modo nenhum damno recebereis da minha ausencia , nem a minha preſença vos fará falta ; porque na preſença , como os de mais , vermeheis o roſto , e na ausencia , pelo que vos ordeño , vermeheis a alma . Mas naõ deixemos sem ponderaçao chamar o Rey ás suas ordens escritas espeſſo de ſi mesmo : *Tenete speculum cordis , speculum voluntatis .* A mais perfeita figura , que inventou a natureza , e naõ pôde imitar a arte , he a que ſe vê no espelho ; porque o que ſe vê nas cores da pintura , ou no vulto das eſtatuas , he só huma ſemelhança , e repreſentaçao da peſſoa ; porém no eſpelho naõ ſe vê ſemelhança , ou repreſentaçao , ſenão a mesma peſſoa por reflexão das eſpecies . O eſpelho naõ he outra couſa , que hum impedimento das eſpecies , com que

## Discurso XXXIX. 243

que vemos, o qual as naõ deixa passar, e tornaõ pára os olhos. E assim como o espelho, fendo impedimento da vista, por meyo da reflexão melhora a mesma vista, assim na ausencia, que tambem he impedimento da vista, por meyo da escritura fica a mesma vista melhorada. Sem escritura he a ausencia impedimento, com escritura he espelho. Este espelho pois dos Reys, em que mais vivamente se representa a sua mesma pelloa, que ha sua propria figura, he o que haõ de trazer sempre diante dos olhos os que tem por obrigaçao, e officio ser imagens do Rey: entendendo, que em quanto observarem as ordens do seu regimento, seraõ imagens do Cesar, e pelo contrario no ponto, em que se naõ conformarem com ellas, perderão a semelhança, a figura, e o ser de imagens suas. Assim que naõ ha outro meyo certo, e seguro de se conservarem na inteira representação de imagens de Cesar os que por merce, e authoridade sua tem esse nome, senaõ a verdadeira, e exacta observancia de suas ordens, e veremse, comporemse, e retrataremse em seus regimentos, como em espelhos.

328 Mas contra tudo isto se levanta aquella politica mais seguida pelo costume, que approvada pelos exemplos, a qual tem persuadido ao mundo, que só olhe, ou se deixe cegar do resplendor das imagens, sem advertir, que a representação, em que ellas consistem, posta em qualquer materia, sempre he a mesma. Quem verdadeiramente crê em Christo, tanto adora em hum crucifixo de ouro, como em outro de chumbo. Querem com tudo os lisongeiros, e os lisongeados, que só se devaõ os governos, e só sejaõ aptos para elles os nomes pomposos, e appellidos

## 244 Vieira abbreviado

lidos illustres: como se as accoens, e feitos honrosos se naõ hajaõ de esperar com mayor razaõ daquelles, que querem adquirir a honra, que dos que cuidaõ, e dizem, que já a tem. O mesmo lustre dos illustres tira o temor, e os enche, ou incha de imunidades, que lhe daõ confiança para grandes ousadias, e das ousadias grandes nascem maiores ruinas. O mais illustre dos elementos, o mais alto por lugar, e o mais nobre por qualidade he o fogo, e delle se acendeim os rayos no Ceo; e se ateão os incendios na terra. O seu natural onde chega, he levantar fumaças, e fazer cinzas: e naõ he accômodado instrumento para edificar, e conservar Cidades o que costuma abrazar Troyas. Os outros elementos servemnos de graça, e só o fogo á nossa cesta, porque para servir ha de ter que queimar, e se naõ queima, naõ serve.

329 Tal he a luz do mais illustre elemento, e tal muitas vezes o governo dos mais illustres. Naõ era illustre David, e foy illustrissimo seu filho Salamaõ: e o Reyno, que sustentou, e amplificou o que naõ era illustre, perdeõ, e desbaratou o illustrissimo.

Num. 327. 330 No Apologo, que referimos da Escritura sagrada, em que ás arvores buscaraõ, e elegeraõ quem as governasse, he muito para notar, que aquellas, a que offereceraõ o governo, foraõ a oliveira, a figueira, e a vide, sem entrar outra nos peleuros dessa eleição. Reparay agora nos appellidos de Figueira, Vide, e Oliveira, que todos saõ honrados, mas da nobreza do meyo. E porque naõ fizeraõ as arvores este mesmo offerecimento aos cedros, ás palmas, e aos cyprestes? Naõ saõ estas arvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, e as mais illustres? Pois porque naõ entraraõ em consideração para querer

## Discurso XXXIX. 245

rer a verde , e florente republica das plantas , que elles a governassem ? Por isso mesmo ; porque eraõ as mais altas , e as mais illustres . O alto , e o illustre he bom para o bizarro , e ostentoõ , mas naõ para o util , e necessario . As arvores naõ as fez Deos para bandeiras dos ventos , senaõ para sustento dos homens : que importa que a sua altura , ou a sua altiveza seja muita , se o seu fructo he pouco ? A quem sustentáraõ já mais os cedros , as palmas , ou os cyprestes ? Pelo contrario a figueira he a que saborea o mundo , a oliveira a que o alumia , a vide a que o alegra , e todas entre as plantas as que mais o sustentaõ . O que diz a Escritura das outras tres arvores altissimas , e illustrissimas he , que todas buscaõ a sua exaltaçaõ nos montes mais levantados : *Quasi cedrus exaltata* Ecl. 24.  
*sum in Libano , & quasi cypressus in monte Sion :* 17. 18.  
*quasi palma exaltata sum in Cades.* Honremse embora com effas arvores os seus montes , que os nossos valles naõ haõ mister quem procure a sua exaltaçaõ , senaõ quem trate do nosso remedio . Os cedros , as palmas , e os cyprestes saõ os gigantes das arvores , e o que trouxeraõ os gigantes á terra , naõ foy menos que o diluvio . Oh que duro seria o governo daquelle soberbo triumvirato no forte do cedro , inflexivel , no rugoso da palma , aspero , no funesto do cypreste , triste ! Porém o das outras arvores de meã estatura seria igual , seria moderado , seria suave , que por isso todas allegaraõ a sua doçura . E isto he pelas mesmas razoens o que devemos esperar do nosso .

331 Mas he tal a protervia da condiçao humana , Num. 325. e vicio taõ proprio da patria , que por serem naturaes , domesticas , e suas as mesmas imagens , em vez de conciliarem mayor veneraçao , obediencia , e ref-

Tom. I.

Q3

peito,

## 246 Vieira abbreviado

peito , degeneraõ em desprezo , desobediencia , e rebeldia . Assim lhe succedeo a Saul , e a David , sendo ambos eleitos por Deos , e os mais dignos do governo da sua patria . Huns obedeceraõ , outrõs se rebelaraõ , e em alguns durou a rebeldia naõ menos que sete annos inteiros , até que a experiençia do seu erro os sujeitou á razaõ .

332 E se buscarmos as raizes a este vicio , acharemos , que todo elle nasce da igualdade das pessloas , presumindo cada hum , que a elle se devia a eleiçao do lugar , e a preferencia . Sendo poistaõ particulares as conveniencias do novo governo nas imagens , que temos presentes do nosso felicissimo Cesar , que Deos guarde , seja tambem nova , e mais exacta , que nunca a sujeiçao , respeito , e reverencia , com que todos os vassallos da mesma Magestade o venerem , e obedeçaõ naõ só como se a Real pessoa estivera presente , senaõ em certo modo ainda muito mais . Tenho observado assim no Ceo como na terra , que mais estimão os supremos Monarcas os obsequios , que se fazem ás suas imagens , que ás suas proprias pessloas . Lembrame haver lido em Santo Agostinho no livro dos seus Commentarios sobre os Psalmos , que residindo em Roma no tempo , em que ainda naõ estava desterrada de todo a idolatria , se admirava muito de que os homens fossem ao templo do Sol , de que hoje se vem naõ pequenos vestigios , e que alli de dia , e naõ de noite , adorassem a imagem do mesmo Sol com as costas muitas vezes voltadas a elle . Pois se tinhaõ o Sol patente , porque naõ adoravaõ ao Sol , senaõ a sua imagem ? Porque entendeo a religião , ou superstição dos Romanos , governada pelos primores da sua propria politica , que muito mayor magesta-

Num. 328.

Num. 328.

de

## *Discurso XXXIX.* 247

de era do Monarca dos Planetas ser venerado de tão longe em sua imagem , do que adorado em si mesmo, posto que visto. Ao menos assim he certo , que o julgou a soberania de Nabucodonosor , quando se reputava sua soberba naõ só senhor , mas deos de todo o mundo. Fez aquella estatua de ouro de tão desmedida grandeza , como sabemos , e com as fornalhas acezas contra os que a naõ adorassem , mandoù que ao som de trombetas todos dobrassem os joelhos diante della. Pois se Nabucodonosor estava presente , porque naõ mandou , què o adorassem a elle , senão á sua estatua? Porque era mayor ostentaçao , e gloria da sua , que chamava omnipoténcia , ser venerado , e adorado na imagem , que o representava , que em sua propria pessoa. Só em huma circunstancia obrou Num. 329. Nabuco , como desconfiado , que foy em fazer a mesma imagem de ouro. Faze a Rey , de pedra , e seraõ as suas adoraçoes para ella muito mais reverentes , e para ti muito mais gloriosas. Na estatua de ouro pôde parecer , que adoraõ a materia , e naõ a forma , o preço do metal , e naõ a representaçao da imagem. Onde a materia das imagens he menos preciosa , alli está a fé , e a reverencia mais fina. E esta he a fineza do nosso caso , adorando , respeitando , e obedecendo o original soberano do nosso Cesar , naõ nas imágens de ouro , que atégora cá se mandavaõ , senão nos marmores naturaes , e domésticos da nossa mesma terra.

## 248 Vieira abbreviado

### DISCURSO XL.

*Tirado de hum sermaõ da Epifania.*

### G O V E R N O.

Part. 4.  
Num. 577. 333 **D**Izeim, que os que governão saõ espelho da Republica. Naõ he assim, senaõ ao contrario. A republica he o espelho dos que a governão; porque assim como o espelho naõ tem acção propria, e naõ he mais que huma indifferença de vi-dro, que está sempre exposta a retratar em si os movimentos de quem tem diante, assim o povo, ou republica sujeita se se move, ou naõ move, he pelo movimento, ou socego de quem a governa.

### DISCURSO XLI.

*Tirado de hum sermaõ historico, e panegyrico nos annos da serenissima Rainha de Portugal.*

### G U E R R A.

Part. 14.  
Num. 7. 334 **H**E a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come, e consome, tanto menos se farta. He a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as Villas, os Castellos, as Cidades, e tal vez em hum momento sorve os Reynos, e Monarchias inteiras. He a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que naõ ha mal algum, que ou se naõ padeça, ou se naõ

## Discurso XLII. 249

naõ tem , nem bem , que seja proprio , e seguro . O pay naõ tem seguro o filho , o rico naõ tem segura a fazenda , o pobre naõ tem seguro o seu suor , o nobre naõ tem segura a honra , o Ecclesiastico naõ tem segura a immunidade , o Religioso naõ tem segura a sua cella , e até Deos nos templos , e nos sacrarios naõ está seguro .

### D I S C U R S O    XLII.

*Tirado de hum sermaõ do sabbado antes da Dominga de Ramos sobre a consulta , que por inveja fizeraõ os Principes dos Sacerdotes contra Lázaro , e contra Christo Senhor nosso .*

### I N V E J A .

335 **N**Os tribunaes ou publicos , ou particu-  
lares , onde a inveja preside , as virtudes Part. 5.  
Num. 464.  
saõ peccados , os merecimentos saõ culpas , as obras ,  
ou boas qualidades saõ crimes . Sabia Doeg , que era Num. 465.  
Saul grande emulo de David , que o invejava mu-  
ito , e como no juizo dos invejosos os merecimentos  
saõ culpas , e as excellentes qualidades delictos , lou-  
vou , e engrandeceo a David diante de Saul , para que  
Saul , como fez , dësse sentença de morte contra Da-  
vid . Disse , que era prudente , guerreiro , esforçado ,  
gentil-homein , virtuoso , e dotado de tantas outras  
boas partes : e quem bem entendesse toda esta ladai-  
nha de encomios , e louvores , bem podia dizer por  
David : *Orate pro eo* . Eraõ capitulos , que contra  
elle se representavaõ ao Rey , naõ menos que de le-  
sa Magestade . Pareciaõ louvores , e eraõ accusaões :  
pareciaõ

## 250 Vieira abbreviado

pareciaõ abonos , e eraõ calumnias : calumniado o innocent na sua virtude , e accusado o benemerito nas suas boas obras , sem que á innocencia se lhe désse defeza , nem ao merecimento lhe valesssem embargos , porque era o juiz a inveja.

Num. 466. 336 Tal he o mundo , que muitas vezes parecem finezas da amizade o que saõ odios refinadíssimos. O verle louvado era verle accusado , o ver suas grandezas referidas era ver as suas culpas provadas : delictos sem perdaõ contra as leys da inveja.

337 Considero eu , que ha mandamentos da ley da inveja , assim como ha mandamentos da ley de Deos. Os mandamentos da ley de Deos dizem : Naõ matarás: Naõ furtarás: Naõ levantarás falso testimunho : os mandamentos da ley da inveja dizem : Naõ serás honrado: Naõ serás rico: Naõ serás valente: Naõ serás fabio : Naõ serás bem disposto , e tambem dizem : Naõ serás bom Prégador. E se acafo Deoõ vós fez merce , que soubesseis pôr os pés por huma rua , que soubesseis apertar na maõ huma espada , que fosseis discreto , generoso , ou rico , ou honrado , no mesmo ponto tivestes culpas no tribunal da inveja ; porque peccastes contra os seus mandamentos.

## DISCURSO XLIII.

*Tirado de hum sermaõ da quinta novena de S. Francisco Xavier intitulado jogo.*

### JOGO.

Part. 8.  
Pag. 252. 338 **N**Aõ ha cousa taõ preciosa , é taõ util ; que continuada naõ enfade. Por isso sen- do

## Discurso XLIII. 251

do a mais estimada , e mais amada de todas a vida ,  
naõ só variou Deos o anno em Primavera , Estio , Outono , e Inverno , senão que até os dias , e noites fez  
taõ desiguaes , e dessemelhantes , que dentro da mes-  
ma roda do anno só hum he igual , e semelhante ao  
outro . Mas a que fim este exordio ? Para naõ enfat-  
tiar a devoçao , que tambem se enfastia , julguey por  
cousa conveniente , e agradavel aos ouvintes , que  
no meyo da mesma continuaçao , sem interromper a  
materia , fosse hoje de algum passatempo . Assim se-  
rá o jogo .

339 Os jogos taõ taõ antigos como o tempo , e  
porque este passa , e naõ torna , naõ sey se com razaõ ,  
ou sem ella se chamaraõ passatemos . Os primeiros  
jogos , que inventaraõ os homens , quando aiñda naõ  
eraõ , ou ainda se naõ creavaõ para ser homens , fo-  
raõ a luta , os cestos , a clava , a lança , a pella , o  
troya , a que nós chamamos canas , o lançar a barra ,  
o ferir o alvo com a setta , o correr no estadio , o sal-  
tar os vallos , o nadar vestido de armas , e outros se-  
melhantes , cujo exercicio era taõ util para a saude , e  
robustez do corpo , como necessario para a guerra ,  
para a agricultura , e para os outros trabalhos , de  
que vive , e se conserva o mundo . Foraõ inventores  
destes jogos Hercules , Pytho , Theseo , e outros her-  
roes , de quem os tomaraõ os Gregos , e Romanos .  
E nota Alexandre ab Alexandro (advertencia digna  
de tanto reparo , como confusaõ ) que se decretou  
por ley do Senado em Roma , que só estes jogos , e  
nenhum outro se podessem jogar a dinheiro : *Erat-*  
*que Senatus consulto cautum , ut nisi his ludis pe-*  
*cunia ludere liceret.* Sendo porém o principal pre-  
mio dos que venciaõ , naõ o dinheiro , senão a honra ,  
e fama

Alex. ab  
Al. Gen.  
lib. 3.

## 252 Vieira abbreviado

e fama , esta era taõ gloria nos jogos , que se chamaõ sagrados , que naõ se dava a coroa ao vencedor , senão á patria .

Cicer. lib.  
2. de Div.

Exod. 32.  
2.

34º E sendo estes jogos dos gentios taõ honestos , taõ racionaes , e taõ fizudos , que affronta he dos Christaos , que tomassẽm delles os dados , e cartas , nos quaes , como notou antes de nos conhecer Marco Tullio , nenhum lugar tem a razaõ , e o juizo , senão a temeridade , e o caso : *Quod talos jacere , quod tesseras , quibus in rebus temeritas , & calus , non ratio , & consilium valet* . Nestes douos jogos , ou latrocínios da cubica o menos , que se perde , he o dinheiro , posto que seja com tanto precipicio , e excesso , como chora a ruina de muitas familias , em que os filhos primeiro se vem desherdados , que orfaõs , os dotes das mulheres consumidos , e as filhas em lugar de dotadas roubadas . O ouro , de que se fundio o ídolo do deserto , foy o das arrecadas das mulheres , e filhas : *Tollite inaures aureas de uxorum , & filiarum vestrarum auribus* . E que maldito ídolo he este , senão o do jogo , em que os salteadores domesticos , depois de terem dissipado tudo o mais , até as arrecadas das mulheres , e filhas lhe arrancaõ das orelhas ?

Ibid. 32. 6. Refere alli o texto sagrado , que os adoradores do ídolo , depois de comerem , se pozeraõ a jogar : *Sedit populus manducare , & bibere , & surrexerunt ludere* . Assim se usa communmente , que na mesma mesa ás iguarias succedém as cartas , e á comida o jogo . Mas eu sem ser Profeta me atrevo a afirmar , que na mesa , onde se frequentar muito o jogo , cedo faltarã o comer . E donde tiro , ou insiro este prognostico ? Do horoscopo das mesmas cartas , e da

## Discurso XLIII. 253

e da má estrella, e influencia, debaixo da qual ellas nasceraõ.

342 Os inventores do jogo das cartas, diz Plinio, que forao os Lydos gente antiquissima. E porque occasio? Refere o eruditissimo ab Alexandre, e eu o quero fazer por suas proprias palavras: *Horum authores Lydos fuisse ferunt, qui ut famem, qua premebantur, facilius ferrent, in miseriis hoc solatium invenere, ut ludo tempora transigerent.* Quer dizer: Que os Lydos opprimidos da fome para consolaçao, e alivio das suas misérias inventaraõ este jogo para passar o tempo. Cuidava eu, que para remediar a fome era melhor meyo cavar, e trabalhar, que jogar. Mas assim como este jogo teve sua origem na fome, e foy invento de quem naõ tinha que comer, assim he prognostico certo, confirmado com a experientia, que viraõ a naõ ter que comer os que frequentarem o mesmo invento.

343 Sendo porém taõ frequente, e ordinaria no jogo a perda do dinheiro, e fazenda, isto he o menos, que nelle se perde, como dizia, porque saõ muito mais preciosas, e para sentir as outras perdidas, ou perdiçoens, em que a cegueira da cubica naõ repara. Perdese a authoridade, porque se diz, que a mesa do jogo a todos iguala, com tanto que tenhaõ que perder, o que he contra todas as leys da decencia, e honra. Sendo Alexandre de doze annos, e já naquelle idade com ardentissimos desejos de fama, lhe differeõ os palacianos da sua creaçao, porque naõ hia aos jogos Olympicos, aonde sem duvida alcançaria aquella coroa taõ estimada, e celebrada em todo o mundo. E que diria o Grande, que já era maior na generosidade, que nos annos? *Libens equidem,*

Sonh. 2.  
fol. 31.

## 254 Vieira abbreviado

*Curt in eo. dem, inquit, si decertaturos tecum Reges sim habiturus:* De mui boa vontade iria correr nos jogos Olympicos, se os que houvesse de ter por competidores, fossem Reys. Vencer he avantajarse: competir he medirse, e que gloria será a minha vencer correndo, quando eu me deva correr dos mesmos, que venci, por competirem comigo? Ainda que seja a victoria dos pés, naõ devem ser os vencidos por mim outros, senão pés de cabeças coroadas: *Si decertaturos tecum Reges sim habiturus.*

Fol. 255. 344 Perdeſe o tempo, que, como discorre Sene-  
ca, he o mayor theſouro, que a naturezā fiou dos  
homens, e perdeſe com perdiçāo mayor, e mais de-  
ſperada; porque o dinheiro, que se perde em hu-  
ma maõ, podeſe recuperar na outra, o tempo huma-  
vez perdido naõ ſe pôde restaurar. Perdeſe a ami-  
zade, porque quando jogais com o voſſo amigo, a  
voſſa tençaõ he, que o que he ſeu, ſeja voſſo, e a ſua,  
que o que he voſſo, ſeja ſeu.

345 Aqui ſe quebra a ſantissima ley da verdadei-  
ra amizade: *Amicorum omnia ſunt communia;* por-  
que o amigo nenhuma couſa pôde ſer taõ propria  
ſua, que naõ ſeja do outro amigo, pois o amigo he  
*Alter ego.* Perdeſe a piedade; porque pela impaci-  
encia, raiva, inveja, e moſina, de que o jogo naõ fa-  
vorece, ſahem da ſua boca juramentos, e execra-  
çoens contra o Ceo, quaes eraõ todas as tardes na  
casa do jogo as daquelle taful, que gaſtava a manhã  
na Igreja, ouvindo todas as Miſſas, e fe diſte delle  
diſcretamente, que pela manhã hia comer os Santos  
á Igreja, e que de tarde os vinha vomitar na casa do  
jogo. Perdeſe a meſma liberdade, como fe eſcreve  
Alex. ab Al. lib. 3. dos antigos Germanos, que depois de perdido quan-  
to ti-

## Discurso XLIII. 255

tô tinhaõ , a jogavaõ , ficando perpetuamente cativos , e o mesmo se usa hoje nas galés do Mediterra-neo , em que os homens , se homens se podem chamar , se vendem a retro aberto com condiçao , que se ganhaõ no jogo , restituem o preço , e se perdem , se sujeitaõ para sempre ao infame , e duro cativeiro , ferrolhados nos pés ao banco , e as maõs atadas ao remo.

346 Perdele a religiaõ , porque o taful , que naõ tem que jogar , nem que furtar no profano , se arroja facilmente ao sagrado , e a despir os altares , co-  
mo fizeraõ em figura os algozes , que crucificaraõ a Christo , e depois de o pregarem despido na Cruz lhe jogaraõ as vestiduras . Finalmente perdemse , ou acabaõ de se perder as quasi perdidas almas , como muitas por naõ ter que jogar , e perder , se entrega-  
raõ ao demonio .

347 Em dia de Ramos se cerraõ as casas de jogo , e naõ he cousa , que devaõ consentir os officiaes nem ao soldado mais perdido . Queixaõ Christo pelo Profeta de que no dia de sua paixaõ lhe jogassem as vestiduras : *Et super vestem meam miserunt sortem.* Ps. 21. 19. Assim foy , que os que crucificaraõ ao Senhor , depois que o tiveraõ posto na Cruz , lançaraõ as maõs aos dados , e jogaraõ os sagrados vestidos . E accrescenta logo o Euangelista : *Et milites quidem hæc fecerunt:* Joan. 19. e os que fizeraõ isto , foraõ os soldados . Os soldados foraõ tambem os que crucificaraõ ao Senhor ; mas o Euangelista naõ faz a reflexaõ em que elles o crucificaraõ , lenaõ em que jogaraõ as vestiduras ; porque o crucificar a Christo foy obediencia de seus maiores , o jogar as vestiduras foy vicio depravado seu . Sabeis quem joga em taes dias como estes ? Só quem  
cruci-

Fol. 256;

Part. 3.

Num. 395.

Ps. 21. 19.

Joan. 19.

24.

## 256 Vieira abbreviado

crucifica a Christo, e quem jogára suas sagradas vespas, se as tivera.

348 Quero vos contar o que me succedeo em Inglaterra. Hiaõ comigo dous Portuguezes, os quaes em hum Domingo se pozeraõ a jogar as tabolas em huma estalagem: sahio o hospede muito assustado, e como fóra de si. E bem seniores, quereis que me venhaõ queimar a casa? Queimar a casa? E porque? Porque hẽ esse hum jogo, que se pôde ouvir fóra, e se o ouvirem, ou souberem os Magistrados, fou perdido. Assim o dizia este homem, e assim havia de ser. E para que mais vos admireis, a Cidade, ou Villa era Doures, porto, e escala maritima, onde todos, sem se exceptuar hum só, saõ hereges. Oh vergonha dos que tanto nos prezamos do nome de Catholicos! Se em terra de hereges he sacrilegio jogar as tabolas em hum Domingo ordinario, que será jogar ou estes, ou outros jogos em huma semana santa em terra, onde se adora a Cruz, e as imagens de Christo, e se celebraõ os mysterios de sua morte?

Part. 8.  
fol. 262.

349 Diraõ, que he necessario este divertimento principalmente em viagens taõ compridas, e taõ penosas. O divertimento sim, mas naõ este. O Senhor Rey D. Manoel o Conquistador, que acrecentou aos seus titulos o da navegaçao, e a entendeo melhor que todos, e lhe fez os mais sabios, e prudentes regimentos, tambem quiz, que se divertissem dos fastios do mar os seus navegantes; e mandou que todas as naos fossem providas para isto, de que? De violas, adufes, e pandeiros, mas naõ de baralhos de cartas. Tanjaõ, contem, baylem, festejemse os ventos galernos com folias, e danças, e se tambem querem jogar, sejaõ os jogos, que pertencem á segurança das mes-

## *Discurso XLIII.* 257

mesmas naos, e tua defensa, e naõ se exercitaõ, nem se aprendem.

350 Aprendaõ a jogar as armas maritimas de todo o genero: a espada, a machadinha, o chuço, a pistola, o bacamarte, a alcanzia. Aprendaõ a jogar a artelharia, a bornear a peça, e a carregalla. E se neste jogo taõ proprio do valor, e da honra querem ganhar, e naõ perder, aprendaõ quando se ha de pelejar a ganhar o barlavento, e quando o vento he contrario, a naõ perder o ló, nem a derrota. E façãõ grande caso de qualquer tento, que neste jogo saõ necessarios muitos. Tento nas nuvens, tento na agulha, tento na bitacula, tento no leme, tento na bomba, tento no payol da polvora, tento no fogão, e tento no fumo, que se bebe, pois huma faisca, que cahe em materia taõ disposta, talvez naõ basta a agua do mar para apagalla.

351 Estes jogos, e estes desenfados sim, e o das cartas troquese pelo da carta. Que cousa mais curiosa, util, necessaria, e deleitosa, que entender a carta de marear, e saber hum homem no mar por onde vay, e naõ taõ cego, e ignorante como qualquero pao do mesmo navio. Na carta de marear se vem em hum abrir de olhos todos os mares, e terras do mundo, e suas distancias: o numero dos gráos, e suas medidas segundo diferentes rumos: a arrumaõ das costas assim do continente, como das Ilhas: os cabos, as enseadas, os portos, os surgidouros, os baixos, as vigias, os parceis, as correntes, os ventos, e suas opposiçoes, meyas partidas, e quartas: e até se vem os fundos, se saõ de pedra, se de lodo, se de area, ou burgalhao, e finalmente as alturas, e onde estou, e o que tenho andado, que até na terra alivia muito

Tom. I.

R

os

## 258 Vieira abbreviado

os caminhantes. Botemse logo ao mar as cartas , causas de mais perdiçoens , que as mesmas tempestades , nas quaes como os ventos furiosos naõ admitem partido , naõ resta mais , que puxar pela carta. Arrenegue pois todo o navegante do jogo , se naõ se quer perder , que até a nao , que joga , naõ he segura.

### DISCURSO XLIV.

*Tirado de hum sermaõ da Visitaçao de noſſa Senhora prégado no Hospital da Misericordia da Bahia na occasião , em que chegou áquelle Cidade o Marquez de Montalvaõ Vice-Rey do Brasil.*

J U S T I C , A.

Patt. 6.

Num. 339.

**V**io o Profeta Malachias em espirito aquela felicissima jornada , que havia de fazer do Ceo á terra o Redemptor , e restaurador do mundo , e dando as boas novas a todos os homens , como enfermos pelo peccado de Adão , diz assim : *Orietur vobis Sol justitiae , & sanitas in pennis ejus:* Alegrate enfermo genero humano , alegrate , e começa a esperar melhor de teus males , porque virá o Sol de justiça , e te trará a saude nas azas.

Num. 340.

Num. 343.

**C**umprida temos hoje esta taõ esperada profecia , e cumprida , se eu me naõ engano , em dous sentidos. Alegreſe pois o enfermo Brasil , ( e será o segundo sentido das palavras ) porque vê tambem cumprida em si aquella profecia , que havia de vir hum Sol de justiça a restaurallo , que traria a saude nas azas. Aconteceolhe a Vossa Excellencia com o Brasil o que a Christo com Lazaro. Chamaraõ-no para curar

## Discurso XLIV. 259

rar hum entermo: *Ecce quem amas, infirmatur*, e quando chegou, foylhe necessario resuscitar hum morto. Morto está o Brasil, e ainda mal, porque taõ morto, e sepultado: fumeando estão ainda, e cubertas de suas cinzas essas campanhas. He verdade, que nunca se vio esta Provincia taõ authorizada, como agora, mas podemlhe servir os titulos de epitafios, que pois a vemos levantada a Vice-Reyno entre as mortalhas, bem se pôde dizer por ella tambem: Que depois de ser morta, foy Rainha. Mas assim como S. Joaõ á voz da Senhora, assim como Lazaro á voz de Christo, assim resucitará tambem o Brasil á voz, e ao imperio de Vossa Excellencia.

354. Para que se logrem melhor os felices auspicios desta taõ desejada saude, representarei eu hoje a Vossa Excellencia neste sermaõ o estado do nosso enfermo Brasil, as causas de sua enfermidade, e do modo que souber o remedio della. E porque nós naõ sayamos do Euangelho, irão as enfermidades do Brasil retratadas na doença de S. Joaõ, a quem a Virgem Maria hoje foy visitar, e dar saude.

355. Bem sabem os que sabem a lingua Latina, que esta palavra *Infans, Infante*, quer dizer o que naõ falla. Neste estado estava o minino Bautista, quando a Senhora o visitou, e neste esteve o Brasil muitos annos, que foy a meu ver a mayor occasião de seus males. Como o doente naõ pôde fallar, toda a outra conjectura difficulta muito a medicina. Por isso Christo nenhum enfermo curou com mais difficultade, e em nenhum milagre gastou mais tempo, que em curar hum endemoninhado mudo: *Erat ejiciens dæmonium, & illud erat mutum.* O peyor accidente, que teve o Brasil em sua enfermidade, soy o to-

Num. 344

Num. 345

## 260 Vieira abreviado

lherselfe a falla: muitas vezes se quiz queixar justamente, muitas vezes quiz pedir o remedio de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta ou o respeito, ou a violencia, e se alguma vez chegou algum gemido aos ouvidos de quem o devera remediar, chegaraõ tainbein as vozes do poder, e vencerao os clamores da razaõ. Por esta causa ferei eu hoje o interprete do noslo enfermo, ja que a mim me coube a sorte; que tambem S. Joao naõ fallou por si, senao pela boca de Santa Isabel. Na primeira informaõ da enfermidade consiste o acerto do remedio, e assim procurarei, que seja muito verdadeira, e muito desinteressada: fallaremos ja que nos he licito, para que se naõ diga do Brasil o que se disse da Cidade de Amidas, que a perdeo o silencio: *Silentium Amidas perdidit.* E como a causa he geral, fallarei tambem geralmente, que naõ he razaõ, nem condicão minha, que se procure o bem universal com offensas particulares.

Num. 346. 356 A enfermidade do Brasil, senhor, he como a do minino Bautista, peccado original. Santo Thomas, e os Theologos definem o peccado original com aquellas palavras de Santo Anselmo: *Est privatio justitiae debitæ:* Que o peccado original he huma privaçao, huma falta da devida justica. Bem sey de que justica fallao os Theologos, e o sentido, em que entendem as palavras; mas a nós, que só buscamos a semelhança, servemnos assim como soaõ. He pois a doença do Brasil: *Privatio justitiae debitæ*, falta da devida justica, assim da justica punitiva, que castiga maos, como da justica distributiva, que premia bons. Premio, e castigo saõ os dous polos, em que se revolve, e sustenta a conservaçao de qualquer Mon-

nar-

## Discurso XLIV. 261

narchia ; e porque ambos estes faltaraõ sempre ao Brasil , por isto se arruinou , e cahio. Sem justiça naõ ha Reyno , nem Provincia , nem Cidade , nem ainda companhia de ladroens , que possa conservarse. Assim o prova Santo Agostinho com authoridade de Scipião Africano , e o ensinaõ conformemente Tullio , Aristoteles , Plataõ , e todos os que escreveraõ de Republica. Em quanto os Romanos guardavaõ igualdade , ainda que nelles naõ era verdadeira virtude , floreco seu Imperio , e forao senhores do mundo ; porém tanto que a inteireza da justiça se toy corrompendo pouco a pouco , ao mesmo passo enfraqueceráõ as forças , desinayaraõ os brios , e vieraõ a pagar tributo os que o receberaõ de todas as gentes. Isto estaõ clamando todos os Reynos com suas mudanças , todos os Imperios com suas ruinas , o dos Persas , o dos Gregos , o dos Assyrios. Mas para que he canſarme eu a repetir exemplos , se prego a auditorio Catholico , e temos authoridades de fé ? *Regnum de gente in gentem transfertur propter injus- tias.*

357 Sem injustiça se começoou esta guerra , sem Num. 347 injustiça se continuou , e por falta de justiça chegou ao mileravel estado , em que a yemos. Houve roubos , houve homicidios , houve desobediencias , houve outros delictos muitos , e enormes , que naõ sey se chegaraõ a tocar na religião ; mas nunca houve castigo , nunca houve hum rigor , que fizesse exemplo. Muitos bandos se lançaraõ muito justos , muitas ordens se deraõ muito acertadas ; mas , como disse Aristoteles , as leys naõ saõ boas , porque bem se mandaõ , senão porque bem se guardaõ. Que importa que fossem justos os bandos , se naõ se guardavaõ

## 262 Vieira abbreviado

mais, que se se mandára o que se prohibia? Que importa, que fossem acertadas as ordens, se nunca foy castigado quem as quebrou, e pôde ser, que nem reprehendido?

Num. 348. 358 Toda esta falta de castigo, toda esta remissão de culpas nasceo de huma razaõ de estado, que cá se praticou quasi sempre: que se naõ haõ de matar os homens em tempo, que os havemos tanto mister: que naõ he bem, que se perca em huma hora hum soldado, que se naõ faz se naõ em muitos annos: que justiçar hum homem, porque matou outro, he curar huma chaga com outra chaga, e que se naõ remedeaõ bem as perdas, accrescentando-as: que a primeira maxima do governo he faber permittir, e que se ha de dissimular hum damno por naõ o evitar com outro mayor: como se naõ fora mayor damno a destruiçao de toda a Republica, que a morte de hum particular, como se naõ fora, grande expediente resgatar com huma vida as vidas de todos: *Expedit ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat.* Naõ he miseravel a republica onde ha delictos, senão aonde falta o castigo delles: que os Reynos, e os Imperios naõ os arruinaõ os peccados por cõmettidos, senão por dissimulados. Dissimular com os maos he mandarlhe, que o sejaõ, disse Seneca, e mais era gentio: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.*

359 A conquistar dilatadíssimas Províncias caminhava Moysés General dos Israelitas, e naõ duvidou degollar de huma vez vinte e quatro mil homens, como se lê na Escritura; porque entendia, como experimentado Capitaõ, que mais lhe importava no seu exercito a observancia da justiça, que o numero dos soldados. A'agou Deos o mundo com o diluvio universal,

## Discurso XLIV. 263

versal, e para restauraçāo delle naō guardou mais, que Noé com três filhos seus em huma arca. Pois, Senhor, parece que poderamos replicar: quereis restaurar o mundo, quereillo restituir a seu antigo estado, e para huma facçāo taō grande naō guardais mais que quatro homens em hum navio? Sim; que depois de hum castigo taō grande, depois de huma justiça taō exemplar quatro homens, e hum só navio bastaō para restaurar hum mundo inteiro. Vede se nos sobejaraō sempre soldados para restaurar o Brasil, se nos naō faltara a justiça.

360 E naō só he necessaria ao nosso enfermo esta justiça punitiva, que castiga malfeiteiros, senaō a outra parte da justiça distributiva, que premie liberalmente aos benemeritos. Assim como a Medicina, diz Philo Hebreo, naō só attende a purgar os humores nocivos, senaō a alentar, e alimentar o sujeito debilitado: assim a hum exercito, ou Republica naō lhe basta aquella parte da justiça, que com o rigor do castigo a alimpa dos vicios, como de perniciosos humores, senaō que he tambem necessaria a outra parte, que com premios proporcionados ao merecimento esforce, sustente, e anime a esperança dos homens. Por isso os Romanos taō entendidos na paz, e na guerra inventaraō para os soldados as coroas Civicas, e Muraes, as Ovaçōes os Triunfos, e outros premios militares; porque como o amor da vida he taō natural, quem se atreverá a arriscalla intrepidamente, senaō alentado com a esperança do premio? Quando David quiz sahir a pelejar com o Gigante, perguntou primeiro: *Quid dabitur viro, qui percussērit Philisthæum hunc?* Que se ha de dar ao homem, que matar este Filisteo? Já naquelle tempo se n.º ar-

264 *Vieira abbreviado*

riscava a vida , senão por seu justo preço : já entaõ naõ havia no mundo quem quizesse ter valente de graça.

361 Necessario he logo , que haja premios , para que haja soldados , e que aos premios se entre pela porta do merecimento : dem-se ao sangue derramado , e naõ ao herdado sómente : dem-se ao valor , e naõ á valia , que depois que no mundo se intruduzio venderemse as honras militares , converteo-se a milicia em latrocínio , e vaõ os soldados á guerra tirar dinheiro , com que comprar , e naõ obrar façanhas , com que requerer . Se se guardar esta igualdade , entrará em esperanças o mosqueteiro , e o soldado da fortuna , que tambem para elle se fizeraõ os grandes postos , se os merecer , e animados com este pensamento os de que hoje se naõ faz caso , seraõ leoens , e faraõ maravilhas ; que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor , como tal vez debaixo dos talís bordados anda dourada a cobardia . Assim que he necessario , que haja Saúes liberaes , para que se levantem Davís animosos , e muito mais necessario , que os premios se dem a quem disparar a funda , e derrubar o gigante , e naõ a quem ficar olhando desde os arrayaes . Nenhuns serviços paga sua Magestade hoje com mais liberal maõ , que os do Brasil , e com tudo a guerra enfraquece , e a reputaçao das armas cada vez em peyor estado ; porque acontece nos despachos o de que ordinariamente se queixa o mundo , que os valerosos levaõ as feridas , e os venturosos os premios .

362 Na Filosofia bem ordenada primeiro he a potencia , e o acto , depois o habito : cá se olharmos para os peitos dos homens , acharemos muitos habitos,

## Discurso XLIV. 265

tos , e mui pensionados , onde nunca houve acto , nem ainda potencia. Desta desigualdade se segue , que o effeito dos premios militares vem a ser contrario a si mesmo ; porque em vez de com elles se animarem os soldados , antes se desanimaõ , e desalentaõ . Como se animará o soldado a buscar a honra por meyo das bombardas , e dos mosquetes , se vê em hum peito o sangue das balas , e noutro a purpura das cruzes ? Como se alentará a padecer os trabalhos , e perigos de huma campanha , se vê premiado a Jacob , que ficou em casa , e sem premio a Esau , que correo os montes ? Se ás pelles de Jacob se dá o morgado , e ás settas de Esaú se nega a bençaõ , se alcança mais este com o seu engano , que o outro com a sua verdade , quem haverá que trabalhe ? Quem haverá , que se arrisque ? Quem haverá que peleje ? Naõ ha duvida , que á vista de semelhantes mercés dirão os valerosos , que vaõ errados , terão contrição do que deverão ter complacencia , arrependerseão de seus brios , condenarão suas passadas finezas , e se chegarem a pelejar valentemente , será por desesperação , que naõ ha coufa , que assim desespere os benemeritos , como ver os indignos premiados .

363 Muitas vezes prevaleceo o engano contra a verdade nesta guerra , muitas vezes luzio o que naõ era ouro , e foy tão injusta a fama , que trocou os nomes ás cousas , e ás pessoas , e soaraõ pelo mundo erradamente . O mayor escandalo , que tenho contra a natureza , he hum , que cada hora experimentamos na artelharia . Porque razão ha de fazer tanto estrondo huma peça , que perdeo o pelouro , como outra , que empregou o tiro ? Ha maior injustiça , ha maior deformidade da natureza ? A peça , que acertou , soe muito

266 *Vieira abbreviado*

muito embora , atroe o mundo , estremeça a terra com seu estampido ; mas a peça , que errou , a peça , que naõ fez nada , a peça , que naõ fez mais , que empobrecer os armazens d'EiRey sem proveito ; porque ha de soar , porque ha de ter ouvida ? Ainda tenvo advertido mais nesta materia. Quando aqui estivemos sitiados no anno de trinta e oito , atirava o inimigo muitas balas ao baluarte de Santo Antonio : os pelouros , que acertavaõ , ficavaõ enterrados na trincheira , os que erravaõ , voavaõ por cima , vinhaõ rompendo os ares com grande ruido , e os que andavaõ por essas ruas , aqui se abaixava hum , acolá se abaixava outro , e muita gente lhe fazia cortezias demasiadas. De sorte que o pelouro , que errou , esse fazia os estrondos , a esse se faziaõ as reverencias : e o outro , que acertou , o outro que fez a sua obrigação , esse ficava enterrado. Ah quantos exemplos destes se acháraõ na guerra do Brasil !

364 Quantos foraõ mais venturosos com os seus erros , que outros com seus acertos ? Algum , que sempre errou , que nunca fez coufa boa , nomeado , aplaudido , premiado ; e o que acertou , o que trabalhou , o que subio á trincheira , o que derramou o sangue , enterrado , esquecido , posto a hum canto . Importa pois , que naõ roube a negociação o que se deve ao merecimento , que se desenterrem os talentos escondidos , que sepultou a fortuna , ou a semenzaõ , que naõ haja benemerito , que naõ seja bem afortunado , que se corte a lingua á fama , se for injusta , que se qualifiquem papeis , que se examinem certidoens , que nem todas saõ verdadeiras . Se foraõ verdadeiras todas as certidoens dos soldados do Brasil , se aquellas rumas de façanhas em papel foraõ conformes

## Discurso XLIV. 267

formes a seus originaes, que mais queriamos nós? Já naõ houvera Hollanda, nem França, nem Turquia, todo o mundo fora nosso.

365 Mas como a experienzia ensina, que para a Num. 354. saude ser segura, e firme naõ basta sobrefasar a enfermidade, se naõ se arrancaõ as raizes, e se coitaõ as causas della. He necessario vermos ultimamente, quaes saõ, e quaes forao as causas desta enfermidade do Brasil. A causa da enfermidade do Brasil bem examinada he a mesma, que a do peccado original. Poz Deos no Paraíso tereal a nosso pay Adaõ, mandadolhe, que o guardasse, e trabalhasse: *Ut operaretur, & custodiret*, e elle parecendolhe melhor o guardar, que o trabalhar, lançou maõ á arvore vedada, tomou o pomo, que naõ era seu, e perdeo a justiça, em que vivia, para si, e para o genero humano. Esta foy a origem do peccado original, e esta he a caula original das doenças do Brasil, tomar o alheyo, cubicas, interesses, ganhos, e conveniencias particulares, por onde a justiça se naõ guarda, e o Estado se perde. Perde-se o Brasil, senhor, (digamolo em huma palavra) porque alguns Ministros de Sua Magestade naõ vem cá buscar nosso bem, vem cá buscar nossos bens. Assim como dissemos, que se perdeo o mundo, porque Adaõ fez só ametade do que Deos lhe mandou, em sentido adverso, guardar sim, trabalhar naõ. Assim podemos dizer, que se perde tambem o Brasil; porque alguns de seus Ministros naõ fazem mais, que ametade do que El Rey lhes manda. El Rey manda os tomar Pernambuco, e elles contentaõse com o tomar. Se hum só homem, que tomou, perdeo o mundo, tantos homens a tomar como naõ haõ de perder hum Estado? Este tomar o alheyo,

## 268 *Vieira abbreviado*

alheyo, ou seja o do Rey, ou o dos povos, he a origem da doença, e as varias artes, e modos, e instrumentos de tomar saõ os symptomas, que sendo de sua natureza mui perigosa, a fazem por momentos mais mortal. E se naõ, pergunto, para que as causas dos symptomas se conheçaõ melhor: Toma nesta terra o Ministro da Justiça? Sim toma. Toma o Ministro da Fazenda? Sim toma. Toma o Ministro da Republica? Sim toma. Toma o Ministro da Milicia? Sim toma. Toma o Ministro do Estado? Sim toma. E como tantos simtomas lhe sobrevem ao pobre enfermo, e todos acommeteõ a cabeça, e ao coraçao, que saõ as partes mais vitaes, e todos saõ attraetivos, e contractivos do dinheiro, que he o nervo dos exercitos, e das respuplicas, fica tomado todo o corpo, e tolhido de pés, e maõs, sem haver maõ esquerda, que castigue, nem maõ direita, que permie, e faltando á justiça punitiva para expellir os humores nocivos, e a distribuitiva para alentar, e alimentar o sujeito, sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veyas, milagre he, que naõ tenha cípirado.

Num. 355. 366 Como se havia de restaurar o Brasil, se hia o Capitão levantar huma companhia pelos lugares de fóra, e por lhe naõ fugirem os soldados trazia os na algibeira? E como a poz este hia logo outro do mesmo humor, que os trazia igualmente arrecadados, houve pobre homem nestes arredores, que sem fahir da Bahia, como se quatro vezes fora a Argel, quattro vezes se resgatou com o seu dinheiro. Como se havia de restaurar o Brasil, se os mantimentos se abarcavaõ com maõ d'El Rey, e tal vez os vendiaõ seus Ministros, ou os Ministros de seus Ministros, (que naõ ha Adão, que naõ tenha sua Eva) pondo os

## Discurso XLIV. 269

os preços as cousas a cubiça de quem vendia, e a necessidade de quem comprava? Como se havia de restaurar o Brasil, se os navios, que sustentaõ o comércio, e enriquecem a terra, haviaõ de comprar o descarregar, e o dar querena, e o carregar, e o partir, e naõ sey se tambem os ventos?

467 Como se havia de restaurar o Brasil, se o Capitão de Infantaria, por comer as praças aos soldados, os absolvia das guardas, e das outras obrigações militares, envilecendose em officios mecanicos os animos, que haõ de ser nobres, e generosos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o Capitão de mar, e guerra fazia cruel guerra ao seu navio vendendo os mantimentos, as muniçoes, as enxarcias, as velas, as entenas, e se naõ vendeo o casco do galeão, foy porque naõ achou quem lho comprasse? E como mais, ou menos por nossos peccados sempre houve no Brasil alguns Ministros destas qualidades, que importava, que os Generaes illustrissimos fossem taõ puros como o Sol, e taõ incorruptiveis como os orbes celestes? Desfazia-se o povo em tributos, e mais tributos, em imposições, e mais imposições, em donativos, e mais donativos, em esmolas, e mais esmolas, (que até á humildade deste nome se sujeitava a necessidade, ou se abatia a cubiça) e no cabo nada aproveitava, nada luzia, nada apprebia. Porque? Porque o dinheiro naõ passava das mãos, por onde passava. Muito deo em seu tempo Pernambuco, muito deo, e dá hoje a Bahia, e nada se logra; porque o que se tira do Brasil, tirase do Brasil, o Brasil o dá, Portugal o leva.

368 Com terem taõ pouco do Ceo os Ministros, que isto fazem, temolos retratados nas nuvens. Ap-  
parece

270 *Vieira abbreviado*

parece huma nuvem no meyo daquella Bahia , lança huma manga ao mar , vay forvendo por occulto segredo da natureza grande quantidade de agua , e depois que está bem cheya , depois que está bem carregada , dalhe o vento , e vay chover daqui a trinta , daqui a cincuenta legoas . Pois nuvem ingrata , nuvem injusta , se na Bahia tomaste essa agua , se na Bahia te encheste ; porque naõ choves tambem na Bahia ? Se a tiraste de nós , porque a naõ dispendes com nosco ? Se a roubaste a nossos mares , porque a naõ restitues a nossos campos ? Taes como isto saõ muitas vezes os Ministros , que vem ao Brasil , e he fortuna geral das partes ultramarinas .

Part. 8.  
fol. 248.

369 Partem de Portugal estas nuvens , passaõ as calmarias da Linha , onde diz , que tambem reservem as consciencias , e em chegando v. g. a esta Bahia , naõ fazem mais que chupar , adquirir , ajuntar , encherse , ( por meyos occultos , mas sabidos ) e ao cabo de tres , ou quatro annos , em vez de fertilizarem a nossa terra com a agua , que era nossa , abrem as azas ao vento , e vaõ chover a Lisboa , e esperdiçar a Madrid : cá se padecem as tomes dos apertadissimos cercos , e lá se fazem os banquetes : cá se suportaõ as calmas , e as ardentissimas sedes , e lá se bebe a agua de neve : cá se trazem as armas ás costas , e se derrama o sangue , e lá se cortaõ as galas , e vestem as purpuras : cá se batem á viva força , e se derrubaõ as muralhas , e lá se levantaõ os palacios : cá se daõ as tremendas batalhas , e lá se vem as comedias : cá se padecem as feridas , e as curas nos hospitaes , e lá nas casas de prazer se regaõ , e cheiraõ as flores .

370 Os Portuguezes antigos , e primeiros , que conquistaraõ a India , o que lá levavaõ era a fé , e o que

## *Discurso XLIV.* 271

que lá hiaõ buscar era a honra , como idolatras da mesma honra , que nenhum gentio com os seus camiz , e totoques se lhe igualava nesta idolatria. Os filhos da mais illustre , e luzida nobreza da Lusitania eraõ os que lá hiaõ , e o que lhe diziaõ , e encômendavaõ seus pays , e máys , quando lhe lançavaõ a bençaõ , naõ era , que mandassem de lá canela , ou diamantes , mas que viessem as naos muito ricas da fama , e façanhas de seu valor. De forte que os antigos levavaõ á India a fé , e hiaõ buscar a honra , e os modernos levaõ á India a cubica , e vaõ buscar a riqueza , e por isto os pallados a ganharaõ , e os presentes a perdem.

371 Por isto nada lhe luz ao Brasil , por mais que dê , nada lhe monta , e nada lhe aproveita por mais que faça , por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos he , que a agua , que por lá chevem , e esperdiçaõ as nuvens , naõ he tirada da abundancia do mar , como noutro tempo , senão das lagrimas do miseravel , e dos suores do pobre , que naõ sey como atura já tanto a constancia , e fidelidade destes vassallos. Tenho reparado muito , que em nenhum tormento da paixaõ desceo Anjo do Ceo a confortar a Christo , senão quando suou no Horto. Pois porque mais nos suores do Horto , que nos açoutes da columna , nos tormentos da Cruz , ou noutro daquelle transes rigorosissimos ? Os porques de Deos saõ só a elle manifestos. Mas o que elle nos revelou daquelle caso , he , que suou , e que suou pela saude , pela vida , e pela glorificaçaõ dos homens. E que hajaõ de viver outros á custa do meu suor ! Que haja de suar eu , para que outros triunfem ! He hum ponto taõ rigoroso , considerado humanamente , como Christo

## 272 Vieira abbreviado

Christo entao o considerava , he hum ponto taõ rigoroso , he hum transfe taõ apertado , que ate o coraçao de hum homem Deos parece que ha misfer , que venha hum Anjo do Ceo a o confortar , que naõ ha forças na natureza , nem cabedal para tanto.

372 Muitos transfes destes tens padecido , desgraçado Brasil , muitos te desfizeraõ para se farem , muitos edificaõ palacios com os pedaços de tuas ruinas , muitos comein o seu paõ , ou o paõ naõ seu com o suor do teu rosto : elles ricos , tu pobre : elles salvos , tu em perigo : elles por ti vivendo em prosperidade , tu por elles a risco de espirar .

373 Mas agora alegrate , animate , torna em ti , e dá graças a Deos , que já por merce sua estamos em tempo , que se concorrermos com o nosso suor , ha de ser para nosla saude . Tudo , o que der a Bahia , para a Bahia ha de ser: tudo , o que se tirar do Brasil , com o Brasil se ha de gastar .

## D I S C U R S O . XLV.

*Tirado do discurso quarto das cinco pedras da funda de David.*

### J U S T I C , A.

Patt. 14.  
Num. 154.

Euseb. Em.  
hom. 1. ad  
Mon.

374 **O**S instrumentos da justiça punitiva haõ de ser como o fogo do inferno . Ouçamos a Eusebio Emisseno , o qual com profundo juizo chamou ao fogo do inferno fogo racional : *Illa non causalis , sed rationabilis , & penalis exustio , quia culpam jubetur inquirere , substantiam nescit absumere .* Aquelle fogo , diz ; naõ causal , senaõ racional das penas do infer-

## Discurso XLV. 273

inferno , porque he instituido para inquirir a culpa ,  
naõ pôde consumir a sustancia. Grandes palavras !  
Imitem os Príncipes a Deos em moderar o poder  
aos instrumentos de sua justiça. Por isto se vem tan-  
tas sustancias consumidas , e taõ poucas culpas  
emendadas ; porque os que tem officio de inquirir a  
culpa ; tem poder de contumir a sustancia. Os Reys Part. II.  
Num. 83. sustentaõse dos tributos dos vassallos ; mas quantas  
injustiças vaõ envoltas nesses tributos ? Os grandes  
sustentaõse dos seus morgados , mas quantos como o  
de Jacob por astacias , e enganos forao roubados a  
Esaú ? Outros sustentaõse pelas armas nas guerras ,  
outros pelas letras nos tribunaes , outros pelos go-  
vernos nas Províncias remotas , e sendo tanto o paõ ,  
que alli se recolhe , e que tal vez naõ chega a se co-  
mer , qual he o que naõ seja amassado com as lagri-  
mas , e sangue dos innocentes ?

## DISCURSO XLVI.

*Tirado de hum sermaõ da segunda Dominga do Ad-  
vento , em que o Auëtor mostra , que o juizo dos  
homens he mais temeroſo , que o juizo de Deos.*

## J U L G A R .

375 **N**Aõ basta que o que houver de governar , Part. 5.  
Num. 304. seja homem com alma ; mas he necessa-  
rio , que seja alma com homem. Se tiver alma , e boa  
alma , naõ quererá fazer mal ; mas se juntamente naõ  
tiver actividade , e resoluçao , e talento de homem ,  
naõ fará cousa boa. Deolhe Deos memoria , enten-  
dimento , e vontade : a memoria , para que se lembre  
Tom. I. S dà

## 274 Vieira abbreviado

da tua obrigaçāo : o entendimento, para que saiba o que ha de mandar : e a vontade para querer o que for melhor, e naõ homens de huma só potencia, (que por isto fazem impotencias ) e faltandolhe a memoria , e o entendimento, só tem má vontade. Quem julga com o entendimento , pôde julgar bem , e pôde julgar mal : quem julga com a vontade , nunca pôde julgar bem. A razaō he muito clara. Porque quem julga com o entendimento , se entende mal , julga mal , se entende bem , julga bem. Porém quem julga com a vontade , ou queira mal , ou queira bem, sempre julga mal : se quer mal , julga como apaixonado, se quer bem , julga como cego. Ou cegueira , ou paixāo , vede como julgará a vontade com taes adjuntos.

Num. 37.

376 No juizo divino naõ he assim : julga só o entendimento , e tal entendimento. Declarando o mesmo Christo Senhor nosso os seus poderes supremos de Juiz universal do mundo , diz , que o Pay deo todo o juizo ao Filho : *Pater omne judicium dedit Filio.*

Joan. 5. 22.

Pergunto: E porque o naõ deo o Padre ao Espírito Santo ? Para hum juizo perfeito requeremse tres cousas : sciencia para examinar , justiça para julgar, poder para executar. Pois se a pessoa do Filho , e a do Espírito Santo tem a mesma sabedoria , a mesma justiça , e a mesma omnipotencia ; porque razaō dá o Padre Eterno o officio de julgar ao Filho , e naõ ao Espírito Santo ?

377 A razaō moral , e altissima he esta. Porque o Espírito Santo procede por acto de vontade , e o Filho he gerado por acto de entendimento , e o julgar ( ainda que seja Deus o que julga ) pertence ao entendimento , e naõ á vontade. Ao Espírito Santo, que procede por vontade , deo lhe o Padre o despa-  
cho

## Discurso XLVI. 275

cho das merces: *Dator munerum.* Ao Filho, que se produz por entendimento, deo-lhe o juizo das culpas: *Omne judicium dedit Filio;* porque o dar, para que se agradeça, ha proceder da vontade; e o condenar, para que se naõ erre, ha-o de regular o entendimento.

378 Ainda naõ está dito: ouvi huma cousa grande. Quando o Padre *ab æterno* gera o Filho, gera-o por puro acto de entendimento sem intervençāo ainda da vontade: quando o Padre, e o Filho produzem o Espírito Santo, produzem-no por acto da vontade, mas já com suposiçāo do entendimento. Pois por isto o dar se attribue á terceira pessoa, e o julgar á segunda; porque o dar ha de ser da vontade, mas com suposiçāo do entendimento: o julgar ha de ser só do entendimento sem intervençāo nenhuma da vontade.

399 Eisaqui hum perfeito dictame da justiça punitiva, e distributiva. O condenar só por entendimento sem vontade, o dar mui por vontade, mas com entendimento. E seria bem, que o dar fosse só por entendimento, e que no condenar entrasse também a vontade? Naõ; porque dahi nasceria o que acontece algumas vezes, que nem as merces obrigaõ, nem os castigos emendaõ. Condemnar com vontade he passar além do justo, dar sem vontade he ficar á quem de liberal: no primeiro vay escrupulosa a justiça, no segundo fica desairosa a liberalidade.

380 De maneira, que em Deos a vontade, e o entendimento tem repartidos os officios; o entendimento julga, a vontade dá. Nos homens naõ passa assim: o entendimento está deposito de seu officio, a

## 276 Vieira abbreviado

vontade serve ambos: a vontade he a que dá, e a vontade he a que julga. Vede, que segurança pôde ter o merecimento, ou que immunidade a innocencia em tal juizo? O summo merecimento, e a summa innocencia o diga.

Num. 59. 381 Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testimunhas, examinou as accusaçoens, e declarou

Luc. 23. 14. a Christo por inocente: *Ego nullam causam inventio in homine isto*: Eu nenhuma causa acho neste homem. Dahi a pouco levaraõ a Christo ao Calvario,

Matth. 27. 37. pregaraõ-no em huma Cruz: *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam*, e pozeraõ nella, diz o texto, a sua causa escrita. Pois se Pilatos não achou causa em Christo: *Ego nullam causam inventio*, como lhe pozeraõ a causa escrita na Cruz: *Imposuerunt causam ejus scriptam?* Aqui vereis quanto vay de ser julgado com o entendimento, ou com a vontade. Depois que Pilatos declarou a innocencia de Christo, devolveo as accusaçoens ao juizo da vontade dos Principes dos Sacerdotes:

Luc. 23. 25. *Jesum vero tradidit voluntati eorum*; e como Christo foy julgado no juizo da vontade, logo lhe acharaõ causa para o crucificar. No juizo do entendimento, ainda que era entendimento de Pilatos, não se achou causa a Christo: no juizo da vontade, ainda que era o julgado Christo, achouselhe causa.

382 E porque acha mais a vontade sendo cega, que o entendimento fendo lynce? Porque o entendimento acha o que ha, a vontade acha o que quer. Conforme a vontade quer, assim acha. Se a vontade quer favorecer, achará merecimento em Judas, se a vontade quer condemnar, achará culpa em Christo. Que culpas tinha o Bautista contra Herodes para o meter

## Discurso XLVII. 277

meter em prizoens? Mas tinha contra si a sua vontade , que era a mayor culpa de todas. Bem entendia Herodes , que era innocent o Bautista ; mas naõ quero ir por aqui: Ou Herodes entendia, que era innocent o Bautista , ou naõ o entendia: se o naõ entendia , vede a cegueira da vontade , que o fazia entender contra a razaõ: se o entendia , vede a tyrannia da vontade , que o fazia obrar contra o que entendia. De huma maneira ; ou de outra sempre o Bautista tinha certas as prizoens: *Joannes in vinculis.*

### D I S C U R S O XLVII.

*Tirado de hum sermaõ da primeira sexta feira da Quaresma pregado na Capella Real.*

### I N I M I G O S.

383 **D**ifficulioso preceito! Difficulioso motivo! Difficuloso preceito: *Diligite inimicos vestros.* Difficuloso motivo: *Ego autem dico vobis.* Negar , ou desprezar a dificuldade naõ he arte , nem valor, nem razaõ. Reconhecella , e impugnalla , confessalla , e convencella , sim. Isto he o que pertendo fazer hoje ; por isto á dificuldade do preceito ajuntei a do motivo. Estas dificuldades , todas grandes , e cada huma mayor , primeiro propostas , e encarecidas , depois impugnadas , e convencidas , seraõ com a graça divina as partes do meu discurso. Ouçaõme com attenção os mayores , e os melhores ; porque esses saõ os que tem mais inimigos.

384 Começando pela primeira parte , he taõ diffílcultoso preceito o de amar os inimigos , que em to-

Matth. 5.  
44. 45.

Pax. 11.  
Num. 87.

Tom. I.

## 278 Vieira abbreviado

das as leys o repugnaraõ os homens , e se armaraõ contra esta ley. Na ley da natureza a abominaraõ os gentios : na ley escrita a descompuzeraõ os Judeos : na ley da graça a desprezaraõ , e tem por afronta os Christaõs. Abominaraõ tanto este preceito os gentios , que o lançavaõ em rosto aos Christaõs

Justinus in taõs , como escreve S. Justino , e diziaõ , que era ley Apol. pro barbara , irracional , e impossivel. He verdade , que Christ. Job. 31. na mesma ley da natureza a observou Job Idumeo , e gentio ; mas era Job . o que a observou . Outros exemplos se achaõ deste amor nos Escritores gentios ; mas como bem os argue S. Gregorio Nazianzeno , nos Historicos foy mentira , nos Oradores lisõnja , e no Filosofos vaidade.

Prov. 25. 21. 385 Os Judeos tambem tinhaõ expressa esta ley , como parte da natural , e moral: *Si esurierit inimicus tuus , ciba illum* ; mas foy tanto o horror , que concebeo aquella gente , tanta a violencia , que experimentou , e tanto o odio , com que aborreco este amor , que sem respeito a Deos , para mais coradamente quererem mal a seus inimigos , se fizeraõ inimigos da mesma ley.

386 Finalmente nós os Christaõs , que professamos , cremos , e adoramos o Evangelho , como o observamos nesta parte ? Os odics publicos o dizem , e os occultos o naõ callaõ. Connosco fallou Christo , quando disse: *Ego autem dico vobis* ; porque entaõ prêgou a sua ley , e ensinou a todos a ser Christaõs. Mas tem chegado a tal extremo a infamia , e o desprezo deste ponto , que honrandonos da ley , fazemos honra de a naõ guardar. Se foramos verdadeiros Christaõs , cessava entre nós este preceito ; porque naõ havia de haver inimigos , a quem amar.

Assim

## Discurso XLVII. 279

Assim o presumio Tertulliano, quando disse : *Christianus nullius est hostis*: Disse, que nenhum Christão he inimigo: melhor disséra, que nenhum inimigo he Christão. Porém Christo ; que taõ interiormente conhecia a perversa inclinaçao da natureza humana, e taõ experimentavelmente começava já a padecer em si mesmo a repugnancia , e difficultade do que mandava ; por isso suppoz , que sempre havia de haver inimigos: *Diligite inimicos vestros*.

387 Santo Agostinho com o pezo de seu singular juizo , sondando a profundidade deste preceito, diz assim : *Recole in omnibus justificationibus Domini nulla esse mirabilia , nec difficultiora , quam ut suos quisque diligat inimicos*: Lede todas as Escrituras sagradas, ponderai todos os preceitos, conselhos, e documentos divinos , e nenhum achareis ( diz Agostinho ) nem mais admiravel , nem mais difficultoso, que mandar Deos a hum homem de carne , e sangue , que ame a seus inimigos.

388 He taõ difficultoso este preceito , que os gentios o tiverão por impossivel , e muitos hereges tambem , aos quaes refuta doutissimamente , e convence S. Jeronymo. Porém em ser difficultoso , e muito o mesmo S. Jeronymo concorda com Santo Agostinho , e com Jeronymo , e Agostinho todos os outros santos Padres , e Doutores da Igreja. Todos dizem , e confessão , que este he o mais rigoroso preceito da ley Euangelica , e esta a mais ardua , e difficultosa empreza da Religiao Christã. Se entre os homens se achaõ taõ poucos , que amem verdadeiramente a seus amigos , quaõ difficultosa , e repugnante coufa será á natureza humana chegar a amar os proprios inimigos?

Part. 4.

Num. 76.

Aug. in Ps.  
118.

## 280 Vieira abbreviado

Part. 11. 389 Temos posto em campo contra a verdade , e  
Num. 90. equidade deste famoso preceito divididos em tres es-  
quadroens, porém unidos no mesmo parecer, de-  
baixo da bandeira da ley da natureza os gentios, de-  
baixo das taboas da ley escrita os Judeos, debaixo  
da Cruz, e da ley da graça os Christãos, em summa  
o genero humano todo. E na testa deste imenso  
exercito, como o gigante Golias no dos Filisteos des-  
afiando a parte contraria, e blasonandò, e defendendo  
a sua. Quem? Naõ menos, que a mesma razaõ  
natural, e humana, armada no peito de difficul-  
dades, e na cabeça de impossiveis, e arguindo, e  
declamando fortemente assim.

Num. 91. 390 He possivel, ( diz a razaõ revestida em cada  
hum de nós, ou cada hum de nós nella ) he possivel,  
que haja eu de amar a quem me aborrece, desejar  
bem a quem me faz todo o mal, que pôde, honrar a  
quem me calunnia, interceder por quem me perse-  
gue, e naõ me desafrontar de quem me afronta : e  
que tudo isto ha de caber em hum coraçao de barro?  
Abalaõse, e rebentaõ os montes, sahe de si o mar,  
enfurecemse os ventos, fulminaõ as nuvens, escru-  
recese, e descompoemse o Ceo, nem cabe em si  
o mesmo mundo com quatro vapores insensiveis,  
que se levantaõ da terra: e que em hum vaso taõ es-  
treito, e taõ sensítivo, como o coraçao humano, ha-  
jaõ de caber juntas, e estar em paz todas estas con-  
trariades? Alma, corpo, que dizeis a este preceito?  
Ajunte-se a republica interior, e exterior do homem,  
chame a cortes, ou a conselho todas suas potencias,  
todos seus sentidos, e sejaõ ouvidos nesta causa to-  
dos, pois toca a todos. Que he o que dizem? Todos  
repugnaõ, todos reclamaõ, todos se alteraõ, todos  
se

## Discurso XLVII. 281

se unem, e conjuraõ em odio, e ruina do inimigo. A memoria, sem já mais se esquecer, representa o agravo: o entendimento pondera a offensa: a fantasia affea a injuria: a vontade implora, e impera a vingança: falta o coraçao, bate o peito, mudaõse as cores, chammeaõ os olhos, desfazemse os dentes, escuma a boca, morde a lingua, arde a colera, ferve o sangue, fumeaõ os espiritos, os pés, as maõs, os braços, tudo he ira, tudo fogo, tudo veneno.

391 Acende, e provoca esta batalha a trombeta Num. 92.  
da fama dizendo, e bradando, que he honra. Poem-se da parte do odio, e da vingança o mundo todo, que assim o manda, que assim o julga, que assim o applaude, que assim o tem estabelecido por ley. Sobre tudo o tribunal supremo da razao assim o prova; porque amigo de amigos, e inimigo de inimigos he voz, que soa justiça, merecimento, proporção, igualdade. Finalmente o mesmo Deos condena a meu inimigo; porque he meu inimigo. Pois se Deos o condena, e aborrece, porque o hei de amar eu? Deos, que isto manda, naõ he o Auëtor da natureza? E que faz a mesma natureza toda movida, e governada pelo mesmo Deos? Vingaõse por instinto natural as feras na terra: vingaõse as aves no ar: vingaõse os peixes no mar: vingase a mansidaõ dos animaes domesticos: vingase, e cabe ira em huma formiga: e basta, que a natureza viva naquelle atomos, para que nelles offendida se doa, nelles aggravada morda, nelles tome satisfaçao da sua injuria. E se a natureza, onde he incapaz de razao, naõ he capaz de soffrer semrazoens, que o homem creatura rational a mais nobre, a mais viva, e a mais sensitiva de todas com a balanca da mesma razao no juizo naõ haja de per-

zar

## 282 Vieira abbreviado

zar agravos , antes contra a força , e violencia do mesmo pezo haja de pagar odios com amor : *Diligite inimicos vestros!* Naõ he homem , quem aqui naõ pasma , ou naõ diga olhando para si : Naõ posso.

Num. 93. 392 Estas taõ as difficultades , que todos reconhecem , e chamaõ grandes neste preceito , que verdadeiramente he o grande. Mas com estarem taõ declaradas , e por ventura encarecidas , eu espero mostrar , e demostrar , que naõ só naõ he taõ difficultoso , como parece , amar aos inimigos , senaõ muito facil , e natural ao homem , e tanto mais , quanto for mais homem. Primeiramente isto de ter inimigos he huma semraçaõ , ou injuria taõ honrada , que ninguem se deve doer , ou offender della. Quem a naõ aceita como adulaçaõ , e lisonja de sua mesma fortuna , ou tem pequeno coraçaõ , ou pouco juizo. Se o ter inimigos he tentaçaõ , antes he tentaçaõ de vaidade , que de vingança. He motivo de dar graças a Deos , e naõ de lhe ter odio a elles. Sabeis porque vos querem mal vossos inimigos ? Ordinariamente he porque vem em vós algum bem , que elles quizerão ter , e lhes falta. A quem naõ tem bens , ninguem lhe quer mal. No nosso mesmo texto o temos. Naõ só diz Christo , que amemos a nossos inimigos , senaõ tambem , que lhes façamos bem : *Diligite inimicos vestros , & benefacite his , qui oderunt vos.* Esta segunda parte parece mais difficultosa , que a primeira , e tal vez naõ só difficultosa , senaõ impossivel ; porque para amar basta a vontade , para fazer bem he necessario ter com que o fazer. E se eu accaso for taõ pobre , e miserayel , que naõ tenha bem algum ; come posso fazer bem a meus inimigos ? Enganaivos. Ninguem tem inimigos , que lhes naõ possa fazer bem;

## Discurso XLVII. 283

bem ; porque quem não tem bens , não tem inimigos . Tendes inimigos ? Pois algum bem tendes vós , porque elles vos querem mal . E porque esta suposição universalmente he certa , por isso Christo manda a todos os que tiverem inimigos , que não só os amem , senão que lhes faça bem : *Et benefacite his , qui odi- runt vos.* Quem tem bens , assim como he certo , que ha de ter inimigos , assim he certo , que pôde fazer bem .

393 O primeiro inimigo , que houve neste mundo , foy Lucifer . Elle o primeiro traidor , que se revestio da serpente , elle o primeiro falsario , que enganou a Eva , elle o primeiro ladraõ , e homicida , que não só roubou a Adaõ , quanto possuia ; mas até o despojou da mesma immortalidade . E porque quiz tanto mal Lucifer a Adaõ , que lhe não tinha feito nenhum mal ? Porque tinha Deos revelado ao mesmo Lucifer , que se havia de fazer homem , e não Anjo . Bem se vio na promessa da divindade : *Eritis si- cut Dii* , que essa era a espinha , que elle trazia atra- vessada na garganta . E como Adaõ teve aquella for- tunta , que Lucifer pertendeo , e não pode alcançar , claro está , que havia de ser seu inimigo . Tambem Joseph padeceo os odios não de hum , mas de dez ir- maõs , entre os quaes , antes de o venderem , sempre andou vendido . E porque causa ? Porque elle só valia mais , que todos elles . Por isso era mais estimado do pay , e o trazia mais bem vestido , que todos . Grande caso , que porque o seu pelote não era de pa- no dà serra , como o dos outros , se resolvessem , sen- do irmãos , a lho tingir no proprio sangue !

394 Se cavarmos bem ao pé de todas as inimiza-<sup>Num. 25.</sup> des , e odios do mundo , acharemos que estas são as raizes .

## 284 Vieira abbreviado

raizes. Assim como o motivo de amar he o bem proprio, assim o de aborrecer saõ os bens alheyos. Nem Saul havia de aborrecer a David, senaõ fora mais valente, nem Abimelech a Isaac, senaõ fora mais rico, nem os Satrapas a Daniel, senaõ fora mais sabio. Quando El Rey Assuero nomeou a Aman por primeiro Ministro de todo o Imperio, diz o texto original, que o exaltou, e levantou o seu solio sobre todos os grandes da Corte : *Exaltavit Aman, & posuit solium ejus super omnes Principes.* E que se seguiu a esta exaltaçao, e preferencia superior aos demais? Coula maravilhosa! O mesmo Espírito Santo quiz, que soubessemos o que logo forao por dentro os que nesta eleiçao ficaraõ de fóra. Em lugar das palavras referidas trasladaraõ os setenta Interpretes tambem com authoridade divina : *Exaltavit eum, & prior sedebat omnibus inimicis suis.* Lá diz o texto, que o exaltou sobre todos os grandes da Corte, e cá diz a interpretaçao, que sobre todos seus inimigos. De maneira, que nomear Assuero a Aman por mayor, que todos os outros, foy fazer, que todos os outros fossem inimigos de Aman. Pela portaria das merces entraraõ logo os odios, e ao pé das provisões se assignaraõ todos por inimigos. Naõ porque Aman lhes fizesse algum mal para lhe queressem mal ; mas porque o Rey, e a fortuna lhe quiz mais bem, e fez mais bem, que a elles.

**Num. 96.** 395 Se passarmos dos solios aos estrados, tambem acharemos nos tocados estes malmequeres. Nenhuma gentileza ha taõ confiada, a que naõ pi quem os alfinetes de ver a outrem mais bem prendida. Tambem o exemplo he de duas irmans da mesma confraria. Rachel naõ era amiga de Lia, nem Lia

## Discurso XLVII. 285

Lia de Rachel. E porque? Porque a cada huma delas faltava o bem, que lograva a outra. A Lia não lhe parecia bem Rachel, porque era formosa, e Rachel não gostava de Lia, porque era fecunda. Deos repartio entre as duas irmãs os dous bens; que elles mais estimão, e ellas em lugar de se darem os para bens, tomaraõ delles occasião para não se quererem bem.

396 Todos os bens, ou sejaõ da natureza, ou da fortuna, ou da graça, saõ benefícios de Deos, e a ninguem concedeo Deos estes benefícios sem a pensão de ter inimigos. Mofino, e miseravel aquelle, que os não teve. Ter inimigos parece hum genero de desgraça; mas não os ter he indicio certo de outra muito maior. Ouçamos a Seneca não como Mestre da Estoica, mas como Estoico da Corte Romana. Huma das mais notaveis sentenças deste grande Filosofo he: *Miserum te judico, quia non fuisti miser:* Eu te julgo por infeliz, e desgraçado, porque nunca o foste. Este porque antes de explicado he difficultoso; mas depois de explicado muito mais. Como pôde hum homem ser desgraçado, porque o não he? Porque ha desgraças tão honradas, que tellas, ou padecellas he ventura: não as ter, nem as padecer he desgraça. E esta, de que fallava Seneca, qual era? Elle se explicou: *Transfisti sine adversario vitam:* Foste tão mofino, qua passaste toda a vida sem ter inimigo. Não ter inimigos temse por felicidade, mas he huma tal felicidade, que he melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Pôde ha ver mayor desgraça, que não ter hum homem bem algum digno de inveja? Pois isso he o que se argue de não ter inimigos: *Miserum te judico, quia non fuisti*

## 286 Vieira abbreviado

*fuiſti miser: Transiſti ſine ad verſario vitam.*

397. Themistocles em ſeus primeiros annos andava muito triste: perguntado pela cauſa ſendo amado, é estimado, como era, de toda a Grecia, respondeo: Por iſſo meſmo. Sinal he o verme amado de todos, que ainda naõ tenho feito acçaõ taõ honrada, que me grangeaffe inimigos. Assim foy. Cresceo Themistocles, e com elle a fama de ſuas viتورias, e naõ deſtruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos ſe levantavaõ contra elle na patria. Para que vejaõ os odiados, ou pensionados do odio ſe ſe dêvem prezar, ou offendere de ter inimigos. Aquelleſ inimigos eraõ as trombetas da fama de Themistocles, e os voſſos ſão testimunhas em cauſa propria de vos ter dado Deos os bens, que lhes negou a elles.

Num. 100. 398. Julgue agora todo o homem, ( e tanto mais, quanto for mais homem ) ſe he couſa diſſicultoſa, e imposſivel, antes muito facil, e natural, amar os inimigos, ſendo este amor penaõ dos beneficioſ de Deos, e os meſmos beneficioſ occaſao deſſe odio. Pergunto: ( e haja quem me responda ) Eſſes bens por que vos naõ querem bem voſſos inimigos, quem vo los deo? Deos. Pergunto mais: Eſſe preceito de amar os meſmos inimigos quem vo lo poz? Tambem Deos. Pois ſe voſſos inimigos naõ vos amaõ por amor dos bens, que Deos vos deo; porque naõ amareis vós a eſſes inimigos por amor de Deos, que vos deo os bens? Se eſſes bens ſão poteroſos para cauſar odio em quem os inveja, porque naõ ſeraõ poteroſos para cauſar amor em quem os logra? Lograi os, e naõ os queirais perder; porque quem naõ paga a penaõ, merece, que o privem do beneficio.

399 Pelo

## Discurso XLVII. 287

399 Pelo contrario, (notay muito o que querô dizer) pelo contrario, se guardardes a ley de amar os inimigos, naõ só vos naõ tirará Deos os bens, porque elles vos querem mal, senão que de tal sorte vos accrescentará os mesmos bens, que a vós seraõ premio do vosso amor; e a elles castigo do seu odio. Lembrame a este proposito hum discreto, e galante memorial presentado ao Imperador Domiciano, o qual dizia assim: Diz Marcial, que elle tem em Roma hum inimigo, o qual se doe muito das merces, que V. Magestade lhe faz. Pede a V. Magestade lhas faça maiores, para que o dito seu inimigo se doa mais: *Da Cæsar tanto tu, magis ut doleat.* Isto mesmo faz a justiça, e liberalidade divina: accretcenta os bens ao invejado para mayor castigo, e maior dor do inimigo invejoso.

400 Finalmente que de todo este discurso ve colher, e entender a natureza humana em hum, e outro sexo contra a razaõ enganada nas suas falsas balanças, contra o mundo louco nas suas leys ignorantes, e vís, e contra o exemplo brutal, e indigno dos animaes, se he mais natural, mais util, mais facil, mais generoso, mais honrado, e descansado conselho ou querer, e fazer mal aos que nos querem mal, ou querer, e fazer bem, e amar de coraçao, e de obras, como manda o preceito de Christo, a nossos inimigos: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.*

401 A esta primeira difficuldade do preceito segue a segunda do motivo: *Ego autem dico vobis:* Os antigos disserraõ: Sê amigo de teus amigos, e inimigo de teus inimigos; porém eu (diz Christo) digo o contrario: e em dizer Christo o contrario absoluta,

e nua-

é nuamente sem dar a razaõ dô seu dito , aqui está a dificuldade. Se o divino Mestre refuta , e condemna huma opiniaõ taõ antiga , e recebida , porque naõ dá a razaõ? Se o faz como Legislador , os Legisladores poem a ley , e daõ a razaõ da ley , principalmente quando revogaõ huma , e promulgaõ , e introduzem outra. Pois se a ley de amar os proprios inimigos era taõ nova , e se reputava por taõ repugnante , e difficultosa a sua observancia ; porque naõ declara Christo a razaõ , ou razoens da justiça , da conveniencia , da importânciâ , da necessidade , e naõ dá outro motivo do que diz , sênaõ : Eu o digo : *Ego autem dico vobis?*

**Num. 106. - 402.** Infinitas saõ as razoens , e motivos , que o Senhor podéra dar para persuadir o que mandava. Ama a teu inimigo , ( podéra dizer ) para que elle tambem te ame ; porque naõ ha modo , nem meyo , nem diligencia , nem feitiço mais efficaz para ser amado , que amar. Ama a teu inimigo ; porque amando a elle , me amas a mim , e se elle te naõ merece , que o ames , mereçote eu , que me ames nelle. Ama a teu inimigo ; porque se elle te offendê com o seu odio , mais te offendes tu com o teu : o teu te mete no inferno , e o seu naõ. Ama a teu inimigo ; porque os amigos já os naõ ha , e se naõ amares os inimigos , estará ociosa a tua vontade , que he a mais nobre potencia , e privarás o teu coraçao do exercicio mais natural , mais doce , e mais suave , que he o amor. Ama a teu inimigo ; porque o naõ ajudes contra ti , e tenhas douz inimigos , hum , que te queira mal , e outro , que te faça o mayor de todos. Ama a teu inimigo ; porque se elle o faz com razaõ , deves emendar-te ; e se contra razaõ , emendallo. Ama a teu inimigo ;

## *Discurso XLVII.* 289

migo; porque se o seu odio vil he filho da inveja,  
mostre o teu amor generoso, que por isto naõ he digno de vingança, senão de compaixaõ.

403 Ama a teu inimigo; porque ou elle he executor da divina justiça para castigar a tua soberba, ou ministro da sua providencia, para exercitar a tua paciencia, e coroar a tua constancia. Ama a teu inimigo; porque Deos perdoa a quem perdoa, e mais nos perdoa elle na menor offensa, do que nós ao odio de todo o mundo nos maiores aggravos. Ama a teu inimigo; porque as settas do odio, se as recebes com outro odio, são de ferro, e se lhe respondes com amor, são de ouro. Ama a teu inimigo; porque melhor he a paz, que a guerra, e nesta guerra a victoria he fraqueza, e o ficar vencido triunfo. Ama a teu inimigo; porque elle em te querer mal imita o demônio, e tu em lhe querer bem pareces-te com Deos. Ama a teu inimigo; porque esse mesmo inimigo, se bem o consideras, he mais verdadeiro amigo teu, que os teus amigos: elle estranha, e condenna os teus defeitos, e elles os adulaõ, e lisongeaõ. Ama a teu inimigo; porque se o naõ queres amar, porque he inimigo, devolo amar, porque he hominem. Ama a teu inimigo, porque se elle te parece mal, amando-o tu, naõ ferás como elle. Ama a teu inimigo; porque as maiores inimizades cura-as o tempo, e melhor he que seja o medico a razaõ, que o esquecimento. Ama a teu inimigo; porque os mais empenhados inimigos daõse as maõs, se o manda o Rey, e o que se faz sem descredito, porque o manda o Rey; porque se naõ fará, porque o manda Deos? Finalmente, sem subir tão alto, ama a teu inimigo; porque ou elle he mais poderoso, que tu, ou menos: se

Tom. I.

T

he

290 *Vieira abbreviado*

he menos poderoso , perdoalhe a elle , se he mais poderoso , perdoate a ti .

404 Esta ultima razaõ he de hum Filosofo gentio , Seneca , e outro tambem Filosofo , e gentio , e naõ menos discreto que elle , antes muito mais , e mais solido. O grande Plutarcho escreveo hum famoso , e doutissimo tratado dos bens , e utilidades , que o homem pôde tirar do odio de seus inimigos. Se das feras , e serpentes tiraõ tantas utilidades os homens , porque as naõ tirará a mansidaõ de huns da ferreza dos outros ? Hercules da pelle do leão fez a sua mayor gala : Salamaõ dos dentes do elefante fez o seu throno : a Medicina da cabeça da vibora fez a melhor theriaga , e naõ ha veneno taõ mortal , que calcinado , e temperado , como convém , fenaõ converta em antidoto.

405 Pois se a divindade , e humanidade de Christo tinha tantos motivos ou conformes á natureza , ou superiores a ella , com que nos persuadir o amor dos inimigos; porque , deixados todos , só disse : *Ego autem dico vobis*? Porque elle he o mais forte , o mais poderoso , e o mais efficaz motivo de todos. Ajuntemse todos os Filosofos de Athenas , todos os Oradores de Roma , e o que he mais , todos os Profetas de Jerusalem : façaõ discursos , inventem razoens , excogitem argumentos , formem syllogismos , e demonstraçoens , e evidencias para persuadir hum homem a que ame seus inimigos : todos esses motivos comparados com hum *Ego dico vobis* de Christo naõ pezaõ hum atomo.

Num. 109. 406 Pezemos , e consideremos bem o poder , ou a omnipotencia infinita , e immensa daquelle *Ego dico*. Antes da creaçao do mundo naõ havia nada.

Appa-

## Discurso XLVII. 291

Appareceo subitamente esta grande machina, que vemos, e quem a fez? Ametade do nosso texto: *Ego dico.* O *vobis* ainda o naõ havia; porque naõ havia nada. E se naõ havia nada, como se fez tudo isto? Porque Deos o disse: *Ipse dixit, & facta sunt.* Naõ Pf. 148. 5. havia Ceo, disse Deos: Façase o Ceo, e fez-se o Ceo: naõ havia terra, disse Deos: Façase a terra, e fez-se a terra: estava tudo ás escuras, disse Deos: Façase a luz, e fez-se a luz. Pois se o dizer de Deos he taõ poderoso, que de nada fez tudo, e do naõ ser tirou o ser de todas as cousas; que motivo podia, nem pôde haver taõ poderoso, para que do naõ ser amigos nos fizesse ser amigos, como *Ego dico?* Quem he este Ego? He Deos infinito ser. Quem he este Ego? He Deos infinita sabedoria. Quem he este Ego? He Deos infinita omnipotencia. Quem he este Ego? He Deos infinita verdade. Pois se hum só dizer deste Ego: *Ipse dixit,* bastou para dar todo o ser ao naõ ser; porque naõ bastará para que sejamos o que elle quer, depois de elle nos dar o ser, que temos?

407 Assim como os Ninivitas se haõ de levantar no dia do Juizo contra os Judeos; porque elles creraõ o que disse Jonas, e os Judeos naõ criaõ o que dizia Christo; assim os Rechabitas se haõ de levantar naquelle dia contra Jerusalem; porque elles creraõ, e observaraõ o que lhes disse Jonadab, e Jerusalém naõ cria, nem observava o que dizia Deos. E contra nós os Christaõs, quem se levantará? Os Turcos.

408 O mesmo preceito de naõ beber vinho, que poz Jonadab aos Rechabitas, poz Maçoma aos seus sequazes. E que mayor afronta, e vergonha dá Christandade, que resistir o Turco ao seu

## 292 Vieira abbreviado

appetite, e á sua sede, porque o manda o Alcorão, e o disse Mafoma, e não mortificar o Christão á sua paixaõ, e o seu odio, porque o prega o Euangello, e o diz Christo? Mas não he necessario ir tão longe, nem sahir de casa. Sabeis quem se há de levantar contra nós no dia do Juizo? Nós mesmos. Dizeime: E se estais tão offendido, e tão aggravado de vosso inimigo; porque vos não vingais? Por me não perder. Bem. E porque beijais aquella mão, que desejais ver cortada? Porque dependo della. Melhor. E porque lisonjeais com a boca este, e aquelle, que aborreceis com o coraçao? Porque assim importa ás minhas conveniencias. Pois o que fazeis por essa politica vil, baixa, e infame, não o fareis porque o manda Christo? Desenganese qualquer outro amor dos inimigos, ainda que fosse verdadeiro por outras causas, que todo he hypocresia, e vileza. Só he racional, virtuoso, e christão o que não tem outro motivo, nem outro porque, senão porque Christo o disse: *Ego autem dico vobis.*

### DISCURSO XLVIII.

*Tirado de tres sermoens, hum de Santo Antonio, que converteo vinte e douos ladroens, outro do santiſſimo Sacramento, e outro do bom ladraõ, nos quaes o Auctor reprende este vicio, e lhe applica o remedio.*

### LADROENS.

Part. 3.  
Num. 305.

409

**C**ousa he muito notada, e muito notavel, que prégando Christo Senhor nosso contra

## Discurso XLVIII. 293

tra todos os vicios , nunca prégasse contra os ladroens. Lede todos os quatro Evangelistas , achareis, que no sermaõ do bom Pastor , na parabola do Samaritano , na dos servos vigilantes , e em outros muitos lugares falla o Senhor em ladroens , mas que lhe prégasse , nunca. O que só lemos , que fizesse em materia de ladroens , he , que no dia , em que entrou por Jerusalem acclamado por Rey , foy logo ao templo , e fazendo hum açoute das cordas , com que vinhaõ atadas as rezas para os sacrificios , com elle lançou fóra os que as vendiaõ , dizendo , que o seu templo era casa de oraçaõ , e que elles o tinhaõ feito cova de ladroens : *Vox autem fecistis illam speluncam latronum.* Que Christo como Rey açoutal-se os ladroens , <sup>Matth. 21.</sup> <sup>13.</sup> foy acçaõ mui propria do officio , e obrigaçaõ de Rey ; mas Christo naõ só era Rey , senaõ Rey , e Prégador juntamente : *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus , prædicans præceptum ejus.* Pois se Christo açoutou os ladroens , como Rey ; porque lhe naõ prégou tambem , e mais estando no templo , como Prégador ?

410 Porque os ladroens saõ casta de gente , em que se empregá melhor o castigo , do que se pôde esperar a emenda. A prégaçao he para emendar , e converter áquelles , a quem se prega , e gente costumada ao vicio de furtar he taõ difficul'tosa , e quasi incapaz de emenda ; que nunca , ou quasi nunca , se converte. Cinco dias depois deste se viu por experiençia , e com taes circunstancias , que excedem toda a admiraçao .

411 O mayor dia , que houve no mundo , foy <sup>Num. 306;</sup> aquelle , em que o Filho de Deos deo a vida no monte Calvario pela redempçao do genero humano. Neste

Tom. I.

T. 3

mes-

## 294 Vieira abbreviado

mesmo dia morreraõ tres ladroens , dous aos lados de Christo , e hum do seu lado , que era mais . Morreo o bom ladraõ , morreo o mao ladraõ , morreo Judas . E que successio , e sim foy o destes tres ladroens ? O bom ladraõ converteose ; o mao ladraõ , e Judas condemnaraõse . De maneira , que no mayor dia do mundo , em que o Redemptor delle estava com cinco fontes de graça , e de mitericordia abertas , de tres ladroens condemnaõse dous , e convertese hum . E converterse hum ladraõ , por duro , e obstinado que seja , com o desengano dos ultimos embargos , quanto mais ao pé da forca , e já posto nella , he cousa muito facil . Porém converterse , e accommodarse a trabalhar para viver quem está costumado a outra vida , he cousa taõ difficultosa , que esta mesma difficultade he a que inventou a arte , e artes de furtar .

Num. 311.

Num. 312.

412 Aquelle feitor do pay de familias , que refere o Euangelho , vendole privado da administraçao da fazenda , de que comia , e naõ se accommodando a trabalhar para viver , que conselho tomou ? Falsificou as escrituras , diz o texto , e fezse ladraõ por tal arte , que o amo lhe perdoou o furto pela industria . Esta he a providéncia do diabo , com que elle compete com Deos em sustentar o mundo . Para que naõ desconfieis da providencia divina , olhay , diz Christo , para as aves do Ceo : *Respicite volatilia cœli* . As aves naõ lavraõ a terra , nem semeaõ , nem colhem , e com tudo sustentaõse : o mesmo fazem por providéncia do diabo estas aves de rapina . Os outros cavaõ , os outros trabalhaõ , os outros suaõ , e o que estes recolheraõ na eira , ou venderaõ na praça , embolsaõ elles na estrada .

413 O primeiro ladraõ , que houve no mundo , foy

## Discurso XLVIII. 295

foy o primeiro homem : ( tão antigo costume he serem os primeiros homens os primeiros ladroens ) condemnou Deos este primeiro ladrao a que comeſſe o seu paõ com o suor do seu roſto : *In sudore vul- Gen. 3, 19.*  
*tus tui vesceris pane tuo.* Mas os ladroens , que vierão depois , fouberao , e podérao tanto , que trocarão a ſentença , e em lugar de comerem o seu paõ com o suor do seu roſto , comem o paõ naõ ſeu com o suor do roſto alheyo.

414 Parece , que competio a potencia , e maldade humana com a omnipotencia , e bondade divina a fazer outro ſacramento ás aveſſas do ſeu. O todo poderoso converte a ſubſtancia do paõ em ſubſtancia de carne , e ſangue , para que comeſſemos ſeu corpo: os todos poderofos convertem a ſubſtancia da carne , e ſangue do povo em ſubſtancia de paõ para o comeſſrem elles. Ouçaõ os que iſto padecem a Job , para que peçaõ a Deos ſemelhante paciencia : *Quare per- Job. 19.*  
*ſequimini me ſicut Deus , & carnibus meis ſatura- 22.*  
mini ? Porque me perſeguis como Deos , e vos fartais da minha carne ? Reparaime naquelle *Sicut Deus.* Diz Job , que ſeus perſeguidores fe fartavao da ſua carne , e que niſſo fe queriaõ fazer ſemelhan- tes a Deos. Pois ſemelhantes a Deos em fe fartarem da carne de Job ? Onde está aqui o *Sicut Deus* ? No milagre da transuſtanciação , o qual ainda naõ tinha nome , e lho deo o myſterio do ſacramento. Só Deos pôde converter huma ſubſtancia em outra. E niſſo faõ perversamente como Deos os que da ſubſtancia alheya fazem ſubſtancia propria , e da carne dos pobres paõ. Taes erao os perſeguidores de Job . Assim como Deos converte a ſubſtancia de paõ na de ſua carne , para que o comaimos , assim elles ás aveſſas

## 296 Vieira abbreviado

convertiaõ a substancia , e carne de Job em paõ para o comerem. Deos fazse paõ para vos sustentar , e os homens fazem de vós paõ para vos comer. Este he o paõ usual , e esta a queixa de Deos por David: *Qui devorant plebem meam sicut escampanis:* O meu povo , a quem eu me dei em paõ , vejo que mo comem como paõ. Nota aqui Genebrardo , que falla o Profeta dos grandes , e dos poderosos : *Loquitur de magnatibus.* Os pequenos naõ comem , nem podem comer os grandes , os grandes porque podem , saõ os que comem os pequenos. Por isso os povos estaõ taõ despovoados , e taõ comedidos , e os comedores taõ cheyos , e taõ fartos.

Num. 24. 415 Pouco era se o comer do alheyo tivera só o alivio do trabalho de o cavar , e suar ; mas dizem que he taõ gostoso , e laboroso , que he nova , e muito mayor maravilha haver quem se abstivesse delle. Se o differaõ os mesmos ladroens , eu os naõ crera como apaixonados do officio , e subornados da propria inclinacaõ. Mas he dito , e sentença do Espirito Santo :

Prov. 9. 17. *Aqua furtiva dulciores sunt , & panis absconditus suavior:* A agua furtada he mais doce , e o paõ , que se come ás escondidas , mais suave. O que me admira nestas palavras , e deve admirar a todos , he , que para declarar o grande sabor do alheyo , e do furtado se ponha a comparaçaõ em paõ , e agua. A agua naõ tem sabor , e se tem sabor , naõ he boa agua : o sabor do paõ tambem he taõ pouco , que se naõ se acompanha , ou engana com outro , só a muita fome o pôde fazer toleravel. Em fim sustentarse hum homem com paõ , e agua naõ he comer , he jejuar , e o mais estreito , e rigoroso jejum. Como declara logo o Espirito Santo naõ só o sabor , senaõ a doçura , e

## Discurso XLVIII. 297

ra, e suavidade do alheyo com paõ , e agua : *Aqua  
furtivæ dulciores , & panis absconditus suavior?*

416 Naõ se podéra melhor declarar , nem ainda encarecer. Como se dissera o divino Oraculo : He taõ grande o sabor do alheyo, he tal a doçura , e suavidade do que se furta , que até paõ , e agua , se he furtado , he manjar muito saboroso. Viver do proprio a paõ , e agua he a maior penitencia : viver do alheyo , ainda que seja a paõ , e agua , he grande regalo. Taõ saboroso bocado he o alheyo.

417 Muito me peza ter de Rey o exemplo , com que hey de confirmar esta verdade. Mas naõ de balde disse Santo Agostinho : *Quid sunt magna Regna,  
nisi magna latrocinia?* Que coufa faõ os grandes Reynos , senão grandes latrocínios ? Andava El Rey Achab desejoso de roubar a Naboth a sua vinha , e como achasse dificuldade na execuçãõ , ( que até os maos Reys daquelle tempo achavaõ dificuldade em tomar os bens dos vassallos ) tomou tanto sentimento de naõ conseguir taõ depressa , como queria , este appetite , que chamado para a mesa naõ quiz comer : *Noluit comedere panem suum* , diz o texto dos Tentata ; e accrescenta Santo Ambrosio : *Quia cupiebat alienum* : Naõ quiz comer o seu paõ , porque apetecia o alheyo. Ora grande sabor he o do alheyo até para o gosto , e padar daquelles , que o trazem costumado aos mais exquisitos manjares ! De maneira , que posta de huma parte a mesa real , e da outra o paõ do pobre Naboth , porque Achab naõ pode comer o paõ alheyo , perdeo todo o appetite á mesa real .

418 Pozse huma vez á mesa El Rey D. Joaõ o III. Num. 315. e trazia grande fastio. Estava entre os fidalgos , que o assif-

3. Reg. 21.]

LXX,

## 298 Vieira abbreviado

o assistiaõ ; hum muito conhecido por discreto : disselhe El Rey : Que remedio me dais, D.Fulano, para comer , que de nenhuma cousta gosto ? Coma V. Alteza do alheyo , como eu faço , e verá como lhe sabe bem. Assim respondeo aquelle Cortezaõ , e rindo diffe a verdade. Quereis que vo la acabe de encarecer ? Ora ouvi quaõ saboroso he o alheyo. O alheyo he huma pirola do inferno : ouro por fóra , mas inferno por dentro ; porque ninguem come o alheyo , que naõ trague o inferno juntamente. E manjar , que levando de mistura todo o inferno , ainda se come com tanto gosto , vede se he grande o seu sabor.

Num. 316. 419 Bem sey , que nesta terra naõ ha ladroens por officio , mas ha officios , em que se pôde furtar. E tudo o que he tomar , ou reter , ou naõ pagar o alheyo , por mais honrado nome que lhe deis , igualmente pertence ao setimo mandamento.

Num. 415. 420 Santo Agostinho falla geralmente de todos os Reynos , em que saõ ordinarias semelhantes oppresoens , e injustiças , e diz , que entre os taes Reynos , e as covas dos ladroens ( a que o Santo chama latrociniós ) só ha huma diferença . E qual he ? Que os Reynos saõ latrociniós , ou ladroeiras grandes , e os latrociniós , ou ladroeiras saõ Reynos pequenos : *Sublata justitia, quid sunt Regna, nisi magna latrocinia? Quia & latrocinia quid sunt, nisi parva Regna?* He o que disse o outro pirata a Alexandre Magno. Navegava Alexandre em huma poderosa armada pelo mar Eritréo a conquistar a India , e como fosse trazido á sua presença hum pirata , que por alli andava roubando os pescadores , reprehendeo-o muito Alexandre de andar em taõ mao officio ; porém elle , que naõ era medroso , nem lerdo , respondeo assim:

421 Basta,

## Discurso XLVIII. 299

421 Basta, senhor, que eu porque roubo em huma barca, sou ladrão, e vós porque roubais em huma armada, sois Imperador? Assim he. O roubar pouco he a culpa, o roubar muito he grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito os Alexandres. Mas Seneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a huns, e outros definio com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem, & piratam, quo Regem animam latronis, & piratae habentem.* Se o Rey de Macedonia, ou qualquer outro fizer o que faz o ladrão, e o pirata, o ladrão, o pirata, e o Rey, todos tem o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

422 Os ladroens, de que fallo, naõ saõ aquelles misérameis, a quem a pobreza, e vileza de sua fortuna condenou a este genero de vida; porque a mesma sua miseria ou escusa, ou alivia o seu peccado, como diz Salamaõ: *Non grandis est culpa; cum quis furatus fuerit: furatur enim, ut esurientem impleat animam.* Os ladroens, que mais propria, e dignamente merecem este titulo, saõ aquelles, a quem os Reys encõmendaõ os exercitos, e legioens, ou o governo das Províncias, ou a administraçao das Cidades, os quaes já com manha, já com força roubaõ, e deipoyaõ os povos.

423 Os outros ladroens roubaõ hum homem, estes roubaõ Cidades, e Reynos: os outros furtaõ debaixo de seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtaõ, saõ enforcados, e estes furtaõ, e enforcaõ. Diogenes, que tudo via com mais aguda vista, que os outros homens, viu que huma grande tropa de varas, e Ministros de justiça levavaõ a enforcar huns ladroens, e começou a bradar: Lá vaõ os ladroens

Num. 417.

Prov. 6.30

300 *Vieira abbreviado*

ladroens grandes a enforcar os pequenos. Ditosa Grecia , que tinha tal Prégador ! E mais ditosas as outras naçoens, se nellas não padecera a justiça as mesmas afrontas! Quantas vezes se vio em Roma ir a enforcar hum ladrão por ter furtado hum carneiro , e no mesmo dia ser levado em triunfo hum Contul , ou hum Dictador por ter roubado huma Provincia ? E quantos ladroens teriaõ enforcado estes mesmos ladroens triunfantes? De hum chamado Seronato disse com discreta contraposição Sydonio Apollinar : *Non cessat simul furtar vel punire , vel facere :* Seronato está sempre ocupado em duas cousas : em castigar furtos , e em os fazer. Isto não era zelo de justiça , senão inveja. Queria tirar os ladroens do mundo para roubar elle só.

Num. 418 424 Declarado assim por palavras não minhas , senão de muitos bons Auctores , quaõ honrados , e autorizados sejaõ os ladroens , de que fallo , estes saõ os que disse , e digo , que levaõ comigo os Reys ao inferno . Mas se os Reys taõ fóra estaõ de tomar o alheyo , que antes elles saõ os roubados , e os mais roubados de todos , como levaõ ao inferno comigo estes maos ladroens a estes bons Reys ? Não por hum só , senão por muitos modos , os quaes parecem insensíveis , e occultos , e saõ muito claros , e manifestos . O primeiro , porque os Reys lhe dão os officios , e poderes , com que roubaõ : o segundo , porque os Reys os conservaõ nelles : o terceiro , porque os Reys os adiantaõ , e promovem a outros mayores : e finalmente porque sendo os Reys obrigados suspenha da salvação a restituir todos estes danos , nem na vida , nem na morte os restituem . E quem diz isto ? Já se sabé , que ha de ser Santo Thomás . He taõ natu-

## Discurso XLVIII. 301

natural, e taõ clara esta Theologia, que até Agamenon Rey gentio a conheceo, quando disse: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.*

425 Diz Isaias: *Principes tui infideles socii furum:* Os Principes de Jerusalém naõ saõ fieis; porque saõ companheiros dos ladroens. Pois sayba o Profeta, que ha Principes fieis, e Christaõs, que ainda saõ mais miseraveis, e mais infelices, que estes: Porque hum Principe, que entrasse em companhia com os ladroens: *Socii furum*, havia de ter tambem a sua parte no que se roubasse; mas estes estaõ taõ fóra de ter parte no que se rouba, que elles saõ os primeiros, e os mais roubados. Pois se saõ os roubados estes Principes, como saõ, ou podem ser companheiros dos mesmos ladroens: *Principes tui socii furum?* Será por ventura, porque tal vez os que acompanhaõ, e assistem aos Principes, saõ ladroens? Se assim fosse, naõ seria coufa nova. Antigamente os que assistiaõ ao lado dos Principes, chamavaõse Laterones. E depois corrompendose este vocabulo, como affirma Marco Varro, chamaraõse Latrones. E que seria se assim como se corrompeo o vocabulo, se corrompessem tambem os que o mesmo vocabulo significa? Mas eu naõ digo, nem cuido tal coufa. O que só digo, e sey por ser Theologia certa he, que em qualquer parte do mundo se pôde verificar o que Isaias diz dos Principes de Jerusalém: *Principes tui socii furum:* Os teus Principes saõ companheiros dos ladroens. E porque? Saõ companheiros dos ladroens; porque os dissimulaõ: saõ companheiros dos ladroës, porque os consentem: saõ companheiros dos ladroens, porque lhe daõ os postos, e os poderes-

426 D. fulano (diz a piedade bem intencionada)

Num. 436.  
Isai. 1. 23.

Num. 424.

## 302 Vieira abbreviado

da) he hum fidalgo pobre, desselhe hum governo. E quantas impiedades ou advertidas, ou naõ, se contém nesta piedade? Se he pobre, demlhe huma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas porque he pobre, hum governo? Para que vá desempobrecer á custa dos que governar? E para que vá fazer muitos pobres á conta de tornar muito rico? Isto quer quem o elege por este motivo.

427 Vamos aos do premio, e tambem aos do castigo. Certo Capitaõ mais antigo tem muitos annos de serviço, demlhe huma fortaleza nas conquistas; mas se esses annos de serviço assentaõ sobre hum sujeito, que os primeiros despojos, que tomava na guerra, eraõ a farda, e a raçaõ de seus proprios soldados despidos, e mortos de fome, que ha de fazer em Coifala; ou em Mascate? Tal graduado em leys leo com grande aplauso no paço; porém em duas judicaturas, e huma correicaõ naõ deo boa conta de si; pois vá degradado para a India com huma beca. E se na Beira, e Alentejo, onde naõ ha diamantes, nem rubis, se lhe pegavaõ as inaõs a este Doutor, que será na Relaçaõ de Goa?

Num. 425. 428 Encômedou ElRey D. Joaõ o III. a S. Francisco Xavier o informasse do Estado da India por via de seu companheiro, que era Mestre do Principe. E o que o Santo escreveo de lá sem nomear officios, nem pelsloas foy, que o verbo *Rapio* na India se conjugava por todos os modos. Muito suspeito, que se o Santo estivera na Africa, e na America, como na Asia, o mesmo, que escreveo da India, escreveria tambem de Angola, e do Brasil. S. Paulo diz: *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum diaboli.* Os que querem ser ricos, cahem no laço do diabo. E se o desejo

Part. 8.  
fol. 246.

I. ad Thimo-  
mot. 6. 9.

## Discurso XLVIII. 303

desexo da riqueza leva os homens á India, os que vaõ a Angola, e ao Brasil he certo, que naõ vaõ lá a empobrecer: a fazer pobres mais depressa. Os que Deos mandou escolher a Moysés para governo do povo, dissele que fossem homens, *Qui oderint avaritiam*, que tivessem odio ao dinheiro. E eu com ser taõ velho, tenho visto muitos odios, e vinganças, e nunca tive a ventura de ver este odio ao dinheiro; amor sim, e muito refinado em muitos. O que eu posso acrescentar pela experienzia, que tenho, he, q̄ naõ só do Cabo de Boa-Esperança para lá, mas tam-  
Part. 3.  
bem das partes dáquem se usa igualmente a mesma  
conjugaçāo. Conjugaçāo por todos os modos o verbo  
*Rapio*; porque furtaçāo por todos os modos da arte,  
naõ fallando em outros novos, e exquisitos, que naõ  
conheceo Donato, nem Delpauterio. Tanto que lá Num. 426.  
chegaçāo começaçāo a furtar pelo modo Indicativo; por-  
que a primeira informaçāo, que pedem aos praticos,  
he, que lhe apontem, e mostrem os caminhos por  
onde podem abarcar tudo. Furtaçāo pelo modo Imper-  
rativo; porque como tem o mero, e misto imperio,  
todo elle applicaçāo dispoticamente ás execuções da  
rapina. Furtaçāo pelo modo Mandativo; porque acei-  
taçāo quanto lhes mandaçāo, e para que mandem todos,  
os que naõ mandaçāo, naõ saõ aceitos. Furtaçāo pelo mo-  
do Optativo; porque desejaçāo quanto lhe parece bem,  
e gabando as cousas desejadas aos donos dellas, por  
cortezia sem vontade as fazem suas. Furtaçāo pelo  
modo Conjuntivo; porque ajuntaçāo o seu pouco ca-  
bedal com o daquelle, que manejaçāo muito, e basta  
só que ajuntem a sua graça para serem quando me-  
nos meyeiros na ganancia. Furtaçāo pelo modo Poten-  
cial; porque sem preceito, nem ceremonia usaçāo de  
poten-

## 304 Vieira abbreviado

potencia. Furtaõ pelo modo Permissivo ; porque permittem , que outros furtẽm , e estes compraõ as permissoens. Furtaõ pelo modo Infinitivo ; porque naõ tem fim o furtar com o fim do governo , e sempre lá deixaõ raizes , em que se vaõ continuando os furtos.

429 Estes mesmos modos conjugaõ por todas as pessoas ; porque a primeira pessoa do verbo he a sua, as segundas os seus criados , e as terceiras quantas para isso tem industria , e consciencia. Furtaõ juntamente por todos os tempos ; porque do Presente (que he o seu tempo) colhem quanto dá de si o trienio : e para incluirem no presente o Preterito , e Futuro , do preterito desenterraõ crimes , de que vendem os perdoens, e dividas esquecidas, de que se pagão inteiramente , e do futuro empenhaõ as rendas, e anticipaõ os contratos , com que tudo o cahido , e naõ cahido lhe vem a cahir nas maõs. Finalmente nos mesmos tempos nem lhe escapaõ os Imperfeitos , Perfeitos , Plusquam Perfeitos , e quaequer outros ; porque furtaõ , furtaraõ , furtavaõ , furtariaõ , e haveriaõ de furtar mais , se mais houvesse. Em summa que o resumo de toda esta rapante conjugaçaõ vem a ser o Supino do mesmo verbo : a furtar para furtar. E quando elles tem conjugado assim toda a voz Activa , e as miseraveis Provincias supportado toda a Passiva , elles como se tiveraõ feito grandes serviços , tornaõ carregados de despojos , e ricos , e ellas ficaõ roubadas , e consumidas.

Num. 427. 430. Hecerto , que os Reys naõ querem isto , antes mandaõ em seus regimentos o contrario ; mas como as patentes se daõ aos Grammaticos destas conjugaçoes taõ peritos , ou taõ cadimos nellas , que outros effeitos te podem esperar dos seus governos ?

Cada

## *Discurso XLVIII.* 305

Cada patente destas em propria significaõ vem a ser huma licença geral in scriptis , ou hum passaporte para furtar. Em Hollanda , onde ha tantos armadores de coſſarios , repartemſe as costas da Africa , da Asia , e da America com tempo limitado , e ne- nhum pôde sahir a roubar sem passaporte , a que cha- maõ Carta de marca. Isto mesmo valem as provi- ſoens , quando se daõ aos que eraõ mais dignos da marca , que da carta. Por mar padeceim os morado- res das conquistas a pirataria dos coſſarios estrangei- ros , que he contingente : na terra ſupportaõ a dos naturaes , que he certa , e infallivel. E fe alguém du-vida qual ſeja mayor , note a diſſerēça de huns a outros.

431 O pirata do mar naõ rouba aos da ſua Re- publica , os da terra roubaõ os vassallos do mesmo Rey , em cujas maõs juraraõ homenagem. Do coſſario do mar poſſome defender , aos da terra naõ poſſo reſiſtir. Do coſſario do mar poſſo fugir , dos da ter- ra naõ me poſſo esconder : o coſſario do mar depen- de dos ventos , os da terra ſempre tem por ſi a mon- caõ : em fim o coſſario do mar pôde o que pôde , os da terra podem o que querem , e por iſlo nenhuma preza lhe escapa. Se houvesſe hum ladraõ omnipo- tente , que vos parece , que faria a cubiça junta com a omniپotencia ? Pois iſlo he o que fazem estes coſſarios.

432 Dos que obraõ o contrario com singular in- teireza de juſtiça , e limpeza de interesse , alguns exemplos temos , poſto que poucos. Mas folgara eu ſaber quantos exemplos ha , naõ digo já dos que fo- ſsem juſtiçados como taõ inſignes ladraens ; mas dos que foſsem privados do governo por estes roubos ?

Tom. I.

V

Pois

## 306 Vieira abbreviado

Pois se elles furtão com os officios, e os consentem, e conservaõ nos mesmos officios, como naõ haõ de levar comsigo ao inferno os que os consentem? O meu Santo Thomás o diz, e aliega com o texto de S.

Rom. 1,32 *Digni sunt morte non solum qui faciunt, sed etiam qui consentiunt facientibus.*

Num. 438. 433 E para que esta sorte se troque em huns, e outros, vejamos agora como os mesmos Reys, se quizerem, podem levar comsigo os ladroens ao Paraíso. Parecerá a alguem pelo que fica dito, que se rá cousa muito difficultosa, e que se naõ pôde conseguir sem grandes despezas; mas eu vos affirmo, e mostrarei brevemente, que he cousa muito facil, e que sem nenhuma despeza de sua fazenda, antes com muitos augmentos della o podem fazer os Reys. E de que modo? Com huma palavra; mas palavra de Rey: mandando, que os mesmos ladroens, os quaes naõ costumaõ restituir, restituão effectivamente tudo, o que roubaraõ. Executando-o assim, salvarsehaõ os ladroens, e salvarsehaõ os Reys. Os ladroens salvarsehaõ; porque restituiráõ o que tem roubado, e os Reys salvarsehaõ tambem; porque restituindo os ladroens, naõ terão elles obrigaçao de restituir. Pôde haver acção mais justa, mais util, e mais necessaria a todos? Só quem naõ tiver fé, nem consciencia, nem juizo, o pôde negar.

Num. 439. 434 E porque os mesmos ladroens se naõ sintaõ, de haverem de perder por este modo o fruto das suas industrias, considerem, que ainda que sejaõ tão maos, como o mao ladraõ, naõ só deviaõ abraçar, e desejar esta execuçao, mas pedilla aos mesmos Reys. O bom ladraõ pedio a Christo, como a Rey, que se lembrasse delle no seu Reyno, e o mao ladraõ, que lhe

## Discurso XLVIII. 307

Ihe pedio? *Si tu es Christus, salvum fac temet* Luc. 23.  
*ipsum, & nos:* Se sois o Rey promettido, como crê 39.  
meu companheiro, salvaivos a vós, e a nōs. Isto pe-  
dio o mao ladrão a Christo, e o mesmo devem pedir  
todos os ladroens a seu Rey, posto que sejaõ taõ  
maos, como o mao ladrão. Nem Vossa Magestade,  
Senhor, te pôde salvar, nem nós nos podemos sal-  
var sem restituir: nós naõ temos animo, nem valor  
para fazer a restituçāo, como nenhum a faz nem  
na vida, nem na morte.

435 He muito para ver, ou para chorar na nossa Num. 317.  
terra como morrem os poderosos: testaõ de quaren-  
ta, de sessenta, e de cem mil cruzados de divida. Fa-  
zem seu testamento, em que encarregaõ a seus her-  
deiros, que paguem, e deixando no mesmo tempo a  
casa cheya de baxellas, de joyas, de tapeçarias, e de  
outras peças de muito valor, além das fazendas des-  
obrigadas, com que logo podéraõ pagár o que de-  
vem. Feita a diligencia do testamento, abraçaõ se  
com hum Christo, e ficaõ os parentes, e amigos mu-  
ito consolados, dizendo, que morreo como hum S.  
Paulo. Esta he a frase, com que se declaraõ, e con-  
folaõ, e por ventura com que se animaõ a morrer do  
mesmo modo. Senhores meus, ouvime, posto que  
de taõ longe, S. Paulo naõ tomou, nem devia nada a  
ninguem, e disso fez hum protesto, ou manifesto pu-  
blico, quando disse: *Argentum, & aurum, aut ves- AA. 20.*  
*tem nullius concupivi, sicut ipsi scitis.* E ainda que 33.  
S. Paulo devera alguma cousa, ou muito, como naõ  
tinha nada de seu, a impossibilidade o desobrigava  
da restituçāo. Porém morrer sem restituir, deixan-  
do a casa cheya, e salvar! Naõ ensina essa Theolo-  
gia a ley de Christo.

## 308 Vieira abbreviado

Num. 315. 436 Dizeis, e dizem por ventura os que vos aconselhaõ, que com as confessar no vosso testamento, e com as mandar pagar satisfaçeis. Enganaïs-  
vos, e enganaõvos: e se naõ respondeime. Quando herdastes a casa de vosso pay, deixou dívidas? Mui-  
tas. E mandouvos, e encõmendouvos muito, que as pagasseis? Sim. E pagastelas vós? Naõ. Antes accres-  
centastes outras maiores. Pois se vós naõ cumpristes o testamento de vosso pay, e sabeis com certeza mor-  
al, que vosso filho naõ ha de cumprir o vosso, co-  
mo cuidais, que enganais a Deos, e vos quereis en-  
ganar, e condennar a vós mesmo, deixando a casa cheia do que he alheyo, e naõ vosso?

Num. 318. 437 Pagai promptamente o que deveis, e naõ deixeis esmolas; nem legados. Tantas mil Missas, tantos Officios, tantos funeraes, tantas pompas, tantos acompanhamentos: estes cantando, e os acredo-  
res chorando. Réstitui, e se naõ tiverdes mais, naõ mandeis dizer huma Missa por vossa alma; porque a Missa sem restituição naõ vos ha de salvar, e a restitu-  
ição sem Missa sim. Mas para o que he pompa, e vaidade fazemse novos empenhos, e novas dívidas, accrescentando nova circunstancia ao peccado irre-  
missivel de naõ pagar as contrahidas.

Num. 439. 438 Mande-a pois fazer executivamente V. Magestade, e por este modo, posto que para nós seja violento, salvar-seha V. Magestade a si, e mais a nós: *Salvum fac temet ipsum, & nos.* Creyo que nenhuma consciencia haverá christã, que naõ approve este meyo. E para que naõ fique em generalidade, que he o mesmo que no ar, desçamos á pratica delle, e ve-  
jamos como se ha de fazer. Queira Deos que se faça.

439 O modo pois, com que as restituiçōens da fa-  
zenda

## Discurso XLVIII. 309

zenda Real se podem fazer facilmente , ensinou aos Num. 445.  
Reys hum Monge , o qual assim como soube furtar ,  
soube tambem restituir. Refere o caso Mayôlo ,  
Crantzio , e outros. Chamavase o Monge Fr. Theodo-  
drico; e porque era homem de grande intelligencia ,  
e industria , cõmetteolhe o Imperador Carlos IV. al-  
gumas negociaçoes de importancia , em que elle se  
aproveitou de maneira , que competia em riquezas  
com os grandes senhores. Advertido o Imperador ,  
mandou o chamar á sua presençā , e disselhe , que se  
aparelhasse para dar contas. Que faria o pobre , ou  
rico Monge? Respondeo sem te astustar , que já es-  
tava aparelhado , que naquelle mesmo ponto as da-  
ria , e disse assim : Eu , Cesar , entrei no serviço de  
V. Magestade com este habito , e dez , ou doze tos-  
toens na bolça da elmolada das minhas Missas : deixe-  
me V. Magestade o meu habito , e os meus tostoens ,  
e tudo o mais , que possuo , mande o V. Magestade re-  
ceber , que he seu , e tenho dado contas. Com tanta  
facilidade como isto fez a sua restituiçā o Monge , e  
elle ficou guardando os seus votos , e o Imperador a  
sua fazenda. Reys , e Principes mal servidos , se que-  
reis salvar a alma , e recuperar a fazenda , introduzi  
sem excepçā de pessoa as restituiçoes de Fr. Theodo-  
drico. Saibase com que entrou cada hum , o de mais  
torne para donde sahio , e salvemse todos.

440 Vede , vede ainda humanamente o que per- Num. 446.  
deis , e porque? Nesta restituiçā ou forçosa , ou  
forçada , que naõ quereis fazer , que he o que dais ,  
e o que deixais? O que dais he o que naõ tinheis:  
o que deixais he o que naõ podeis levar comvosco ,  
e por isso vos perdeis. Nú entrei neste mundo , e nú  
hey de sahir delle , dizia Job , e assim sahiraõ o bom ,

## 310 Vieira abbreviado

e o mao ladrão. Pois se assim ha de ser , queirais , ou  
nao queirais , desrido por desrido , nao he melhor ir  
com o bom ladrão ao Paraíso , que com o mao ao  
inferno ?

## DISCURSO XLIX.

*Tirado de hum sermaõ das lagrimas de S. Pedro.*

### L A G R I M A S .

Part. 1.  
Pag. 850.

441 **N** Otavel creatura saõ os olhos ! Admira-  
vel instrumento da natureza : prodigio-  
so artificio da providencia ! Elles saõ a primeira ori-  
gem da culpa , elles a primeira fonte da graça. Saõ  
os olhos duas viboras metidas em duas covas , em  
que a tentaçao poz o veneno , e a contriçaõ a theria-  
ga. Saõ duas settas , com que o demonio se arma pa-  
ra nos ferir , e perder : e saõ dous escudos , com que  
Deos depois de feridos nos repara para nos salvar.  
Todos os sentidos do homem tem hum só officio : só  
os olhos tem dous. O ouvido ouve ; o gosto gusta , o  
olfato cheira , o tacto apalpa , só os olhos tem dous  
officios : ver , e chorar. Estes seraõ os dous polos do  
nosso discurso.

Pag. 851.

442 Ninguem haverá , ( se tem entendimento )  
que naõ deseje saber , porque ajuntou a natureza no  
mesmo instrumento as lagrimas , e a vista : e porque  
unio na mesma potencia o officio de chorar , e o de  
ver. O ver he a acção mais alegre ; o chorar a mais  
Tob. 5. 12. triste. Sem ver , como dizia Tobias , naõ ha gosto ; por-  
que o sabor de todos os gostos he o ver ; pelo con-  
trario o chorar he o estillado da dor , o sangue da al-  
ma ,

## Discurso XLIX. 311

ma , a tinta do coraçāo , o fel da vida , o liquido do sentimento. Porque ajuntou logo a natureza nos mesmos olhos dous effeitos taõ contrarios , ver , e chorar ? A razaõ , e a experienzia he esta . Ajuntou a natureza a vista , e as lagrimas ; porque as lagrimas saõ consequencias da vista : ajuntou a providencia o chorar com o ver ; porque o ver he a causa do chorar . Sabeis porque choraõ os olhos ? Porque vemi . Chorou David toda a vida , e chorou taõ continuadamente , que com as lagrimas sustentava a mesma vida : *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes.* E porque chorou tanto David ? Peque vio : *Vidit mulierem.* Chorou Sichem , chorou Jacob , chorou Sansaõ , hum Principe , outro pastor , outro soldado ; e porque pagaraõ este tributo taõ igual ás lagrimas os que tinhaõ taõ desigual fortuna ? Porque viraõ . Sichem a Dina , Jacob a Rachel , Sansaõ a Dalila . Choraraõ os que com suas lagrimas accrescentaraõ as aguas do diluvio , e porque choraraõ ? Porque tendo o nome de filhos de Deos , viraõ as que se chamavaõ filhas dos homens : *Videntes filii Dei filias hominum.* Mas para que saõ Gen. 6. 21 exemplos particulares em huma causa taõ cõmua , e taõ universal de todos os olhos ?

- 443 Todas as lagrimas , que se choraõ , todas as que se tem chorado , todas as que se haõ de chorar até o fim do mundo , onde tiveraõ seu principio ? Em huma vista : *Vidit mulier , quod bonum esset lignum ad vescendum.* Vio Heva o pomo vedado: e assim como aquella vista foy a origem do peccado original , assim foy o principio de todas as lagrimas , que choramos os que tambem entaõ começâmos a ser mortaes . Digaõme agora os Theologos : Se os homens se conservaraõ na justiça original , em que forao creaç-

## 312 Vieira abbreviado

dos os primeiros pays , havia de haver lagrimas no mundo ? Nem lagrimas , nem huma só lagrima. Nem haviamos de entrar neste mundo chorando , nem haviamos de chorar em quanto nelle vivessemos , nem haviamos de ser chorados , quando delle partissemos. Aquella vista foy a que converteo o Paraíso de deleites em valle de lagrimas : por aquella vista choramos todos.

Pag. 854. 444 Chorou Heva, porque vio, e choramos os filhos de Heva, porque vemos. Mas eu naõ me admirô de que os nossos olhos chorem , porque vem : o que me admira muito he , que sejaõ taõ cegos os nossos olhos , que vejaõ para chorar. Só os olhos racionaes choraõ : e se he effeito da razão chorar , porque viraõ , naõ pôde haver maior semrazaõ , que verem para chorar. He queixa do Espírito Santo , e invectiva , que fez contra os nossos olhos no cap. 31. do Eclesiastico : *Nequius oculo quid creatum est?* Entre todas as cousas creadas nenhuma ha mais desarrazoada no mundo , nenhuma mais perversa que os olhos. E porque? Porqüe saõ taes, (diz o mesmo Espírito Santo ) que vem para chorar : *Ab omni facie sua lacrymabitur , cum viderit.* Poemse os olhos a ver a huma parte , e á outra , e depois poemse a chorar , porque viraõ. Pois olhos cegos , olhos mal advertidos , olhos inimigos de vós mesmos , se a vossa vista vos ha de custar lagrimas , se vedes para chorar , ou haveis de chorar , porque vistes , para que vedes ? He poslivel , que haveis de chorar , porque vistes , e que haveis de ver para chorar : *Lacrymabitur , cum viderit?* Assim he : e estes saõ os nossos othos : choraõ , porque vem , e vem para chorar. O chorar he o lastimoso fim do ver , e o ver he o triste principio

Eccl. 31.  
15.

Ibid.

do

## Discurso XLIX. 313

do chorar. Chorou hoje S. Pedro , e chorou taõ amargamente , como logo veremos : e donde nasceo este chorar ? Nasceo do ver. Naquelle tragica noite da Paixaõ de Christo entrou Pedro no atrio do Pontifice Caifaz , e o fim , com que entrou , foy para ver: *Ut videret finem.* E vós Pedro entrais aqui para ver ?<sup>Matth. 26.</sup> Pois vós sahireis para chorar. Quizestes ver o fim ?<sup>58.</sup> Vereis o fim do ver : *Egressus foras flevit amare.*

445 Basta o dito para sabermos , que o chorar he effeito , ou consequencia do ver. Mas como se segue esta consequencia ? Seguese de hum meyo termo terrivel , que se complica com o ver , e com o chorar , sendo consequente de hum , e antecedente do outro. Do ver se segue o peccar , do peccar se segue o chorar , e por isto o chorar he consequencia do ver. Creou Deos os olhos humanos com as portas do ver abertas , mas com as portas do chorar fechadas. Viraõ , e peccaraõ : e o peccado , que entrou pelas portas do ver , sahio pelas portas do chorar. Estas taõ as portas dos olhos , que se abrirão : *Aperti sunt oculi amborum.* Peccaraõ , porque viraõ : choraraõ , porque peccaraõ. Pagaraõ os olhos o que fizeraõ os olhos , porque justo era , que se executasse nos olhos o castigo , pois os olhos forao a causa , e occasiao do delicto. E pois as correntes do peccado entraõ pelos olhos vendo , justo he , que as correntes das lagrimas sayao pelos mesmos olhos chorando.

446 Vede , que mysteriosamente pozeraõ as lagrimas nos olhos a natureza , a justiça , a razaõ , a graça. A natureza para remedio , a justiça para castigo , a razaõ para arrependimento , a graça para triunfo. Como pelos olhos se contrahe a macula do peccado , poz a natureza nos olhos as lagrimas , para que com aquella

## 314 *Vieira abbreviado*

aquella agua se lavassem as manchas: como pelos olhos se admitte a culpa, poz a justiça nos olhos as lagrimas, para que estivesse o suppicio no mesmo lugar do delicto: como pelos olhos se concebe a offensa, poz a razaõ nos olhos as lagrimas, para que onde se fundio a ingratidaõ, a desfizesse o arrependimento: e como pelos olhos entraõ os inimigos á alma, poz a graça nos olhos as lagrimas, para que pelas mesmas brechas, por onde entraõ vencedores, os fizesse sahir correndo. Entrou Jonas pela boca da balea peccador: saya Jonas pela boca da balea arrependido. Razaõ he logo, e justiça, e naõ só graça, senão natureza, que pois os olhos saõ a fonte universal de todos os peccados, sejaõ os rios de suas lagrimas a satisfaçao tambem universal de todos, e que paguem os olhos por todos chorando, já que peccaraõ em todos vendo: *Quo fonte manavit nefas, fluent perennes lacrymae.*

447 Agora se entenderá facilmente huma duvida naõ facil entre as negaçoens de S. Pedro, e as suas lagrimas. As negaçoens de S. Pedro todas foraõ peccados da lingua. A lingua foy a que na primeira negaçao disse: *Non sum.* A lingua foy a que na segunda negaçao disse: *Non novi hominem.* A lingua foy, a que na terceira negaçao disse: *Homo nescio, quid dicis.* Pois se a lingua foy a que peccou, porque foraõ os olhos os que pagaraõ o peccado? Porque naõ condemnou S. Pedro a lingua a perpetuo silencio, senão os olhos a perpetuas lagrimas? Porque ainda que a lingua foy a que pronunciou as palavras, os olhos foraõ os primeiros culpados nas negaçoens. A lingua foy o instrumento, os olhos derão a causa. As suas negaçoens sahiraõ pela lingua, mas

Luc. 22.

59.

Matth. 26.

72.

Luc. 22.

60.

Pag. 871.

## Discurso XLIV. 315

mas a causa , e a occasiaõ deraõna os olhos. Negou, porque quiz ver ; porque se naõ quizera ver , naõ negara : pois ainda que a lingua foy o instrumento da negaçaõ , castiguemse os olhos , que foraõ a causa. Se os olhos naõ foraõ curiosos para ver , naõ fora a lingua fraca para negar. E pois os olhos por quere-rem ver pozeraõ a lingua em occasiaõ de negar , pa-guem os olhos por si , e paguem pela lingua: pela lin-gua paguem o negar , e por si paguem o ver.

448 E se naõ pergunto: Porque dizem os Eu-an-gelitas com taõ particular advertencia , que chorou Pedro amargamente: *Flevit amare?* Se queriaõ en-carecer as lagrimas de Pedro pela copia , digaõ , que se fizeraõ seus olhos duas fontes perennes de lagri-mas : digaõ que chorou rios : digaõ que chorou ma-res : digaõ que chorou diluvios. E se queriaõ encare-cer esses diluvios de lagrimas naõ pela copia , senaõ pela dor , digaõ , que chorou tristemente : digaõ , que chorou sentidamente : digaõ , que chorou lastimosa-mente : digaõ , que chorou irremediavelmente , ou busquem outros termos de mayor tristeza , de mayor lastima , de mayor sentimento , de mayor pena , de mayor dor. Mas q̄ deixado tudo isto só digaõ , e pon-derem , que chorou amargamente: *Flevit amare?* Sim , e com muita razaõ ; porque o chorar pertence aos olhos , a amargura pertence á lingua ; e como os olhos de Pedro choravaõ por si , e mais pela lingua , era bem que a amargura se passasse da lingua aos olhos , e que naõ só chorasse Pedro , senaõ que cho-rasse amargamente: *Flevit amare.* Como a culpa dos olhos em ver se ajuntou com a culpa da lingua em negar , ajuntouse tambem o castigo da lingua , que he a amargura , com o castigo dos olhos , que saõ

as

## 316 Vieira abbreviado

as lagrimas , para que as lagrimas pagassem o ver , e a amargura pagasse o negar , e os olhos chorando amargamente pagassem por tudo : *Flevit amare.*

449 · Mas se o ver em Pedro foy occasião de negar , e o negar foy a causa de chorar ; porque naõ chorou Pedro , quando negou , senão depois que sahio : *Egressus foras flevit?* Negou a primeira vez , e ficou com os olhos enxutos como d'antes : negou a segunda vez , e ficou do mesmo modo : negou a terceira vez , e nem ainda entaõ chorou : sahe Pedro finalmente fóra , e depois que sahio , entaõ sahiraõ tambem as lagrimas : *Egressus foras flevit amare.* Pois se Pedro chora , porque negou ; porque naõ chora , quando negou , ou depois de negar , senão quando sahio , e depois de sahir ? Porque em quanto Pedro naõ sahia fóra , persistia na occasião de ver , e querer ver , e os olhos em quanto vem , naõ podem chorar . O ver , e o chorar ( como diziamos ) saõ os dous officios dos olhos ; mas saõ officios incompatíveis no mesmo tempo : em quanto vem , naõ podem chorar , e se querem chorar , haõ de deixar de ver . Por isso sahio fóra Pedro naõ só para chorar , senão para poder chorar ; porque para os seus olhos exercitarem o officio de chorar haviaõ de cessar do exercicio de ver .

Pag 874. 45º Notavel Filosofia he a dos nossos olhos no chorar , e naõ chorar . Se choramos , o nosso ver foy a causa , e se naõ choramos , o nosso ver he o impedimento . Como estes nossos olhos saõ as portas do ver , e do chorar , encontraõse nestas portas as lagrimas com as vistas : as vistas para entrar , as lagrimas para sahir . E porque as lagrimas saõ mais grossas , e as vistas mais subtis , entraõ de tropel as vistas , e naõ podem

## Discurso XLIX. 317

pôdem sahir as lagrimas. Vistes já nas barras do mar encontrar-se a força da maré com as correntes dos rios: e porque o pezo do mar he mais poderoso, vistes como as ondas entraõ, e os rios paraõ? Pois o mesmo passa nos nossos olhos. Todos os objectos deste mar immenso do mundo, e mais os que mais amamos, saõ as ondas, que humas sobre outras entraõ pelos nossos olhos, e ainda que as lagrimas dos mesmos olhos tinhaõ tantas causas para sahir: como o sentido do ver pôde mais que o sentido do chorar, vemos quando haviamos de chorar, e naõ choramos, porque naõ cessamos de ver.

451 Sirvaõ as letras humanas ás divinas, e ouça Pag. 877. mos aquelle engenho, que melhor que todos soube experimentar os affeçtos da dor, e da natureza: *Janque oculis eruptus eras; tum denique flevi.* A historia Ovid. Ep. 10. pode ser fabulosa; mas a Filosofia he verdadeira. Em quanto Ariadne pode seguir com os olhos a Theseo, estiveraõ as lagrimas suspenhas, embargadas pela vista; mas tanto que já o naõ pode ver: *Janque oculis eruptus eras, tirado o impedimento da vista, começaraõ as lagrimas a correr: Tum denique flevi.*

452 Esta foy a razão ainda natural, porque Pedro sahio do lugar onde via, e onde entrara para ver: Sahio, para que as suas lagrimas sahissem: *Et egreditus foras, flevit amare.* Entrou para ver, sahio para chorar; porque em quanto a vista tinha entrada, naõ podiaõ as lagrimas ter sahida. E para que o mesmo S. Pedro nos prove a verdade desta Filosofia, diz S. Marcos no texto Grego (conforme a interpretação Marc. 14. de Theofilato) que sahindo S. Pedro do atrio, lançou a capa sobre o rosto, e entaõ começou a chorar: *Cum caput obvelasset, flevit.* Para Pedro poder chorar,

## 318 Vieira abbreviado

rar cobrio primeiro os olhos para naõ ver. Sahio para naõ ver o que via , e cobrio os olhos , para que nenhuma cousa vissem. E quando naõ vio , nem pode de ver , entaõ pode chorar , e chorou : *Flevit.*

453 O pranto mais publico , que se vio na naçao Portugueza , foy quando chegaraõ á India as novas da morte d'El Rey D. Manoel , primeiro , e verdadeiro pay daquella Monarchia. Estava o Viso-Rey na Sé , ouvindo o sermaõ , e tanto que lhe deraõ a triste nova , diz a historia , que lançou a capa sobre o rosto , e que fazendo todo o auditorio o mesmo , comecarão a chorar em grito , e se levantou o mayor , e mais lastimoso pranto , que já mais se vira. Este era o uso dos capuzes Portuguezes , quando tambem se usava o chorar. Metiaõ os capuzes na cabeça até o peito : cubriaõ , e escureciaõ os olhos , e assim choravaõ , e lamentavaõ o defunto. Depois que as mortes se naõ choraõ , trazemse os capuzes de traz das costas , para que nem os olhos os vejaõ. Naõ foy assim o luto , que Pedro fez pela morte da sua alma ; mas porque a quiz logo chorar , cobrio os olhos para naõ ver : *Cum caput obvelasset . flevit.*

Pag 847. 454 As mais bem nascidas lagrimas , que nunca se choraraõ no mundo , foraõ as de S. Pedro , porque tiveraõ o seu nascimento nos olhos de Christo : nos olhos de Christo nascerão , dos olhos de Pedro manaraõ. Nos de Christo quando vio : *Respexit Petrum :* dos de Pedro quando chorou : *Flevit amare.* Rios de lagrimas foraõ hoje as lagrimas de S. Pedro ; mas as fontes desses rios , foraõ os olhos de Christo.

455 Ao Nilo antigamente viaõselhe as correntes , mas naõ se lhe fabia a origem : taes em Pedro hoje os douos rios , ou os douos Nilos de suas lagrimas.

A ori-

## Discurso XLIX. 319

A origem era occulta , porque tinhaõ as fontes nos olhos de Christo : as correntes eraõ publicas , porque manavaõ dos olhos de Pedro. Para o diluvio universal (diz o texto sagrado) que se abriraõ as janelas do Ceo , e se romperaõ as fontes do abismo :

*Apertæ sunt cataractæ cæli, rupti sunt fontes abyssi.* Gen.7. 11.

Assim tambem para este diluvio (em que hoje fora ditoso o mundo , se se afogara ) abririaõse as janelas do Ceo , que saõ os olhos de Christo : romperiaõse as fontes do abismo , que saõ os olhos de Pedro. Desta maneira inundou aquelle immenso diluvio , em que depois de fazer naufragio , se salvou o melhor Noé.

456 Mas que diriaõ sobre esta ponderaçao , os que neste dia fazeim panegyricos ás lagrimas? Diriaõ , que estima Deos tanto as lagrimas choradas por pecados , que permittio Deos o peccado de Adaõ só por ver chorar peccadores. Diriaõ que permittio Deos o peccado da sua parte , para que os homens vissem a Deos derramar sangue : da nossa parte , para que Deos visse aos homens derramar lagrimas. Não he o meu intento dizer estas cousas. Que importa em semelhantes dias , que as lagrimas fiquem louvadas , se os olhos ficaõ enxutos? O melhor elogio das lagrimas he chorallas.

DIS-

# 320 Vieira abbreviado

## DISCURSO L.

Tirado pelo Auclor na Academia, que havia em Roma, e no palacio da serenissima Rainha de Suecia Christina Alexandra com assistencia de muitos Cardeaes, e Monsenhores, onde se propoz hum problema no anno de 1674. cujo argumento foy este: Se o mundo era mais digno de riso, ou de lagrimas: e qual dos dous gentios andara mais prudente, se Democrito, que se ria sempre, ou Heraclito, que sempre chorava. E encarregandose estes dous pontos aos Padres Antonio Vieira, e Feronymo Cataneo ambos da Companhia de Jesu, para cada hum defender a parte, que escolhesse, deo o Padre Antonio Vieira a eleiçao ao Padre Cataneo, o qual tomou para si o riso de Democrito, ficando ao Padre Vieira a causa das lagrimas de Heraclito, que defendeo desta maneira.

## LAGRIMAS DE HERACLITO.

457 **E**M seu lugar appareceo o pranto; porque segue, e vem depois do riso. Se fosse o riso como Jano, *Qui sua terga videt*, choraria o mesmo riso. Naõ desconfia o pranto, naõ, da sua causa, inveja só ao riso a sua fortuna. Se o pranto, e o riso apparecessem neste grande theatro no traje da verdade, ( sempre nua ) sem duvida seria a victoria do pranto. Mas vestido, ornado, e armado de huma tão superior eloquencia, que o riso se ria do pranto, naõ he merecimento, foy forte. De tudo quanto se riu sahio vestido, ornado, e armado o riso. Rimse os prados,

Part. 14.

Num. 215

## Discurso L. 321

prados, e sahio vestido de flores. Ri-se a Aurora, e sahio ordenado de luzes, e se aos relampagos, e rayos chamou a antiguidade *Rifus Vestæ, & Vulcani*, entre tantos relampagos, trovoens, e rayos de eloquencia quem naõ julgará ao miseravel pranto cego, atonito, e fulminado?

458 Tal he a fortuna, ou a natureza destes dous contrarios. Por isto nacce o riso na boca, como eloquente, e o pranto nos olhos, como mudo. Mas se *Interdum lacrymæ pondera vocis habent*, assim mudo, e com lagrimas, assim triste, e vestido de luto (como costumavaõ os reos no Senado da antiga Roma) se apresenta hoje o pranto diante da Magestade do solio Real, e tribunal rectissimo dos seus Eminentissimos Juizes, naõ presumindo, que ha de alcançar victoria, ou aplauso, mas esperando a piedade, e commiseraõ, que nunca negaraõ aos misericordiosos e afflictos os espiritos generosos, e magnanimos.

459 Entrando pois na questaõ, se o mundo he mais digno de riso, ou de pranto, e se á vista do mesmo mundo, tem mais razaõ quem ri, como ria Democrito, ou quem chora, como chorava Heraclito: eu para defender, como sou obrigado, a parte do pranto, confessarei huma cousa, e direi outra: confesso, que a primeira propriedade do racional he o risivel, e digo, que a mayor impropriedade da razaõ he o riso. O riso he o final do racional, o pranto he o uso da razaõ. Para confirmaçao desta, que julgo evidencia, naõ quero mais prova, que o mesmo mundo, nem menos prova, que o mundo todo. Quem conhece verdadeiramente o mundo, precisamente ha de chorar: e quem ri, ou naõ chora, naõ o conhece.

Tom. I.

X

460 Que

322 *Vieira abbreviado*

460 Que he este mundo senão hum mappa universal de misterias, de trabalhos, de perigos, de desgraças, de mortes? E á vista de hum theatro imenso, tão tragico, tão funesto, tão lamentavel, aonde cada Reyno, cada Cidade, cada casa continuamente mudaõ a scena, aonde cada sol, que nasce, he hum cometa, cada dia, que passa, hum estrago, cada hora, e cada instante mil infortunios, que homem haverá ( se accato he homem ) que não chore? Se não chora, mostra que não he racional, e se rí, mostra que tambem são risíveis as feras.

461 Mas se Democrito era hum homem tão grande entre os homens, e hum Filosofo tão fabio, e se não só via este mundo, mas tantos mundos, como ria? Podéra dizerse que elle ria, não deste nosso mundo, mas daquelles seus mundos.

462 E com razão; porque a materia, de que eraõ compostos os teus mundos imaginados, toda era de riso. He certo porém, que elle ria neste mundo, e que se ria deste mundo. Como pois se ria, ou podia rir-se Democrito do mesmo mundo, e das mesmas cousas, que via, chorava Heraclito? A mim, senhores, me parece, que Democrito não ria, mas que Democrito, e Heraclito ambos choravaõ, cada hum ao seu modo.

463 Que Democrito não risse, eu o provo. Democrito ria sempre: logo nunca ria. A consequencia parece difficult, e he evidente. O riso, como dizem todos os Filosofos, nasce da novidade, e da admiração, e cessando a novidade, ou a admiração, cessa também o riso, e como Democrito se ria dos ordinarios desconcertos do mundo, e o que he ordinario, e se vê sempre, não pôde causar admiração, nem nova-

# Discurso L. 323

vidade, seguese que nunca ria, rindo sempre, pois não havia materia, que lhe motivasse o riso.

464 Nem se pôde dizer, que Democrito se incitava a rir de alguma cousa, que ville, ou encontrasse de novo; porque sempre, e em todo o lugar ria, e quando sahia de casa, já sahia rindo: logo ria do que já sabia: logo ria sem novidade, nem admiraçao: logo o que nelle parecia riso, não era riso.

465 Confirmase mais esta verdade com o motivo, e intenção de Democrito; porque não pôde haver riso, que se não origine de causa, que agrade. Tudo o de que Democrito se ria, não só lhe desagradava muito, mas queria mostrar, que lhe desagradava: logo não se ria, e se não ria, que era o que fazia, a que todos chamavaão riso? Já disse, que era pranto, e que Democrito chorava, mas por outro modo. Ora vede.

466 Ha chorar com lagrimas, chorar sem lagrimas, e chorar com riso: chorar com lagrimas he final de dor moderada, chorar sem lagrimas he final de mayor dor, e chorar com riso he final de dor summa, e excessiva. Para prova da primeira, e segunda diferença de chorar com lagrimas, ou sem ellas he notavel o exemplo, que refere Herodoto de Plamnito Rey do Egypto.

467 Perdendo Plamnito o Reyno, vio em primeiro lugar suas filhas vestidas como escravas, e não chorou: vio depois seu filho primogenito descalço, e carregado de ferros com as mães atadas, e hum freyo na boca, e não chorou: e vendo este mesmo Plamnito, e com o mesmo coraçao, que hum seu antigo criado pedia esmola, derramou infinitas lagris-

## 324 · Vieira abbreviado

mas. Oh grande Rey, e grande interprete da natureza! Chora com lagrimas a miseria do criado, e sem lagrimas a desgraça dos filhos. Assim respondeo elle á pergunta de Cambises: *Domestica mala graviora sunt, quam ut lacrymas recipiant.* Com o mesino pensamento, não menos Regio, nem menos varonil, Hecuba com a coroa perdida, e a patria abrazada prohibio as lagrimas ás damas de Troya, dizendolhes assiui:

Seneca in  
Trag.

*Quid effuso genas fletu rigatis?  
Levia perpeſſæ ſumus, ſi flenda patimur.*

A dor moderada solta as lagrimas, a grande as enxuga, as congela, e as seca. Dor, que pôde sahir pelos olhos, não he grande dor, por isso não chorava Democrito, e como era pequena demonstraçao da sua dor não só chorar com lagrimas, mas ainda sem ellas, para declararse com o final mayor sempre se ria.

Plut. in  
Fab.

468 Nada digo, que seja contrario aos principios da verdadeira Filosofia, e da experienzia. A mesma causa quando he moderada, e quando he excessiva produz effeitos contrarios: a luz moderada faz ver, a excessiva faz cegar: a dor, que não he excessiva, rompe em vozes, a excessiva emmudece. Desta forte a tristeza se he moderada, faz chorar, se he excessiva, pôde fazer rir: no seu contrario temos o exemplo. A alegria excessiva faz chorar, e não só distilla lagrimas dos coraçoens délicados, e brandos; mas ainda dos fortes, e duros. Quando Minucio livre do cativeiro appareceo ao seu exercito, que era o Romano, *In lœtitiam tota caſtra effusa ſunt, ut præ gaudio militibus omnibus lacrymæ manarent,* diz Plutarcho. Pois se a excessiva alegria he causa do pranto,

# Discurso L. 325

pranto, a excessiva tristeza porque não será causa do riso? A ironia tem contraria significação do que Ioa: o riso de Democrito era ironia do pranto: ria, mas ironicamente; porque o seu rito era nascido de tristeza, e tambem a significava: eraõ lagrimas transformadas em riso por metamorfose da dor: era riso, mas com lagrimas, como aquelle, de quem disse Estacio:

*Lacrymosos impia risus Audit.*

Na guerra morrem muitos soldados rindo, e à razão he, diz Aristoteles, porque saõ feridos no diafragma: não ria Democrito como contente, ria como ferido: recebia dentro do peito todos os golpes do mundo, e tão mal ferido ria.

469. Os olhos com injustiça se poderão queixar desta minha Filosofia: o pranto chamavate assim, porque se batiaõ as maõs huma com outra, quando se chorava; porque para chorar não saõ precisos os olhos, e não seria provida a natureza, se havendo sido a origem de tantos pezares, lhes désse hum só desafogo, e se choraõ as maõs, a boca porque não ha de chorar? Heraclito chorava com os olhos, Democrito chorava com a cabeça: o pranto dos olhos he mais fino, o da boca he mais mordaz, e este era o pranto de Democrito. De forte, que na minha consideração não só Heraclito, mas Democrito chorava, só com a diferença de que o pranto de Heraclito era mais natural, o pranto de Democrito mais exquisito, e tudo merece este mundo, digno de novos, e exquisitos prantos, para ser bastante chorado.

470. Mas porque esta minha suposição me separa do problema, e pôde parecer, que, como mui-

## 326 Vieira abbreviado

tas vezes succede , me aparte da opiniao commua para fugir da difficultade , seja embora o riso de Democrito verdadeiro , e proprio riso , appareçaõ em juizo hum , e outro Filosofo , para que ouvidos ambos se veja claramente a razao de cada hum , e confio do merecimento da causa , que será taõ justa a sentença , que Democrito saya chorando , e Heraclito rindo.

471 Seneca no livro de *Tranquillitate* fallando destes dous Filosofos dá a razao , porque sempre ria hum , e chorava outro , com estas judiciosas palavras: *Hic , quoties in publicum processerat , flebat , ille ridebat : huic omnia , quæ agimus , miseriæ , illi ineptiæ videbantur.* Democrito ria , porque todas as cousas humanas lhe pareciaõ ignorancias , Heraclito chorava , porque todas lhe pareciaõ miserias: logo mayor razao tinha Heraclito de chorar , que Democrito de rir ; porque neste mundo ha muitas miserias , que naõ saõ ignorancias , e naõ ha ignorancia , que naõ seja miseria.

472 As miserias , e os trabalhos , que padecem os mortaes ou por obrigaçao da natureza , ou por remedio da fortuna , ou por sustento da vida , ou por conservaçao do estado particular , e publico saõ miserias , mas naõ saõ ignorancias , porque as governa a prudencia por necessidade , por conveniencia , por honra , e por decoro. Pelo contrario todas as ignorancias , que se commettem no mundo , as que se fazem , as que se dizem , as que se cuidaõ , todas saõ miserias , porque todas se commettem ou por erro do entendimento , ou por desordem da vontade: e este erro , e esta desordem naõ só he miseria , mas a mayor miseria , porque direitamente se oppoem á luz , e

# Discurso L. 327

ao imperio da razaõ, na qual consiste toda a nobreza, e felicidade do homem.

473 Aquellas miserias causaõ ao homem dores, e trabalhos, estas o fazem verdadeiramente miseravel, e infeliz: e supposto que humas, e outras sejaõ dignas de lagrimas, as lagrimas das ignorancias saõ lagrimas de peyor cor: estas fazem corar o rosto, aquellas naõ. Foy esta distinção achada com alta filosofia pelo engenho de Ovidio nas lagrimas de Pentheo.

*Effemus miseri sine crimine, forsque querenda,* Metam.  
*Non celanda foret: lacrymæque pudore carerent.* lib. 3.

E como nem todas as miserias saõ ignorancias, e todas as ignorancias saõ misterias, e as mayores miserias, muito mayor materia, e muito mayor razaõ tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; antes digo, que só Heraclito tinha toda a razaõ, e Democrito nenhuma. Todas ás miserias humanas eraõ o assumpto de Heraclito, e o de Democrito só huma parte dellas: e como toda a miseria he causa da dor, e nenhuma dor pôde ser causa do riso, o riso de Democrito naõ tinha causa, nem motivo algum, que o justificasse.

474 Pôde ser, que me responda algum Metafisico, que Democrito distinguia nas ignorancias aquillo, que he ignorancia, daquillo, que he miseria, e que se ria das miserias, naõ como miserias, mas como ignorancias. Porém esta distinção de mais de ser indigna de hum Filosofo moral, he falsa, e impossivel por ser contra a natureza, e effencia do riso. O ridiculo, ou o objecto do riso, como define Aristoteles: *Est turpe sine dolore:* He huma tal deformidade, que exclue todo o motivo de dor: e como a igno-

## 328 Vieira abbreviado

rancia precisamente está sempre unida com o motivo da dor , que he a miseria , por isso nem he , nem pôde ser materia do riso.

475 Esta he a verdadeira , e solida razaõ , porque no juizo de todos os Filosofos se inventou a Comedia. Viraõ os fabios das Républicas , que para desafogo , divertimento , e alegria dos povos era necessaria alguma materia de riso ; e porque o riso naõ podia nascer da deformidade , ou vicio verdadeiro pela uniao natural , que tem com a dor , que fizeraõ? Inventaraõ sabiamente as ficçõens da Comedia , para que o ridiculo da imitaçao , como supposto , e naõ verdadeiro , ficasse separado da dor. Hum aleijado com hum pé de pao , huma velha decrepita , e tremula , hum pobre remendado , e enfermo , hum cego , e hum frenetico , hum insensato no theatro fazem rir , e porque ? Porque aquelles defeitos saõ supostos , e naõ verdadeiros , que se fossem verdadeiros , seriaõ motivo de cõmiseraõ , e naõ de riso. E como os defeitos , e vicios , de que ria Democrito , eraõ verdadeiros defeitos , e verdadeiros vicios , naõ tinha o seu riso algum motivo ; mas se naõ tinha motivo , como ria ? Riase por abuso intoleravel do motivo opposto , collocando o riso sobre o motivo do pranto : riase das verdadeiras miserias , e do verdadeiro motivo da dor : Filosofia inhumana , e contraria a toda a razaõ , e praticada unicamente na escola da inveja , da qual diz o Poeta :

Metam.

*Risus abest , nisi quem visi movere dolores.*

E se o fim destes doux Filosofos ( como verdadeiramente era ) foy manifestar ao mundo o desconcerto do seu estado , e persuadir aos homens o erro dos seus juizos , a desordem dos seus desejos , e a vaidade

# Discurso L. 329

de das suas fadigas , tambem para este fim tinha muito mayor razaõ Heraclito de chorar , que Democrito de rir.

476 A primeira introduçao , e disposição de quem quer persuadir, ensinada , e usada de todos os Oradores, he conciliar a benevolencia do theatro: esta conciliava Heraclito, e não Democrito; porque quem chora, lastima , e quem ri , despreza , e a compaixão concilia amor , o desprezo odio , e aborrecimento. Quem ri , exaspera , quem chora , enternece , e quem quer imprimir os seus afectos , e a sua doutrina nos coraçoens , não deve endurecellos , deve abrandallos. O agricultor para colher os fructos rega as plantas : o impressor para imprimir as letras molha o papel , e assim o deve fazer com as lagrimas quem quer imprimir os seus afectos , e colher o fructo das suas persuaçoens.

477 Ulysses naquelle sua famosa oraçao contra Aiace na contenda das armas de Achilles , podendo fiarse tanto da sua copiosa eloquencia , adornou o seu exordio com lagrimas ; e porque não as tinha verdadeiras , chorava-as fingidas.

*Manuque simul veluti lacrymantia ter sit Lumina.* Met. lib.  
Não de outra sorte devia fazer Democrito , ainda que fosse contra o joco do seu genio. Devia aproveitarse da boca , não para rir , mas para humedecer os olhos , e fingir as lagrimas. Assim o ensina com sua natural agudeza aquelle Mestre , que professou em Roma a arte de conciliar o amor , e de abrandar coraçoens.

*Si lacrymæ(neque enim veniunt in tempore semper)  
Deficiant, uncæ lumina tinge manu.*

Quanto á força , e efficacia de persuadir muito mais forte-

## 330 Vieira abbreviado

fortemente apertava , e persuadia Heraclito chorando, que Democrito rindo; porque quem ri, attenua, e alivia os males: quem chora , os accrescenta , e faz mais sensiveis , e pezados : quem ri , mostra que saõ dignos de zombaria: quem chora , prova que saõ dignos de lastima: quem ri por exemplo , e por sympathia, move a rir: quem chora por exemplo , e com razao , ensina a chorar ; porque se os meus males saõ taes , que movem a continuas lagrimas aos outros , quanto mais os devo eu chorar, pois os padeço ?

418 Finalmente Democrito ria sempre , e Heraclito sempre chorava , e este *sempre* tambem era por parte de Heraclito , e contra Democrito : por parte de Heraclito ; porque ser o seu pranto continuo o fazia mais efficaz : contra Democrito ; porque ser o seu riso continuo o fazia ridiculo. Naõ he minha a censura , nem he nova , mas apothegma antiquissimo do Filosofo Plutarcho : O riso , dizia elle, se he pouco, passa , se he muito, offende. Cicero , como se vê nas suas oraçoes , respondia muitas vezes rindo aos argumentos da parte contraria , que he solucao muito facil , quando os argumentos saõ difficeis : mas que louvores deraõ a Cicero deste seu riso ? Disse-o Plutarcho. Sendo Cicero Consul , e defendendo Murena , rio muito , como costumava , da doutrina dos Estoicos, e naõ podendo soffrello Cataõ , lhe disse publicamente : *Dii boni , quam ridiculum habemus Consulem!* Com muita mais causa Democrito , porque ria sempre , se fazia ridiculo , e zombando do juizo dos outros , expunha o seu á zombaria.

479 Os mininos riõte muito facilmente , e os doudos sempre se rim : e diz Aristoteles , que os mininos se rim , porque tem pouco fizo , e os loucos , porque

Bruson.  
lib. 5.

Plutarch.  
relat. ib.

# Discurso L.

331

porque de todo o não tem , e eu creyo verdadeiramente , que não faço grande offensa a Democrito ; porque hum homem , que de hum mundo via muitos mundos , era sinal , que tinha perturbadas as especies , e enferma a fantasia : e quem se havia de mover a hum tal riso ?

430 Não assim o pranto de Heraclito , que por ser continuo se fazia mais forte , e efficaz : *Lacryma cito siccatur , præsertim in alienis malis* , diz Cicer. de Tullio. E sendo o pranto de Heraclito pelos males alheyos , sem que nunca se secassem as suas lagrimas ; que coraçao haveria tão duro , e obstinado , que se não abrandasse , e rendesse a hum tal pranto ? Eraõ as lagrimas de Heraclito , como a agua , que cahindo pouco a pouco , vay limando suavemente os marmores , e em fim os rompe . Não digo eu sómente os marmores :

*Lacrymis adamanta movebis* ,  
diz atrevida , mas verdadeiramente Ovidio : As lagrimas , como lhe chamou o melhor Filosofo da Grecia , são sangue da alma , e este ( não o outro fabuloso ) he o que lavra os diamantes . O coraçao mais diamantino , como tantas vezes se queixava Agamenon , foy o de Achilles ; e com tudo confiava , e presumia Briscide , que sem dizer huma só palavra , ( como fazia Heraclito ) com as suas lagrimas sómente o despedaçaria , e o desfaria em pó : assim o diz ella na discreta carta escrita ao mesmo Achilles :

*Sis licet immitis , marisque ferocior undis ,*

*Ut taceam , lacrymis comminuere meis.*

Tal era a efficacia invencivel do pranto de Heraclito , e tal a debilidade ridicula do riso de Democrito .

481 Não quero com tudo , que seja minha a sentença

Ovid. in  
Ep. Brisc.  
ad Achil.

## 332 Vieira abbreviado

Estob. lct.  
72.

tença entre estes dous Filosofos, seja de outro Filosofo, que os iguale em authoridade, e ciencia. O grande Filosofo Dion, como refere Estobeo, fallando do pranto, e do riso, conclue assim: *Mibi sane facies magis videtur ornari lacrymis, quam risu: lacrymis enim ut plurimum bona aliqua doctrina conjungitur, risui vero lascivia, & flendo quidem nemo sibi conciliavit authorem contumeliae, ridendo autem spem dedecoris auxit.* Esta he a sentença.

482 Mas deixado já o riso de Democrito affogado no pranto de Heraclito, para acabar o meu primeiro argumento busco outra vez a prova universal do mundo. Que esperança, que lugar pôde ter neste mundo o riso, se todo o mundo chora, e ensina a chorar? Choraõ os homens como racionaes, e sensitivos, e ainda as cousas sem razão, e sem sentido choraõ. Estas saõ as lagrimas, que o Principe dos Poetas chamou profundamente lagrimas de todas as cousas: *Ibi* C.

Aeneid. 1. *Sunt lacrymae rerum & mentem mortalia tangunt.* Naõ residem as lagrimas só nos olhos, que vem os objectos, mas nos mesmos objectos, que saõ vistos: alli está a fonte, aqui está o rio: alli nascem as lagrimas, aqui correm: e se as mesmas cousas, que naõ vem, choraõ, quanto mais razão tem o homem, que vê, e se vê? Naõ quero o testimunho dos miseráveis, naõ, só quero o dos mais ditosos.

483 Quem ha neste mundo tão favorecido, ou tão divinizado pela sua fortuna, que possa presumir de naõ ter que chorar? Aquelle mesmos, que mais se riu por fóra, mais choraõ por dentro. Aqui tinhamos antigamente em Roma hum cortezaõ chamado Héros, o qual chorava sempre, naõ tanto os males

# Discurso L. 333

males proprios, quanto os bens alheios, e diz assim Marcial:

*Quam multi faciunt, quod Hèros, sed lumine  
sicco!*

*Pars maior lacrymas videt, & intus habet.*

Oh se este *Intus* se visse! São as lagrimas como as aguas do rio Alfeo: este rio humas vezes caminha descuberto, outras se occulta por debaixo da terra, mas sempre corre. As lagrimas plebeas deixaõse ver, as lagrimas equestres, senatorias, e consulares são invisiveis, mas lagrimas. Das lagrimas, que se derramaraõ nas exequias de Germanico, dizia Tacito: *Periisse Germanicum nulli ja&tantius marent;* Annal. lib. *quam qui maxime l&etantur.* O contrario he mais commum, e mais verdadeiro: *Qui ja&tantius l&etantur, maxime marent.* Mas quando ninguem chorasse nem por fóra, nem por dentro, quando este mundo, e todos os homens rissem, entaõ todo o mundo, e todos os homens seriaõ mais dignos de cõmiserçaõ, e de lagrimas: *Quid enim miserius misero non miserente seipsum?*

484 E se tudo isto naõ basta, senhores, para que a causa do pranto tenha merecido a seu favor os vos-  
vos votos, em nome do mesino pranto appellarei eu  
da sentença para aquelle justissimo tribunal, para  
quem appellou Apelles. Vencido Apelles em hum  
concurso de pintores: *Appello (disse) ad tribunal  
naturæ.* E porque os animaes vivos se enganavaõ  
com os que elle havia pintado, e as aves com os fru-  
ctos, a natureza fez a Apelles a justiça, que lhe ti-  
nhaõ negado os homens. Assim faço eu, se naõ venceo  
o pranto: *Appello ad tribunal naturæ.* Seja o meu  
interprete o Historiador da mesma natureza: *Fleus  
animal*

## 334 Vieira abbreviado

Plin. in  
Pref. l. 7

*animal cæteris imperaturum à supplicis vitam auspicatur, unam tantum ob culpam, quia natus est.*  
Nasce o homem , diz Plinio , já chorando , e sem outra culpa mais que haver nascido , fica condenado a perpetuo pranto , começa a vida , e o pranto juntamente , para que saiba , que se vem a este mundo , vem para chorar . O mais aprenderá depois ; porque he arte : para o pranto nasce já ensinado ; porque he natureza : *Non aliud naturæ sponte, quam flere.* Esta he a sentença irrefragavel da natureza , e esta a natureza dos mortaes. He o homem risivel , mas nascido para chorar ; porque se a primeira propriedade do racional he o risivel , o exercicio proprio do mesmo racional , e o uso da razaõ he o pranto .

485 E se alguem me replicar , que se o homem naõ risse , ficaria ociosa a potencia do rir contra o fim da mesma natureza . A huma instancia taõ forte naõ posso responder só como Filosofo natural , ( como observei em todo este discurso ) mas responderei como Filosofo Christão . Respondo , e pergunto : Se o homem pela transgressão naõ tivesse perdida a felicidade , em que soy creado , choraria , ou naõ ? He certo , que nunca choraria os homens , se fossem conservados naquelle estado , e as lagrimas , que agora ha , naõ as haveria entao : logo se na felicidade daquelle tempo estaria ociosa a potencia do chorar , na miseria deste tempo esteja ociosa a potencia do rir .

DIS-

# Discurso LI. 335

## DISCURSO LI.

*Tirado de hum sermaõ da primeira Dominga do Advento pregado na Capella Real.*

### LUGARES.

486 **A** Brazado finalmente o mundo , e reduzi-  
do a hum mar de cinzas tudo o que a so-  
berba dos homens , e o esquecimento deste dia edi-  
ficou sobre a terrâ : quando já naõ se veraõ neste for-  
moso , e dilatado mappa , senaõ humas poucas cinzas ,  
reliquias de sua grandeza , e desengano de nossa vaidade ,  
soará no ar huma trombeta espantosa , naõ  
metaforica , mas verdadeira ( que isso quer dizer a  
repetição de S. Paulo : *Canet enim tuba.* ) E obede-  
cendo aos imperios daquella voz o Ceo , o Inferno ,  
o Purgatorio , o Limbo , o mar , a terra , abrirsehaõ  
em hum momento as sepulturas , e apparecerão no  
mundo os mortos vivos .

487 Unidas as almas aos corpos , e restituidos os  
homens á sua antiga inteireza , os bem resuscitados  
alegres , os mal resuscitados tristes , começaráõ a ca-  
minhar todos para o lugar do Juizo . Será aquella a  
vez primeira , em que o genero humano se verá a si  
mesmo ; porque se ajuntaráõ alli os que saõ , os que  
foraõ , os que haõ de ser , e todos pararáõ no valle de  
Josafat . Se o dia naõ fora de tanto cuidado , muito  
seria para ver os homens grandes de todas as idades  
juntos . Mas vejo , que me estaõ perguntando : Como  
he possivel , que huma multidaõ taõ excessiva , como  
a de todo o genero humano , os homens , que se con-  
tinua-

## 336 Vieira abbreviado

tinuaraõ desde o principio atégora , e os que se iraõ multiplicando successivamente até o fim do mundo , como he possivel , que aqueille numero innumeravel , aquella multidaõ quasi infinita de homens caiba em hum valle ? A duvida he boa , queira Deos que o seja a resposta . Primeiramente digo , que nisto de lugares ha grande engano , cabe muito mais nos lugares , do que nós cuidamos .

488 No primeiro dia da creaçao creou Deos o Ceo , e a terra , e os elementos , e he certo em boa Filosofia , que naõ ficou nenhum vacuo no mundo , tudo estava cheyo . Com isto ser assim , e parecer que naõ havia já lugar para caber mais nada , ao terceiro dia vieraõ as hervas , as plantas , e as arvores , e com serem tantas em numero , e taõ grandes , couberaõ todas . Ao quarto dia veyo o Sol , e fendo aquelle immenso planeta cento e sessenta e seis vezes mayor que a terra , coube tambem o Sol : vieraõ no mesmo dia as estrellas tantas mil , e cada huma de tantas mil leguas , couberaõ as estrellas . Ao quinto dia vieraõ as aves ao ar , e couberaõ as aves : vieraõ os peixes ao mar , e com haver nelle tantos monstros de disforme grandeza , couberaõ os peixes . No sexto dia vieraõ os animaes tantos , e taõ grandes á terra , e couberaõ os animaes . Finalmente veyo o homem , e foy o homem o primeiro , que começou a naõ caber ; mas se naõ coube no Paraíso , coube fóra delle . De sorte que , como dizia , nisto de lugares vai grande engano : cabe nelles muito mais do que nos parece . E se naõ passemos a hum exemplo moral , e vejamo-lo em qualquer lugar da Republica . O dia he do Juizo , seja o lugar de hum Julgador .

489 Antigamente em hum lugar destes , que he  
o que

## *Discurso LI.*

337

o que cabia? Cabia o Doutor com os seus textos, e humas poucas postillas muito usadas, e por illo muito honradas. Cabia mais huma mula mal penhada, se a casa estava muito longe do Limoeiro. Cabiaõ os filhos honestamente vestidos, mas a pé, e com a arte debaixo do braço. Cabia a mulher com poucas joyas, e as criadas se passavaõ da unidade, naõ chegavaõ ao plural dos Gregos. Isto he o que cabia naquelle lugar antigamente, e feitas boas contas, parece, que naõ podia caber mais. Andaraõ os annos, o lugar naõ cresceo, e tem mostrado a experiençia, que he muito mais sem comparaçao o que cabe no mesmo lugar. Primeiramente cabem humas casas, ou paços, que os naõ tinhaõ taõ grandes os Condes de outro tempo. Cabe huma livraria de estado, tamanha como a Vaticana, e tal vez com os livros taõ fechados, como ella os tem. Cabe hum coche com quatro mulas, cabem pagens, cabem lacayos, cabem escudeiros: cabe a mulher em quarto apartado com donas, com ayas, e com todos os outros arremedos da fidalguia: cabem os filhos com cavallos, e criados, e tal vez com o jogo, e com outras mocidades de preço: cabem as filhas mayores com dotes, e casamentos de mais da marca, e as segundas nos mosteiros com grossas tenças: cabem tapeçarias, cabem baixellas, cabem cominendas, cabem beneficios, cabem moyos de renda, e sobre tudo cabem humas maõs muito lavadas, e huma consciencia muito pura, e infinitas outras cousas, que só na memoria, e no entendimento naõ cabem. Naõ he isto assim? Lá nessas terras, por onde eu agora andei, assim he. Pois se tudo isto cabe em hum lugar taõ pequeno, que grande serviço fazemos nós á fé em crer, que cabe-

Tom. I.

Y

reimos

338 *Vieira abbreviado*

remos todos no valle de Josafát? Hávemos de caber todos, e se vierem outros tantos mais, para todos ha de haver valle, e milagre.

490 De mais desta razaõ geral, que ha da parte do lugar, ha outras duas da parte das pessas. Huma da parte dos bons, outra da parte dos maos. Os bons poderão caber alli em muito pouco lugar; porque terão o dote da subtileza. Entre os quatro dotes gloriosos ha hum, que se chama subtileza, o qual comunica tal propriedade aos corpos dos bemaventurados, que todos, quantos se hão de achar no dia do juizo, podem caber neste lugar, onde eu estou, sem me tirarem delle. Cá no mundo tambem ha este dote da subtileza, mas com mui diferentes propriedades. A subtileza do Ceo introduz a hum sem afastar a outros; as subtilezas do mundo todo seu cuidado he afastar a outros para se introduzir a si. Por isso não ha lugar, que dure, nem lugar, que baste. Muito he que Jacob, e Esaú não coubessem em huma casa: mais he que Lot, e Abraão não coubessem em huma Cidade: muito mais he, que Saul, e David não coubessem em hum Reyno. Mas o que excede a toda a admiração, he, que Caim, e Abel não coubessem em todo o mundo. E porque não cabia dous homens em tão immenso lugar? Peyor he a causa, que o caso. Caim não cabia com Abel, porque Abel cabia com Deos. Em hum homem cabendo com seu Senhor, logo os outros não cabem com elle. Alguna vez será isto soberba dos Abeis, mas ordinariamente he inveja dos Cains. Se he certo, que com a morte se acaba a inveja, facilmente caberemos todos no dia do juizo. Quereis caber todos? Não accrescenteis lugares, diminui invejas. Este he o dote da subtileza dos bons.

491 Da

## Discurso LI. 339

491 Da parte dos maos tambem naõ ha de haver dificuldade em caber no valle ; porque ainda que os maos saõ tantos , e hoje taõ grandes , e taõ inchados , naquelle dia haõ de estar todos muito pequeninos . Que no tempo do diluvio coubessem na arca de Noé todos os animaes do mundo em suas especies , crê-o a fé , porque o diz a Escritura , mas naõ o comprehende o entendimento , porque o naõ alcança a razão . Como pôde ser , que coubessem em taõ pequeno lugar tantos animaes , taõ grandes , e taõ feros ? O lessõ , para quem toda a Lybia era pouca campanha , a aguia , para quem todo o ar era pouca esfera , o touro , que naõ cabia na praça , o tigre , que naõ cabia no bolque , e o elefante , que naõ cabia em si mesmo . Que todos estes animaes , e tantos outros de igual fereza , e grandeza coubessem juntos em huma arca taõ pequena ? Sim . Cabiaõ todos ; porque ainda que a arca era pequena , a tempestade era grande . Alagava Deos naquelle tempo a terra com diluvio universal , que foy a mayor calamidade , que padeceo o mundo , e nos tempos dos grandes trabalhos , e calamidades até o instincto faz encolher os animaes , quanto mais a razão aos homens .

492 Caberão os homens no valle de Jotafat , assim como couberão os animaes na arca de Noé : *Sicut fuit in diebus Noe , sic erit in consummatione sæculi.* Diz o texto , que só com os finaes do fim do mundo haõ de andar todos os homens secos , e mirrados : *A crescentibus hominibus præ timore.* Se aos homens os ha de apertar tanto o receyo , quanto os estreitaria o juizo ! Oh como nos encolheremos todos naquelle dia ! Oh como estaraõ pequenos alli os mayores gigantes ! A mayor maravilha do dia do juizo

## 340 Vieira abbreviado

naõ he haver de caber todo o mundo em todo o valle de Jofafat ; a maravilha mayor será , que caberáõ entaõ em huma pequena parte do valle muitos , que naõ cabiaõ em todo o mundo. Hum Nabucodonosor , hum Alexandre Magno , hum Julio Cesar, para quem era estreita a redondeza da terra , caberáõ alli em hum cantinho.

493 Huma das couisas notaveis , que diz Christo do dia do juizo , he que cahiráõ as estrellas do Ceo : Matth. 24 <sup>29.</sup> *Stellæ cadent de cælo.* Se dermos vista aos Mathematicos , haõ de achar grande difficultade neste texto ( eu lhe darei a razaõ natural delle , quando ma peçaõ. ) Todas as estrellas , menos duas , saõ mayores que a terra , e algumas ha , que saõ quarenta , oitenta , e cento e dez vezes mayores. Pois se as estrellas saõ mayores que a terra , como haõ de cahir , e caber cá embaixo ? Haõ de caber , porque haõ de cahir. Naõ sabeis , que os levantados , e os cahidos naõ tem a mesma medida ? Pois assim lhe ha de succeder ás estrellas Agora que estaõ levantadas , occupaõ grandes espaços do Ceo ; como estiverem cahidas , haõ de caber em poucos palmos da terra. Naõ ha couisa , que occupe menor lugar , que hum cahido. A terra em comparação do Ceo he hum ponto : o centro em comparação da terra he outro ponto : e Lucifer , que levantado naõ cabia no Ceo , cahido cabe no centro da terra. Ah Luciferes do mundo ! Aquelles , que levantados nas azas da prosperidade humana em nenhum lugar cabeis hoje , cahidos , e derrubados naquelle dia cabereis em muito pouco lugar. Estaremos todos alli encolhidos , e sumidos dentro em nós mesmos ; cuidando na conta , que havemos de dar a Deos : e quando naõ houvera outra razaõ , esta só basta-

## *Discurso LII.* 341

bastava para não faltar lugar a ninguem. Dem os homens em cuidar na conta , que haõ de dar a Deos , e eu vos prometto , que sobejem lugares. O que importa he , que o lugar seja bom , que quanto he lugar , valle de Josafat haverá para todos.

## DISCURSO LII.

*Tirado de hum sermaõ da Dominga decima sexta post Pentecosten prégado sobre as palavras : Recumbe in novissimo loco.*

## LUGARES.

494 Ez Deos este mundo em fórmā circular, Part. 5. como a meia , ou tabola redonda dos Pares Num. 174. de França , para evitar a contenda dos lugares , não sendo justo que desigualasse o lugar os que tinha feito iguaes a natureza. Mas todo o homem neste mun- Num. 176. do deseja melhorar de lugar , e nenhum se acha em tal posto por levantado , e acômodado que seja , que não procure subir a outro melhor. He propria esta inclinaçāo da natureza racional , como se fora razão , e não appetite. Primeiro nasceo no Ceo com os primeiros racionaes , que saõ os Anjos , e depois se propagou na terra com os segundos , que somos os homens. Lucifer no Ceo tendo a suprema cadeira entre as Jerarchias , não aquietou naquelle lugar , e quiz igualar o seu com o do mesmo Deos : *Exaltabo Ioh. 24. Isai. 13. 14.* *lum meum , similis ero Altissimo.* Adaõ na terra tendo o absoluto dominio de todas as creaturas dos tres elementos , não coube , nem se contentou com hum imperio tão vasto , e em huma corte tão deliciosa ,

Tom. I.

Y 3

como

## 342 Vieira abbreviado

como o Paraíso , tambem quiz methorar de lugar :  
*Eritis sicut dii.* E que filho ha deste primeiro pay ,  
de que todos nascemos , que naõ herdasse delle a al-  
tiveza sempre inquieta desta mesma paixaõ ? O le-  
trado , o soldado , o fidalgo , o titulo , o de grande no-  
me , e o que naõ tem nome , com o cuidado , e dese-  
jo nunca já mais satisfeito , nem socegado , todos  
trabalhaõ , e se desvelaõ por adiantar , e melhorar  
de lugar . Só parece , que deviaõ viver isentos de  
semelhante sujeiçaõ os que deixaraõ o mundo , e  
professaõ o desprezo delle ; mas lá os segue , e sujei-  
ta o mesmo mundo a que lhe paguem este duro , e  
voluntario tributo .

495. E haverá neste mundo quem escolha por pro-  
pria eleiçaõ , e se contente com o ultimo lugar ? Dif-  
ficultoso ponto para se entender , e muito mais difi-  
cultoso para se persuadir . A todos , e a cada hum  
préga hoje Christo : *Recumbe in novissimo loco.* Por  
isto tomei por thema esta unica , e admiravel senten-  
ça , e ella só será toda a matéria do meu discurso .

Num. 178. 496 Para refutar , e convencer este abuso uni-  
versal naõ só das guerras , e competencias , mas ain-  
da das pertençoens pacificas do melhor lugar ; se-  
guido o sentimento vulgar , e cõmum admitto , que  
no mundo ha lugares ; mas nego que haja lugar me-  
lhore . E porque ? Porque a melhoria naõ está no lu-  
gar , senão na pessoa , que o occupa . Por alto , ou bai-  
xo que seja o lugar , se sois bom , será o vosso lugar  
bom : se sois melhor , será melhor ; mas se fores mao ,  
e peyor , tambem terá mao , e mais que mao o vosso  
lugar . Diz Christo Senhor nosso , que sobre a cadei-  
ra de Moysés se assentaraõ os Escribas , e Fariseos :  
*Super cathedram Moysi sederunt Scribae , & Phari-  
sæti.*

## Discurso LII. 343

*risei.* E quem foy Moysés, e quem eraõ os Escribas, e Fariseos? Moysés foy o mayor Santo do seu tempo, e os Escribas, e Fariseos eraõ os mais maos homens do seu. Pois se estavaõ assentados na mesma cadeira de Moysés, porque naõ eraõ como elle? Porque os homens saõ os que daõ a bondade, ou melhoria aos lugares, e naõ os lugares aos homens. Se fores bom, ainda que a cadeira seja dos Escribas, e Fariseos, será bom o vosso lugar: e se fores mao, ainda que a cadeira seja de Moysés, nem por isso o vosso lugar será bom. Que melhor lugar, que o Ceo, e o Paraíso? E nem o Ceo fez bom a Lucifer, nem o Paraíso fez bom a Adão. Jcremias taõ bom era no carcere, como no pulpito, e Job, taõ bom no muladar, como no seu palacio. Melhor lugar era no mar hum navio, que o ventre da balea, e Jonas foy melhor no ventre da balea, que no navio. Assim que os lugares por si mesmos naõ saõ maos, nem bons, nem ha lugar melhor, ou peyor. O lugar, que hoje tem S. Mathias, naõ foy o mesmo de Judas? O mesmo, e naõ outro. Se fores como Judas, naõ vos ha de fazer bom o lugar de S. Mathias, e se fores como S. Mathias, naõ vos ha de fazer mao o lugar de Judas. Se quereis o melhor lugar de todos, fazey por ser o melhor de todos, e logo o vosso lugar, qualquer que seja, será tambem o melhor. Mas todos querem melhorar de lugar, e ninguem quer melhorar de vida.

497 Succedelhe aos ambiciosos o que aos peregrinos. Diz Socrates: O peregrino sempre anda mu- Num. 18.12.  
dando de lugar em lugar, e nunca melhora, porque sempre se leva a si comigo: *Quid miraris nihil tibi Apud Se-*  
*peregrinationis prodeesse, cum te circumferas?* Co- nec. lib. 2.  
ep. 38. mo quereis melhorar de lugar, se vos leyais a vós

## 344 Vieira abreviado

comvosco? Deixaivos avós, e como vós fordes outro, logo o vosso lugar será melhor. Se sois o mesmo, ainda que subais ao pinaculo do templo, nunca sahireis do lugar, onde estais: e se fordes outro, e muito outro, sem sahir do lugar, onde estais, vos vereis subido ao mais alto do templo. Em conclusão, que naõ ha lugares melhores, nem peores, para que ninguem se descontente do seu, sênaõ de si.

498 Admittindo pois com o cõmum sentimento, que ha lugares, e huns melhores que outros, o que pertendo hoje declarar he: Entre todos os lugares do mundo qual seja o melhor. Naõ pôde haver materia mais digna de toda a attenção, e tanto mais, quanto já cada hum a tem resoluto consigo, e lhe parece sem controversia. No Euangello temos o parecer dos Fariseos, e o conselho de Christo. Os Fariseos tem para si, que o melhor lugar do mundo he o primeiro: *Quomodo primos accubitus eligerent.* Christo pelo contrario aconselha, que tomemos o ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.* E posto que a sentença de Christo, por ser de Christo, naõ se pôde contrariar, e a dos Fariseos, por ser dos Fariseos, parece que já está convencida, com tudo a de Christo todos a rejeitaõ, e a dos Fariseos todos a seguem. Assim o vemos hoje, e já em seu tempo com ser taõ vizinho ao de Christo o prova com a experiecia Tertuliano: *Ad primum locum certamen omnium contendit, secundum solamen habet, victoriam non habet.* O desejo, a pertençaõ, e a vontade de todos os homens he sobre quem ha de levar o primeiro lugar, e taõ porfiada, e unicamente o primeiro, que o segundo lugar, ainda que seja alguma consolação, de nenhum modo he vitória. E se ninguem se contenta

## Discurso LII.

345

tenta com o segundo lugar, porque naõ he o primeiro, posto que acima de si veja hum só, e abaixo de si todos os outros, quem haverá, que se contente com o ultimo?

499 Nos famosos jogos Olympicos, que se celebravaõ na Grecia, e eraõ provocados a contendia todos os homens do mundo, havia primeiros, segundos, e terceiros premios: e com tudo diz S. Paulo, que hum só levava o premio: *Omnes in studio cur-* <sup>1. Cor. 9.</sup> *runt, sed unus accipit bravium;* porque o premio, <sup>24.</sup> a que todos aspiravaõ, era o primeiro, e só os que se adiantavaõ na carreira aos demais, e conseguiaõ o primeiro lugar, eraõ os estimados por vencedores, e laureados com a coroa. E se S. Paulo depois de Christo, escrevendo a Christaos, quaés eraõ os Corinthios, lhes propoem este exemplo, posto que nascido entre gentios, quem se atreverá a persuadir a qualquer homem, que o melhor lugar he o ultimo? Digo a persuadir, e naõ a crer; porque basta ser conselho de Christo, para que o creamos. Mas este ponto, que naõ persuade a fé, como o persuadirá a razão?

500 Ora esta será hoje a minha empreza: De- <sup>Num. 185.</sup> monstrar a todos os homens, que o melhor lugar do mundo he o ultimo: e naõ só para a outra vida, senão para esta, nem só para a virtude, senão para a commodidade, nem só para a mortificação, senão para o gosto, nem só para a humildade, senão para a honra: e tudo isto quer dizer: *Recumbe in novissimo loco.*

501 A primeira prerrogativa do ultimo lugar he <sup>Num. 186.</sup> ser muito facil de conseguir. Aos outros lugares, ainda que naõ sejaõ os mais altos, chegase tarde, e com

## 346 Vieira abbreviado

com difficultade : ao ultimo logo , e facilmente. Não he mais difficultoso o subir, que o descer ? Pois esta he a razão ainda natural da grande facilidade, com que o ultimo lugar se consegue. Aos outros caminhase a passo lento , subindo : ao ultimo quasi sem dar passo, descendendo. A setta para subir segue violentamente as forças do arco, e do impulso ; mas para descer não tem necessidade de braço alheyó, a mesma natureza a leva sem violencia ao baixo , e quanto mais baixo , tanto mais depressa. A barquinha posta na veyá do rio com a vela tomada , e os remos recolhidos , levada só do impeto da corrente , como em hombros alheyos , tão descansadamente desce , como apressada. Pelo contrario ao subir pelo mesmo rio acima seja o vento embora tão forte , que quasi rebente as velas , e os remeiros tão robustos , que quebrem os remos, mais he a agua, que suaõ, que a que vencem. Nós mesmos para subir a hum monte he com tanta difficultade , e molestia , que a propria respiração se cansa , e se aperta ; mas para descer ao fundo do valle o mesmo pezo do corpo o ajuda , aligeira , e move , e mais levados, que andando , chegamos sem cantar ao lugar mais baixo , e ultimo. Tão facil he o descer , e tão difficultoso o subir.

Num. 187. 502 Digaõ agora os que subiraõ aos primeiros lugares , quaõ difficultosamente subiraõ. A setta nos deo o exemplo no ar , a barquinha na agua , e nós mesmos na terra ; mas nas cortes, que saõ outro quarto elemento , mais cheyo de impedimentos , e de difficultades , ainda he mais trabalhoso o subir. Tambem o podem dizer os que cansados da mesma subida tomaraõ por melhor conselho o parar : e muito mais os que depois dos trabalhos , e molestias do subir,

## Discurso LII. 347

subir, em vez de conseguir o lugar, só alcançaraõ, e tarde, o desengano. Não assim o pertendente do que ninguem pertende, e o estimador do que ninguem estima, o qual contente com o ultimo lugar, para descer com a setta naõ ha mister arco, para descer com a barquinha naõ ha mister remo, e para descer com o homem, e como homem, quasi naõ ha mister pés, nem passos. As azas do favor, os impulsos do poder, e os cuidados da diligencia, tudo para elle saõ desprezos, e riso: e quando os outros chegaõ cansados aos primeiros lugares, onde haõ de começar a cansar de novo, elle descansado se acha no ultimo, onde só repousa o verdadeiro descanso.

503 Não acho exemplo desta inclinaõ, e desta facilidade entre os homens; porque a sua natural ambiçaõ mais os leva a subir pelo difficultoso, que a a descer pelo facil. Mas se elles se lembrarem da facilidade, e felicidade, com que a pedra de Daniel desceo do monte, e derrubou a estatua de Nabuco, e trocou com ella o seu lugar, de que a fez desaparecer com todos seus metaes: *Nullusque locus inventus est eis:* naquelle espelho tosco, e insensivel veraõ estes mesmos douos erros do seu mal polido jui-<sup>Num. 188,</sup>  
<sup>Dan. 2, 25.</sup> zo. Desceo a pedra do monte, e naõ bateo a cabeça, nem os peitos, senaõ os pés da estatua, onde parou; porque este era o lugar ultimo, e o mais baixo, aonde a levava o pezo da sua natural inclinaõ: e nota, e pondera muito o texto, que a mesma pedra se arrancou, e desceo do cume do monte sem maõs: *Abscissus lapis sine manibus.* Porque? Porque esta he a facilidade, e diferença, com que se desce ao lugar mais baixo, e se naõ pôde subir ao alto. Aquella pedra naõ era pequena, como comunummente se cuida,  
senão

<sup>Ibid. 34.</sup>

## 348 Vieira abbreviado

senaõ muito grande : taõ grande , que sendo a estatura da estatua de secenta covados , e os pés , e o espaço entre hum , e outro iguaes a esta grandeza , ella com o mesmo golpe os alcançou , e bateo a ambos . Agora pergunto : É quantas maõs , e quantas machinas seriaõ necessarias para subir esta grande pedra ao mesmo lugar do monte , donde tinha descidio ? Mas onde naõ podia subir , seneão com muitas maõs , e muitas machinas , ella desceo por si mesma , sem necessidade de maõs proprias ; nem alheyas : *Sine manibus.*

504 Oh cegueira da ambiçaõ humana ! Dizeime , quantas maõs beijais , dizeime , quantas maõs encheis , dizeime , quantas machinas fabricais para vos alar aonde quereis subir ? E dizeime tambem , quantas vezes desarmaõ em vaõ essas mesmas machinas , e essas maõs beijadas , e cheas quantas vezes vos deixão com as vossas vazias ; porque elles alcançaraõ o que pertendiaõ de vós , e naõ vós o que esperaveis delles ? A pedra naõ derrubou a estatua para subir ( como vós fazeis ) pelas ruinas alheyas , mas o lugar , que ella como soberba pizava , e tinha debaixo dos pés , esse mesmo , por ser o mais baixo , e o ultimo , he o que tomou para si a pedra , e nelle descansou , como em proprio centro .

Num. 189. 505 Infinita cousa fora se houvessemos de pôr em paralelo as difficultades dos primeiros lugares , e a facilidade do ultimo . Os lugares , que dependem da vontade , e poder alheyo , ou os distribue a justiça , ou saõ indulgencias da graça . Para a justiça he necessario o merecimento , para a graça he necessario o favor . E bastaõ estas duas cousas taõ difficultas de ajuntar ? Naõ bastaõ . Abel tinha o merecimento ,

## Discurso LII. 349

mento , e o favor , e o mesmo merecimento , e favor  
foraõ o motivo de Caim seu irmaõ lhe tirar a vida.  
Pois se com o merecimento , e com o favor o lugar ,  
que veyo a alcançar Abel , foy o primeiro entre os  
mortos , naõ he melhor ter o ultimo entre os vivos  
sem o trabalho de o merecer , nem o perigo de o naõ  
lograr ? E se isto aconteceo nos tempos , em que os  
homens se matavaõ sem ferro , e a graça , e o favor  
se alcançava sem ouro , que será no tempo presente ?  
Depois que as dignidades se fizeraõ venaes , os lu-  
gares mais se alugaõ , do que se alcançaõ , e naõ se  
daõ a quem melhor os merece , senaõ a quem mais  
caros os compra . O que se busca nos homens , saõ os  
que antigamente se chamavaõ talentos , e os que ho-  
je tem o melmo nome , se naõ estaõ engastados no  
mesmo metal , por singulares que sejaõ , naõ tem pre-  
ço . Talentos antigamente significavaõ certa summa Part. 9.  
de dinheiro grande : hoje os talentos significaõ pre-Num. 487.  
timos , e posto que se lhe mudou a significaçao , naõ  
se variou o significado . Quem tem muito dinheiro ,  
por mais inepto que seja , tem talentos , e preštimo pa-  
ra tudo : quem o naõ tem , por mais talentos que te-  
nha , naõ presta para nada .

506 Só o ultimo lugar , porque naõ tem compra- Part. 5.  
dores , se naõ vende , e por isso só elle se consegue Num. 189.  
sem cabedal , e se logra sem despeza . Considerai , e Num. 190.  
medi bem os degraos , huns taõ altos , outros taõ bai-  
xos , por onde tropeçando , ajoelhando , e cahindo ,  
ou se perde a pertençaõ , ou se chega finalmente a  
tomar posse do lugar pertendido : e vereis quanto  
mais custa o alcançar , que o merecer . A David para  
merecer bastoulhe derrubar hum Filisteo ; mas pa-  
ra alcançar o merecido foylhe necessario vencer du-  
zentos .

350 *Vieira abbreviado*

zentos. E que Ministro ha , ou official de Ministro ; que mais pelo inteiriçado , que pelo inteiro naõ seja hum Filisteo carrancudo , e armado ? Estaturas taõ desmesuradas de balde as conquistareis com mesuras , que já se acabou o tempo , em que os negocios se adiantavaõ com fazer pé atraz. As habilitaçoens de pessoa , a fé dos officios , as certidoens dos serviços , e a justificaçao das certidoens , tudo naõ tem tantas letras , quantas saõ as difficultades , com que nellas topaõ , e sempre a sorte hẽ tua , e vosso o azar.

507 Aos menores haveis de dar , que he menos; aos maiores haveis de pedir , e rogar , que em quem tem honra , he muito mais , ficando pendente a vos-  
sa esperança do seu agrado , e da hora , e humor , com que fostes ouvido. Nos Conselheiros haveis de soli-  
citar a consulta , nos Secretarios a penna , e no Prin-  
cipe naõ só a resoluçao , mas na resoluçao o effeito ,  
para que tudo depois de pagar os direitos naõ venha  
a ser huma folha de papel sellada com as armas Reaes ,  
as quaes haveis de conquistar de novo , para que che-  
gue a ser alguma cousa o que ainda depois do des-  
pacho he nada. Em fim , que estes saõ os difficulto-  
sos , e cansados degraos , por onde sobem , quando  
naõ cahem , os que alcançaõ os primeiros lugares , e  
só aquelle , que se contenta com o ultimo , nem ser-  
ve , nem requer , nem pleitea , nem adulga , nem ro-  
ga , nem paga , nem deve , e sem depender de Minis-  
tros , nem de tribunaes , nem do mesmo Rey , elle he  
o que se consulta , e elle o que se faz a merce ; porque  
se despacha a si mesmo. E que podendome eu despa-  
char a mim , haja de requerer diante de outrem ? Naõ  
he mais facil o querer , que o requerer ? Ouvei a justa  
exclamaçao de S. Bernardo neste mesmo caso : *O*

*perver-*

## Discurso LII.

351

perversitas! O abuso filiorum Adam! Quia cum Bern. serm. de Ascensione. 2. ascendere difficultimum sit, descendere autem facillimum, ipsi & leviter ascendunt, & difficilius descendunt: Oh perversidade, oh abuso dos filhos de Adão! Que sendo difficultissimo o subir, e facilíssimo o descer, elles pervertendo as leys da razão, e da natureza, antes querem subir com dificuldade, e trabalho, que descer com facilidade, e descanso. E notai, que he tanta a facilidade, e o descanso, que só fez Christo menção do descansar, e não do descer. Não disse como a Zacheo: *Descende, senão: Recumba;* porque o descer, ainda que facil, demanda passos, e o *Recumba*, que he estar recostado, como os Hebrewos estavaõ á mesa, só significa descanso com gosto, e sem trabalho: *Recumba in novissimo loco.*

508 A segunda prerogativa do ultimo lugar he Num. 19. 12. ser o mais seguro. Os outros lugares quanto mais altos, tanto menos segurança tem, e a sua mesma altura he o prognóstico certo da sua ruina. Não querro que vejamos esta pouca segurança em outro lugar, senão naquelle mesmo, que por ser o mais firme do mundo lhe poz Deos o nome de Firmamento. Annunciando Christo Senhor nosso os sinaes do dia do Juizo, diz que o Sol se escurecerá, que a Lua não dará a sua luz, e que as estrellas cahirão do Céo: *Sol obscurabitur, Luna non dabit lumen suum, & stellae cadent de celo.* Supposto pois, que as estrellas verdadeira, e propriamente haõ de cahir, e o Sol, e a Lua escurecerse sómente; porque se não escurecem todos, ou cahem todos? Que culpa, ou que causa tem as estrellas para serem elas só as que haõ de cahir? Tem a culpa, que tiverão desde que forão colocadas no Céo, que he ter o seu lugar o mais alto.

A Lua

## 352 Vieira abbreviado

A Lua está no primeiro Ceo, o Sol no quarto, as estrellas no oitavo, que he dos que alcança a nossa vista o supremo: e naõ he necessaria outra culpa, ou causa para serem ellas as que haõ de cahir.

509 Naõ ha altura neste mundo, que naõ seja precipicio. Todo o lugar mais alto, que os outros, está sempre ameaçando a propria ruina sem outra causa, ou culpa, que o ser mais alto. Que culpa tem as torres, e os montes para serem elles os ameaçados dos trovoens, e os feridos dos rayos? Nenhuma outra se naõ a tua propria altura, e serem os lugares mais levantados da terra. Parecé, que se dá por offendido o Ceo de te avizinharem mais a elle, como se todas as torres foraõ a de Babel, e todos os mon-

Num. 193. tes os dos Gigantes. Aman tinha o primeiro, e mayor lugar na Corte d'El Rey Assuero: Daniel tambem o primeiro, e mayor na Corte d'El Rey Dario. Mas quem he aquelle, que na praça da Metropole de Susan pregado em huma cruz de cincoenta covados com a mais infame morte esta acabando a vida? He Aman. E quem he aquelle, que na famosa Cidade de Babylonia levado por Ministros da justiça he lançado no lago dos leoens para morrer espedaçado de suas unhas? He Daniel. Pois Daniel taõ estimado de Dario, e Aman taõ valido de Assuero, ambos estoõ de repente cahidos, e mais sendo taõ diferentes na vida, como na profissão? Sim. Daniel servia a Deos, Aman servia ao mundo: Daniel era justo, e santo, Aman era mao, e perverso; mas levantados ao cume dos primeiros lugares, nem a Aman lhe valeo a sua industria para se sustentar, nem a Daniel a sua virtude para se defender da cahida.

510 Mais admiravel foy ainda a de Daniel, que a de

## Discurso LII. 353

a de Aman. Aman cahio, porque perdeo a graça do Rey: Daniel tendo por si toda a graça do Rey, toda ella lhe naõ bastou, para que naõ cahisse. E parou aqui? Naõ: livrou Deos milagrosamente a Daniel das garras dos leoens: e canonizado seu merecimento com hum taõ publico, e estupendo pregaõ do Ceo, o Rey o restituiu outra vez ao lugar, que d'antes tinha. Mas o que agora se segue, ainda foy mayor prodigo. Forao taõ poderosas, e taõ astutas as machinas de seus inimigos, que obrigaraõ ao mesmo Rey a que elle o tornasse a meter no lago, e o entregasse outra vez á fome, e voracidade das feras.

511 Oh bemaventurado só, e só bem entendido Num. 194; aquelle, que entre todos os lugares do mundo sabe escolher hum tal lugar, do qual ninguem o possa derubar, nem elle cahir! Dos lugares altos he verdade, que nem todos cahiraõ; mas tambem he certo, que os mesmos, que naõ cahiraõ, podiaõ cahir, e baixa o poderem cahir, para naõ estarem seguros. Como pôde ser segurança a do mar, se sempre está sujeita á inconstancia dos ventos? Os Latinos tem dous nomes, com que declaraõ dous generos de segurança muito diversa: *Tutus*, & *Securus*. *Tutus* significa a segurança do que naõ periga: *Securus* a segurança do que naõ periga, nem pôde perigar. O doente, que naõ ha de morrer, está *tutus* na febre aguda; mas naõ está *securus*; porque naõ está sem perigo, sem temor, sem cuidado; que isso quer dizer *Securus, hoc est sine cura*. Esta he a energia, e elegancia daquella sentença de Seneca: *Scelera tuta esse, secura non possunt*. E este genero de segurança segura naõ só do perigo, senão tambem do temor, e do cuidado, a qual nunca pôde haver nos lugares altos: he a que

Tom. I.

Z

só

## 354 Vieira abbreviado

só se acha no ultimo. Quem está no lugar alto, pôde naõ cahir: mas quem está no ultimo, naõ pôde cahir, que he só a verdadeira legurança. E porque? Porque se do lugar ultimo se podéra cahir, naõ seria ultimo. Do lugar alto podeſe cahir ao baixo, do baixo podeſe cahir ao infimo; mas do infimo, que he o ultimo, naõ se pôde cahir, porque naõ ha para onde.

Num. 195. 512 He propriedade dos males ultimos isentarem de si mesmos a quem oprimem. A morte, que he o ultimo de todos os males, isenta da morte, e faz immortaes aos que mata; porque nem ella os pôde já matar, nem elles morrer. E este privilegio he o que logra na vida quem conheceo o bem do ultimo lugar, e se contenta com elle. Antes de se recolher a este fortissimo aſylo, pôde descer por vontade, pôde cahir por desgraça, e pôde ser derrubado por força; mas depois de estar no ultimo lugar, nem a força alheya, nem a vontade propria, nem todo o poder da fortuna o pôde fazer cahir, nem descer. Accrescente a fortuna hum degrao além do ultimo, e outro abaiixo do infimo, ( o que Deos naõ pode fazer,) e só entaõ poderá descer quem está no infimo lugar, e cahir quem está no ultimo.

Num. 196. 513 Só quem soube fazer esta eleiçāo, desarmou a fortuna. Oh que glorioſo trofeo! A fortuna despiada de suas armas, e ao pé deſſes deſpojos aquelle verso: *Maior sum quam cui possit fortuna nocere.* Assim se desarma a fortuna, que só he forte com as armas, que nós lhe damos. Todos os poderes da fortuna em que consistem? Em levantar, e abater: e se eu me contento com o ultimo lugar, nem ella me pôde levantar, porque naõ quero, nem abater, porque naõ pôde.

## Discurso LII. 355

514 Antes digo, que nem abaterme, nem levantar me pôde a fortuna, ainda que queira; porque temos os conceitos trocados: levantar me não, segundo o meu conceito; porque o que ella tem por melhor lugar, esse he o que eu desprezo, e abaterme também não, segundo o meu conceito; porque o que ella tem por peyor lugar, esse he o que eu estimo. Abra os olhos a fortuna cega, e emende a falsa apparença dos seus errados conceitos, e só então poderá fazer bem afortunados, tendo pelo melhor lugar do mundo não o primeiro, e mais alto, senão o mais baixo, e ultimo. Só he verdadeiramente bem afortunado quem não pôde cahir, e só não pôde cahir quem não tem para onde. E porque não pareça, que dissimulo a subtileza de huma instancia, que tem esta Filosofia, dirá alguém, que no mesmo lugar ultimo, sem haver outro inferior, e mais baixo, pôde cahir quem está n'elle: *Qui se existimat stare, vi-* <sup>1. Cor. 10.</sup> *deat, ne cadat:* Quem está em pé, olhe não caya; porque quem está em pé, pôde cahir dentro no mesmo lugar, sem cahir para outro. He o que disse judiciosamente o Poeta: *In se magna ruunt.* Mas esta instancia não tem lugar no nosso calo: quem está em pé, pôde cahir no mesmo lugar, mas não quem está deitado, e isto quer dizer *Recumbe*. Os que subiaõ, e desciaõ pela escada de Jacob, podiaõ cahir, mas elle, que jazia ao pé da mesma escada no ultimo lugar, e deitado, estava seguro de poder cahir, e por isso dormia a sono solto: *Recumbe in novissimo loco.*

515 A terceira prerogativa do ultimo lugar so- <sup>Num. 197.</sup> bre mais facil, e mais seguro, he ser tambem o mais quieto, ou só elle quieto. Nesta perpetua roda, em que se revolve o mundo, tudo se move, tudo se

## 356 Vieira abbreviado

altera , tudo se muda , tudo está em continua agitaçāo , sem consistencia , nem firmeza: nem ha lugar algum , em que se gose de quietaçāo , e socego , senão unicamente o ultimo , e só por ser o ultimo. Opinião foy antiga de muitos Filosofos , que naõ era o Sol o que se movia , e dava a volta ao mundo , senão que permanecendo sempre fixo , e immovel , esta terra , em que estamos , he a que , sem nós o sentirmos , se move , e nos leva consigo , e quando nos aparta do Sol , faz a noite , e quando no lo torna a mostrar , o dia.

516 Mas esta opiniao , ou imaginaçāo Mathematica assim como resuscitou em nossos tempos , assim foy tambem condemnada como erronea , por ser expressamente encontrada com as escrituras divinas. Do Sol diz o texto sagrado com palavras taõ claras como a luz do Sol , que elle he o que dá a volta ao mundo allumiando o : *Oritur Sol , & occidit , gyrrat per Meridiem , & flestitur ad Aquilonem , lustans universa in circuitu.* E pelo contrario da terra diz , que ella está immovel , e firme , sem se mover , nem haver de mover já mais : *Terra autem in aeternum stat.* Pois se o Sol Principe dos Planetas se move , e todos os astros , e corpos celestes de dia , e de noite estão em perpetuo movimento , e abaixo do Ceo arrebatada com elle se move a esfera do fogo , e abaixo do fogo o ar , e os ventos , e abaixo do ar a agua , ou correndo perpetuamente nos rios , e nas fontes ou indo , e tornando ás prayas no mar duas vezes no dia , ainda quando as tempestades o naõ levantaõ ás estrellas , ou abismaõ ás areas , qual he a razão , porque a terra no meyo de todas estas agitaçōens , e tumultos da natureza só ella está firme , e immovel , só ella em

Ecclef. 1.  
5. 6.

Ibid.

per

## Discurso LII. 357

perpetua quietação, e socego: *Terra autem in aeternum stat?* Não vedes como neste immenso globo do universo só á terra como centro delle coube o ultimo lugar do mundo? Pois ella he a razaõ porque só ella no mesmo mundo gosa de quietação, e socego: *Causa statabilitatis, & immobilitatis terrae est ejus gravitas, quæ exigit infimum mundi locum,* cõmenta Cornelio. Em summa, que todos os outros lugares mais, ou menos altos saõ naturalmente inquietos, e só o infimo, ultimo, e mais baixo de todos he o assento firme, e o centro immovel da segura, e perpetua quietação.

517 Oh se a terra tivera olhos, e entendimento, N. m. 198.  
e olhasse cá debaixo para o Ceo, e para tudo, o que se move entre o Ceo, e a mesma terra, que contente estaria do seu ultimo lugar, e que graças daria por elle ao Auëtor da natureza, vendo o curso, e revolução sempre inquieta do Sol, da Lua, e das estrelas, e a continua batalha dos elementos, comendose huns aos outros, sem paz, nem quietação, mas em perpetua conquista de dilatar cada hum a propria esfera, e só ella pacifica, e quieta por beneficio da ultima baixeza, em que Deos a fez base do mundo, e lhe deo por base o seu proprio centro: *Fundasti PL. 103. 5. terram super statilitatem suam!*

518 Mas o homem, que he terra com entendimento, e olhos, se o mesmo Deos lhos abrio de maneira, que soube não querer outro lugar, senão o ultimo, elle he o que verdadeiramente logra a quieta paz, e pacifica quietação do seu tão feliz, como desconhecido estado, sem quem lho perturbe, nem altere. Batalhem os outros, e comaõse sobre quem ha de subir, e alcançar os lugares mais altos, que eu.

Tom. I.

Z 3

(dirá)

## 358 Vieira abbreviado

(dirá) quanto mais ólho para elles , e vejo de fóra os teus perigos , e naufragios , tanto mais me satisfaço da minha paz , que das suas batalhas , da minha retirada , que das suas viتورias , da minha segura baixeza , que das suas inquietas alturas.

519 Olhai , que bem entenderão a inquietação de todas ellas vivos , e mortos . Quando Saul depois de morto Samuel o tirou do fundo da terra , e o fez vir a este mundo , posto que por taõ breve espaço , a razão porque Samuel se queixou delle , naõ foy outra , senão porque o inquietara : *Quare inquietasti me , ut ascenderem ?*

E Sydonio Apollinar refutando o parabém de certo lugar eminente , a que fora promovido hum seu amigo , escreveo estas notaveis palavras : *Sed sententia tali nunquam ego assentior , ut fortunatos putem , qui Reipublicæ præcipitibus , & lubricis culminibus insistunt , hoc ipso satis mieriiores , quod parum intelligunt inquietissimo se subjacere famulatui.* Notai a palavra superlativa *inquietissimo* , com que hum varaõ de taõ alto juizo , como Sydonio , naõ só chama servidaõ a dos lugares altos , mas inquietissima servidaõ : *Inquietissimo famulatui.*

520 As causas naturaes desta inquietação dos lugares altos ou saõ as competencias dos que os procurão , ou as invejas dos que os desejaõ , ou o proprio desafogo dos mesmos lugares , que ainda depois de adquiridos nem elles aquietão , nem deixaão aquietar a quem está nelles ; porque onde entra a inveja , e a ambição de lugares , naõ ha virtude , nem amizade segura : o mayor amigo vos ha de desviar , e o mais virtuoso se ha de introduzir . Só o ultimo lugar naõ tem invejosos , nem quem o escolheo por melhor ,

1. Reg. 28.  
15. text.  
Heb.

Syd. Ap.  
lib. 2. ep.  
13.

## *Discurso LII.* 359

melhor, tem que invejar, e onde não ha invejoſo, nem invejado, tudo está quieto. E basta iſto? Não bas-Num. 201.  
ta; porque ainda que não haja competencia, nem in-  
veja, que inquiete os lugares altos, he nelles taó na-  
tural a inquietação, como dizia, que elles mesmos se  
inquietaão, e a quem está nelles. A Adaõ derrubou o  
demonio, ao demonio elle mesmo se derrubou;  
porque tanto o inquietou o lugar, que tinha, como  
se o não tivera.

521 Só o ultimo lugar está livre destas inquieta-Num. 202.  
çoens, e perigos, e não por outro privilegio, ou im-  
munidade, senão por ser o mais baixo. Erradamen-  
te se chamaõ baixos aquelles, em que naufragaõ os  
navegantes. Não saõ baixos, senão os lugares mais  
altos do mar, que em penhascos, ou areas se levan-  
taão no meyo delle; por isso nelles naufraga o mesmo  
mar, e se quebraão, e espedeçaão as ondas. Ditosas as  
que sem querer sahir, nem subir, se deixaão estar no  
seu fundo, que eſſas só se conservaão em paz, e goſaão  
de inteira quietação: e se lá chegaão os ecos das que  
perigaão, e quebraão, ellas delcansaão, e dormem ao  
ſom das outras.

522 Desta mesma quietação segura, e firme nos  
dá outro documento a terra naquelles grandes cor-  
pos, a que concedeo a vida, e negou os ſentidos. To-  
das as arvores tem huma parte firme, e outra move-  
diça: a firme, que saõ as raizes, está no baixo, e a  
movediça, que saõ os ramos, no alto. Só alli tem juriſ-  
dição, e imperio ou a lisonja das viraçoens, ou o  
açoute dos ventos. Todas na cabeça leves, e inquietas,  
e só no pé seguras, e firmes. No alto quebraãoſe  
os ramos, voaão as folhas, cahem as flores, e perdem-  
ſe antes de amadurecer os fructos: e só no baixo ſu-  
tentao

## 360 Vieira abbreviado

tentaõ as raizes o tronco , e nelle as esperanças de recuperar em melhor anno tudo o perdido . Oh mal ensinado juizo humano , que nem as plantas insensiveis , nem os elementos sem vida bastaõ até fazer fizido !

Num. 204. 523 Temos visto como o ultimo lugar entre todos os do mundo para alcançar he o mais facil , para conservar o mais seguro , e para lograr o mais quieto : prerogativas nesse singulares , pelas quais deve ser preferido a todos os outros . Nem o nome de ultimo lhe deve tirar nada de estimação , porque se não fora o ultimo , não astivera . He todo o lugar ultimo , como o que coube a Benjamim na mesa de Joseph . Como os irmãos se assentárao á mesa conforme as suas idades , a Benjamim , que era o mais moço , coubelhe o ultimo lugar . Foy porém cousa , que os mesmos irmãos , e todos os Egypcios muito admiraraõ , que fazendo Joseph os pratos , o de Benjamim se avantajava sempre com notavel excesso a todos . Olhamos para o lugar , e não olhamos para o prato . Oh se foubessemos tomar o sabor aos gostos , e regalos puros , e sinceros , que só no ultimo lugar se achaõ livres das amarguras , e dissabores , que em todos os outros lugares , por altos , e soberanos que sejaõ , ainda com os olhos cerrados mal se podem tragar ! Lá disse Democrito , que aquelle , que se resolvesse a não desejar , poderia competir de felicidade com Jupiter : e esta felicidade sobre humana só a depositou não o falso , senão o verdadeiro Deos nos thesouros escondidos do ultimo lugar .

524 Só alli se vive sem desejo ; sem temor , sem esperança , sem dependencia , e sem cuidado algum , nem ainda leve pensamento , que a perturbe . Só alli o sono he descanso , o comer sustento , a respiração vital ,

## Discurso LII. 361

vital, e a vida vida; porque só alli está a alma naõ dividida, mas inteira, e toda comigo, e dentro em si mesma, como tambem o homem todo em si, e fóra do mundo; porque naõ quer nada delle. E que naõ baste tudo isto, para que o ultimo lugar seja o mais estimado, o mais querido, e o mais pertendido dos homens? Tanto pôde com elles a falsa apprehensaõ d'aquele nome de ultimo, com que reconhecendo-o no de mais por taõ avantajado, e melhor, o reputaõ com tudo naõ só por menos honrado, mas por afrontoso, e por isso o desprezaõ, e fogem delle.

525 Este he o ultimo engano, que só nos resta Num. 205. por refutar, cuja intelligencia consiste em saber distinguir no mesmo lugar huma grande diferença de ultimo a ultimo. O ultimo lugar merecido por distribuiçaõ alheya pôde ser afrontoso, tomado por eleiçaõ propria he o mais honrado. Quem voluntariamente, e por propria eleiçaõ escolhe o ultimo lugar do mundo, esse só usa do mesmo mundo, como senhor delle. Denos a primeira prova o mesmo mundo, naõ como vaõ, e errado, mas como cortez, e entendido. Vistes passear na praça de palacio huma cochada de fidalgos, e qual delles he o senhor da carroça? O que vay no ultimo lugar. Vistes os mesmos, ou outros em conversaõ, ou visita, e qual he o senhor da casa? O que está na ultima cadeira. Pois assim como o que tem o ultimo lugar na carroça, he o senhor da carroça, e assim como o que tem o ultimo lugar na casa, he o senhor da casa, assim o que voluntariamente tem o ultimo lugar do mundo, he o Senhor do mundo.

526 Deos em quanto Deos, por ser infinito, e imenso, he incapaz de lugar; porém depois que desceõ Num. 206.

## 362 Vieira abbreviado

ceo do Ceo a este mundo , e se fez homem , havendo  
de ter lugar entre os homens , que lugar tomaria ? O  
de Nazareth ? O de Belém ? O do Egypto ? O do  
Calvario ? Tal foy o lugar , que tomou sempre , e em  
toda a parte , que vendo-o o Profeta Isaias , naõ teve  
Isai. 53. 3. outro nome , com que se explicar , senão chamandolhe  
o ultimo dos homens : *Novissimum virorum*. E por-  
que razão o ultimo sendo sua a eleição do lugar ?  
Naõ porque tivesse para si , que a igualdade , que ti-  
nha com o Eterno Padre , fosse alheya , ou roubada ,  
e naõ natural , e propria , como notou S. Paulo ; mas  
porque sendo tão Deos , e tão supremo Senhor do  
universo , como o mesmo Padre , nem outro lugar  
era capaz da sua grandeza , nem outro mais decente  
á sua soberania , nem outro em fim mais conforme á  
sua doutrina , senão aquelle mesmo , a que hoje nos ex-  
hortou , o ultimo .

527 Em hum banquete , a que El Rey Dionysio  
de Sicilia convidou as maiores personagens do seu  
Reyno , como puzesse no ultimo lugar a Aristippo  
oraculo daquelle idade , o que lhe disse o grande Fi-  
losófo , foy : *Hunc plane locum decorare ; & illus-*  
*trem reddere voluisti*. Sem duvida , ó Dionysio , que  
hoje quizeste enobrecer , e fazer illustre este lugar .  
E assim honrou , e illustrou Aristippo o ultimo lugar  
só com se assentar nelle . Que diremos depois que  
Deos o escolheo , e tomou para si ? *Oh novissimum ,*  
*& altissimum !* exclama S. Bernardo . Antes de Deos  
escolher este lugar entre os homens , podia andar em  
opinioens , se era honrado , ou naõ o ultimo lugar ;  
mas depois que Deos o escolheo , e tomou para si ,  
intoleravel blasfemia seria dizer , que naõ he o mais  
honrado de todos .

528 Na

## Discurso LII. 363

528 Na terra tudo saõ soberbas, ambiçoens, in-  
vejas, discordias, contendas, cavilaçoens, enganos,  
falsidades, traiçoens, violencias, e tratar cada hum  
de subir, ainda que seja pelas ruinas alheyas, e para  
escapar de todos estes males, maldades, e malicias  
naõ ha outro lugar seguro, e quieto, senaõ o ul-  
timo.

529 A' vista deste eterno desengano naõ he ne-  
cessario inferir, qual deve ser a resoluçaõ nesta vida  
dos que ainda tem livre a eleiçaõ dos lugares. Mas  
que faraõ os que já conseguiraõ a sua, e por nasci-  
mento, ou negociaõ, ou qualquer outra fortuna,  
estaõ postos nos primeiros? Facil he dar o conselho,  
senaõ for difficultosa a resoluçaõ. Mas esta naõ corre  
por minha conta. Porque naõ faraõ os que tem me-  
nos que deixar, o que fizeraõ tantos Reys, e Impe-  
radores? Naõ tinhaõ fé do Ceo, nem do inferno  
Diocleciano, e Maximiano, e só pela experiençia,  
que tinhaõ dos primeiros lugares do mundo, cansa-  
dos de o governar, e mandar, ambos de comum  
consentimento renunciaraõ o imperio em hum mes-  
mo dia, (que foy o de dezasete de Fevereiro do anno  
de 304.) Diocleciano em Nicomedia, e Maximiano  
em Milaõ. E quem naõ exclamará neste passo: oh ce-  
gueira do juizo humano! Oh fraqueza grande da  
nossa fé! Que dous gentios, e de má vida tivessem  
valor para huma resoluçaõ como esta, e que sendo a  
medida dos lugares, com que nos levantamos sobre os  
nostros iguaes, taõ curta, baste a lisonja desta prefe-  
rencia taõ trabalhosa, e incerta para a antepormos  
nesta vida á quietaçaõ; e descanso da temporal, e a  
segurança da eterna!

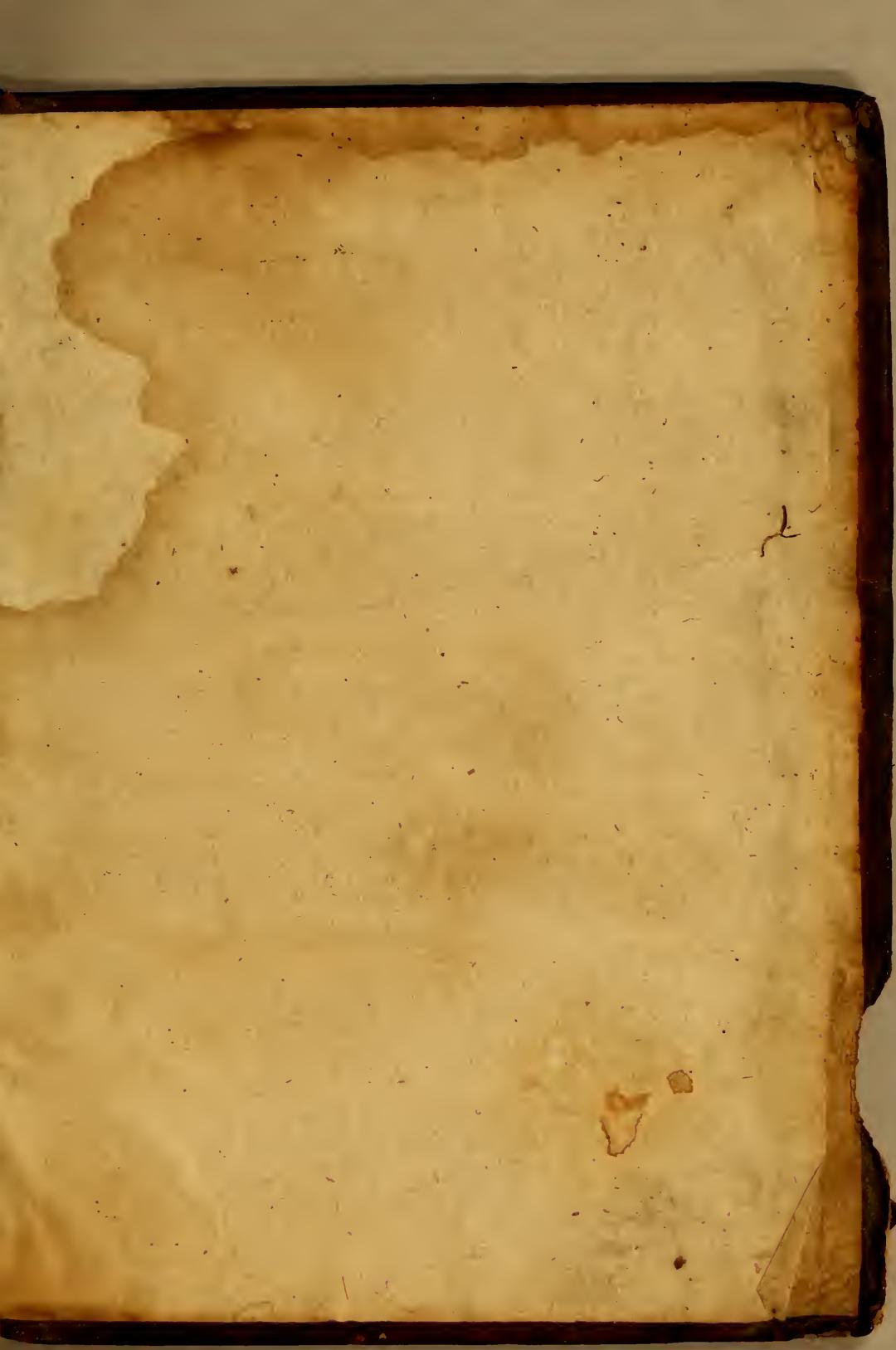
530 Razoens pôde haver taõ urgentes, e obriga-  
çоens

## 364 Vieira abbreviado

çoens taõ fortes, que naõ permittaõ romper estes láços; mas nos taes casos, que naõ podem ser senão muito raros, já que se naõ possaõ renunciar os lugares, ao menos se deve renunciar o amor. Porque se os primeiros lugares se naõ amarem, seraõ menos os damnos, que causaráõ, proprios, e alheyos; mas ou amados, ou naõ amados, se os que estaõ nelles, os naõ renunciarem de todo, e trocarem generosamente pelo ultimo, de nenhum modo poderáõ gozar a liberdade, a quietação, e o descanso seguro, que taõ largamente tenho mostrado; porque este privilegio só he concedido por Deos ao ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.*

FIM DO PRIMEIRO TOMO.





69-57  
R.R. 1961  
V. 1

CANTO

V 658v

v. 1

